



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE LETRAS E LINGUÍSTICA
Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos**



MARCEN DE OLIVEIRA SOUZA

**OS ANAGRAMAS DE SAUSSURE: UM PERCURSO PELO LADO
PITORESCO DAS LÍNGUAS**

Uberlândia, 24 de novembro de 2017.

MARCEN DE OLIVEIRA SOUZA

**OS ANAGRAMAS DE SAUSSURE: UM PERCURSO PELO LADO
PITORESCO DAS LÍNGUAS**

Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, do Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em Estudos Linguísticos.

Área de concentração: Estudos em Linguística e Linguística Aplicada
Linha de pesquisa: Estudos sobre texto e discurso

Orientadora: Profa. Dra. Eliane Mara Silveira

Uberlândia, 24 de novembro de 2017.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil.

S729a Souza, Marcen de Oliveira, 1979-
2017 Anagramas de Saussure: um percurso pelo lado pitoresco das línguas
/ Marcen de Oliveira Souza. - 2017.
150 f.

Orientadora: Eliane Mara Silveira.

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Uberlândia, Programa
de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos.

Disponível em: <http://dx.doi.org/10.14393/ufu.te.2018.6>

Inclui bibliografia.

1. Linguística - Teses. 2. Saussure, Ferdinand de, 1857-1913 -
Crítica e interpretação - Teses. 3. Anagramas - Teses. 4. Linguagem e
línguas - Teses. I. Silveira, Eliane Mara. II. Universidade Federal de
Uberlândia. Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos. III.
Título.

CDU: 801

Rejâne Maria da Silva – CRB6/1925

MARCEN DE OLIVEIRA SOUZA

**OS ANAGRAMAS DE SAUSSURE: UM PERCURSO PELO LADO
PITORESCO DAS LÍNGUAS**

Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, do Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em Estudos Linguísticos.

Área de concentração: Estudos em Linguística e Linguística Aplicada

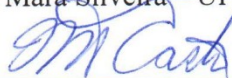
Linha de pesquisa: Linguagem, Texto e Discurso

Orientadora: Profa. Dra. Eliane Mara Silveira

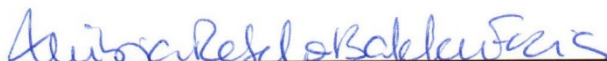
Banca Examinadora:



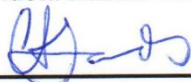
Profa. Dra. Eliane Mara Silveira – UFU (Orientadora)



Prof. Dra. Maria Fausta Cajahyba Pereira de Castro – UNICAMP



Prof. Dra. Núbia Rabelo Bakker Faria – UFAL



Prof. Dr. Cleudemar Alves Fernandes (UFU)



Prof. Dr. Israel de Sá (UFU)

Uberlândia, 24 de novembro de 2017.

À toda a minha família, que Deus os abençoe.

AGRADECIMENTOS

À Profa. Eliane Mara Silveira, por acompanhar-nos nesse percurso.

Aos membros convidados, Prof. Maria Fausta Cajahyba Pereira de Castro, Profa. Núbia Rabelo Bakker Faria, Prof. Cleudemar Alves Fernandes e Prof. Israel de Sá, pelo aceite em participarem desse momento de reflexão, nomeado de defesa de tese.

Aos colegas professores do ILEEL, em particular Profa. Maria Inês Vasconcelos Felice, Profa. Fernanda Mussalim Guimarães Lemos Silveira, Prof. Daniel Padilha Pacheco da Costa, pelo incentivo e pela sempre abertura para o diálogo.

Aos colegas de trabalho, Adélia Gonçalves Soares, Ednamar Ferreira Rosa Germano e Renato Bernardo da Silva, pelos constantes apoios.

Aos colegas do Grupo de Pesquisa Ferdinand de Saussure: Álisce Cristina Silveira de Britto, Allana Cristina Moreira Marques, Mariane Silva e Lima Giembinsky, Micaela Pafume Coelho, Paulo Henrique do Espírito Santo Nestor, Stefânia Montes Henriques, Thyanne Raísa Silva e Lima, Michelle Landim Brazão, pelo apoio nas horas de reflexão.

Ao Prof. Dr. Pierre-Yves Testenoire, da Université Sorbonne Paris, o qual contribui para o amadurecimento e refinamento de minhas reflexões sobre os anagramas saussurianos.

À Biblioteca de Genebra, pela disponibilização e autorização dos manuscritos ora utilizados.

"Muitas vezes eu imaginei como seria interessante um artigo de revista escrito por um autor que quisesse - quer dizer, que pudesse - detalhar, passo a passo, os processos através dos quais suas composições atingiram uma completa finalização. Por que um artigo desses nunca foi mostrado ao mundo, eu não sei dizer - mas, talvez, a vaidade da autoria tenha tido mais a ver com essa omissão do que qualquer outra coisa. A maioria dos escritores - poetas especialmente - prefere dar a entender que compõe numa espécie de furor positivo - um êxtase intuitivo - e detestaria deixar o público dar uma olhada atrás da cena, ver a complicada e vacilante crueza do pensamento - os objetivos verdadeiros alcançados apenas no último instante; os inúmeros vislumbres de ideia que não chegaram à maturidade de uma visão completa; as fantasias inteiramente amadurecidas que são abandonadas, com tristeza, por serem impossíveis de tratar; as seleções e rejeições cautelosas; as rasuras e alterações trabalhosas - em suma, as rodas e engrenagens, a aparelhagem para mudar de cena, as escadas e alçapões, as penas de galo, a tinta vermelha e os tapa-olhos que, em noventa por cento dos casos, constituem os objetos de cena da teatralidade literária"

Edgar Allan Poe

em A Filosofia da Composição

RESUMO

A produção sobre os anagramas, empreendida por Ferdinand de Saussure de 1906 a 1909, vinda a público a partir da década de 1960, com os trabalhos de Jean Starobinski, tem suscitado um crescente interesse, em fins do século XX e início do século XXI, por estudiosos de diferentes domínios das ciências humanas, como a linguística, a literatura e a psicanálise. Filiando-nos na perspectiva linguística, os estudos nesse domínio frequentemente analisam a produção saussuriana sobre os anagramas cotejando-a com a obra póstuma de Saussure, o *Curso de Linguística Geral* (1916). Aqui, no entanto, essa comparação foi deixada em suspenso, e isso levou-nos a configurar a seguinte hipótese: de que a produção sobre os anagramas possuiria um percurso próprio e um objeto de natureza específica, que seria o próprio conceito de anagrama saussuriano, e que esse percurso estaria alinhado a dois pontos de partida interdependentes: i) a presença de um modo específico de abordar as línguas, nomeado de estudos linguísticos de base histórica; ii) a declaração de Saussure a Meillet, em janeiro de 1894, sobre seu *prazer histórico*, configurado por pesquisas que se encontram no lado *pitoresco das línguas*, por nós compreendido como pesquisas de base histórica. A partir dessa hipótese, propomos como objetivo geral desta tese avaliar o percurso da produção saussuriana sobre os anagramas, assim como seu respectivo objeto, estruturando-a em três momentos. O primeiro, que versa sobre o percurso de Saussure antecedente à produção sobre os anagramas, de 1870 a 1905, abrangendo sua vivência acadêmica desde o ginásio até a docência. Nesse momento, analisaremos a relação de Saussure com a literatura das línguas indo-europeias, a partir de suas produções de base histórica: traduções e análises de textos greco-latinos, exame da cultura indiana, estudos epigráficos, estudo sobre versificação etc. No segundo momento, analisaremos o percurso em sua produção sobre os anagramas, de 1906 a 1909, considerando-a como um estudo de base histórica, situada no lado pitoresco das línguas. A análise desse momento abrangerá as pesquisas sobre a versificação latina dos versos saturninos, a elaboração da hipótese anagramática nos textos homéricos e encerrará com o retorno de Saussure aos anagramas latinos. Para tanto, a análise das cartas será fundamental, uma vez que ali observaremos os movimentos teóricos, os impasses, as dúvidas e as incertezas resultantes desses movimentos. Por último, nosso foco será direcionado para o exame do conceito de anagrama em Saussure, enquanto objeto teórico, dotado de natureza e de funcionamento próprios. Investigaremos, portanto, seu caráter fônico e participe na composição poética, a contínua construção terminológica do conceito de anagrama, concluindo, por fim, a análise específica de sua função imitativa e estética. Assim, entendemos que o exame do percurso saussuriano no universo das literaturas das línguas indo-europeias e da natureza do anagrama permitirá constataremos aspectos singulares desse percurso, tais como uma relação específica de Saussure com a tradição poética das línguas indo-europeias, alinhados ao que nomeamos de estudos de base histórica, assim como características específicas do anagrama saussuriano, tais como sua textura fônica, seu caráter imitativo e estético, o que nos permite qualificar esse anagrama como um objeto poético.

Palavras-chave: Saussure. Anagramas. Percurso. Objeto.

RÉSUMÉ

La production concernant les anagrammes, entreprise par Ferdinand de Saussure de 1906 à 1909 et connue du grand public à partir des années 1960 avec les travaux de Starobinski, suscite, depuis la fin du XX^e siècle, un intérêt croissant de la part des chercheurs de différents domaines des sciences humaines tels que la linguistique, la littérature et la psychanalyse. Considérant la perspective linguistique, les études dans ce domaine analysent souvent la production saussurienne sur des anagrammes en la comparant avec le travail posthume de Saussure, le *Cours de Linguistique Générale* (1916). Cependant, cette comparaison a été ici laissée en suspens, ce qui a conduit à configurer l'hypothèse suivante: la production relative aux anagrammes aurait un parcours qui lui est propre et un objet d'une nature spécifique, ce qui constituerait le concept même d'anagramme saussurien, et cette voie serait alignée sur deux points de départ interdépendants: (i) la présence d'une manière spécifique d'aborder les langues, nommée études linguistiques fondées sur l'histoire; (ii) la déclaration de Saussure à Meillet, en janvier 1894, à propos de son *plaisir historique*, façonné par des recherches qui se trouvent du côté *pittoresque des langues* et que nous considérons comme des recherches de base historique. A partir de cette hypothèse, nous proposons comme objectif général de cette thèse d'examiner le parcours de la production saussurienne concernant les anagrammes, ainsi que son objet respectif, tout en la structurant en trois moments. Le premier, qui traite du parcours de Saussure qui précède la production concernant les anagrammes, de 1870 à 1905, couvrant son expérience académique du gymnase à l'enseignement. À ce stade, nous analyserons le rapport de Saussure avec la littérature des langues indo-européennes, à partir de ses productions fondées sur l'histoire: des traductions et des analyses de textes gréco-latins, examen de la culture indienne, études épigraphiques, étude sur la versification, etc. Dans un second moment, nous examinerons le parcours de sa production relative aux anagrammes, de 1906 à 1909, tout en la considérant comme une étude de base historique, située du côté pittoresque des langues. L'analyse de ce moment couvrira les recherches sur la versification latine des vers saturniens, l'élaboration de l'hypothèse anagrammatique dans les textes homériques et se terminera avec le retour de Saussure aux anagrammes latins. Pour cela, l'évaluation des lettres sera fondamentale, puisque nous y observerons les mouvements théoriques, les impasses, les doutes et les incertitudes résultant de ces mouvements. Pour conclure, nous nous concentrerons sur l'examen du concept d'anagramme chez Saussure en tant qu'objet théorique doté d'une nature et d'un fonctionnement qui lui sont propres. Nous étudierons donc son caractère phonique et participant à la composition poétique, la construction terminologique continue du concept d'anagramme, concluant, enfin, l'analyse spécifique de sa fonction imitative et esthétique. Nous comprenons donc que l'examen du parcours saussurien dans l'univers des littératures indo-européennes et de la nature de l'anagramme permettra de vérifier des aspects singuliers de ce parcours, comme le rapport spécifique de Saussure à la tradition poétique des langues indo-européennes, ainsi que des caractéristiques spécifiques de l'anagramme saussurien, telles que sa texture phonique, son caractère imitatif et esthétique, ce qui nous permet de qualifier cette anagramme comme un objet poétique.

Mots-clés: Saussure. Anagrammes. Parcours. Objet.

SUMÁRIO

NOTA INTRODUTÓRIA - UM PERCURSO PARA A TESE.....	12
--	----

CAPÍTULO 1 - SAUSSURE: O UNIVERSO PITORESCO DA LÍNGUAS

1.1 - Introdução.....	17
1.2 - Saussure e o indo-europeu: os primeiros diálogos.....	19
1.3 - Saussure em Leipzig-Berlim: uma formação nos estudos comparatistas.....	26
1.4 - Saussure em Paris: o início de uma carreira docente.....	36
1.5 - De volta à Genebra: Uma tensão entre língua e história.....	43
1.6 - Uma carta à Meillet: o prazer histórico anunciado.....	51
1.7 - Saussure em Genebra: da língua à literatura.....	57

CAPÍTULO 2 - ANAGRAMAS DE SAUSSURE: UM PERCURSO NA LITERATURA INDO-EUROPEIA

2.1 - Introdução.....	67
2.2 - O enigma saturnino: a um passo dos anagramas.....	69
2.3 - Textos homéricos: um vasto e contínuo anagrama.....	78
2.4 - Literatura latina: um campo mais seguro para a hipótese anagramática?.....	86
2.5 - Anagramas latinos: um percurso sem retorno.....	94

CAPÍTULO 2 - ANAGRAMAS DE SAUSSURE: UM OBJETO POÉTICO

3.1 - Introdução.....	103
3.2 - O conceito de <i>mot-thème</i> : o primeiro passo na construção de um objeto pitoresco.....	104
3.3 - A textura fônica do anagrama saussuriano.....	114
3.4 - O conceito de anagrama em Saussure: uma constante metamorfose.....	122
3.5- O hipograma saussuriano: a imitação enquanto significação estética.....	130

CONSIDERAÇÕES FINAIS DE UM PERCURSO TEÓRICO.....	141
--	-----

REFERÊNCIAS.....	143
------------------	-----

Dieu créa l'homme à son image, il le créa à l'image de Dieu.
Genèse 1

NOTA INTRODUTÓRIA

Um percurso para esta tese

*No meio do caminho tinha uma pedra
tinha uma pedra no meio do caminho
(Carlos Drummond de Andrade)*

Pode soar um pouco estranho começar esta Nota Introdutória por esse poema do poeta mineiro Carlos Drummond de Andrade. A intenção, nesse caso, é substituir o termo *pedra* por *carta*. Digo, então, que no percurso desta tese havia uma carta. E essa carta é a reconhecida carta de Ferdinand de Saussure ao seu colega parisiense, Antoine Meillet, escrita em 04 de janeiro de 1894. É, podemos dizer, com base nessa carta que a hipótese defendida nesta tese foi elaborada e, por fim, permitiu que a presente reflexão fosse empreendida.

Mas o que há de tão especial nessa carta? Para aqueles que se debruçam sobre o pensamento saussuriano ela é um marco, uma passagem quase que obrigatória. Além de outros pontos sobressalentes, há duas importantes reflexões ali, embora uma delas seja a mais citada. A reflexão geralmente analisada é o desabafo intelectual, para usar as palavras de Silveira (2014), quando o genebrino se mostra descontente com os rumos da linguística, faz duras críticas ao uso terminológico corrente, e se propõe, a contragosto, mostrar o que o linguista deve fazer, e que espécie de objeto é a língua.

Já a segunda reflexão encontra-se praticamente imbricada à primeira e, num primeiro olhar, parece irrelevante. Trata-se de uma declaração de Saussure, e se relaciona ao contragosto aqui mencionado, que é o seguinte: para seguir esse dever, que lhe parece incontornável, Saussure deve abrir mão de algo. Esse algo, ele nomeia, são as pesquisas no lado *pitoresco* das línguas, de caráter quase etnográfico e que, de certo modo, é fonte de satisfação em seu percurso acadêmico. Como o genebrino expressa, trata-se mesmo de seu *prazer histórico*.

Temos, portanto, uma tensão que faz o genebrino oscilar entre o dever de linguista e o prazer histórico de um pesquisador. A partir dessa tensão, partimos da premissa que os estudos linguísticos empreendidos pelo mestre suíço moviam-se tanto para uma direção que priorizava estudos estritamente linguísticos, daí a necessidade de revisar a terminologia, de mostrar que tipo de objeto é a língua etc., como para a direção de estudos linguísticos que requeriam a presença de outros saberes, como o histórico, o literário, o filológico etc.

No entanto, a pergunta é: o que essa tensão tem a ver com a produção saussuriana sobre os Anagramas? Quando digo que essa carta estava no meio do caminho desta tese, a intenção é afirmar que, em um determinado momento de nosso percurso acadêmico, (cf. SOUZA, 2012 [2017]) observamos que a produção saussuriana era analisada, frequentemente, à luz do Curso de Linguística Geral (1916)¹. Tal forma de abordar os anagramas seguia um percurso reflexivo proposto por diversos autores, desde as primeiras publicações dos cadernos de Saussure sobre os anagramas, levadas a cabo por Jean Starobinski, ao final da década de 1960.

A tendência era, portanto, comparar os anagramas de Saussure com o CLG, ora defendendo uma estreita relação, ora uma férrea oposição. Chegou-se até a postular um Saussure diurno e um Saussure noturno, conforme destacou Gadet (1987). Apesar dessas posições antagônicas e das diferenças evidentes entre ambas as produções saussurianas, autores como De Lemos (1995) e Silveira (2007) pontuavam a existência de tensões entre essas pesquisas saussurianas, deixando entrever, além disso, as noções de percurso e de movimentos inerentes nessas, e em outras pesquisas genebrinas.

Entre diversos estudos de renomados linguistas dos séculos XX e XXI, que se dedicaram aos anagramas de Saussure, chamou a nossa atenção a tese de Pierre Yves Testenoire (2013), o qual, em um determinado momento de seu trabalho, declarou que, ao mesmo tempo em que o estudo sobre os anagramas era algo inédito, esse estudo tinha uma história. Qual seria, portanto, essa história? Em certa medida, diversos pesquisadores da produção saussuriana já contaram um pouco dessa história.

Todavia, seguindo o pensamento de Aurox (1980, p. 8), o qual expressou que "Para toda disciplina existe uma história sancionada e outra esquecida"², entendemos também que o percurso de uma produção teórica também pode ser reescrita, ou contada a partir de um novo ponto de vista. Considerando, portanto, as noções de percurso, de movimento, da existência de uma história própria dos anagramas, e da possibilidade de recontá-la sob outra perspectiva, passamos a interrogar: e se os anagramas tivessem um percurso próprio, em outras palavras, embora não deixasse de refletir aspectos, por exemplo, do CLG? Como seria esse percurso? E qual seria o resultado desse percurso?

Nesse momento, a carta de Saussure a Meillet, de janeiro de 1894, permitiu-nos elaborar a hipótese de que os anagramas não apenas possuíam uma direção singular, e um objeto de natureza específica, como essa direção estaria associado às pesquisas de Saussure situadas no lado pitoresco das línguas. Dessa forma, a produção saussuriana

¹¹ Conforme Souza (2012); Doravante CLG ou Cours.

² **Tradução nossa de:** "Pour toute discipline, il existe une histoire sanctionnée et une autre oubliée"

sobre os anagramas poderia também estar vinculada ao prazer histórico do genebrino, e não especificamente voltada para o seu dever de linguista.

Uma vez elaborada essa hipótese, propomos o seguinte objetivo geral: investigar o percurso da produção saussuriana sobre os anagramas, assim como seu referido objeto, entendido não apenas como a produção saussuriana sobre os anagramas, mas o próprio conceito de anagrama. Uma vez posto esse objetivo, buscamos investigá-lo a partir de três momentos, como sendo três objetivos específicos, os quais resultaram em três capítulos presentes nesta tese.

No primeiro capítulo, a proposta é analisarmos o percurso acadêmico de Saussure em um momento que antecede a elaboração da hipótese anagramática. Esse primeiro momento situa-se, cronologicamente (e aproximadamente), de 1870 a 1905. Para uma melhor exposição desse percurso e ordenamento histórico, dividimo-lo em quatro momentos menores: i) o primeiro, que focaliza o período ginasial e colegial do jovem genebrino (1870-1876); o segundo, em que observamos o jovem universitário em Leipzig (1876-1879); o terceiro, no qual Saussure se torna docente, na Universidade de Paris (1880-1891) e o quarto, que consideramos como o retorno de Saussure à Genebra, a partir de 1891, fechando esse último momento antes da elaboração saussuriana da hipótese anagramática, ou seja, até 1905.

O enfoque desse percurso, situado no capítulo primeiro, é analisar os trabalhos, as reflexões e as produções saussurianas que estão alinhadas a isso que pautamos como lado pitoresco das línguas. Por exemplo, enquanto jovem colegial, Saussure aprendeu o grego, dialogou com seu vizinho Pictet e com seu avô, Alexandre de Pourtales, sobre as origens das línguas, escreveu um ensaio sobre esse tema, fez traduções de textos literários etc. Em Leipzig, a partir de 1876, o jovem universitário dedicou-se não apenas em aprender o funcionamento das línguas, mas aprofundou seus estudos no domínio das literaturas indo-europeias. O *Mémoire*³, obra reconhecida como um dos mais belos livros de Gramática Comparada, abordou tanto o funcionamento das línguas, como aspectos singulares, como a própria origem das línguas.

Em Paris, a partir de 1880, mesmo ensinando gramática comparada, as lições eram acompanhadas de análises de textos literários, nos quais Saussure examinava os

³ Pontuamos que, com exceção de algumas produções (saussurianas ou não) aqui abordadas e já traduzidas para a língua portuguesa, tais como o Curso de Linguística Geral (1916), Escritos de Linguística Geral (2002), etc., os demais trabalhos (publicados ou não) terão seus títulos mantidos conform a língua original, ocorrendo, geralmente, apenas uma síntese, como por exemplo, o *Mémoire*, cujo título completo é *Mémoire sur le système primitif des voyelles dans les langues indo-européennes*. Ressaltamos também que dois fragmentos de trabalhos saussurianos, datados de 1872 - 1874, que são: 1) uma tradução de 02 versos de Virgílio do latim para o francês e 2) a produção de um poema sobre Virgílio (cf. QUIJANO, 2008) serão também mantidos no original, devido ao caráter estético e subjetivo da tradução e da elaboração poética de Saussure.

dialetos, estimulando os alunos a interpretá-los, numa visada filológica. Além disso, publicou trabalhos sobre o ritmo da língua grega, sobre a versificação homérica, além de diversas comunicações de caráter etimológico. Em seu retorno à Genebra, datado de 1891, o mestre Saussure continuou com seus estudos de caráter quase etnográfico. De fato, é nesse momento que se situa a carta na qual vemos o desabafo intelectual e a declaração de seu prazer histórico.

Ante a possibilidade de Saussure suspender suas investigações que focavam a relação entre as línguas e outros saberes, é possível observar que o genebrino continuou produzindo novas reflexões baseadas nessa relação. Nota-se que a partir de 1893, o mestre suíço interessou-se pela cultura indiana e em fins dessa década, aprofundou seus conhecimentos nos estudos da epigrafia. No início do século XX, Saussure passou a ministrar e a pesquisar aspectos da versificação francesa assim como desenvolver o longo estudo sobre as lendas germânicas.

Assim sendo, o primeiro capítulo baseou-se numa extensa pesquisa bibliográfica do mestre genebrino, tendo como guia seus manuscritos e produções, como o *Souvenirs*, de 1903, o *Mémoire*, de 1879, o *Recueil*, de 1921, as *Três Conferências* de 1891, *Manuscritos de Harvard* (1993), todas as produções atualmente editadas e publicadas. Além disso, trilhamos reflexões de autores consagrados em matéria do pensamento saussuriano, tais como Benveniste (1964), Davis (1978), De Lemos (1995), Fehr (1997), Morpurgo Davies (2004), Sanders (2004), Silveira (2007), Normand (2009), Testenoire (2013), Buss et al (2013) e Marchese e Murano (2015), entre outros.

Chegamos, portanto, ao segundo capítulo desta tese, no qual iremos examinar o percurso de Saussure sobre os anagramas, que principia com seu encontro com as inscrições latinas do Fórum Romano, em fins de 1905, cujas análises conduziram-no a elaborar a hipótese anagramática. Este encontro com a primitiva versificação latina, conhecida como versos saturninos, resulta em uma extensa pesquisa de contabilidade fônica, pautada na análise da constante repetibilidade de vogais e de consoantes, e na presença de resíduos fônicos. É a partir desses resíduos que o genebrino, ainda em 1906, investiga os textos homéricos e considera esses restos como intencionais, como sendo uma lei secreta, a lei do anagrama.

Uma vez elaborada a hipótese, Saussure busca certifi-cá-la nos textos homéricos, construindo, a cada caderno manuscrito, a teoria sobre os anagramas. Após mais de um ano, ou seja, em fins de 1907, ele retorna sua atenção para a literatura latina, a fim de certificar se a hipótese anagramática também estava presente nessa literatura. Dedicando-se com rigor, o genebrino passa ao exame de diferentes autores latinos,

desde a latinidade clássica, com Virgílio, Lucrécio, Cícero etc., passando por textos do Renascimento, de Ângelo Poliziano, até chegar a autores contemporâneos, como o poeta italiano Giovanni Pascoli.

Para seguir esse percurso sobre os anagramas, as fontes principais de pesquisa foram as cartas enviadas a Bally, a Meillet e ao poeta Giovanni Pascoli, todas publicadas nos *Cahiers Ferdinand de Saussure*. Como uma espécie de voo panorâmico, a análise dessas cartas possibilitou compreender esse percurso observando os passos do genebrino na teoria dos anagramas, seus impasses, suas dúvidas e os obstáculos que toda elaboração teórica engendra. De certa forma, essa análise panorâmica propiciou uma visão geral dos anagramas sem nos determos precisamente na construção do anagrama enquanto objeto, o qual é o último passo desta tese.

No último capítulo, em que propomos examinar o anagrama enquanto um objeto, temos como ponto de apoio a proposição saussuriana, exposta no Curso de Linguística Geral (1916, p. 15), de que o ponto de vista cria o objeto. Nesta tese, essa afirmação saussuriana encontra-se implícita. Desse modo, o percurso de Saussure no lado pitoresco das línguas irá culminar na elaboração de um objeto teórico cujas características refletem esse percurso.

Assim, da mesma forma que ele buscou investigar a natureza da língua enquanto objeto, em sua busca em delimitar a linguística em seu próprio domínio, entendemos que ele adentrava em percursos que ultrapassava os limites do terreno da língua. E se o genebrino investigou a natureza da língua enquanto objeto da linguística, entendemos ser necessário analisar a natureza do fato anagramático, a partir de suas especificidades.

Para tanto, basearemos a investigação desse objeto seguindo as reflexões empreendidas no segundo capítulo, porém analisando os manuscritos sobre os anagramas, publicados ou não. Nos manuscritos publicados, partiremos principalmente das análises de Starobinski (1974) e de Testenoire (2013), este último responsável pela recente edição dos cadernos de Saussure sobre Anagramas Homéricos. Quando se tratar dos anagramas latinos, o *corpus* de análise será os manuscritos em fotocópias, adquiridos na Biblioteca de Genebra, salvo algumas passagens por nós editadas.

Tal é o percurso proposto nesta tese. Embora não seja possível analisar todos os aspectos relevantes dessa via, buscaremos acompanhar as reflexões do genebrino o máximo possível. Assim, passemos à caminhada.

CAPÍTULO 1

Saussure: o universo pitoresco das línguas

*"A ideia da existência de anagramas nos poemas antigos
não saiu pronta do cérebro de Saussure.
Ela se insere em um percurso intelectual."⁴
(TESTENOIRE, 2013b, p. 23)*

1.1 - Introdução

O objetivo geral deste capítulo é investigar o percurso de Ferdinand de Saussure em seus estudos sobre as línguas e a linguagem, cronologicamente delimitado a partir dos primeiros contatos com as línguas indo-europeias, por volta de 1870, até as produções que antecedem os anagramas, em torno de 1905. Ressaltamos, de antemão, que as datas são apenas sinalizadores temporais, e nosso real interesse é o percurso acadêmico, reflexivo, investigativo, e que implica uma série de movimentos teóricos e de elaborações constantes sobre os fatos de línguas e de linguagem.

Mas esse percurso tem uma particularidade. No título deste capítulo, destacamos que se trata do percurso de Saussure no lado pitoresco das línguas. Para efeito de esclarecimentos, essa nomeação de *pitoresco* é dada por Saussure na carta à Meillet, em janeiro de 1894, à qual dedicaremos um tópico à parte para sua análise. Grosso modo, o lado pitoresco de uma língua é tudo aquilo que está para além de seu funcionamento, seja diacrônico ou sincrônico e que, como diz Saussure (1894 [1990]), faz com que uma língua seja diferente de outras, permitindo uma relação singular com um determinado povo. O lado pitoresco, enfim, é o lado único e exótico de uma língua, a qual tem uma relação particular com a história de seus falantes. Para investigá-lo, o linguista deve ultrapassar os limites da própria linguística e adentrar em terrenos como a epigrafia, a etnografia, a história, a literatura etc.

Embora essa nomeação tenha sido proferida após quase quinze anos do início de Saussure enquanto indo-europeísta, ou seja, somente em 1894, isso não impede de notarmos que o genebrino já abordava esse lado das línguas. Neste sentido, este capítulo se dividirá em quatro momentos. O primeiro momento, denominado de *primeiros diálogos*, que começa com seus primeiros contatos com as línguas indo-europeias, ao lado de Adolph Pictet, seu percurso ginásial e colegial, e culmina com sua entrada na

⁴ Tradução nossa de: "L'idée de l'existence d'anagrammes dans les poèmes anciens n'est pas sortie tout armée du cerveau de Saussure. Elle s'insère dans un parcours intellectuel".

Universidade de Leipzig, quando veremos a presença de uma forte ligação de Saussure com o universo histórico do indo-europeu, em que seus estudos são atravessados por uma relação específica entre línguas e literatura.

No segundo momento, analisamos aspectos teóricos de sua formação nessa universidade alemã, destacando, principalmente, sua produção conhecida como *Mémoire*. Aqui, observaremos como o jovem universitário, inserido em um meio acadêmico influenciado por pontos de vista díspares, como o romantismo e o positivismo, se posiciona teoricamente, produzindo um dos mais belos livros de gramática comparada, como veio a comentar, mais tarde, Antoine Meillet.

Não menos singular, temos o terceiro momento. Em Paris, a partir de 1880, Saussure começa sua carreira docente. E o professor não somente ministra aulas de gramática comparada e história das línguas, como também participa de comunicações orais, publicando também essas exposições. Nessa década, a produção abrange estudos etimológicos das línguas grega, latina e sânscrita e, particularmente, dois trabalhos voltados para a tensão entre língua e literatura, datados, respectivamente, de 1884 e de 1889. Além de analisarmos esse percurso parisiense, propomos também problematizar o que ficou conhecido como os trinta anos de silêncio de Saussure, enunciado a Havet em 1910.

O quarto momento é marcado pelo retorno à Genebra. Partindo do manuscrito intitulado *Primeira Conferência*, Saussure abre uma nova reflexão para compreender esse lado pitoresco das línguas: a distinção entre estudos linguísticos que engendram uma relação da línguas na história, e estudos linguísticos que investigam a história da línguas. Nesse percurso genebrino, temos então a carta de 1894, conforme já mencionada. Tal carta representa um movimento teórico, no qual Saussure faz o famoso desabafo intelectual, mostrando sua ampla insatisfação com os estudos linguísticos da época e de suas particularidades, o que vem ao encontro de nossa reflexão quanto ao lado pitoresco da língua, por ele nomeado.

Uma vez compreendida essa declaração particular de Saussure por seu gosto pelo lado histórico das línguas, continuamos a última parte desse percurso, a partir de 1884 até meados de 1905. Nesse período, vemos como o mestre genebrino amplia seu interesse por aspectos considerados estritamente não linguísticos das línguas, pesquisando a literatura indiana, abrangendo aqui os mitos e as lendas, dedicando-se a análises epigráficas e, além disso, desenvolvendo produções singulares sobre versificação francesa, lendas germânicas e os anagramas gregos e latinos. Com base nesses estudos, mostraremos tratar-se de um movimento que parte da análise das línguas

para a análise de perspectivas literárias de obras produzidas pelos falantes dessas línguas.

Entendemos que o enfoque desse percurso permitirá compreendermos o que analisaremos no segundo capítulo, que é o movimento de Saussure em sua produção sobre os anagramas. Trata-se, todavia, de um mesmo percurso: o lado pitoresco das línguas, pelo qual conduzirá o genebrino em direção à elaboração de um objeto singular, o próprio conceito de anagrama, que será investigado no último capítulo dessa tese.

1.2 - Saussure e o indo-europeu: os primeiros diálogos

*"Meu jovem amigo, vejo que você pegou
o touro pelos chifres."⁵
(PICTET apud SAUSSURE, [1903], 1960, p. 17).*

É possível afirmar que o interesse de Saussure pelo pitoresco das línguas, voltado ao viés estritamente linguístico, advém da influência de dois mentores, nos primeiros passos de sua vida escolar: do avô materno, Alexandre-Joseph de Pourtalès e do filólogo e linguista Adolphe Pictet. Já consagrado como um linguista na Universidade de Genebra, em 1903, o então professor Ferdinand de Saussure relembra com saudades sua entrada no mundo das línguas antigas, escrevendo suas memórias em 1903, no manuscrito conhecido como *Souvenirs de F. De Saussure concernant sa jeunesse et ses études*⁶.

Nesse manuscrito, Saussure não esconde que frequentava a biblioteca de seu avô, tendo como passatempo a leitura de obras de gramática comparada e história das línguas. Além disso, revela que mantinha diálogos com esse patriarca, então considerado como "[...] um amador eminente em pesquisas etnológicas e etimológicas — sem método, mas pleno de ideias."⁷ (SAUSSURE, [1903], 1960, p. 16). Segundo o relato de Saussure, o ancião era um homem eclético: além desses estudos sobre as línguas, era um idealizador e um construtor de barcos próprios para navegar no famoso lago suíço, o Leman.

Acompanhado do avô, é possível ver o jovem degustar com interesse a etimologia das palavras e alguns fatos etnológicos da linguagem humana, ainda que de forma não científica. Assim, ao relembrar tais passagens, o mestre suíço destaca que seu

⁵ Tradução nossa de: "Mon jeune ami, je vois que vous avez pris le taureau par les cornes [...]".

⁶ Doravante *Souvenirs*, este manuscrito se encontra atualmente na Biblioteca de Genebra, catalogado por Robert Godel, como Ms fr 3957/1 e publicado nos *Cahiers Ferdinand de Saussure*, n. 17, em 1960.

⁷ Tradução nossa de: "[...] un amateur éminent de recherches ethnologiques et étymologiques — sans méthode, mais plein d'idées [...]"

avô tinha "[...] um espírito totalmente voltado para as pesquisas."⁸ (SAUSSURE, 1903 [1960], p. 17). Embora sendo um artesão eclético, o gosto pela pesquisa era uma das qualidades a ser deixada como herança para o futuro linguista. O prazer ligado ao aspecto pitoresco das línguas, anunciado na carta de 1894, começava a tomar forma no pensamento de Saussure.

Mas ainda havia Adolphe Pictet, professor de gramática comparada e vizinho da casa de campo da família Saussure. Nos *Souvenirs*, as lembranças desse vizinho levam o linguista Saussure a considerá-lo como um homem a ser respeitado. Talvez por duas razões. Primeiro, pela personalidade desse professor. Alguns elogios de Saussure à Pictet expressam a qualidade desse acadêmico: flexível, de inteligência brilhante e de uma visão universal (DAVIS 1978). Essas qualidades transpareciam em suas atividades acadêmicas: interessava-se pela matemática, pela história natural e, na investigação linguística do mundo antigo, sempre associava estudos literários e estéticos (DAVIS, 1978).

A segunda razão é peculiar. Nascido em 1799, Adolphe Pictet era quase sessenta anos mais velho que Saussure, cujo ano de nascimento foi 1857. Apesar disso, Pictet era um homem aberto ao diálogo com um garoto de apenas 12 anos de idade. Nesse aspecto, Saussure relata nos *Souvenirs* que mantinha frequentes conversas com esse venerável professor, que "[...] mesmo que não ousasse muito interrogar o velho conhecedor, nutria, sem o seu conhecimento, uma admiração tão profunda como infantil por seu livro, do qual tinha estudado profundamente alguns capítulos."⁹ (SAUSSURE, [1903], 1960, p. 16).

A obra em questão, lida por um adolescente, era justamente *Les origines indo-européennes*, publicada em 1859, relembra Saussure de três décadas depois. A leitura desse livro, em fins da década de 1860, deixou uma marca indelével no pensamento do genebrino. No início do século XX, em suas recordações, ele escreve: "A ideia de que se poderia, com a ajuda de uma ou duas sílabas sânscritas, - porque tal era a mesma ideia do livro e de toda a linguística dessa época – reencontrar a vida de desaparecidos me inflamava de um entusiasmo sem igual na sua ingenuidade."¹⁰ (SAUSSURE, [1903], 1960, p. 16). É na esteira desse entusiasmo que Saussure, em 1872, redige o trabalho intitulado *Essai pour réduire les mots du grec, du latin et de l'allemand a un petit*

⁸ Tradução nossa de: "[...] un esprit juste par la direction des recherches".

⁹ Tradução nossa de: "[...] quoique je n'osasse pas beaucoup interroger l'excellent vieillard, je nourrissais à son insu une admiration aussi profonde qu'enfantine pour son livre, dont j'avais sérieusement étudié quelques chapitres."

¹⁰ Tradução nossa de: "[...] L'idée qu'on pouvait, à l'aide d'une ou deux syllabes sanscrites, — car telle était l'idée même du livre et de toute la linguistique de cette époque — retrouver la vie des peuples disparus m'enflammait d'un enthousiasme sans pareil en sa naïveté [...]"

*nombre de racines*¹¹. Apesar de muito lembrado, esse manuscrito é pouco examinado nos estudos que abordam o pensamento saussuriano. Observa-se, desde a escolha do título, o viés comparatista já adotado pelo jovem linguista: a síntese de formas com base na investigação de uma pluralidade de línguas arcaicas. Dentre outras línguas, o grego e o latim serão línguas examinadas por Saussure ao longo de sua vida e principalmente na produção sobre os anagramas.

No entanto, se a leitura do livro de Pictet promovia certo deleite ante a possibilidade de historicizar a vida dos povos desaparecidos, os pesquisadores saussurianos concordam que o objetivo do *Essai* é outro, apesar de ainda tratar de origens. De fato, como o título indica, a proposta era determinar, pela comparação entre as línguas, as raízes primitivas do indo-europeu. Nesse manuscrito, Saussure dá indícios de sua futura preocupação com questões teóricas e metodológicas, quando expressa que "Uma raiz não é determinada por uma única consoante, assim como uma linha reta não se define por um único ponto."¹² (SAUSSURE, 1978, p. 78). A relação entre dois pontos, como se observa em uma reta, apontará para reflexões em torno do conceito de unidade, seja esta um fonema, um signo, ou mesmo uma unidade anagramática, como veremos no terceiro capítulo desta tese.¹³

Apesar dessa acuidade metodológica e da precoce consciência das relações entre as unidades linguísticas, Saussure não escapa a uma crítica construtiva por parte de Pictet, o qual diz: "Meu jovem amigo, vejo que você pegou o touro pelos chifres."¹⁴ (apud SAUSSURE, [1903], 1960, p. 17). A crítica de Pictet é clara. Não se trata de recuar diante do 'monstro'¹⁵, termo esse que Saussure utilizará, na década de 1909, diante dos versos saturninos. Trata-se agora de saber como enfrentá-lo, sem que para isso tenha que buscar as origens dos fatos. Tal posicionamento foi válido, pois quando se recorda desse momento, Saussure afirma que Pictet "[...] e ele me falava depois boas

¹¹ Doravante *Essai*. O ano em que Saussure redigiu o *Essai* é controverso. Nos *Souvenirs*, as recordações saussurianas situam-no próximo a 1872, tendo o genebrino, portanto, por volta de 15 anos de idade (Davis, 1978; Morpurgo Davies, 2004).

¹² **Tradução nossa de:** "'Une racine n'est pas déterminée par une seule consonne, pas plus qu'une ligne droite par un seul point'".

¹³ Além disso, é importante destacar a precocidade saussuriana quanto à terminologia no *Essai*. Partindo, pois, que ele utiliza termos linguísticos já consagrados nas pesquisas comparatistas, como voyelles, consonnes, guttural, labial, dental, racine etc., o genebrino (apud DAVIS, 1978, p. 79) expressa "Aqui eu peço permissão, por ser mais claro, para dar o nome de prote à primeira consoante distintiva de uma palavra, e de deutério à segunda". **Tradução nossa de:** "Ici je demande la permission, pour plus de clarté, de donner le nom de prote à la première consonne distinctive d'un mot, et celui de deutère à la seconde". Assim, o fator terminológico será uma ferramenta metodológica no que diz respeito à necessidade de impor limites entre as diversas abordagens do fenômeno da linguagem, mas, sobretudo uma preocupação presente nas produções saussurianas.

¹⁴ **Tradução nossa de:** "Mon jeune ami, je vois que vous avez pris le taureau par les cornes [...]."

¹⁵ Conforme veremos no segundo capítulo, tópico 2.2, Saussure escreve em uma carta de 14 de julho de 1906 - destinatário desconhecido: "Passei dois meses a interrogar o monstro e a operar apenas às cegas contra ele, mas há três dias que só ando a tiros de artilharia". (apud STAROBINSKI, 1974, p. 17).

palavras que foram eficazes para me acalmar definitivamente sobre todo sistema universal da linguagem."¹⁶ (SAUSSURE, [1903], 1960, p. 17).

A relação de Saussure com o universo linguístico e cultural dos antigos gregos ocorre em vários momentos de sua trajetória acadêmica. Testenoire (2013), renomado pesquisador dos anagramas homéricos¹⁷, traz aspectos interessantes sobre o percurso do linguista nesse universo, com base em alguns manuscritos saussurianos¹⁸. Em sua investigação, Testenoire (2013, p. 26) pontua que "É em 1869, no internato de Hofwyl, que Ferdinand de Saussure, então com onze anos, começa sua aprendizagem do grego antigo."¹⁹

Do início da década de 1870, até sua entrada na Universidade de Leipzig, em outubro de 1876, o aluno Saussure terá um contato particular com a cultura helênica, principalmente em torno das produções homéricas, a *Iliada* e a *Odisseia*. Sobre essa relação de Saussure com os textos de Homero, Testenoire (2013, p. 26) relata:

Os comentários de Saussure misturam considerações estéticas, observações sobre a tradução e notas de alguns pontos gramaticais e lexicais. Eles testemunham uma erudição precoce visto que os comentários antigos assim como os dos filólogos contemporâneos - Düntzer, Doerdelein, Spitzner ou Koch – são citados e discutidos.²⁰ (TESTENOIRE, 2013, p. 26)

Essas considerações sobre a precocidade intelectual do jovem genebrino não devem ser menosprezadas. Como podemos entrever, levar em conta os aspectos estéticos, imbricadas observações no âmbito de tradução, assim como de questões gramaticais e lexicais nos induz a pensar um Saussure bastante próximo do campo filológico. A atenção à forma estética nos remete ao modo como Pictet trabalhava suas reflexões literárias (DAVIS, 1978), inserindo o jovem Saussure num ambiente em que a gramática comparada estava fortemente associada à filologia, isto é, à interpretação textual, ao julgamento crítico do modo como os clássicos haviam sido traduzidos.

Nessas análises da literatura grega, a abordagem dos poemas homéricos se situa

¹⁶ **Tradução nossa de:** "[...] et il me distribuait ensuite de bonnes paroles qui furent efficaces pour me calmer définitivement sur tout système universel du langage."

¹⁷ A denominação de "anagramas homéricos" é dada por Saussure na carta de 31 de agosto de 1906, um mês após ter elaborado a hipótese sobre os anagramas. Embora Saussure não explicita essa nomeação, é possível afirmar que ela resulta do fato de Saussure abordar a língua grega a partir dos textos da *Iliada* e da *Odisseia*, isto é, das obras específicas de Homero, não analisando outros poetas gregos.

¹⁸ A abordagem de Testenoire (2013) da relação de Saussure com a literatura grega é feita tanto a partir de manuscritos existentes na Biblioteca Pública de Genebra como também da análise de autores que evidenciam aspectos bibliográficos de Saussure, como Quijano (2008) e Joseph (2012).

¹⁹ **Tradução nossa de:** "C'est en 1869, à l'internat d'Hofwyl, que Ferdinand de Saussure, alors âgé de onze ans, commence son apprentissage du grec ancien".

²⁰ **Tradução nossa de:** "Les commentaires de Saussure mêlent considérations esthétiques, remarques sur la traduction et notes sur quelques points grammaticaux et lexicaux. Ils témoignent d'une érudition précoce puisque les commentaires anciens ainsi que ceux de philologues contemporains - Düntzer, Doerdelein, Spitzner ou Koch - sont cités et discutés."

como uma espécie de “amor à primeira vista”. Segundo Testenoire (2013, p. 27), a passagem por Homero no percurso intelectual de Saussure é uma via natural. Isso que se pode chamar de um “amor à primeira vista” retornará anos depois, precisamente nos anagramas homéricos, quando o genebrino escreve à Bally, em 31 de agosto 1906, utilizando a seguinte expressão: "Minha afeição pelo velho bardo."²¹ (SAUSSURE [1906], 1994, p. 117).

O apreço por Homero, todavia, não diminui a atenção saussuriana para outros textos. Nos *Souvenirs*, o genebrino faz questão de lembrar uma de suas experiências linguísticas mais significativas, ocorrida em 1874, após ter lido uma passagem de um texto de Heródoto, o qual é considerado como o pai da história. Sua narrativa sobre o fato principia assim: "Neste ano, no entanto, ocorreu-me uma descoberta que, em outro momento, talvez o acaso não tivesse colocado sob os meus olhos"²² (SAUSSURE [1903], 1960, p. 18). A descoberta consiste na mudança fonética da consoante N (v) para a vogal α, com base na comparação de alguns vocábulos gregos.

Saussure relembra que, até ler Hérodoto, a forma τετάχεται (*tetákatai*) era para ele desconhecida. Mas, ao se deparar com essa forma, ponderou, com base em seu conhecimento do grego: se é possível estabelecer uma relação entre λεγόμεθα (*legómēta*): λέγονται (*légontai*), para o vocábulo τετάγμεθα (*tetágmēta*), é também possível associar uma forma não atestada, τετάχνται (*tatákntai*), mas que viesse a ser a precursora da nova forma τετάχεται (*tetákatai*). Ao se recordar dessa comparação entre formas gregas, Saussure ([1903], 1960, p. 18) diz: "Eu saí do Colégio me perguntando como *n* poderia se tornar α e fazendo tentativas fonológicas que me satisfizeram."²³

Observa-se, assim, um Saussure que, ainda no período escolar, efetua reflexões e análises teóricas tendo em vista a gramática comparada e a filologia. A constatação dessa mudança fonética só se dá a partir da análise de duas formas, observadas em textos de épocas diferentes. Há nessa análise um movimento teórico-metodológico, assim como uma percepção histórica das mudanças linguísticas, visando a certo grau de refinamento. Em certa medida, essa descoberta não é casual, uma vez que a percepção comparativa e filológica de Saussure sobre os fatos de linguagem permitiram um olhar específico para os textos de línguas clássicas.

Quijano (2008), a partir de uma perspectiva bibliográfica de Ferdinand de Saussure, trouxe a público importantes documentos do jovem suíço, entre 1872 a 1873,

²¹ Tradução nossa de: "Mon affection pour le vieux barde."

²² Tradução nossa de: "Il m'arriva cependant, pendant cette année, de découvrir une chose que le hasard n'aurait peut-être pas mise sous mes yeux ailleurs".

²³ Tradução nossa de: "Je sortis du Collège en me demandant comment *n* pouvait devenir α, et en faisant des essais phonologiques qui me satisfirent".

os quais abrangem atividades escolares, como traduções e composições literárias, da literatura latina. Dentre as traduções, destaca-se a Ode de Horácio (AdS 369/4; f. 3), na qual se lê uma importante nota de Saussure que expõe o tratamento que ele dá a esse tipo de empreendimento. Assim, quando em 1872-1873 traduz do latim os seguintes versos²⁴

*Souvent dans son domaine on le voit allier**
Les provins de la vigne au tronc du peuplier*

ele acrescenta que "*** *allier* va mieux pour la rime; *marier* pour le sens" (SAUSSURE apud QUIJANO, 2008, p. 297). Essa consideração reflete uma consciência do fato poético, aliada ao conhecimento da língua latina. Neste sentido, o contato com o latim parece não se resumir somente ao texto de Horácio. De fato, é plausível que o jovem Saussure tenha lido algumas obras de Virgílio. Em setembro de 1874, ele escreve um longo poema intitulado *Virgile enfant*, do qual transcrevemos um trecho a seguir:

[...]
*Dit toujours le même air. Voilà pourquoi Virgile
Dans l'ombre entrevoyait Romulus, son asile,
Et Turnus combattant les colons étrangers
Et l'Averne fumant sous les monts ombragés
Confuse vision, tout d'ombre enveloppée
(...)
Informe, et qui sera plus tard une épopée
Ainsi parfois son front devenait plus pensif;
Mais bientôt se perdait le songe fugitif,
Et l'enfant reprenait sa joie accoutumée.
[...]* (SAUSSURE apud QUIJANO, 2008, p.)²⁵

A formação de Saussure espelha uma relação de interdependência entre conhecimento de língua e literatura. Isso reflete, além de uma possível prática metodológica utilizada por professores na formação ginásial, um modo saussuriano de pensar os problemas concernentes ao domínio da linguagem, em que busca as diferenças a partir de relações, e não de exclusões. Nota-se esse modo de reflexão em vários momentos de elaborações teóricas, tais como a distinção entre mudança fonética e mudança (ou criação) analógica, a distinção entre os princípios de continuidade e de transformação das línguas, entre linguística diacrônica e linguística sincrônica etc.²⁶.

²⁴ Conforme nota 3, não traduzirei para a língua portuguesa este fragmento de tradução assim como a criação poética de Saussure *Virgile enfant*.

²⁵ Idem nota anterior.

²⁶ A problemática da relação entre língua e literatura no pensamento saussuriano é abordada, na atualidade, dentre vários autores, por Michel Arrivé (1995; 2009; 2013) e Pierre Yves-Testenoire (2012; 2015).

Retomando os *Souvenirs* de 1903, deparamo-nos com um Saussure se lembrando de haver aprendido o sânscrito a partir da leitura da gramática de Franz Bopp e do livro de Curtius, intitulado *Grundzüge der griechischen Etymologie*, em um momento que antecede sua entrada na Universidade de Leipzig. Ademais, conforme nos relata Saussure ([1903] 1960), a leitura atenta dessas duas obras lhe permite identificar, por exemplo, pequenas divergências entre ambos os linguistas, no que se refere a determinados aspectos do vocalismo.

O percurso de Saussure durante seus anos de formação escolar foi certamente relevante para seu futuro enquanto linguista. O *Souvenirs* e outros manuscritos aqui abordados expõem um jovem colegial cercado de eruditos e conhecedores das línguas indo-europeias, leitor precoce de obras de referências nos estudos comparatistas, e frequentador de aulas que viabilizavam estudos dos textos das línguas clássicas. Soma-se a esse cenário escolar a curiosidade particular do jovem em relação ao universo das línguas indo-europeias.

Realmente, a influência de seu avô e de Pictet, como vimos, é inegável, o que acabou por impulsioná-lo a escrever um longo ensaio no qual abordava a temática da origem das línguas grega, latina e alemã - as quais seriam constantemente retomadas em suas futuras reflexões, nas Universidades de Paris e de Genebra. Bem intencionado em sua proposta de identificar como se configuravam as primeiras raízes, Saussure acabou deixando-se levar pela miragem da origem do indo-europeu. Apesar disso, ele podia contar com os conselhos de Pictet, que foi bastante prudente em avisá-lo a não pegar “o touro pelos chifres”.

Vale destacar que as leituras solitárias das obras de Pictet e de Bopp serviam como pontes para um mundo de línguas desconhecidas, em que a possibilidade de encontro com as línguas de origem se tornavam quase possíveis na mente do jovem genebrino. O acesso a outros textos, no período escolar, parecia ter o mesmo efeito. Os trabalhos particulares e escolares, as traduções e as composições literárias nesse período permitiam um via efetiva em direção ao universo antigo das línguas indo-europeias.

Como exemplo de trabalho desenvolvido nesse período que antecede o percurso em Leipzig, o *Essai* pode ser visto hoje para além de um passo ousado ou inadvertido de um aspirante ao meio acadêmico da linguística. Entrevê-se ali uma percepção teórico-metodológica da noção de unidade, quando a necessidade de pensar uma raiz não atestada leva Saussure a estabelecer que uma raiz só é determinada a partir de outra raiz. De certo modo, o *Essai*, em sua importância nesse momento de formação colegial de Saussure, pode ser comparado, salvo as diferenças entre ambos os momentos da sua

vida, à importância que o *Mémoire* terá quando for reconhecido como um linguista experiente.

Entretanto, paralelo a essa abordagem inicial dos fatos de linguagem, estabelece-se uma significativa relação de Saussure com o universo literário das línguas clássicas. A afeição por Homero se estabelece pela leitura constante de seus poemas épicos, o que refletirá em outros momentos de seu percurso intelectual, principalmente na produção sobre os anagramas. Sobretudo, se Homero é um dos principais, os trabalhos juvenis abrangem textos de autores diversos, como os de Heródoto, primeiro historiador da cultura ocidental, passando por escritores latinos como Virgílio e Horácio.

Neste sentido, examinamos que o percurso escolar de Saussure foi permeado por um aprendizado que aliou análises de textos poéticos e conhecimento das línguas clássicas, expondo uma interdependência entre ambos os domínios da linguagem, por que não dizer, da gramática comparada. É possível também considerar que tal formação subsidiou a percepção, ainda que tênue, de pensar os fatos das línguas e da linguagem a partir de relações. É, deste modo, com essa bagagem linguística e esse interesse sobre o domínio das línguas indo-europeias que Saussure decide frequentar, a partir de outubro de 1876, a famosa Universidade de Leipzig.

1.3 - Saussure em Leipzig-Berlim: uma formação nos estudos comparatistas

*Porque não se trata aqui, de especulações de ordem transcendente,
mas da busca de dados elementares, sem os quais
tudo flutua, tudo é arbitrário e incerteza.²⁷
(Mémoire, 1879, p. 1)*

No tópico anterior, vimos que a experiência particular do jovem Saussure com os estudos do indo-europeu, durante seus anos como aluno ginásial, irá refletir futuros enfoques em seu percurso como linguista. Da mesma maneira, é possível antecipar que a sua vivência no ambiente acadêmico de Leipzig será um dos primeiros passos para que seu nome tenha um lugar especial na linguística do século XIX. Nesse primeiro passo como universitário, ele ampliará seu horizonte teórico-linguístico e refinará sua metodologia aplicada às análises das línguas indo-europeias. Aliás, toda essa experiência obtida em Leipzig é o impulso para que amadureça até que suas reflexões teóricas o autorizem a alcançar a condição de ser considerado como o fundador da linguística moderna.

²⁷ Tradução nossa de: "[...] car il s'agit ici, non des spéculations d'un ordre transcendant, mais de la recherche de données élémentaires, sans lesquelles tout flotte, tout est arbitraire et incertitude."

Esse ponto de partida começa em outubro de 1876, quando Saussure ingressa na Universidade de Leipzig²⁸. A escolha para estudar nessa instituição é, a princípio, motivada por um fator pessoal. As recentes publicações de suas cartas produzidas durante sua estada na Alemanha, entre 1876 e 1878, apresentadas e editadas pelos linguistas Buss, Ghiott e Jager, em 2003, nos mostram que "[...] A escolha de ir estudar em Leipzig não tinha sido determinada, antes de tudo, pela presença dos neogramáticos, mas – Saussure confirma isso, de maneira explícita, em suas Memórias – preferencialmente pelo fato de que havia nessa cidade uma "colônia de Genebra"."²⁹ (BUSS et al., 2003, p. 442).

Apesar de Saussure optar por frequentar a Universidade de Leipzig com base na presença de seus amigos conterrâneos, e não propriamente pela fama acadêmica dessa instituição, não tira o mérito de que seu percurso escolar no domínio do indo-europeu, trilhado durante seus estudos em Genebra, tivesse contribuído para tal escolha. De fato, nesse período que se estende de 1876, quando inicia seus estudos nessa universidade, até 1878, data em que defende sua tese, há de um lado um jovem que aspira graduar-se em linguística, e, de outro, um ambiente universitário capaz de fornecer os insumos necessários para atingir essa aspiração.

Nesse momento, os estudos linguísticos ali produzidos permitiram deduzi-la como *a capital mundial da jovem linguística*³⁰ (MOUNIN apud JAGER et al., 2003, p. 442). Tal reconhecimento foi resultado das reflexões pioneiras de linguistas alemães do século XIX, dentre os quais, destacamos três: Franz Bopp (1791-1867), Jacob Grimm (1785-1863) e August Schleicher (1821-1868).

Considerado como o fundador da linguística enquanto ciência, Bopp publica em 1816 a monumental obra *Sobre o sistema de conjugação do sânscrito comparado aos das línguas grega, latina, persa e germânica*, a qual teve "[...] Uma importância decisiva para a constituição da gramática comparada como disciplina científica [...]"³¹ (SCHMITTER, 1999, p. 65). Jacob Grimm, conhecido pela lei fonética batizada com seu nome, publica em 1819 a obra *Deutsche Gramatik*, a qual inovou as pesquisas

²⁸ Dentre vários aspectos, a importância da Alemanha para os estudos linguísticos advém de fatores históricos como a fundação da Universidade de Berlim, estreitamente relacionada com os estudos de Wilhelm von Humboldt, marcando o nascimento da universidade moderna, assim como pelo fato de que "À partir de 1830 environ, les germanistes ont été les premiers à créer des carrières à eux, les philologues des langues et littératures <<modernes>> [...]" (HÜLTENSCHMIDT, 1999, p. 92). **Tradução nossa de:** "À partir de 1830 environ, les germanistes ont été les premiers à créer des carrières à eux, les philologues des langues et littératures <<modernes>> [...]"

²⁹ **Tradução nossa de:** "[...] le choix d'aller étudier à Leipzig n'avait pas été déterminé en premier lieu par la présence des néo-grammairiens, mais - Saussure le confirme de façon explicite dans ses Souvenirs - plutôt par le fait qu'il y avait dans cette ville une "colonie genevoise"."

³⁰ **Tradução nossa de:** "la capitale mondiale de la jeune linguistique".

³¹ **Tradução nossa de:** "[...] une importance décisive pour la constitution de la grammaire comparée en tant que discipline scientifique [...]"

linguísticas, ao se distanciar do ponto de vista da gramática tradicional, assim como em utilizar o método comparativo a partir da biologia (KOERNER, 1988)³².

Nessa mesma perspectiva da biologia, Schleicher, então criticado pelo apego ao lado organicista das línguas, contribuiu para um olhar histórico da linguagem, ao permitir a passagem da "[...] A gramática comparada da família indo-europeia na história do indo-europeu."³³ (AUROUX et al., 1999, p. 165). Além disso, a utilização do conceito de árvore genealógica propiciou uma nova visão das línguas indo-europeias, em que foi possível observar a sua separação no tempo, como também reconhecer que "As línguas de uma mesma família derivam todas de uma mesma língua que o linguista reconstrói."³⁴ (idem, ibidem, p. 166).

Esse pioneirismo linguístico, exposto aqui de forma sintética, foi marcado pela relação com o método da biologia, a qual trazia como ponto chave a busca pela origem. No caso da linguística, da origem das línguas. Na biologia, a problemática da origem se concentra a partir dos estudos de Charles Darwin, em sua teoria da evolução, na qual discute, principalmente, a origem e a evolução do homem.

É preciso salientar que, como pano de fundo desse cenário no qual as ciências naturais e as humanas dialogam, estava o romantismo filosófico³⁵ do século XIX, norteando os estudos linguísticos a uma perspectiva idealista da linguagem, principalmente no que tange à possibilidade de reconstrução da língua de origem, o indo-europeu³⁶.

³² A relação entre a linguística e a biologia, no século XIX, é mais próxima do que aparenta ser. Para se ter uma ideia, a noção de comparação era algo já pensado na biologia, por exemplo, ao depararmos com a presença, nos primeiros anos do século XIX, com a disciplina Anatomia Comparada (KOERNERS, 1988). Mas foi a partir da publicação da obra a Origem das Espécies (1859), de Charles Darwin, a qual provocou uma onda de choque ao tratar não apenas da origem dos seres vivos, mas do próprio homem (cf MACMAHON, 1999), que a linguística embrenhou-se sobremaneira nesse viés evolucionista das línguas.

³³ **Tradução nossa de:** "[...] la grammaire comparée de la famille indo-européenne en histoire de l'indo-européen."

³⁴ **Tradução nossa de:** "Les langues d'une même famille découlent toutes d'une même langue que le linguiste reconstruit (Ursprache)."

³⁵ A complexidade conceitual do que envolve a ideia de romantismo refletiu uma oposição contrária a tudo que pudesse simplificar os estudos linguísticos. Assim, o espírito romântico focalizava "[...] O homem na complexidade, ou seja, a concebê-lo como uma unidade de espírito e de natureza e como um ser em evolução e inserido em um contexto histórico." (SCHMITTER, 1999, p. 64). **Tradução nossa de:** "[...] l'homme dans sa complexité, à savoir à le concevoir comme une unité d'esprit et de nature et comme un être en évolution et inséré dans un contexte historique [...]". Observa-se também que a ideia de 'romântico' reflete movimentos intelectuais de diferentes países e de áreas acadêmicas diversas; é consenso que o romantismo alemão possuía uma essência mais 'verdadeira' do que o romantismo de outros países, como na Inglaterra e França (BÉGUELIN apud CARPEAUX, 1994). De forma mais específica, o romantismo pode ser visto como um "[...] Movimento renovador observado em todos os campos intelectuais, e principalmente na literatura, nas artes e na música, e que se opõe que o homem seja reduzido a um ser puramente racional, seguindo apenas as leis gerais da lógica e, portanto, postulada como imutável. Em reação a esta perspectiva reducionista, o estado de espírito romântico visa o contrário, ver o homem." (SCHMITTER, 1999, p. 64). **Tradução nossa de:** "[...] mouvement rénovateur qu'on observe dans tous les domaines intellectuels, et notamment dans la littérature, les arts et la musique, et qui s'oppose à ce que l'homme soit réduit à un être purement rationnel, ne suivant que les lois générales de la logique et par conséquent posé comme immuable. Par réaction à cette perspective réductionniste, l'état d'esprit romantique vise au contraire à voir l'homme [...]".

³⁶ Quanto à terminologia 'indo-europeu' (ao contrário do termo indo-germânico, que figura a partir de 1823), é utilizada mais em trabalhos de pesquisadores ingleses, desde a data de 1814 (ROBINS, 1983), e podem-se lhe atribuir dois significados:

De fato, podemos assegurar, a questão da origem foi a espinha dorsal da gramática comparada, principalmente quando o foco deixou de ser a comparação, para se pensar a reconstrução das línguas (ou dos intervalos linguísticos) que não eram mais faladas. Sem essa abordagem, centralizada na hipótese do indo-europeu, todo o edifício comparatista não teria razão de ser.

Apesar de essa problemática não ser nova, pois já operava desde o Renascimento, e mesmo nos tempos da gramática grega, conforme se vê no famoso *Diálogo de Crátilo*, Auroux (2007, p. 6) expressa que ela inaugura "[...] Uma grande revolução filosófica, que vai separar a natureza, domínio da lei física e determinista, e a cultura, domínio do direito, da história e da liberdade humana."³⁷ Neste sentido, a questão da origem não é apenas um objetivo a ser alcançado pelos diversos domínios das ciências do século XIX. A partir do momento em que essa questão se torna uma discussão secundária, estabelece-se uma posição epistemológica: pensar o objeto a partir de leis determinísticas (ou cegas), como propõem os neogramáticos, com relação às leis fonéticas, ou alinhadas a uma subjetividade humana, aqui compreendida enquanto domínio da liberdade humana, como se pode entrever, em certa medida, no fato analógico, lugar em que língua e fala se imbricam³⁸.

Esse cenário intelectual das primeiras décadas do século XIX, perpassado por importantes reflexões teóricas, demandou do corpo universitário alemão um aperfeiçoamento no modo de fazer linguística indo-europeia. Além da tríade de línguas que permitiu o advento do comparativismo, isto é, do grego, do latim e do sânscrito, os professores "[...] Todos eles tinham que ser eruditos competentes textual e literariamente porque os dados que precisavam eram encontrados em textos antigos

"Refere-se à grande família de línguas que agora se estende por todos os continentes e que há dois mil anos se estendeu em toda a amplitude da Europa e grandes extensões do centro e sul da Ásia; ou refere-se à hipotética língua ancestral a partir da qual todos os registros das línguas indo-europeias descendem." (WEST, 2007, p. 1). **Tradução nossa de:** "It refers to the great family of languages that now extends across every continent and already two thousand years ago extended across the whole breadth of Europe and large tracts of central and southern Asia; or it refers to the hypothetical ancestral language from which all the recorded Indo-European languages descend."

³⁷ **Tradução nossa de:** "[...] une grande révolution philosophique, celle qui va séparer la nature, domaine de la loi physique et déterministe, et la culture, domaine du droit, de l'histoire et de la liberté humaine".

³⁸ Neste sentido, conceitos elementares como o de linguagem passam por um processo de renovação, sendo, portanto, considerada como "[...] O fruto de sua natureza física, a própria essência natural." (AUROUX, 2007, p. 5). **Tradução nossa de:** "[...] le fruit de sa nature physique, entité elle-même « naturelle »". Sob essa nova perspectiva, as línguas são comparadas às plantas, levando alguns estudiosos a observá-las sob um viés organicista, ou seja, enquanto seres vivos que nascem, evoluem e morrem. De fato, August Schleicher é um ardoroso defensor da existência de uma língua mãe anterior ao sânscrito, o indo-europeu, da qual descendem o latim, o grego e o sânscrito. Para tanto, elabora os conceitos de língua original (*Ursprache*) e a ideia de árvore genealógica (*Stammbautheorie*), conceito esse que tanto implica observar as línguas enquanto organismos vivos, como também analisá-las sob uma perspectiva histórica, a partir das relações que podem ser estabelecidas entre essas línguas, e da comparação entre diferentes estados de uma mesma língua. Já o segundo ponto em comum, que é a problemática da origem, pode-se considerá-la como um ponto mais complexo, uma vez que, se a hipótese do indo-europeu permanece, o ponto de vista é comutado. Sabe-se, por exemplo, que Schleicher (1868) escreveu uma fábula em indo-europeu para uma revista especializada em estudos linguísticos do século XIX (AUROUX et al., 1999).

(inscrições, papiros, manuscritos) os quais faziam sentido somente em certas estruturas culturais [...]"³⁹ (MORPURGO-DAVIES, 2004, p. 11)

Realmente, os docentes que ministravam aulas para o jovem universitário deveriam dominar não só o ensino de disciplinas voltadas para uma abordagem histórico-comparatista das línguas indo-europeias: era importante serem versados na abordagem dos textos antigos, o que requeria deles uma formação em disciplinas auxiliares, como a filologia, a etnografia, a epigrafia, entre outras matérias. Era preciso, portanto, que os docentes tivessem domínio em áreas que pudessem auxiliar os alunos na leitura de textos (cujas línguas não eram mais faladas), na interpretação dos documentos históricos, enfim, disciplinas que permitissem aos linguistas caminharem no labirinto das línguas indo-europeias.

Nesse contexto de aprendizado, Saussure nos relata um fato curioso em seu manuscrito de 1903, os *Souvenirs*. Em um determinado dia, sua atenção foi detida por um panfleto no qual dizia que o Prof. M. Hubschmann ministraria um curso particular do Antigo Persa. Ao cursar as aulas desse professor, Saussure discorre:

Ele foi o primeiro professor alemão que eu conheci, e desde o início fiquei encantado com o humor jovial com que ele me recebeu. Ele começou a me falar quase imediatamente da linguística indo-europeia [...].(SAUSSURE, 1903 [1960]).⁴⁰

É bem possível que a relação de Saussure com esse professor particular o tenha feito recordar os bons diálogos mantidos, quando adolescente em Genebra, com seus primeiros mentores sobre o universo do indo-europeu, o eclético e sonhador avô Alexandre de Pourtales e o inesquecível e venerável vizinho, Adolphe Pictet.

Mas era necessário frequentar as disciplinas regulares, ainda que seu interesse em assistir a essas disciplinas era pouco animador. Saussure relembra: " Minha assiduidade na Universidade de Leipzig deveria ter sido intensa para aprender tudo o que me faltava materialmente. Ao contrário ela foi vaga."⁴¹ (SAUSSURE, 1903 [1960], p. 21). Isso, no entanto, não invalida o fato de Saussure ter frequentado diversas disciplinas e tirado delas o melhor proveito, conforme podemos notar no quadro abaixo:

³⁹ **Tradução nossa de:** "[...] All of them had to be competent textual and literary scholars because the data that they needed were found in ancient texts (inscriptions, papyri, manuscripts) which made sense only within certain cultural frameworks [...]."

⁴⁰ **Tradução nossa de:** "Il était le premier professeur allemand dont j'allais faire la connaissance, et je fus dès l'abord réjoui de l'humeur joviale dont il me reçut. Il se mit à me parler presque tout de suite de la linguistique indo-européenne [...]."

⁴¹ **Tradução nossa de:** "Ma fréquentation à l'Université de Leipzig aurait dû être ensuite intense pour apprendre tout ce qui me manquait matériellement. Au contraire elle fut vague".

Ano	Docente	Curso / Língua
1876	H. Hübschmann	Antigo Persa
1876	E. Windish	Celta
1876	A. Leskien	Eslavo e Lituano
1876	Braune	História da Língua Alemã; Medievalista
1877	G. Curtius	Indo-europeu; Gramática Histórica das línguas clássicas
1878	H. Oldenberg	Sânscrito
1878	H. Zimmer	Céltico

Tabela 1 - Disciplinas cursadas por Saussure entre 1876-1878⁴²

Além das línguas indo-europeias, Saussure frequentou cursos de Gramática Comparada, com Curtius, e com as principais figuras do movimento neogramático, como Leskien, Brugmann e Osthoff. Nesse período, ele ainda assistiu a dois cursos específicos que relacionavam língua e história: História da Língua Alemã e Gramática Histórica das línguas clássicas. Vale ressaltar que a formação era essencialmente de um gramático comparatista: aprendia as línguas indo-europeias e sua história para assim poder compará-las e identificar suas semelhanças. Nesse aspecto, é quase impossível não lembrar o que disse Milner (2002, p. 21): "A linguística, aos olhos de Saussure, como de todos os seus contemporâneos, tem como núcleo a gramática comparada."⁴³

E é nesse percurso de formação que o jovem graduando se encontra diante de um novo momento no cenário linguístico europeu. Ao fim de sua formação, Saussure é testemunha ocular de um dos movimentos linguísticos mais importantes do século XIX. No ano de 1878, ele presencia a publicação do que ficou conhecido como o *Manifesto dos Neogramáticos*, escrito e publicado pelos linguistas Hermann Osthoff e Karl Brugmann, no qual se posicionavam contra o foco excessivo da comparação das línguas antigas e defendiam o estudo da mudança fonética levando em conta o estudo das línguas faladas (MORPURGO-DAVIES, 2004).

Com efeito, o manifesto assevera que os primeiros comparatistas investigavam as línguas indo-europeias sem terem "[...] uma clara ideia de como a fala humana realmente vive e se desenvolve, quais fatores são ativos na fala, e como esses fatores

⁴² A relação dessas disciplinas são encontradas nas seguintes referências: Saussure (1903 [1960]), Benveniste (1964), Parret (1993), Fehr (1997) e Morpurgo Davies (2004).

⁴³ **Tradução nossa de:** "La linguistique, aux yeux de Saussure, comme de tous ses contemporains, a pour noyau dur la grammaire comparée."

trabalhando juntos provocam a progressão e a modificação da substancia da fala".⁴⁴ (OSTHOFF e BRUGMANN, apud LEHMANN, 2014 [1878], p. 1). Esse novo posicionamento linguístico refletiam, de certa forma, a corrente filosófica conhecida como *positivismo*, fundada pelo francês August Comte (1798-1857).

A tentativa dos neogramáticos de compreenderem o funcionamento das línguas faladas, para então analisarem as evoluções fonéticas, sem que necessariamente a busca pela origem fosse o objetivo, reflete o modo como August Comte defendia o fazer ciência. Para ele, a inteligência humana consiste em "[...] substituir por toda a parte a inacessível determinação das causas propriamente ditas, pela simples pesquisa das leis, isto é, das relações constantes que existem entre os fenômenos observados" (COMTE, 1844 [1990], p. 38). Neste sentido, o manifesto condiz com essa corrente, defendendo não somente o estudo das mudanças fonéticas, como também a necessidade do exame dos fatos analógicos.

Todavia, o estudo da analogia, passível e possível de ser investigado numa perspectiva das línguas faladas, ficou apenas no papel. Segundo Oesterreicher (1999, p. 189), o movimento neogramático encontra seus limites ao focar excessivamente nas leis fonéticas, ou seja, na própria linguística histórica, sem perceber a oportunidade de observar as línguas a partir de um novo ponto de vista, o do falante. No entanto, pelo menos para o jovem genebrino, naquele momento, a abordagem dos fatos fonéticos não era um problema⁴⁵. Por mais estranho que pareça ser, a preferência dos neogramáticos pelas mudanças fonéticas não era um fator que o deixava desiludido. Ao contrário, as últimas palavras escritas no *Souvenirs* demonstram um gosto particular pela linguística histórica, quando afirma:

Para o meu desenvolvimento linguístico pessoal, como certamente para grande parte dos linguistas, o surpreendente, quando se conhece sua existência, não é o fato analógico, mas o fato FONÉTICO. É preciso abordar a linguística sem a sombra de observação ou de pensamento que coloque em pé de igualdade um fenômeno tal qual a lei da fonética – que efetivamente não é observada pela experiência individual – e a ação analógica de que todos têm consciência desde a infância e por si mesmo. (SAUSSURE, 1903 [1960], p. 25)⁴⁶

⁴⁴ Tradução nossa de: "[...] a clear idea of how human speech really lives and develops, which factors are active in speaking, and how these factors working together cause the progression and modification of the substance of speech".

⁴⁵ É preciso ficar claro que a noção de fonética e de fonologia no século XIX não tinha a mesma concepção que será sistematizada a partir do Círculo Linguístico de Praga, e principalmente com a publicação da obra de Nicolai Troubetzkoy, o qual inaugura a Fonologia Moderna no século XX. Para efeitos didáticos, a ideia de fonética em Saussure ligava-se a estudos dos sons das línguas numa perspectiva evolutiva, compreendendo as mudanças das línguas, enquanto que a fonologia focava os aspectos fisiológicos e físicos do som, ou seja, seu aspecto natural, e não psíquico das línguas (SAUSSURE, 1970).

⁴⁶ Tradução nossa de: Pour mon développement linguistique personnel, comme certainement pour celui d'une grande partie des linguistes, le fait étonnant lorsque j'en connus l'existence, ne fut pas le fait analogique, mais le fait PHONÉTIQUE. Il faut aborder la linguistique sans l'ombre d'une observation ou d'une pensée pour placer sur le

Para alguém que viria a ser conhecido como o fundador da linguística moderna, por haver efetuado o corte entre a linguística diacrônica e a sincrônica, optar pela mudança fonética em vez da analogia, poderia soar como algo paradoxal. Tendo concluído seus estudos em Leipzig, com uma obra reconhecida como o *Mémoire* e uma tese de doutorado, não seria o momento em que os fatos sincrônicos - como já se cogitava no meio dos neogramáticos - pudessem ter a primazia em suas reflexões?

Entretanto, o que está em jogo é um passo epistemológico capital para as futuras elaborações saussurianas. O interesse pela mudança fonética está precisamente no fato de ela não ser observável por uma experiência individual, ou seja, daquilo que não é propriamente a experiência do falante (NORMAND, 2009). Mas se ela não é observável pelo falante, o é para o linguista. A análise das mudanças fonéticas se torna uma experiência para o linguista, na qual o seu conhecimento e a sua metodologia são testadas diante dos fatos disponíveis, seja uma língua falada ou não. No caso específico da linguística indo-europeia, o desafio é outro: teorizar algo não a partir da substancialidade da língua falada, mas das formas disponíveis, completas ou esparsas, em textos literários ou não, levando-se em conta o estabelecimento de relações⁴⁷ que estas formas disponíveis permitem estabelecer.

É, portanto, a partir do ponto de vista do linguista que Saussure elabora a obra intitulada *Mémoire sur le système primitif des voyelles dans les langues indo-européennes*⁴⁸. Sem nos aprofundarmos no estudo dessa obra, destacamos dois pontos a serem observados no sumário e na parte em que o genebrino faz uma revisão dos diferentes pontos de vista sobre o sistema α .⁴⁹ Em um primeiro momento, nota-se que a análise do sistema α do indo-europeu implica passar pela problemática da origem, como se nota no tópico "A vogal α das línguas do norte tem uma dupla origem"⁵⁰. Tal problemática significa uma passagem obrigatória pela concepção de língua mãe, como

même pied au premier abord un phénomène tel que la loi phonétique — qui est en effet non observable par l'expérience individuelle — et l'action analogique dont chacun a conscience depuis l'enfance et par soi-même.

⁴⁷ Sobre a passagem obrigatória de Saussure pela Gramática Comparada, a fim de que por ela fosse possível efetuar o corte entre diacronia e sincronia, ver Silveira (2007). Sobre essa passagem, a autora afirma que a Gramática Comparada "[...] é aquela que se oferece ao corte, sem o qual não haveria a linguística moderna e, ao mesmo tempo, é a que desaparece por efeito desse corte".

⁴⁸ Vários são os estudiosos que se dedicam a compreender a reflexão de Saussure no *Mémoire*, cujos artigos são publicados principalmente nos *Cahiers Ferdinand de Saussure*. Na comemoração do centenário da publicação do *Mémoire*, cujo número 32 dos *Cahiers* foi dedicado especialmente à essa data, alguns analisaram aspectos dessa obra saussuriana, dos quais destacamos: Redard (1978), que aborda a dicotomia instaurada entre o Saussure do *Mémoire* e o Saussure do CLG, Watkins (1978), que traz importantes considerações sobre o método comparatista utilizado pelo genebrino e Peeters (1978), que analisa a concepção de fonema em Saussure com base no método comparativo do *Mémoire*. A análise do *Mémoire* requer, possivelmente, um espaço de dedicação especial, uma vez que cada autor, mencionado ou não aqui, traz importantes contribuições para o entendimento dessa obra. Na medida em que for necessário, procuraremos mencioná-los para efeito de melhor ilustração do ponto de vista defendido nesta tese.

⁴⁹ Respectivamente nas partes *Table des Matières* e *Revue des différentes opinions émises sur le système des α* .

⁵⁰ **Tradução nossa de:** "La voyelle α des langues du nord a une double origine."

se lê no capítulo IV, cujo título é "Índice da pluralidade de α na língua materna indo-europeia."

Todavia, o sumário desse livro permite avistar que a análise do sistema vocálico do indo-europeu tem um percurso que abrange exames das funções gramaticais dos diferentes tipos de α , submetidos a uma análise variacional, como mostram dois tópicos, "Visão geral sinóptica das variações do vocalismo trazidas pela flexão" e "visão geral sinóptica das variações do vocalismo trazidas pela formação das palavras."⁵¹

Considerando que o objetivo principal no *Mémoire* é o de "Estudar as múltiplas formas sob as quais se manifesta o que se chama indo-europeu"⁵² (SAUSSURE, 1879, p. 1), o movimento da análise saussuriana segue o percurso histórico proposto pelo método comparatista: evoca-se uma erudição já constituída em torno do fonema α , examinam-se aspectos fonéticos e fonológicos das sonantes líquidas e nasais para em seguida observar o fonema α nas línguas indo-europeias, o que requer, necessariamente, uma reflexão da origem do fonema α em línguas que sejam aparentadas.

Uma vez analisada essa pluralidade fonêmica, Saussure dedica uma parte a investigar o papel gramatical que esse fonema pode possuir, tendo em vista as diferentes formas que ele assume. Nessa ocasião é que a ideia de sistema passa a ter um lugar importante no *Mémoire*, o que exige do pesquisador uma capacidade de abstração e de formalização do objeto em análise. Essa capacidade é, de certa forma, aquilo que Saussure evoca no *Souvenirs*, quando expressa seu gosto pela pesquisa fonética, distinguindo aquilo que não é observável pela experiência individual.

A noção de sistema passa, então, a ser elaborada com base em um perfil histórico das línguas. A consciência das relações entre as formas como um processo não empírico leva o genebrino a adotar um método que o permite ir além da materialidade fônica. A consequência não é outra senão adotar um método puramente racional, o que praticamente o faz distanciar-se da idealização romântica e se aproximar da metodologia positivista de August Comte (NORMAND, 2011)

Essa forma de trabalhar faz com que o *Mémoire* seja uma obra reconhecida entre os linguistas do século XIX. Sobre esse livro, Louis Havet publica, no periódico *Journal de Genève*, em 25 de fevereiro de 1879, uma espécie de resenha crítica, destacando a relevância do livro para os estudos comparatistas, pela novidade sobre o tema. É o próprio Havet (*apud* REDARD, 1879 [1978]) que nos dá uma excelente ideia

⁵¹ Tradução nossa de: "Aperçu synoptique des variations du vocalisme amenées par la flexion e Aperçu synoptique des variations du vocalisme amenées par la formation des mots."

⁵² Tradução nossa de: "Etudier les formes multiples sous lesquelles se manifeste ce qu'on appelle l'a indo-européen."

do percurso que Saussure seguiu para escrever essa obra e alguns de seus mais importantes aspectos. Nas palavras desse linguista

O Sr. Ferdinand de Saussure mergulhou no estudo da linguística indo-europeia com um entusiasmo excepcional. Ele devorou gramáticas, livros de gramática comparada, artigos em revistas especializadas, lições de mestres alemães. Ele se tornou conhecedor de todas as maneiras que oferecem a língua dos Védas e os dialetos gregos, e se colocou como explorador das fontes persas, eslavas, germânicas; ele encontrou um meio de armazenar rapidamente em sua memória os elementos de várias desordens, dispostos em ordem e prontos para servi-lo em comando. Ele abordou a reconstrução da língua materna indo-europeia com uma clareza e uma ousadia que não são comuns. É assim que, ainda como estudante, publica uma obra notável, e ocupa imediatamente uma posição eminente entre os linguistas.⁵³ (HAVET *apud* REDARD, 1879 [1978], p. 106)⁵⁴

O testemunho de Havet nos permite delinear a relação de Saussure com o universo das línguas indo-europeias e da história dos povos que as falaram. Uma relação mesmo de uma paixão, ou, em outras palavras, de algo que lhe dava prazer enquanto pesquisador. Tal ardor excepcional não se traduz apenas com base na produção do *Mémoire*. Em menos de quatro anos, ele escreveu não apenas essa obra: defendeu uma tese, cursou disciplinas e teve contato com diversas obras sobre gramática comparada das primeiras décadas do século XIX.

Mas o *Mémoire* não deve ser visto apenas como resultado de um prazer pela linguística indo-europeia, e sim de uma metodologia rigorosa, de aspecto positivista, o que requeria que ele não se perdesse nesse labirinto das línguas indo-europeias e não se deixasse fascinar pela miragem da origem das línguas. Não que essa miragem não aparecesse no horizonte. O que Saussure fez foi centrar-se nas análises, naquilo que os dados poderiam dizer, não deixando se levar pela idealização do indo-europeu.

Neste sentido, podemos constatar o genebrino deixando em suspenso a problemática da origem, focando nas condições que permitem a existência do *a* indo-europeu. Tal ponto de vista espelha o que Auroux (2007, p. 6) ressalta sobre a problemática da origem, a qual passa a ser abordada pelos estudiosos por um outro viés, observando as "[...] As condições que fazem com que a humanidade possua a linguagem

⁵³ **Tradução nossa de:** " M. Ferdinand de Saussure s'est jeté dans l'étude de la linguistique indo-européenne avec une ardeur exceptionnelle. Il a dévoré les grammaires, les livres de grammaire comparée, les articles des revues spéciales, les leçons de maîtres allemands. Il s'est rendu maître de toutes les formes qu'offrent la langue des Védas et les dialectes grecs, et il s'est mis en état d'exploiter avec sûreté les sources perses, slaves, germaniques; il a trouvé moyen d'emmagasiner rapidement dans sa mémoire les éléments de plusieurs chaos, rangés là en ordre et prêts pour le servir à commandement. Il a abordé la reconstruction de la langue mère indo-européenne avec une netteté de coup d'oeil et une hardiesse qui ne sont point communes. Voilà comment, avant d'avoir cessé d'être étudiant, il vient de publier un ouvrage tout à fait remarquable, et de prendre d'emblée un rang éminent parmi les linguistes."

⁵⁴ Cahiers Ferdinand de Saussure n. 32.

ou, ainda, a natureza própria da linguagem."⁵⁵ Dessa forma, Saussure foi um positivista: deixou de buscar as causas para focalizar as relações, ou seja, buscou quais condições nas evoluções fonéticas permitiram-no identificar o fonema *a* do indo-europeu.

A experiência do *Mémoire*, a partir das análises fonéticas, é a experiência do linguista, e não do falante, que se situa em sua sincronia. Do pesquisador que se dispõe a reconstituir, a partir de dados esparsos, das ruínas das línguas, formas que já não são mais pronunciadas. Desenvolve-se aí um gosto pelo aspecto fonético e mutável das formas linguísticas. Cresce um interesse particular pelo processo de reconstrução, uma vez que é no processo que se obtém resultados mais precisos. É necessário, no entanto, estar atento a todo o saber disponível no percurso da reconstrução das formas. Como Saussure mesmo expressa na introdução do *Mémoire*, destacado por nós na epígrafe deste tópico: não se trata de especulações, mas da investigação dos dados elementares, "[...] Sem o qual tudo flutua, tudo é arbitrário e incerto."⁵⁶ (SAUSSURE, 1879, p. 1)

O resultado, por conseguinte, é um reconhecimento merecido de suas produções durante a década de 1870. Mas não é apenas de um reconhecimento casual do *Mémoire*, por exemplo. Além de Louis Havet, Antoine Meillet e Émile Benveniste também teceram suas considerações sobre o trabalho de Saussure. Meillet destacou, anos mais tarde, que o *Mémoire* foi "[...] o mais belo livro de gramática comparada já escrito."⁵⁷ (apud MORPURGO DAVIES, 2004, p. 15)⁵⁸. Isso significa, antes de tudo, um reconhecimento da novidade que essa obra encerra, "[...] que renovava os métodos e as perspectivas da gramática comparativa."⁵⁹ (BENVENISTE, 1964, p. 24), e não apenas uma simples lisonja em torno de um jovem linguista de 21 anos.

1.4 - Saussure em Paris: o início de uma carreira docente

*A carreira de Ferdinand de Saussure começou em Paris,
com o ensino de gramática comparativa.*⁶⁰
(BENVENISTE, 1964, p. 21)

Embora a opção de Saussure por estudar na Universidade de Leipzig tenha sido motivada por uma preferência pessoal, isto é, pela presença de seus amigos

⁵⁵ Tradução nossa de: "[...] conditions qui font que l'humanité possède le langage ou, encore, la nature même du langage".

⁵⁶ Tradução nossa de: "[...] sans lesquelles tout flotte, tout est arbitraire et incertitude."

⁵⁷ Tradução nossa de: "[...] the most beautiful book of comparative grammar ever written."

⁵⁸ Segundo Watkins (1978), esse testemunho encontra-se em uma placa que homenageia Saussure (cf. reproduit dans Portrait of Linguistics, ed. T.A. Sebeok [Bloomington, 1966] II, 92-100.)

⁵⁹ Tradução nossa de: "[...] qui renouvelait les méthodes et les perspectives de la grammaire comparée."

⁶⁰ Tradução nossa de: "La carrière de Ferdinand de Saussure a commencé à Paris, avec l'enseignement de grammaire comparée [...]."

conterrâneos, e não pelo reconhecimento acadêmico dessa instituição, demonstramos que sua formação na capital da linguística alemã foi produtiva. Graduou-se como um linguista indo-europeu, produziu dois importantes livros sobre aspectos da língua sânscrita. Enfim, amadureceu e aprendeu como lidar com o "touro" mencionado por Adolph Pictet, ao manipular os dados elementares e flutuantes das línguas indo-europeias, de modo a ordenar o caos destas antigas formas linguísticas.

Já a ida a Paris parece ter sido mesmo uma escolha acadêmica. Não obstante sua entrada na *École des Hautes Études*⁶¹ tenha ocorrido em outubro de 1880⁶², o primeiro contato de Saussure com esta academia data de 1876, mais precisamente em 13 de maio, quando é aceito como membro da *Sociedade Linguística de Paris*. Em suas memórias, escritas em 1903, o mestre suíço diz:

Foi também em 1875 ou 76 que escrevi ao Sr. Bergaigne (amigo do Sr. Léopold Favre, de Genebra) a gentileza de me receber na Sociedade de Linguística de Paris, e enviava de Genebra um artigo estúpido “sobre o sufixo -t-”, onde eu temia, a cada linha, dizer alguma coisa que não estivesse de acordo com Bopp, tornado meu único mestre. (SAUSSURE [1903], 1960, p. 19)⁶³

Esse testemunho nos mostra o interesse do jovem Saussure em pertencer ao meio acadêmico francês, antes mesmo de ingressar no ensino universitário. Além disso, expõe traços de sua futura personalidade acadêmica, quando se posiciona teoricamente contra reflexões que ele considerava, naquele momento, passíveis de refutação. Tal modo de pensar saussuriano, exercitado no ambiente neogramático, será amadurecido na *École*. Nesse novo ambiente acadêmico, ele terá a oportunidade de concluir seus estudos no domínio da gramática comparada e de iniciar seus primeiros passos na carreira docente.

Nesse momento de Saussure na França, vale pontuar que, além da Universidade de Paris, havia a de Sorbonne, as quais passaram a desempenhar um papel importante no cenário linguístico a partir de 1880. Em seu artigo intitulado *The Paris Years*, a pesquisadora francesa Carol Sanders destaca que, enquanto a Universidade de Sorbonne “[...] seguia de perto linguistas alemães como Schleicher em seu retrato darwinista das línguas como organismos naturais [...]”⁶⁴ (SANDERS, 2004, p. 31), a Universidade de

⁶¹ Doravante EHE ou École.

⁶² Exatamente quatro anos após sua entrada na Universidade de Leipzig.

⁶³ **Tradução nossa de:** “C'est aussi en 1875 ou 76 que j'écrivis à M. Bergaigne (ami de M. Léopold Favre, de Genève) de bien vouloir me faire recevoir à la Société de Linguistique de Paris, et j'envoyai de Genève un article inepte « sur le suffixe -t- », où je tremblais, à chaque ligne, de dire quelque chose qui ne fût pas d'accord avec Bopp, devenu mon unique maître.”

⁶⁴ **Tradução nossa de:** “[...] closely followed German linguists such as Schleicher in his Darwinist portrayal of languages as natural organisms [...].”

Paris aproximava-se de uma perspectiva antinaturalista, sob a influência do linguista Bréal, que defendia a linguagem como "[...] firmemente enraizada em seu contexto social [...]"⁶⁵ (idem, ibidem, p. 32).

Esse era o cenário intelectual no momento em que Saussure chega a Paris. Ali encontra, além de Michel Bréal - então diretor de Estudos de Gramática Comparada e futuro fundador da semântica moderna - outros linguistas de renome, como por exemplo, Gaston Paris, que viria a ser, entre 1885 a 1895, presidente da IV seção de Ciências Históricas e Filológicas (DÉCIMO, 1994). Nesse novo ambiente acadêmico, Saussure cursa, entre 1880 e 1881, seu último passo de formação enquanto aluno: assiste às aulas de iraniano com James Darmesteter, sânscrito com Abel Bergaigne, latim com Louis Havet, e um curso com Michel Bréal (FEHR, 1997).

Uma vez finda essa última parte na formação discente, em outubro de 1880, Ferdinand de Saussure, com a idade de 24 anos, é então nomeado "[...] Mestre de conferência sob o gótico e o velho alto-alemão."⁶⁶ (BENVENISTE, 1964, p. 24). Tal como vemos na epígrafe que inaugura este tópico, tem início a sua carreira docente na Universidade de Paris. Tal epígrafe, proferida por Benveniste no artigo *Ferdinand de Saussure à L'École des Hautes Études*, chama a atenção por dois aspectos.

Primeiro, em razão de dar a entender que a carreira de Saussure, de um modo geral, tenha começado em Paris, ou seja, somente a partir de 1881, quando se tornou professor. Deveras, sua carreira começou desde os primeiros diálogos com o venerável vizinho Adolph Pictet e com seu avô, Alexandre de Pourtales, os quais fizeram brotar no adolescente Saussure o gosto pela história das línguas. No entanto, a epígrafe cumpre um papel de destaque, que é o de confirmar a importância desse momento em Paris, o qual não deve ser ignorado no percurso acadêmico saussuriano. Com razão, pois é a partir daí que ele começa sua carreira como professor universitário.

O segundo aspecto segue na direção da importância dessa ida à Cidade das Luzes, nos anos de 1880, mudança esta que não é realçada somente pelo fato de Saussure estar prestes a dar os primeiros passos em sua carreira docente. Trata-se de um marco no percurso de reflexão saussuriana, uma vez que coincide com o início daquilo que o mestre Saussure, na carta à Louis Havet, em 1910, nomeia de seu *silêncio de quase trinta anos*. A ocorrência simultânea entre o início desse "silêncio" e o início da sua carreira docente na capital francesa não é uma simples coincidência. Até o ano de 1880, ele havia produzido duas obras, o *Mémoire* e a tese sobre o genitivo em sânscrito.

⁶⁵ Tradução nossa de: "[...] firmly rooted in its social context [...]."

⁶⁶ Tradução nossa de: "[...] maître de conférences pour le gothique et le vieux haut-allemand."

Apesar de que na década de 1880 o genebrino não publicou uma obra de grande porte, que espelhe alguma nova reflexão, como fora feito em Leipzig, acreditamos que esse mutismo não será um silenciamento completo, mas se configurará de outras formas. Efetivamente, enquanto professor em Paris, a voz de Saussure será ouvida a partir de três meios:

- i) ensino em sala de aula;
- ii) comunicações orais;
- iii) publicações daquilo que era exposto nas comunicações.

Quanto às aulas, as primeiras disciplinas por ele ministradas, no ano de 1881, foram o ensino da língua gótica e do antigo alto-alemão (BENVENISTE, 1964). Nessas disciplinas, Saussure parte da gramática da língua para em seguida compará-la com outros dialetos, utilizando textos de diferentes épocas históricas. Sobre esse modo de ensino, Saussure (apud BENVENISTE, 1964, p. 30) nos dá o seguinte exemplo, quando aborda um texto do antigo alto-alemão: "[...] Uma vez familiarizados com a gramática de Otfrid, os alunos foram apresentados aos textos de Tatien e de Isidore, e foram convidados a assinalar cada divergência com o dialeto que conheciam."⁶⁷

Notamos, portanto, que o modo de ensino de Saussure é pautado na análise do texto literário, no exame dos aspectos gramaticais das línguas, com propostas de exercícios de interpretação. De acordo com Benveniste (1964), essa metodologia de ensino reflete duas abordagens de um mesmo texto: um viés sincrônico da língua, por meio do texto escrito, e uma abordagem filológica, por meio de um viés interpretativo. Assim, entre 1881 e 1885 Saussure trabalha diversos exercícios de interpretação, com base nos textos de Ulfilas (311-382), bispo católico que traduziu as primeiras versões bíblicas para o germânico, assim como textos de origem germânica conhecidos como *Hildebrandlied*.

Nos anos subsequentes, que vão de 1884 a 1891, o jovem professor continuará ministrando essas disciplinas e outras serão acrescentadas, como o antigo holandês, gramática comparada do grego e do latim e, por fim, do lituano. Como professor, Saussure era respeitado desde os primeiros dias de docência. No início, os alunos franceses sabiam que estavam diante de um professor que, embora jovem e iniciante, havia escrito e publicado um livro há três anos, e que tinha sido um marco nos estudos da Gramática Comparada (BENVENISTE, 1964). Na memória de um de seus primeiros alunos, o ensino de Saussure era apreciado por "[...] A informação ampla e sólida, o

⁶⁷ **Tradução nossa de:** "[...] une fois familiarisés avec la grammaire d'Otfrid, les élèves ont été mis en présence du texte de Tatien et de celui d'Isidore, où ils étaient invités à signaler chaque divergence d'avec le dialecte à eux connu."

método rigoroso, a visão geral aliada ao detalhe preciso, o discurso de uma clareza, uma facilidade e de uma elegância soberana."⁶⁸ (MURET apud BENVENISTE, 1964, p. 25).

Em relação às comunicações orais, os editores do trabalho *Recueil des Publications Scientifiques de Ferdinand de Saussure*⁶⁹ afirmam que

De 1880 a 1891 F. de Saussure participou ativamente dos trabalhos da Sociedade de Linguística de Paris. Um grande número de artigos publicados por ele nas Memórias da Sociedade de Linguística foi apresentado, pela primeira vez, em comunicações orais.⁷⁰ (BALLY; GAUTIER, 1921, p. 9)

Além de apresentar os trabalhos, vemos que Saussure também os publicava na forma de artigos. As comunicações, assim como os textos publicados, abordavam temas diversos da gramática comparada, abrangendo a fonética do Patois Friburguense, comparações entre termos latinos, e um trabalho mais específico sobre a versificação homérica. Neste sentido, o testemunho dos editores do *Recueil* parece aumentar ainda mais a incógnita quanto ao "silêncio" de Saussure desde esse período parisiense, considerando a sua intensa atividade docente. O jovem professor é ativo e de modo algum se dava ao luxo de se colocar em mutismo.

Além desse empenho no âmbito das apresentações orais, a produção escrita de Saussure durante seus anos na Universidade de Paris não fica aquém. As primeiras publicações, que datam de 1881, 1884 e 1889, abrangem análises etimológicas de verbos, de nomes próprios, com base nos significados e na morfologia, tendo em vista diferentes períodos históricos das línguas indo-europeias abordadas, como o latim, o grego, o sânscrito etc. Conforme se observa no *Recueil*, o total de publicações abrange quase uma vintena de artigos, todos relacionados à linguística histórica.

De todos esses trabalhos desenvolvidos na década de 1880, dois se destacam pela relação que pode ser estabelecida com a produção saussuriana sobre os anagramas, levando-se em conta o perfil literário dessas produções. O primeiro trabalho, com o título *Une loi rythmique de la Langue Grecque*, datado de 1884, encontra-se publicado por completo no *Recueil*; já o segundo, uma comunicação oral sobre a versificação homérica, de janeiro de 1889, tem apenas seu resumo citado no *Recueil*, embora seus manuscritos se encontrem na Biblioteca de Genebra (TESTENOIRE, 2013, p. 37).

⁶⁸ **Tradução nossa de:** "[...] l'information large et solide, la méthode rigoureuse, les vues générales alliées au détail précis, la parole d'une clarté, d'une aisance et d'une élégance souveraines"

⁶⁹ Organizado e editado por Charles Bally e Leopold Gautier em 1921, o *Recueil* é um compêndio de obras científicas publicadas em vida por Saussure, tais como o livro *Mémoire* (1879), a tese *De l'emploi du génitif* e inúmeros outras pequenas publicações, desde os anos em que esteve em Leipzig, passando por Paris até o retorno à Genebra.

⁷⁰ ⁷⁰ **Tradução nossa de:** "A partir de 1880 et jusqu'en 1891 F. de Saussure prit une part active aux travaux de la Société de Linguistique de Paris. Un grand nombre des articles publiés par lui dans les Mémoires de la Société de Linguistique avaient d'abord été présentés sous forme de communications orales."

Na produção sobre a lei rítmica do grego, Saussure (1884 [1921], p. 464) parte da hipótese de que

[...]Algumas formas gregas mantêm o traço de uma antiga lei rítmica, limitativa do número de sílabas breves que podem se seguir em uma palavra, e se buscamos formular esta lei, a encontramos conforme as regras do verso épico, e, como elas, independente da acentuação.⁷¹ (SAUSSURE, 1884 [1921], p. 464)

É interessante verificar que o seu objetivo é, nesse caso, identificar ou encontrar uma lei rítmica e não propriamente uma lei fonética, como era de se esperar de um comparatista, mesmo que o ponto de partida fosse o estudo das formas gregas, considerando-se o número de sílabas breves de uma palavra.

Nessa pesquisa, Saussure (1884 [1921], p. 464) problematiza se "[...] O mais antigo ritmo dos Gregos não era, em certa medida, citado antes por essa cadência natural de falar dele."⁷² Apesar de o título do trabalho especificar a relação do ritmo com a língua grega, nota-se uma preocupação de Saussure para a relação entre o ritmo do poema e o ritmo da fala. Uma vez que o acesso à fala era necessariamente intermediado por textos literários, a tensão entre poesia e fala, no que tange ao ritmo, era algo sempre presente em pesquisas dessa natureza.

Tratava-se, assim, de uma via de mão dupla: as análises dos textos literários permitiam compreender como o poeta trabalhava o ritmo poético, e essas análises davam ao linguista uma ideia do modo como os antigos gregos falavam. Era importante estar atento ao que poderia ser da ordem do ritmo da fala, como também da ordem do literário. Nessa produção sobre o ritmo da língua grega, Saussure (1884 [1921], p. 464) observa que algumas pesquisas indicavam que o alongamento da vogal *omicron* (o) às vezes era interpretada como sendo "[...] Originalmente uma licença poética, e na prosa uma imitação dos poetas."⁷³

A partir de 1884, segundo consta no *Recueil*, apenas um trabalho é publicado, cujo título é *Comparatifs et superlatifs germaniques de la forme inferus, infimus*. No entanto, no ano de 1889, Saussure volta a publicar trabalhos no *Mémoires de la Société de Linguistique*, relativos aos estudos etimológicos e comparativos das línguas grega, latina, sânscrita e germânica.

⁷¹ Tradução nossa de: "[...] certaines formes grecques gardent la trace d'une ancienne loi rythmique, limitative du nombre de syllabes brèves qui peuvent se suivre dans un mot, et si l'on cherche à formuler cette loi, on la trouve conforme aux règles du vers épique, et, comme elles, indépendante de l'accentuation."

⁷² Tradução nossa de: "[...] le plus ancien rythme poétique des Grecs n'était pas en quelque mesure dicté d'avance par cette cadence naturelle de leur parler".

⁷³ Tradução nossa de: "[...] originairement une licence chez les poètes, et en prose une imitation des poètes".

Dentre esses trabalhos, destacamos o resumo de uma comunicação oral, datada de 26 de janeiro de 1889 e publicada no *Recueil* (1921, p. 602), em que diz: "Sr. Saussure fez uma comunicação sobre certos detalhes da versificação homérica. Fora da lacuna, que ele não examina, seria preciso, segundo ele, reconhecer um valor no final da palavra."⁷⁴ Embora no *Recueil* haja somente a publicação do resumo, esse trabalho foi abordado por Pierre Yves-Testenoire em dois momentos: no artigo de 2008, intitulado *Sur une philologie anagrammatique : rencontre d'un linguiste (Saussure) et d'un poète (Tzara)* e em seu trabalho de 2013, *Ferdinand de Saussure: À la recherche des anagrammes*.

Segundo Testenoire (2013, p. 37), os manuscritos preparatórios dessa comunicação encontram-se na Biblioteca de Genebra e são "[...] constituídos principalmente de painéis estatísticos sobre as inflexões métricas em Homero."⁷⁵ O objetivo de Saussure nesse manuscrito é pautado na hipótese de que as diéreses podem ter um valor estrutural no hexâmetro grego, ou seja, "[...] Que elas correspondem ou não a uma ruptura, quer dizer, a uma pausa sintática no verso."⁷⁶ (TESTENOIRE, 2013, p. 37).

De um modo geral, a análise de Testenoire (2013) mostra que o mestre genebrino se preocupava com a quantidade de versos analisados, apesar de se constituir em um trabalho de caráter estatístico. De acordo com esse autor, nada há nesses manuscritos que indicasse tratar-se de uma lei secreta. Entretanto, Saussure não conseguiu estabelecer uma explicação aceitável para o fenômeno. O que chama nossa atenção, todavia, é o fato de que a utilização do método estatístico era uma estratégia de Saussure para se proteger de toda a subjetividade que a pesquisa pudesse refletir (TESTENOIRE, 2013, p. 41).

É possível notar, a partir da breve exposição dessa pesquisa, que Saussure adentrava em terrenos poucas vezes, ou nunca, trilhados por outros linguistas. E se o fazia não se deixava induzir por uma ilusão quanto à possibilidade de um raro achado, como se estivesse sendo o inventor da roda. Não. Saussure tinha os pés no chão e, assim como havia feito no *Mémoire* - quando analisava primeiro o saber erudito da época- é possível alegar que nesses dois trabalhos sobre a língua e a literatura grega, de 1884 e de 1889, o saber até então estabelecido era levado em conta. Porém, homem de visão

⁷⁴ **Tradução nossa de:** "M. de Saussure fait une communication sur certains détails de la versification homérique. En dehors de la césure, qu'il n'examine pas, il faudrait selon lui reconnaître une valeur à la fin de mot."

⁷⁵ **Tradução nossa de:** "[...] principalement constitués de tableaux statistiques sur les diéreses métriques chez Homère".

⁷⁶ **Tradução nossa de:** "[...] qu'elles correspondent ou non à une coupe, c'est-à-dire à une pause syntaxique dans les vers."

como era, buscava sempre ir além do que a gramática comparada e os estudos filológicos realizavam.

Tal posicionamento teórico refletia seu amadurecimento acadêmico após uma década em Paris. Já projetando voltar à Genebra, por volta de 1890, alguns autores ressaltam que Saussure avançara de tal forma em suas reflexões teóricas que noções como as de sistema e de língua enquanto fato social foram forjadas durante esse período parisiense (SANDERS, 2004). Se é possível associar reflexões teóricas elaboradas em Paris com algumas futuras reflexões propostas nos *cursos de linguística geral*, divisamos que o linguista também elaborava determinadas pesquisas que apontavam para aquilo que em 1894 ele chamaria de seu gosto pelo prazer histórico, ou seu interesse pelo lado pitoresco das línguas.

Verificamos também que não deixou de produzir no período de docência em Paris, o que não torna possível considerar que houve um silenciamento por parte dele durante a década de 1880. Ao contrário, vimos que, além das aulas de Gramática Comparada, fazendo-o da melhor maneira que sabia, Saussure participou de comunicações linguísticas e as publicou em alguns periódicos da Universidade de Paris. Constatamos, assim, três formas de não silenciamento.

1.5 - De volta à Genebra: Uma tensão entre língua e história

"[...] A língua é uma parte importante da bagagem das nações
e contribui para caracterizar uma época, uma sociedade."⁷⁷
(SAUSSURE, 1891 [1990], p. 5)

Observamos, até esse momento, que Saussure, colegial, mostrava um crescente interesse pelo universo do indo-europeu, isto é, pelas línguas e pela história dos povos falantes dessas línguas, chegando ao ponto de ser associado da *Sociedade Linguística de Paris*, antes de ser um universitário. Já em Leipzig, entre 1876 e 1879, teve uma formação estritamente voltada para os estudos históricos das línguas. Ali, conheceu perspectivas linguísticas diversas (naturalista, romântica, positivista etc.), publicou o livro conhecido como *Mémoire* e defendeu sua tese, ambas as produções voltadas para os estudos da gramática comparada.

Tal formação diacrônica qualificava-o como um especialista na linguística indo-europeia. E é com esse perfil acadêmico que Saussure opta em finalizar sua formação comparatista na Universidade de Paris, a partir de 1880. Na França, Ferdinand de

⁷⁷ Tradução nossa de: "[...] la langue est une partie importante du bagage des nations et contribue à caractériser une époque, une société."

Saussure conclui seus estudos universitários até 1881, iniciando a carreira docente nessa mesma Instituição. Após lecionar durante quase dez anos, decide retornar à sua cidade natal, Genebra, no ano de 1891, no auge de seus 34 anos de idade.

Um dos registros que inauguram esse momento inicial de Saussure em Genebra é o conjunto de manuscritos, editados e publicados pela primeira vez por Rudolf Engler, em 1968, os quais remetem às conferências pronunciadas por ele em novembro de 1891, na Universidade de Genebra. Esse conjunto de manuscritos, que já foi editado e publicado algumas vezes após esta primeira edição⁷⁸, se divide em três: i) *Première conference à l'Université de Genève*, ii) *Deuxième conference à l'Université de Genève* e iii) *Troisième conference à l'Université de Genève*.

Neste tópico, faremos referência a uma parte da Primeira Conferência, cujos objetivos foram, além de abordar os limites da linguística, interrogar qual o seu objeto, e examinar a relação entre língua, ou línguas, e história. Deparamo-nos aqui com o mestre suíço fazendo menção a dois linguistas do século XIX: Adolph Pictet e August Schleicher. Sobre Pictet, Saussure abre um lugar de destaque nesse momento de reflexão. Além de ter sido também um cidadão de Genebra, Saussure (1891 [1974], p. 5) ressalta que Pictet foi o primeiro a conceber a possibilidade de examinar a língua "[...] como testemunho das idades pré-históricas [...]"⁷⁹ Tal reconhecimento, em 1891, reafirma a importância desse linguista para Saussure, passadas quase duas décadas desde os primeiros diálogos com Pictet, demonstrando também uma significativa correspondência nos estudos linguísticos: a relação entre língua e história.

No que concerne a August Schleicher, considerado como um dos precursores do naturalismo linguístico, o genebrino relembra a ilusão de que, em um determinado momento, a linguística "[...] Convencera-se de que era uma ciência natural, "quase uma ciência física" [...]"⁸⁰ (SAUSSURE, 1891 [1974], p. 7). Opondo-se a esse posicionamento, Saussure, nessa conferência, defenderá os motivos que levam a linguística a ser classificada como uma ciência histórica. A partir disso, é possível observar nessa primeira conferência que o adjetivo *histórico* será correlacionado a duas visões sobre a língua:

- i) a língua na história;
- ii) a história da língua.

⁷⁸ As edições foram as de Bouquet e Engler (2002), Matsuzawa (2006), Silveira (2007; 2008), pesquisadora brasileira sobre os manuscritos saussurianos, tem dedicado sua atenção à análise das diferentes edições das Três Conferências de 1891, principalmente em seu artigo de 2008, intitulado *Abordagens distintas de um manuscrito saussuriano*.

⁷⁹ **Tradução nossa de:** "[...] comme témoin des âges préhistoriques [...]"

⁸⁰ **Tradução nossa de:** "[...] s'était persuadée à elle-même qu'elle était une science naturelle, <presque une science physique> [...]"

Longe de serem excludentes, esses dois pontos se entrecruzam e atuam como duas bases no pensamento saussuriano: uma base histórica e uma base linguística.

A propósito, a escolha desta tese recai sobre o ponto de vista de base histórica, pois sustentamos que a produção saussuriana sobre os anagramas insere-se neste perfil histórico, ou seja, da *língua na história*. Sobre esse recorte, é preciso fazer duas ponderações:

i) de que se há uma base estritamente linguística no pensamento saussuriano, trata-se de um viés de caráter estritamente linguístico, o qual dispensa, por exemplo, qualquer relação com outras disciplinas que não a linguística⁸¹. Podemos certificar que essa base será aplicada com maior evidência a partir dos cursos de linguística geral, quando Saussure passa a distinguir, com precisão, uma linguística sincrônica (ou estática) e uma linguística diacrônica (ou evolutiva);

ii) que o percurso trilhado por Saussure, começando pelos primeiros diálogos com a linguística indo-europeia, depois seu contato e formação como um linguista indo-europeu em Leipzig e seu percurso acadêmico em Paris, resume, de maneira implícita, a tensão entre o dever e o prazer do linguista, ainda que a linguística fosse estritamente histórica.

Uma vez posta a tensão não excludente entre ambas as bases, passemos a algumas considerações sobre a base histórica. A princípio, Saussure acrescenta que abordar os fatos linguísticos sob o prisma da base histórica pode ser "[...] Um pouco superficial ouvir que a linguística é uma ciência histórica [...]"⁸² (SAUSSURE, 1891 [1990], p. 5). Embora pareça desqualificar essa base, essa maneira um pouco superficial constitui um espaço teórico importante não apenas para o linguista, mas também para o historiador, haja vista que "[...] A língua é uma parte importante da bagagem das nações e contribui para caracterizar uma época, uma sociedade."⁸³ (*idem, ibidem*).

Nessa perspectiva da língua na história, Saussure utiliza o exemplo da presença dos idiomas célticos nos territórios da Gália que, após a longa ocupação romana, passaram por um lento processo de desaparecimento. A nosso ver, a base *língua na história* pode ser pensada analogamente como sendo uma experiência química, na qual as condições do ambiente, como a pressão atmosférica, gravidade etc., podem afetar o comportamento de determinados corpos. No caso do povo gaulês, Saussure parece

⁸¹ É quase impossível dizer que a linguística histórica, ou diacrônica como a conhecemos hoje, prescindisse dessa relação com outras disciplinas. Todavia, ao levar em conta o que hoje se conhece do pensamento saussuriano a partir do CLG, tal independência da linguística para com outras disciplinas só foi possível a partir dos estudos sincrônicos propostos pelo genebrino.

⁸² Tradução nossa de: "[...] un peu superficielle d'entendre que la linguistique est une science historique [...]."

⁸³ Tradução nossa de: "[...] la langue est une partie importante du bagage des nations et contribue à caractériser une époque, une société."

indicar que um determinado idioma céltico poderia ter seguido um percurso diverso caso não houvesse a ocupação românica.

Na continuidade explicativa dessa base histórica, o mestre genebrino dá outro exemplo:

Há poucos historiadores que observam que os nomes dos chefes hunos, como Átila, não são nomes hunos, mas nomes germânicos, - o que é a prova de todo um estado de coisas interessantes; e em segundo lugar que esses nomes germânicos não vieram do primeiro dialeto, não são saxões ou escandinavos, mas são claramente góticos.⁸⁴ (SAUSSURE, 1891 [1990], p. 5)

Para Saussure, o historiador poderia ser bastante beneficiado com o conhecimento etimológico dos nomes próprios. Ao levar em conta aspectos como a história dos hunos, povos de origem asiática, o historiador pode problematizar o fato de o rei Átila ter um nome de origem gótica, língua falada pelos godos, bárbaros de origem germânica. Dessa maneira, a origem do nome gótico em Átila abre uma via para investigar a relação entre ambos os povos bárbaros. A análise do nome Átila não ocorrerá por uma via estritamente linguística, como seria o caso de observar a partir de relações morfológicas entre duas ou mais línguas, tal como é feito nos estudos etimológicos.

Segundo Saussure, pensar a história na língua requer do linguista a consciência de que determinados fatos históricos podem afetar o percurso da língua. Um exemplo disso é a relação entre a língua literária e a língua falada. Neste sentido, se na língua falada não há imobilidade absoluta, a língua literária é dependente de outras condições de existência, "[...] Ela fica geralmente bastante estável, e tende a permanecer idêntica é si mesma [...]"⁸⁵ (SAUSSURE, 1974, p. 193).

Assim, conceber a linguística em nível de uma ciência histórica é também compreender que os fatos de língua e de linguagem envolvem "[...] Atos humanos, regidos pela vontade e inteligência humana, - e que de qualquer maneira devem ser de interesse não somente do indivíduo, mas também, da coletividade."⁸⁶ (SAUSSURE, 1891, [1990], p. 6). De certa forma, entendemos que a base histórica requer que o linguista ultrapasse os limites da língua enquanto objeto homogêneo, adentrando o universo heteróclito da linguagem (SAUSSURE, 1974, p. 17).

⁸⁴ **Tradução nossa de:** "Il y a très peu d'historiens qui remarquent que les noms des chefs hunns, comme Attila, ne sont pas de noms hunns, mais de noms germaniques, - ce qui est la preuve de tout un état de choses fort intéressant; et en second lieu que ces noms germaniques ne sont pas du premier dialecte venu ne sont pas saxons ou scandinaves, mais> sont clairement gothiques."

⁸⁵ **Tradução nossa de:** "[...] elle reste en général assez stable, et tend à demeurer identique à elle-même [...]."

⁸⁶ **Tradução nossa de:** "[...] des actes humains, régis par la volonté et l'intelligence humaine, - et qui d'ailleurs doivent être tels qu'ils <n>intéressent pas seulement l'individu mais <la> collectivité."

Essa relação torna-se mais clara no terceiro curso de linguística geral, quando o linguista expõe a matéria e a tarefa da linguística, no Capítulo II, e teoriza sobre o objeto da linguística no Capítulo III, ambos situados na Introdução do Curso de Linguística Geral. De acordo com Saussure (1974, p. 20),

A matéria da linguística é constituída, em primeiro lugar, por todas as manifestações da linguagem humana, quer se tratasse de povos selvagens ou de nações civilizadas, de épocas arcaicas, clássicas ou de decadência, tendo em conta, em cada período, não somente a linguagem correta e a “linguagem bonita”, mas todas as formas de expressão. Isso não é tudo: como a linguagem escapa, na maioria das vezes, a observação, o linguista terá de levar em conta textos escritos, pois somente eles o fazem conhecer os idiomas passados ou distantes [...].⁸⁷ (SAUSSURE, 1974, p. 20)

Uma vez que a matéria da linguística é ampla, abrangendo todas as manifestações da linguagem humana, vale pontuar que toda a produção que envolva uma atividade de língua, sem qualquer exceção, faz parte dessa matéria. Tomemos novamente o exemplo da língua literária, a qual se liga, na maioria dos casos, à língua escrita. O linguista indo-europeísta vivenciava constantemente o contato com a língua literária, uma vez que o acesso às línguas clássicas ocorria por esta forma de linguagem, estivesse esta língua registrada em um pergaminho, em papiro ou mesmo em monumentos antigos.

Em relação à tarefa da linguística, a base histórica parece ficar ainda mais evidente. Dessa tarefa geral, as quais o mestre genebrino sinaliza como sendo três, destacamos a primeira, que é “[...] Fazer a descrição e a história de todas as línguas que ela poderá alcançar, o que equivale a fazer a história das famílias de línguas e reconstituir à medida do possível as línguas maternas de cada família [...]”⁸⁸ (SAUSSURE, 1974, p. 20). É interessante visualizar como essa primeira tarefa espelha grande parte das pesquisas produzidas por Saussure ao longo de seu percurso na gramática comparada.

Entendemos que o percurso de Saussure e suas respectivas produções linguísticas, mais especificamente em Leipzig e em Paris, a partir das diversas formas de produções, reflete precisamente o que ele denomina de tarefa e de matéria da

⁸⁷ **Tradução nossa de:** “La matière de la linguistique est constituée d’abord par toutes les manifestations du langage humain, qu’il s’agisse des peuples sauvages ou des nations civilisées, des époques archaïques, classiques ou de décadence, en tenant compte, dans chaque période, non seulement du langage correct et du “beau langage”, mais de toutes les formes d’expression. Ce n’est pas tout: le langage échappant le plus souvent à l’observation, le linguiste devra tenir compte des textes écrits, puisque seuls ils lui font connaître les idiomes passés ou distants [...]”

⁸⁸ **Tradução nossa de:** “[...] de faire la description et l’histoire de toutes les langues qu’elle pourra atteindre, ce qui revient à faire l’histoire des familles de langues et à reconstituer dans la mesure du possible les langues mère de chaque famille [...]”

linguística. No entanto, mais do que compreender que Saussure sempre foi dedicado a essa tarefa, é preciso ressaltar que, se ele assim o fez, não foi por uma imposição, mas por uma opção e por um gosto particular que isso lhe propiciava.

Podemos ver essa escolha já delineada em sua formação acadêmica em Leipzig, quando, em suas memórias de 1903, acabou se conscientizando de que a mudança fonética lhe interessava mais do que a analogia, uma vez que elas se tornavam um desafio para o linguista, por não serem observáveis e por escaparem a uma reflexão na qual o próprio falante pudesse perceber, como é o caso da analogia. Do mesmo modo em Paris, quando observa constantes produções, ainda que de pequeno porte, sobre aspectos etimológicos e literários das línguas indo-europeias.

Dissemos no tópico 1.3, quando abordamos o percurso em Leipzig, que esse posicionamento saussuriano diante da mudança fonética configurou-se como um passo epistemológico, ao distinguir aquilo que somente o linguista pode observar daquilo que o falante pode ter consciência. E esse passo não ficará restrito apenas ao período em solo alemão. Ele será efetuado em cada movimento teórico de suas futuras produções.

De modo retrospectivo, entendemos que essa atitude epistemológica, para não dizer que foi apenas um passo, se alinha com isso que Saussure define como sendo matéria e tarefa da linguística. Em outras palavras, o interesse de Saussure pelo lado histórico da linguística é uma escolha na qual os dados analisados, a metodologia utilizada e as reflexões teóricas produzidas incluem-se nesse domínio maior dos estudos sobre a linguagem, e que é denominado de tarefa e de matéria linguística. Longe de dizer que Saussure simplesmente ignorou a história da língua, o que se nota é a opção por esta base histórica, entrevista em suas diversas produções até aqui examinadas.

É possível compreender essa tensão entre os estudos de base linguística e os estudos de base histórica a partir dos trabalhos da pesquisadora Claudine Normand (2009; 2011). Numa análise epistemológica do pensamento saussuriano, a autora destaca a noção de ponto de vista no pensamento saussuriano. No primeiro trabalho, Normand (2009, p. 45), no tópico *O ponto de vista do locutor e não do conhecedor*, declara que

A inversão operada por Saussure é a de definir o campo da linguística, colocando-se desde o começo na prática da língua, naquilo que consiste a experiência cotidiana de qualquer locutor. Para tanto, é necessário afastar-se, a princípio, o conjunto constituído pela massa de saber gramatical (comparativo e histórico) e dos comentários acumulados pela tradição; deixar de tomar como quadro evidente da descrição o que é resultado de séculos de reflexão sobre a linguagem e, então, questionar o ponto de vista do estudioso: o locutor ordinário

não é um *estudioso*, mas mesmo assim, ele *sabe* falar. Trata-se de descobrir a especificidade desse saber *da* língua, deixando de lado o saber *sobre* a língua. (NORMAND, 2009, p. 45, grifos da autora)

O trecho acima expõe dois tipos de saberes que, *a posteriori*, podemos depreender do pensamento saussuriano, principalmente após a publicação do CLG (1916):

- i) *saber sobre a língua*;
- ii) *saber da língua*.

Conforme descreve Normand (2009), o primeiro saber é o saber que opera sobre o ponto de vista do *conhecedor*, no caso de Saussure, o ponto de vista do linguista do século XIX, que requeria um conhecimento das línguas sob diversos ângulos: histórico, cultural, literário, epigráfico, etnográfico etc. Além disso, esse saber sobre a língua levava o pesquisador a investigar a linguagem humana em suas diversas manifestações, que não somente o funcionamento das línguas em si.

A massa de erudição que o pesquisador acumula ao longo de sua carreira acadêmica figura nesse lugar nomeado de saber sobre a língua, com base nas pesquisas comparativa e histórica sobre as línguas e sobre outras manifestações da linguagem humana. Verificamos que esse saber erudito converge para o ponto de vista proposto por Saussure em 1891 da *língua na história*, nomeado de base histórica, o qual podemos visualizar da seguinte maneira:

língua na história -> saber sobre a língua

No percurso saussuriano, essa relação resulta naquilo que ele nomeará, em 1894, como sendo seu gosto pelo prazer histórico, ou seja, análises voltadas para o lado pitoresco das línguas, que abrangem, dentre os diversos estudos já produzidos desde o período ginasial até pesquisas posteriores aqui demonstradas, como estudos sobre os mitos indianos, lendas germânicas, versificação francesa e, principalmente, sobre os anagramas gregos e latinos.

Numa perspectiva paralela ao saber sobre a língua, Normand (2009) determina o saber da língua, cuja primeira característica é a posição do linguista ante a prática cotidiana de qualquer falante. Como o falante articula sua língua? Como abordar esta língua falada? Neste sentido, o linguista deixa de lado o saber diacrônico das línguas, saber este ignorado pelo falante, e passa a analisar a língua em seu funcionamento sincrônico. Como relata Normand (2009, p. 45) "[...] o locutor ordinário não é um *estudioso*, mas mesmo assim, ele *sabe* falar. Trata-se de descobrir a especificidade desse saber *da* língua, deixando de lado o saber *sobre* a língua".

Logo, o saber sobre a língua remete aos estudos linguísticos de base histórica, ou seja, volta-se ao ponto de vista da língua na história. Já o saber *da* língua opera numa base essencialmente linguística, a qual se relaciona com a história da língua, pois o que está em jogo é seu funcionamento, e não o saber erudito que orbita em torno dessa língua. Embora seja possível alegar que, de modo específico, a história da língua se liga a uma perspectiva diacrônica, novamente ressaltamos que a posição do linguista não é mais o saber sobre a língua, a erudição que envolve seu estudo, mas uma perspectiva que incide no funcionamento da língua, que culmina em observar a sincronia dessa língua.

Assim, acreditamos que a inversão operada no Curso de Linguística Geral, na qual se observa a prática da língua a partir do ponto de vista do falante e da delimitação da língua enquanto objeto, remete ao momento em que o mestre genebrino, na primeira conferência de 1891, distingue os estudos linguísticos de base histórica dos estudos de base linguística. Nesse aspecto, percebemos que quando Saussure relaciona a experiência do falante ao saber *da* língua, essa relação pode ser estendida ao ponto de vista nomeado de *história da língua*. Apesar da possibilidade de questionar que essa visão nos remete à diacronia da língua, não podemos negar que a sincronia da língua é perpassada pela história dessa língua, embora esse saber *da* língua esteja obliterado⁸⁹.

De acordo com o que foi exposto, entendemos que as reflexões saussurianas na *Primeira Conferência*, para não citar as demais, são de capital importância no percurso do linguista. A distinção entre *língua na história* e *história da língua* engendra uma reflexão que antecipa duas importantes teorizações: a tensão entre o dever de linguista e o prazer histórico, que veremos no tópico a seguir, assim como a delimitação entre diacronia e sincronia, ainda que com algumas ressalvas.

É preciso notar, sobretudo, que estas primeiras reflexões de Saussure em 1891 apontam para um percurso que já estava sendo construído desde a década anterior, e que as perspectivas expostas nessa primeira conferência refletem um genebrino buscando delimitar a tarefa do linguista, o lugar da linguística e seu objeto. De fato, é um passo nesse percurso que refletirá na carta de 1894, nos anos de pesquisa que terá pela frente,

⁸⁹ De Lemos (2000) e Silveira (2007) abordam essa relação entre diacronia e sincronia na perspectiva do falante a partir da ideia de obliteração. Segundo as autoras, o falante não toma conhecimento da diacronia, isto é, das mudanças fonéticas e fonológicas que operam entre os diferentes estados de sua língua; esse desconhecimento indica que a história de sua língua encontra-se obliterada pela sua sincronia. No entanto, convém ressaltar, como expressa Saussure (1970), que não há imobilidade absoluta nos fatos de língua, e que de momento a momento ocorrem deslocamentos entre o significante e o significado de uma língua. Isso indica, portanto, a presença do princípio de mutabilidade linguística, imperceptível para o falante, obliterado, mas inegável enquanto funcionamento de sua própria língua.

até chegar aos cursos de linguística geral, os quais marcarão seu percurso a partir da obra póstuma *Curso de Linguística Geral*.

Insistimos, dessa forma, no aspecto concomitante e não de exclusão ou de oposição entre ambas as perspectivas teóricas sobre os fatos de língua e de linguagem, de Ferdinand de Saussure. Enquanto linguista, ele está ciente de que há um modo de abordar a língua a partir de sua história, até chegar à perspectiva do falante, assim como está ciente de se fazer uma linguística mais "superficial", que, para nós, remete ao que ele nomeará como linguística externa. Neste sentido, aquilo que pode ser dado como uma exterioridade da linguística, digamos, geral, ou do funcionamento da língua em si, será representado por produções que abrangem todas as manifestações da linguagem humana. São produções que analisam o lado pitoresco das línguas e, ainda mais: promovem certo prazer histórico para o mestre genebrino, conforme veremos no tópico a seguir.

1.6 - Uma carta à Meillet: o prazer histórico anunciado

*"Sem cessar a inépcia absoluta da terminologia corrente,
a necessidade de reformá-la, e de mostrar para isso
que espécie de objeto é a língua em geral,
vem estragar meu prazer histórico [...]"⁹⁰
(SAUSSURE 1894 [1964], p. 95)*

Num momento em que o fazer linguística se sustentava por uma abordagem histórica (ou diacrônica), a análise da língua na história caminhava concomitantemente com a análise da história da língua. Abordar uma mudança fonética, isto é, analisar a história da língua na perspectiva dessa mudança, não impedia o pesquisador de investigar outros aspectos envolvidos nesse percurso de mutação linguística, ou seja, a língua na história. Por exemplo, a mudança de uma forma qualquer poderia ser seguida de um estudo histórico e cultural da época em que possivelmente essa alteração havia ocorrido.

Tratava-se, portanto, de observar os fatos linguísticos sob o prisma da língua na história. Nesse caso, os estudos eram diversificados, abrangendo pesquisas no campo da etimologia, da literatura, das lendas, dos mitos etc. Em resumo, eram estudos voltados para todas as manifestações da linguagem humana e que pertencem à matéria da linguística (cf. tópico 1.5). Acima de tudo, o fazer ciência caminhava com a erudição, a

⁹⁰ **Tradução nossa de:** "Sans cesse l'ineptie absolue de la terminologie courante, la nécessité de la réforme, et de montrer pour cela quelle espèce d'objet est la langue en général, vient gâter mon plaisir historique [...]."

qual não se restringia apenas ao conhecimento das línguas, mas a uma instrução ampla sobre as condições dos povos que falavam estas línguas.

Ao perceber o cenário resultante da relação entre a língua e a história, e se conscientizar da presença desses dois pontos de vista, Saussure é direcionado a questionar o papel da linguística em sua prática científica. Deveria ele ser um erudito das línguas, ou um analista de sua própria língua, ainda que essa análise fosse estritamente diacrônica? Deveria ele abrir mão de ser um cavaleiro de vários domínios, para dedicar-se a apenas um único domínio, ou seria possível conviver em mais de um território⁹¹?

Nessa tensão, a carta de 1894 surge como uma forma de manifesto, ou, conforme Silveira (2014), um desabafo intelectual.⁹² Um desabafo é uma ação de quem quer desembaraçar-se de algo, de se manifestar contra algo que o contraria, que o amarra, e que tem se tornado uma espécie de fardo. Na carta, Saussure está abordando o artigo escrito por Meillet sobre a acentuação da língua grega, convidando seu ex-aluno para o Congresso de Orientalistas, expondo seu artigo sobre a entonação do lituano, quando, inesperadamente, diz:

Mas estou bem aborrecido com tudo isso, e com a dificuldade que geralmente existe em escrever somente dez linhas tendo o sentido comum em matéria de fatos de linguagem. Preocupado há muito tempo com a classificação lógica desses fatos, da classificação dos pontos de vista sob os quais nós os tratamos, eu vejo cada vez mais a imensidade de trabalho que seria preciso para mostrar ao linguista o que ele faz; reduzindo cada operação à sua categoria prevista; e ao mesmo tempo a grande vaidade de tudo o que se pode fazer finalmente na linguística.⁹³ (SAUSSURE, 1894 [1964], p. 95).

A primeira parte desse trecho, que revela a dificuldade de Saussure em escrever dez linhas em matéria de fatos de linguagem é, geralmente, ignorada pelos estudiosos

⁹¹ Cavaleiro de diversos domínios, uma expressão utilizada por Saussure (1974, p. 25) no Curso de Linguística Geral, quando faz uma distinção entre os fatos de linguagem e os fatos de língua.

⁹² Esta missiva, escrita por Saussure a Antoine Meillet, em 04 de janeiro de 1894, foi cedida, juntamente com outros manuscritos, pelos filhos de Saussure, Jacques e Raymond de Saussure, à Biblioteca de Genebra, em 1955, sendo catalogada por Robert Godel em 1960, com o registro Ms. fr. 3957, conforme dados do Cahiers Ferdinand de Saussure, número 17. A primeira publicação dessa missiva foi feita por Godel, em 1957, quando publicou *Les sources manuscrites du Cours de Linguistique Générale*, embora não a tenha publicado integralmente. Já a segunda publicação foi realizada por Émile Benveniste, em 1964, no *Cahiers Ferdinand de Saussure*, número 21, então publicada integralmente. Utilizaremos a publicação efetuada por Benveniste (1964), o qual publica outras cartas de Saussure à Meillet. Fazemos uma ressalva no que tange à disponibilização desse manuscrito para a Biblioteca de Genebra: afirmamos que ela foi publicada por Godel após ter sido entregue pelos filhos de Saussure a essa biblioteca. No entanto, Benveniste expressa que essa carta, junto com outras, foi cedida pela esposa de Meillet. Não trataremos dessa questão, deixando-a em aberto para uma investigação de cunho historiográfico do pensamento saussuriano.

⁹³ **Tradução nossa de:** "Mais je suis bien dégoûté de tout cela, et de la difficulté qu'il y a en général à écrire seulement dix lignes ayant le sens commun en matière de faits de langage. Préoccupé surtout depuis longtemps de la classification logique de ces faits, de la classification des points de vue sous lesquels nous les traitons, je vois de plus en plus à la fois l'immensité du travail qu'il faudrait pour montrer au linguiste ce qu'il fait; en réduisant chaque opération à sa catégorie prévue; et en même temps l'assez grande vanité de tout ce qu'on peut faire finalement en linguistique."

que abordam essa carta. Para alguns autores, entre os quais citamos Starobinski (1974), Calvet (1975), De Lemos (1995), Normand (2009) e Silveira (2014), esse trecho é analisado como uma espécie de introdução ao raciocínio de Saussure, quando ele destaca sua dificuldade em fazer linguística e preocupação ante a tarefa que parece pesar-lhe os ombros: mostrar ao linguista o seu papel.

Nesse momento, vale ressaltar esse desabafo de Saussure. Para nós, não se trata daquilo que ficou conhecido como o *horror doentio pela pena*, por parte de Saussure. Antes, porém, refere-se à árdua tarefa que todo pesquisador enfrenta: expor, demonstrar os fatos de língua e de linguagem, tanto em sua mutabilidade como em sua continuidade no tempo. Em resumo, além de mostrar ao linguista o seu dever, ele deveria expor também com que tipo de objeto o pesquisador estava lidando.

Todavia, nosso objetivo é sinalizar e dizer que essa dificuldade reflete um modo de Saussure fazer linguística, no sentido de que, no que diz respeito a investigar os fatos de linguagem, os resultados não são tomados como evidentes⁹⁴. Para complementar essa ideia, vale destacar uma passagem de um rascunho de carta, abordada por Starobinski (1974, p. 11), cujos ecos dizem:

Para mim, quando se trata de linguística, isto é acrescido pelo fato de que toda teoria clara, quanto mais clara for, mais inexprimível em linguística ela se torna, porque acredito que não exista um só termo nesta ciência que seja fundado sobre uma ideia clara e que assim, entre o começo e o fim de uma frase, somos cinco ou seis vezes tentados a refazê-la. (SAUSSURE apud STAROBINSKI, 1974, p. 11)

Ambos os trechos nos levam para o embaraço de Saussure em escrever algo sobre linguística, aqui entendida no sentido *latu* do termo: uma ciência que estuda os fatos de língua e de linguagem, isto é, que aborda esses fatos sob os prismas da língua *na* história e da história *da* língua. Quanto a essa dificuldade, Starobinski (1974) retoma-a para assinalar que, nos anagramas, há também uma certeza que escapa, e que é preciso elaborar uma lei para o fato anagramático.

Fica claro, dessa forma, que a incerteza nos anagramas também reflete essa não evidência sobre os fatos de linguagem. A dificuldade em escrever dez linhas sobre linguística, a certeza que escapa nos anagramas, como serão abordadas no segundo capítulo, não impedem, todavia, que Saussure escreva. Analisaremos, ainda, algumas formas com que essa dificuldade se manifesta, e como Saussure faz para enfrentá-la: a

⁹⁴ Essa noção de abordar os fatos de linguagem como não evidente remete à fala da Profa. Dra. Maria Fausta Cajahyba Pereira de Castro (Unicamp), quando de sua apresentação oral no evento XII SILEL, na cidade de Uberlândia – MG, sobre o tema Saussure e o tempo, que disse: para ser leitor de Saussure, hoje, seria necessário "[...] reencontrá-lo na sua própria inquietação e dúvida ou, como já disse tão bem Milner, é não tomar nada que diga respeito à linguagem como evidente".

quantidade de rasuras nos manuscritos sobre linguística geral, a constante reformulação terminológica e conceitual em ambas as bases investigativas (língua na história e história da língua), a não publicação dos manuscritos sobre linguística geral e, por último, o silêncio de Saussure sobre os anagramas, quando ministra os cursos de linguística geral em Genebra.

Veremos que esse obstáculo se manifesta como o silêncio a que Saussure faz menção, na carta à Louis Havet, em 1910. Entretanto, se por um lado tal dificuldade ecoa nesse silêncio nomeado pelo próprio Saussure, por outro lado observa-se um enfrentamento em seu percurso de linguista. A preocupação de Saussure se faz presente há tempos e, nesse momento de 1894, ela aflora, levando Saussure a tomar como sua responsabilidade "[...] Mostrar ao linguista o *que ele faz* [...]"⁹⁵ (SAUSSURE, 1894 [1964], p. 95, grifo do autor). Mas como ser um guia para o linguista do final do século XIX? É necessário mostrar como abordar as operações, ao mesmo tempo conscientizar o linguista de tudo o que se pode fazer no domínio dos fatos de língua e de linguagem.

Robert Godel (1957), em sua busca pelas fontes do CLG, destaca a carta de 1894 contextualizando-a com duas audiências realizadas entre Saussure e dois de seus alunos, Albert Riedlinger, em 19 de janeiro de 1909, e Léopold Gautier, em 06 de maio de 1911. Na primeira audiência, Riedlinger observa que Saussure esteve ocupado com seus estudos linguísticos durante quinze anos, o que nos remete praticamente a 1894, e que por isso ele tiraria algum tempo de férias.

Para além desse fato, o aluno resgata uma passagem da audiência, ressaltando que "O que faz a dificuldade do tema, é que se pode tomá-lo, como alguns teoremas de geometria, de vários lados: tudo é corolário um do outro em linguística estática."⁹⁶ Novamente, a ideia de bloqueio se apresenta aqui, mas agora exposta em uma clara relação com a linguística estática, ou sincrônica, tendo a ideia de geometria como pano de fundo, numa referência às operações enunciadas em 1894. Nesse aspecto, o obstáculo ainda permanece, uma vez que, mesmo na linguística estática, há relações, e estas são indícios de uma pluralidade de lugares a serem examinados.

Na audiência de 1911, a dificuldade aparece sob uma nova forma: como expor a complexidade da linguística estática para alunos iniciantes? Nas palavras do genebrino

Encontro-me diante um dilema: ou bem expor o tema em toda sua complexidade e dedicar todas minhas dúvidas, o que não pode ser apropriado para um curso que deve ser material de estudo. Ou bem

⁹⁵ Tradução nossa de: "[...] montrer ce au linguiste qu'il fait [...]."

⁹⁶ Tradução nossa de: "Ce qui fait la difficulté du sujet, c'est qu'on peut le prendre, comme certains théorèmes de géométrie, de plusieurs côtés: toute est corollaire l'un de l'autre en linguistique statique [...]."

fazer alguma coisa simplificada, melhor adaptada a um auditório de estudantes que não são linguistas.⁹⁷ (SAUSSURE apud GODEL, 1957, p. 30)

Mesmo que em ambas as audiências a necessidade de mostrar ao linguista o que ele deve fazer não apareça, percebe-se a dificuldade já exposta em 1894, agora sob a forma de um dilema, no que se refere à exposição teórica sobre os fatos linguísticos, agora inseridos numa perspectiva sincrônica. Nesse momento, o peso não está em mostrar ao linguista o que ele faz, mas na consciência do imenso trabalho que Saussure tem para mostrar os fatos de língua em sua complexidade, digamos, sincrônica, para seu grupo de alunos, linguistas em formação.

Uma vez expostas essas duas audiências, Godel (1960) passa para a carta de 1894, considerando-a como o momento em que Saussure de fato lança as bases para futuras reflexões linguísticas. Para darmos continuidade, reproduzimos a última parte da carta de 1894, conforme proposta desse tópico:

É, em última análise, apenas o lado pitoresco de uma língua, o que faz com que ela difere de todas as outras como pertencente a determinado povo tendo certas origens, é este lado quase etnográfico, que conserva, para mim, um interesse: e precisamente não tenho mais o prazer de poder me envolver com esse estudo sem pensar e apreciar o fato particular tomando um ambiente particular.

Sem cessar a inépcia absoluta da terminologia corrente, a necessidade de reformá-la, e de mostrar para isso que espécie de objeto é a língua em geral, vem estragar meu prazer histórico, embora não tenha mais desejo que não ter de me ocupar da linguagem em geral.

Isso acabará apesar de mim, por um livro em que, sem entusiasmo nem paixão, explicarei porque não há um único termo empregado em linguística que concedo um significado qualquer. E somente depois disso, confesso, poderei retomar meu trabalho no ponto em que o deixei.⁹⁸ (SAUSSURE 1894 [1964], p. 95)

Nesse trecho da carta de 1894, há alguns pronunciamentos de Saussure que podem ser tomados como uma espécie de declaração pessoal, e não somente como um desabafo intelectual. Tais declarações orbitam em torno de duas expressões enunciadas

⁹⁷ **Tradução nossa de:** "Je me trouve placé devant un dilemme: ou bien exposer le sujet dans toute sa complexité et a vouer tous mes doutes, ce qui ne peut convenir pour un cours qui doit être matière à examen. Ou bien faire quelque chose de simplifié, mieux adapté à un auditoire d'étudiants qui ne sont pas linguistes."

⁹⁸ **Tradução nossa de:** "C'est, en dernière analyse, seulement le côté pittoresque d'une langue, celui qui fait qu'elle diffère de toutes autres comme appartenant à certain peuple ayant certaines origines, c'est ce côté presque ethnographique, qui conserve pour moi un intérêt: et précisément je n'ai plus le plaisir de pouvoir me livrer à cette étude sans arrière pensée, et de jouir du fait particulier tenant à un milieu particulier. Sans cesse l'ineptie absolue de la terminologie courante, la nécessité de la réforme, et de montrer pour cela quelle espèce d'objet est la langue en général, vient gêner mon plaisir historique, quoique je n'aie pas de plus cher vœu que de n'avoir pas à m'occuper de la langue en général. Cela finira malgré moi par un livre où, sans enthousiasme ni passion, j'expliquerai pourquoi il n'y a pas un seul terme employé en linguistique auquel j'accorde un sens quelconque. Et ce n'est qu'après cela, je l'avoue, que je pourrai reprendre mon travail au point où je l'avais laissé."

por Saussure: *lado pitoresco de uma língua e prazer histórico*. Segundo Godel (1960, p. 31), essas declarações podem não ter explicações plausíveis, pois poderiam refletir apenas o gosto particular de Saussure por paradoxos ou algum embasamento teórico do qual seria melhor não aventurar uma resposta. Essa cautela de Godel (1960), em sequer cogitar um direcionamento objetivo para estas expressões, é justificado em certa medida, se as tomarmos de forma isolada, seja dos outros enunciados da carta, ou do próprio percurso de Saussure acompanhado até aqui.

Reprisamos, novamente, o desabafo intelectual de Saussure, vislumbrado na necessidade de mostrar ao linguista o que ele faz, e agora na crítica à terminologia e no dever de também mostrar que tipo de objeto é a língua:

É, em última análise, apenas o lado pitoresco de uma língua, o que faz com que ela difere de todas as outras como pertencente a determinado povo tendo certas origens, é este lado quase etnográfico, que conserva, para mim, um interesse: e precisamente não tenho mais o prazer de poder me envolver com esse estudo sem pensar e apreciar o fato particular tomando um ambiente particular.⁹⁹ (SAUSSURE 1894 [1964], p. 95)

Essa declaração, localizada no cerne do desabafo intelectual, parece ter um efeito de corte, uma espécie de cesura, em seu dever enquanto linguista, sem que este dever seja abandonado. Após o mestre genebrino alegar seu desgosto e dificuldade em escrever dez linhas sobre os fatos de linguagem, ele afirma, bruscamente, que é somente o lado pitoresco das línguas que realmente lhe interessa. Mas que lado é esse? A língua não teria apenas um lado, aquele que virá a ser configurado *um sistema de signos linguísticos, perpassado por relações de valores?* (cf. SAUSSURE, 1974)

Uma ideia desse lado pitoresco, embora pouco desenvolvida, é dada quando Saussure complementa que esse lado é o que faz com que uma língua seja diferente "[...] de todas as outras como pertencente a determinado povo tendo certas origens, é este lado quase etnográfico [...]"¹⁰⁰ (SAUSSURE 1894 [1964], p. 95). Pitoresco, enquanto algo que é singular, único, não remete necessariamente às características linguísticas que cada língua possui, tais como seus aspectos fonéticos e fonológicos, por exemplo. Trata-se antes de uma relação particular entre a língua e as pessoas que a falam, entre a língua e a história de seus falantes.

⁹⁹ **Tradução nossa de:** "C'est, en dernière analyse, seulement le côté pittoresque d'une langue, celui qui fait qu'elle diffère de toutes autres comme appartenant à certain peuple ayant certaines origines, c'est ce côté presque ethnographique, qui conserve pour moi un intérêt: et précisément je n'ai plus le plaisir de pouvoir me livrer à cette étude sans arrière pensée, et de jouir du fait particulier tenant à un milieu particulier."

¹⁰⁰ **Tradução nossa de:** "[...] de toutes autres comme appartenant à certain peuple ayant certaines origines, c'est ce côté presque ethnographique [...]."

1.7 - Saussure em Genebra: da língua à literatura

*Sou bem pouco versado na literatura sânscrita.
Ocupado simplesmente com estudos linguísticos, abordei
a Índia somente pelo ponto de vista de sua linguagem..¹⁰¹
(SAUSSURE, 1894 [1993], p. 223)*

No tópico anterior, analisamos o importante papel desempenhado pela carta de Saussure à Meillet, quando declara ao seu interlocutor o apreço particular que a pesquisa do lado pitoresco das línguas lhe proporciona, o que ele denomina de seu *prazer histórico*. E vimos que essa declaração é acompanhada de um desabafo intelectual, em que Saussure expõe a necessidade de fazer algo ante os obstáculos que se apresentam no fazer linguístico em fins do século XIX. Neste sentido, esse dever de linguista acaba por frustrar o gosto de Saussure pela pesquisa histórica das línguas.

Embora o mestre suíço esteja consciente de seu dever enquanto linguista, é possível notar que em momento algum ele abandona seu prazer histórico, como destacam De Lemos (1995) e Silveira (2014). Ao contrário, observa-se que os estudos de base histórica serão intensificados a partir de 1894. É possível dizer, ainda mais, que eles se desenvolvem em paralelo a importantes produções de base linguística e que, apesar do diálogo entre si, seguem percursos distintos, possuindo suas próprias órbitas.

Nessa órbita do prazer histórico, as produções geralmente não são destinadas à circulação pública, como ressalta Silveira (2014), a propósito dos manuscritos sobre as *Três Conferências*, de 1891, o *Essência dupla da linguagem*, provavelmente do início da década de 1890, e *Notas sobre a acentuação lituânia* (1894). Vale ressaltar, em tempo, essa diferença entre as produções destinadas à circulação pública, os quais geralmente eram utilizados em seus cursos de linguística geral, e aqueles que Saussure desenvolvia, trabalhando com certa discrição, como é o caso dos anagramas, que sequer mencionou em suas lições na Universidade de Genebra (CALVET, 1975).

Na carta, depreendemos que Saussure faz o convite à Meillet para participar do X Congresso de Orientalistas, que ocorreu em 03 de setembro de 1894. Além de trabalhar como organizador (FEHR, 1997), Saussure também apresenta, na Seção 1, seu trabalho intitulado "*On the Phonetic Law Explaining the Accentuation of Lithuanian Languages*". Nessa seção, é interessante notar que o presidente foi o poeta e professor italiano Giovanni Pascoli, um dos últimos interlocutores de Saussure sobre os anagramas, e como vice-presidente, seu antigo professor e amigo, Michel Bréal, de Paris¹⁰².

¹⁰¹ Tradução nossa de: "Je suis très peu versé dans la littérature sanscrite. Simplement occupé d'études linguistiques, je n'ai effleuré l'Inde qu'au point de vue de sa langue [...]."

¹⁰² Estas informações foram publicadas no *Journale Asiatique*, The Tenth International Oriental Congress. Geneva, 1894

Segundo as atas desse Congresso, diversas seções tiveram lugar, abrangendo estudos semíticos, estudos sobre a língua e a literatura árabe, especificamente sobre o líder Maomé, estudos sobre o Egito e a África e também sobre a cultura dos países mais ao Ocidente, como o Japão. Todos estes estudos focalizam não somente perspectivas linguísticas, mas historiográficas e culturais, apresentando análises filológicas, epigráficas etc., por meio de análises de textos das mais diversas formas encontradas, como em inscrições ou em papiros.

Diferente de um congresso estritamente voltado para estudos linguísticos, entendemos que esse evento sobre pesquisas orientais, sediado em Genebra, teve um efeito catalisador no percurso do prazer histórico do genebrino, tendo em vista a produção de preciosos escritos, datados por volta de 1894, sobre a língua védica associada à sua cultura literária. Esse efeito catalizante indica também que, até esse momento, o olhar de Saussure para o universo da cultura indiana restringia-se, de um modo geral, a olhá-lo apenas a partir de um ponto de vista linguístico, como se observa em sua tese, de 1879, *De l'emploi du génitif absolu en sanscrit*, e outros trabalhos sobre o sânscrito.

Os primeiros manuscritos em que se observa essa entrada de Saussure na literatura indiana encontram-se na Biblioteca de Harvard, ou a partir da edição e publicação efetuada por Hermann Parret, em 1993, nos *Cahiers Ferdinand de Saussure*, n. 47¹⁰³. Dentre os diversos manuscritos de Harvard que abordam o domínio da cultura indiana, chama a nossa atenção aqueles que abordam o texto sobre o Vêda, e algumas lendas, como as de Vâlmiki et Cunaçepa, e a de Leconte de Lisle, produzidos por volta de 1894 (PARRET, 1993).

O Vêda é uma das produções literárias mais antigas da cultura indiana, presumindo que foi escrito há mais de quatro mil anos, o qual Saussure, após o congresso dos Orientalistas, se aventura em conhecer. Com base na epígrafe deste tópico, o mestre genebrino assim principia sua exposição sobre o Vêda:

Sou bem pouco versado na literatura sânscrita. Ocupado simplesmente com estudos linguísticos, toquei a Índia somente pelo ponto de vista de sua linguagem; e o pouco que vi sobre sua literatura pareceu-me

The Journal of the Royal Asiatic Society of Great Britain and Ireland - urnal of the Royal Asiatic Society of Great Britain and Ireland (Jan., 1895), pp. 191-198.

¹⁰³ O percurso de Saussure no domínio da literatura indiana é entrevista tanto nos manuscritos de Harvard como também na produção sobre os anagramas, na qual o genebrino manuscreeve em torno de 26 cadernos dedicados à métrica védica. Atualmente, esses cadernos se encontram na Biblioteca de Genebra, sendo catalogados por Robert Godel, em 1960, juntamente com diversos outros cadernos sobre os anagramas, e outros manuscritos sobre linguística geral. Pelo fato de nosso objetivo focar nos anagramas latinos, não dedicaremos formalmente uma atenção a esse conjunto de cadernos sobre a literatura védica, salvo alguma importante reflexão que venha a ser necessária, a partir das publicações sobre os anagramas, realizadas por Jean Starobinski (1974).

profundamente enfadonho que nunca mais tentei sair da minha ignorância.¹⁰⁴ (SAUSSURE, 1894 [1993], p. 223)

Ao declarar sua pouca afinidade com a antiga literatura sânscrita, por haver sempre focado no aspecto linguístico, desde as primeiras leituras da obra de Pictet até sua tese de doutorado sobre o genitivo dessa língua, Saussure parece remeter-se, inevitavelmente, à declaração feita à Meillet, em janeiro de 1894, sobre seu prazer histórico. Em outras palavras, é possível notar suas reflexões distinguindo-se nesse momento, quando deixa entrever o início de uma abordagem literária da língua sânscrita.

E esse ponto de vista, nomeado por nós como uma base história nos estudos linguísticos, leva Saussure a proceder com a seguinte análise comparativa entre a cultura védica e a cultura grega, no que concerne à tradição oral:

Agora, para continuar a comparação, é preciso observar que na Grécia as escolas de rapsodos tiveram de conservar o texto homérico sem a ajuda da escrita, durante 4 ou 5 séculos, e isso, sem uma impressão de fidelidade absoluta, pelo contrário, ao bordar-se elas próprias sobre esse texto, inspirando-se uma vez que elas não se viam sustentadas por alguma reprodução canônica e literal. Durante esse tempo a reprodução igualmente ex memoria, puramente mnemônica, do Vêda na Índia, usa não em um período de 4 ou 5 séculos, mas nos últimos 30 séculos como menor apreciação, ou ao longo dos últimos 40 séculos ao se recuar à data dos hinos até 2000 antes da nossa era, número que não parece exagerado, e que permanece abaixo dos números atualmente em favor do Vêda.¹⁰⁵ (SAUSSURE apud PARRET, 1993, p. 224)

A comparação que se realiza nessa passagem não é da mesma ordem efetuada pelos comparatistas, quando compilavam as formas das línguas irmãs para identificarem as semelhanças e as diferenças entre elas. Apesar de se efetuar uma comparação, o que está em jogo é cotejar a ação mnemônica entre culturas de tradições orais, como no caso dos antigos povos gregos e indianos, e não as formas linguísticas de ambas as línguas.

E é por essa via metodológica que também se constata as diferenças e as semelhanças entre a construção literária, mítica e lendária das línguas indo-europeias. O

¹⁰⁴ **Tradução nossa de:** "Je suis très peu versé dans la littérature sanscrite. Simplement occupé d'études linguistiques, je n'ai effleuré l'Inde qu'au point de vue de sa langue; et tout ce que j'ai vu à ce propos de sa littérature m'a paru si profondément ennuyeux que je n'ai jamais été tenté de sortir de mon ignorance."

¹⁰⁵ **Tradução nossa de:** "Maintenant, pour continuer la comparaison, il est à remarquer qu'en Grèce les écoles de rhapsodes eurent à conserver le texte homérique sans le secours de l'écriture, tout au plus pendant 4 ou 5 siècles, et cela, sans se piquer de fidélité absolue, au contraire en brodant elles mêmes sur ce texte, en s'en inspirant plutôt qu'elles ne se croyaient tenues à quelque reproduction canonique et littérale. Pendant ce temps la reproduction également ex memoria, purement mnémonique, du Vêda dans l'Inde, porte non sur une période de 4 ou 5 siècles, mais sur les 30 derniers siècles comme toute plus basse appréciation, ou sur les 40 derniers siècles si on recule la date des hymnes jusqu'à 2000 avant notre ère, chiffre qui ne paraît pas exagéré, et qui reste même au-dessous des chiffres actuellement en faveur pour le Vêda."

grego e o sânscrito, possivelmente as duas línguas indo-europeias mais antigas, possuem uma tradição oral antiquíssima. O fator mnemônico de ambas as línguas caracteriza, assim, uma análise de base histórica no pensamento saussuriano. Neste sentido, Saussure (1894 [1993]) ressalva que a tradição oral da literatura indiana é notável, haja vista que a transmissão dos textos (mitológicos, lendários, líricos etc.), sem o auxílio da escrita, é mais antiga do que a transmissão mnemônica efetuada pelos rapsodos gregos.

Nessa abordagem de base histórica entre o grego e o sânscrito, a força do aspecto mnemônico dos declamadores védicos é, na visão de Saussure, algo "sobre humano", tendo em vista "[...] A ausência absoluta de variante que é um dos caracteres do Vêda."¹⁰⁶ (SAUSSURE, 1894 [1993], p. 225). A maneira como Saussure coloca a questão da invariabilidade dos textos védicos deixa claro que ele duvida que isso seja resultado apenas da capacidade mental dos declamadores. Não seria o caso de haver algum tipo de princípio poético que facilitasse a memorização dos textos?¹⁰⁷ Contudo, não fosse isso, o que garantiria essa transmissão?

Destaca-se, ainda nos manuscritos sobre Vêda, a importância que os seres divinos adquirem para as conjecturas saussurianas. No estudo da divindade conhecida pelo nome de Surya, que remete ao sol, o objetivo é pesquisar se se trata de uma divindade de caráter pessoal, tal como o deus Hélios é para os gregos, ou se se trata de uma personagem cujas ações não implicam uma relação direta, ou mais próxima, com outros personagens. Nessa análise, Saussure evoca um grupo de nomes que remetem ao objeto solar, além de Surya e Hélios, como *Soleil* (gregos), *Feu* e *Agni* (védas).

Quando se trata de analisar os personagens míticos, como no manuscrito sobre *Vâlmiki*, Saussure se depara com a ausência de documentos históricos, nos quais poderia investigar se esses personagens teriam relação com os personagens reais, como ocorre na literatura greco-latina. Sobre essa relação, ele se expressa:

Os hindus escreveram por quatro mil anos, sem suspeitar em nenhum momento que houve interesse em escrever a história. A formidável literatura do qual eles nos gratificam não contém vestígios de uma obra de história.¹⁰⁸ (SAUSSURE, 1894, [1993], p. 229).

Essa comparação, para um linguista do século XXI, pode parecer desnecessária, e distante até mesmo de uma perspectiva de base histórica (quanto mais linguística). No

¹⁰⁶ Tradução nossa de: "[...] l'absolue absence de variante qui est un des caractères du Vêda."

¹⁰⁷ Essa questão será abordada nos segundo e terceiro capítulos.

¹⁰⁸ Tradução nossa de: Les Hindous ont écrits depuis quatre mille ans, sans soupçonner un instant qu'il y eût un intérêt à écrire l'histoire. La formidable littérature dont ils nous gratifient ne contient pas trace d'un ouvrage d'histoire.

entanto, como veremos um pouco adiante, essas breves investigações no campo mitológico influenciarão uma das mais extensas pesquisas saussurianas, as pesquisas sobre as lendas germânicas.

A partir de 1894, Saussure mostra um crescente interesse pela epigrafia (FEHR, 1997), que culminará com a leitura das inscrições latinas no Fórum Romano, em dezembro de 1905, leitura essa que servirá como uma espécie de ponto de partida para as futuras elaborações sobre os anagramas. Sobre a epigrafia, o genebrino entende que ela possui um viés técnico, cujo papel é auxiliar o pesquisador na compreensão do funcionamento das línguas arcaicas, tal como a peleografia, a lexicografia, a métrica etc. (SAUSSURE apud ENGLER, 1990). O interesse epigráfico se associa ao interesse pelo mundo antigo, época em que os sistemas gráficos eram rudimentares, tanto em relação ao domínio da escrita como também em relação ao material em que os textos eram gravados.

A relação de Saussure com a epigrafia é bilateral. Tem-se de um lado, a utilização da técnica executada pelo epigrafista, que abrange a análise da forma dos caracteres gráficos, do material utilizado [pedra, papiro etc.], da relação da inscrição com o contexto histórico em que foi produzida etc. De outro, de acordo com Marchese e Murano (2015, p. 96), "[...] Essas inscrições são utilizadas no plano didático para esperar um estudo linguístico"¹⁰⁹. Esse segundo aspecto, de base exclusivamente linguística, permite ao linguista comparar não somente as formas escritas, como também examinar os aspectos fonéticos das línguas desse período, assim como compará-los com dados fonéticos de outros períodos históricos.¹¹⁰

Nas inscrições gregas, por exemplo, um dos objetivos de Saussure é o de examinar "[...] As formas gregas não clássicas, fora do padrão, como é o caso das formas homéricas e das glosas de Hesíquio."¹¹¹ (MARCHESE e MURANO, 2015, p. 103). Os autores também ressaltam que Saussure utiliza suas análises epigráficas nos cursos sobre as línguas clássicas, ministrados também a partir de 1893, dentre os quais, o curso de linguística grega, no qual Charles Bally foi um de seus alunos. De acordo com Marchese e Murano (2015, p. 103), ao abordar a problemática das diferenças dialetais, Saussure utiliza o sistema de transcrições adotado na obra de Paul Cauer

¹⁰⁹ **Tradução nossa de:** "[...] ces inscriptions sont utilisés sur le plan didactique afin d'attendre à une étude linguistique."

¹¹⁰ Outro curso seguido por Bally é o curso intitulado *Inscriptions perses des rois achéménides* (1895/96), no qual Saussure "[...] utiliza a epigrafia como a única fonte de conhecimento do velho-persa, como é o caso para todas as línguas de atestação fragmentária." **Tradução nossa de:** "[...] utilise l'épigraphie comme la seule source de connaissance du vieux-persa, comme c'est le cas pour toutes les langues d'attestation fragmentaire" (MARCHESE e MURANO, 2015, p. 103).

¹¹¹ **Tradução nossa de:** "[...] des formes grecques non classiques, en dehors du standard, comme c'est le cas des formes homériques et des gloses d'Hésychius."

(1877), visando explicar aos alunos "[...] As diferentes grafias alfabéticas utilizadas, uma vez que os alfabetos gregos arcaicos são diferentes."¹¹².

Nas inscrições frígias, a preocupação epigráfica parece acentuar-se mais do que em outras análises de inscrições. Segundo dados dos autores Marchese e Murano (2015), Saussure é convidado, por volta de 1896, por Ernest Chantre, professor e arqueólogo francês, a ajudar na decifração e interpretação das inscrições frígias, descobertas no sítio arqueológico turco, em 1893. Em um determinado momento das análises, ao examinar as escritas frígias, buscando decifrar valores fonéticos de alguns caracteres dessa escrita, o genebrino

[...] Pede a Chantre para lhe enviar o material iconográfico que puder. Saussure recebe as cópias executadas em Euyiuk mesmo; as estampas retiradas no museu de Istambul, pouco claras ofereciam pouca coisa para guiar outros documentos e fotografias diretas. Além disso, Chantre envia a Saussure os moldes feitos nas estampas de Euyuk e suas fotografias.¹¹³(MARCHESE e MURANO, 2015, p. 99)

A análise técnica das inscrições requer quase que uma observação *in locu*, uma vez que as inscrições podem não estar em condições ideais para a leitura, considerando a exposição desses documentos às intempéries ao longo dos séculos. A investigação epigráfica requer, assim, uma atenção especial em virtude da preservação do material, para que o exame dos caracteres inscritos seja feito com a máxima precisão possível. As análises epigráficas das inscrições frígias, segundo Marchese e Murano (2015), acaba resultando em um artigo, com o título *Inscriptions phrygiennes dans les Recherches archéologiques dans l'Asie Occidentale. Mission en Cappadocie 1893-1894*, publicado no ano de 1898.

Chegamos, deste modo, ao final do século XIX, tendo observado que Saussure, de fato, não abandona seu prazer histórico. Ao contrário, ele ministra aulas relacionadas a uma base histórica, se interessa pela literatura e outros temas não linguísticos da cultura indiana e passa a demonstrar uma crescente fascinação pelos estudos epigráficos. Sem desmecerer os estudos linguísticos também em desenvolvimento, como *L'essence double du langage*, e pesquisas sobre a entonação/acentuação do lituano, vemos que esse percurso pela literatura, lendas, mitos etc., apenas realça o gosto pelo lado pitoresco das línguas, o qual será acentuado no século XX.

¹¹² **Tradução nossa de:** "[...] les différentes graphies alphabétiques utilisées, étant donné que les alphabets grecs archaïques sont différents [...]."

¹¹³ **Tradução nossa de:** "[...] demande à Chantre de lui envoyer tout le matériel iconographique qu'il peut. Saussure reçoit les copies exécutées à Euyiuk même; les estampages pris au musée d'Istanbul, <<peu nets>>et offrant <<peu de choses à glaner en dehors des autres documents>> et des photographies directes. En plus, Chantre envoie à Saussure les moulages faits sur les empreintes d'Euyuk et leurs photographies."

Sem dúvida, a primeira década de 1900 será um dos momentos em que o mestre genebrino produzirá três das mais significativas produções nesse lado singular das línguas. De acordo com alguns autores, nessa década Saussure abordará os estudos no campo da versificação francesa, estudo sobre as lendas germânicas e estudos sobre os anagramas. Para finalizar este tópico, passemos a uma breve apresentação dos estudos no campo da versificação francesa¹¹⁴.

Segundo Testenoire (2013), a produção saussuriana no campo da poesia francesa relaciona-se aos seminários anuais ministrados por Saussure na Universidade de Genebra, de 1900 a 1909. Denominados de *Phonologie. La versification française; étude de ses lois, du XVIe siècle à nos jours*, ele abordava nesses seminários aspectos poéticos diversos, principalmente sobre o funcionamento das rimas, e aspectos específicos sobre a língua francesa.

De acordo com Testenoire (2013), as reflexões saussurianas sobre a versificação francesa se inserem em um contexto de crise na poesia francesa, levando-o a buscar, em suas análises, uma explicação teórica e histórica para essa problemática. Conforme assinalamos, um dos temas centrais abordados por Saussure nesses manuscritos é sobre a rima. Ao examinar esse princípio poético, Saussure efetua uma extensa reflexão sobre a origem da rima, assim como "[...] esboça uma análise histórica desse princípio"¹¹⁵ (TESTENOIRE, 2013, p. 46).

Uma questão relevante, destacada por Testenoire (2013), é a convergência entre esses manuscritos e a produção sobre os anagramas. Nas palavras desse autor,

De forma mais geral, as reflexões saussurianas sobre a rima ecoam nos cadernos de anagramas. As notas manuscritas para o curso de versificação francesa, que traçam a evolução histórica das regras métricas e prosódicas desde o século 16, visam estabelecer, como já foi visto, a existência de tradições poéticas.¹¹⁶ (TESTENOIRE, 2013, p. 46)

Para esse pesquisador do pensamento saussuriano, um dos pontos de contato entre ambas as produções é a busca pela tradição histórica da presença ou da ausência de princípios poéticos. A convergência é tal entre essas produções que Testenoire (2013,

¹¹⁴ Optamos por apresentar apenas o trabalho sobre a versificação francesa, uma vez que esta breve apresentação cumpre o papel expositivo que se pretende obter para nossa reflexão do percurso saussuriano no campo dos estudos de base histórica. Para um melhor entendimento da produção saussuriana sobre as lendas, indicamos os estudos de Engler (1962), Prosdociimi (1983), Kim (1995), e as recentes pesquisas empreendidas pela pesquisadora brasileira Henriques (2014; 2015).

¹¹⁵ Tradução nossa de: "[...] ébauche une analyse historique de ce principe."

¹¹⁶ Tradução nossa de: "D'une manière plus générale, les réflexions saussuriennes concernant la rime trouvent un écho évident dans les cahiers d'anagrammes. Les notes manuscrites pour le cours de versification française, en retraçant l'évolution historique des règles métriques et prosodiques depuis le XVIe siècle, visent à établir, on l'a vu, l'existence de traditions poétiques."

p. 47) verifica que "O anagrama é para o poeta antigo o que a rima é para o poeta francês: essa comparação perpassa os trabalhos anagramáticos de Saussure."¹¹⁷. Isso reflete, já ressaltamos, um aspecto metodológico dos estudos comparatistas, os quais buscavam regularidade ou não de determinados fenômenos fonéticos.

O viés comparativo não se restringe, todavia, às produções no campo literário. Quando é necessário compreender a relação entre a escrita e os sons das línguas antigas, ou mesmo do antigo francês, por exemplo, Saussure relata "Se se possui monumentos poéticos por um período, qualquer que seja o sistema de versificação, quase sempre se pode obter informações sobre o valor exato de uma grafia."¹¹⁸ (SAUSSURE, 1993, p. 51). E em outro momento, afirma: " Se existe o meio poético da rima ou mesmo da assonância, é uma fonte de informações muito importante e uma maneira de controlar a escrita."¹¹⁹(idem, p. 52).

Vimos a partir de 1894, que os trabalhos desenvolvidos pelo genebrino orbitam em torno de três grandes linhas de pesquisas, os mitos, a literatura e as lendas (ainda não abordamos esta última). Em relação aos mitos, principalmente da cultura indiana, observamos como Saussure, até então, considerava-se pouco versado na literatura sânscrita, pois havia dedicado somente ao aspecto linguístico dessa língua. Tal consideração atesta que, de certo modo, os trabalhos saussurianos seguiam duas linhas de pesquisas, conforme ele mesmo indicou na Primeira Conferência de 1891: estudos linguísticos de base histórica e os de base linguística.

Em relação à literatura, a análise de Saussure deteve-se também na cultura indiana, principalmente nos textos conhecidos como Veda. Nessa pesquisa, percebe-se que Saussure, ao analisar aspectos históricos que perpassam esses textos, como a tradição oral e a função mnemônica, procede a uma necessária comparação com outras culturas, no caso, com o mundo helênico. No universo da cultura indiana, Saussure fica atônito ao constatar que os textos poéticos, transmitidos oralmente, pudessem permanecer tão inalterados ao longo dos séculos. No domínio da cultura grega, tinha ciência da tradição rapsódica, o que o levou a perguntar se a transmissão dos textos védicos advinha da proeza mnemônica dos antigos hindus ou se haveria algum princípio poético que facilitasse a memorização.

¹¹⁷ **Tradução nossa de:** "La anagramme est au poète antique ce que la rime est au poète français: cette comparaison parcourt les travaux anagrammatiques de Saussure."

¹¹⁸ **Tradução nossa de:** "Si l'on possède des monuments poétiques pour une période, quelque soit le système de versification, on peut presque toujours en tirer des renseignements sur la valeur exacte d'une graphie."

¹¹⁹ **Tradução nossa de:** "S'il y a le moyen poétique de la rime ou même de l'assonance, c'est une source de renseignements très importante et un moyen de contrôler l'écriture."

Na continuidade do percurso de Saussure por esse lado exótico das línguas, detectamos o seu crescente interesse pela epigrafia. Aparentemente, é possível considerar um monumento como apenas um material a mais, dentre vários outros que o linguista pode se deparar na busca por escritos antigos. No entanto, o monumento se cerca de valores históricos e culturais, além da própria inscrição, o que requer do pesquisador conhecimentos técnicos e linguísticos para compreender os caracteres ali grafados.

À parte essa tecnicidade epigráfica, sabemos que o forte interesse de Saussure nesse percurso de base histórica são fatos ligados principalmente a determinadas leis - no caso da literatura - de princípios poéticos voltados a determinadas funções. Nos textos védicos, o mestre genebrino buscou compreender princípios ligados à transmissão desses textos, também presentes na literatura grega. Na mesma direção, a análise da versificação francesa, numa perspectiva histórica, buscou evidenciar o funcionamento da rima em diferentes períodos literários.

O interesse de Saussure pela literatura védica, grega, germânica e latina cresce significativamente na passagem do século XIX para o século XX, visando não propriamente a uma análise linguística desses textos. O que ele busca agora é compreender outras formas de funcionamento da linguagem, principalmente aquelas que podem ser produzidas pela vontade do falante, como se observa nas produções literárias. São leis ou princípios que regem particularidades dos textos, seja mnemônico, estético, musical etc., que se relacionam a uma determinada época, e que são produzidos por poetas que buscavam exercer certos efeitos naqueles que seriam seus auditores.

Logo, é na busca por princípios de funcionamentos poéticos que o mestre Saussure empreende, a partir de 1906, as análises no campo da literatura homérica, latina, e védica, com base na hipótese da presença de anagramas nesses textos. Embora de forma despretensiosa, justificaremos que a viagem empreendida por ele em fins de 1905 à Itália propiciou uma das mais obsessivas pesquisas nesse lado singular das línguas. De fato, o percurso saussuriano nos mostra que os passos que permitem ao genebrino chegar à hipótese anagramática foram suas análises dos versos saturninos, em consonância com o tópico a seguir.

Uma vez que o pressuposto desta tese relaciona-se ao prazer histórico em relação à produção saussuriana sobre os anagramas, dedicamos o próximo capítulo ao exame do percurso dessa produção. A investigação desse percurso, cronologicamente situado entre 1906 a 1909, autorizará compreender, com maior verticalidade, como Saussure, enquanto suporte de um movimento teórico (SILVEIRA, 2007), caminha

numa produção que se insere no lado pitoresco das línguas. Esse passo será fundamental para, no terceiro capítulo, investigarmos a natureza do objeto teórico, aqui entendido e conhecido como os *Anagramas de Saussure*.

CAPÍTULO 2

Anagramas de Saussure: um percurso na literatura indo-europeia

*Foi do Saturnino que eu havia partido para pesquisar,
ou para pensar em pesquisar se a epopéia grega
conhecia alguma coisa tão bizarra. [...]*¹²⁰
(SAUSSURE, 1907 [1964], p. 109)

2.1 - Introdução

O objetivo deste capítulo cumpre o nosso objetivo maior desta Tese, assim como no capítulo anterior: investigar o percurso teórico de Saussure tendo em vista seu gosto pelo prazer histórico, por trilhar o caminho que ele denomina de lado pitoresco das línguas. No entanto, no primeiro capítulo nos dedicamos à análise do percurso que antecede a hipótese anagramática, seguindo a caminhada de Saussure desde o período ginásial até sua formação acadêmica, passando por sua experiência como docente em Paris e depois em Genebra. Assim, buscamos destacar os aspectos teóricos desse percurso que culminaria com aquilo que Saussure nomearia, em 1894, como o gosto pelo prazer histórico, além de pesquisas correspondentes ao lado pitoresco das línguas.

Neste segundo capítulo, a meta é examinar o percurso reflexivo de Saussure durante sua produção conhecida como *anagramas*, que se estende de 1906 a 1909. A proposta é utilizar, como *corpora* principal, as cartas de Saussure, as quais totalizam em torno de quase 20 missivas ao longo desses três anos, cuja importância se deve ao fato de que elas refletem os movimentos teóricos de Saussure em suas pesquisas sobre os anagramas, de forma mais panorâmica, sem o aprofundamento da teoria anagramática em si. Neste sentido, o que interessa para nós, neste capítulo, é o movimento teórico e não a análise da natureza dos anagramas, a qual será tratada no capítulo posterior¹²¹.

¹²⁰ Tradução nossa de: "C'est du Saturnien que j'étais parti pour rechercher, ou pour songer à rechercher si l'épopée grecque connaissait quelque chose d'aussi bizarre [...]"

¹²¹ As cartas também funcionam como delimitadores dos passos dados por Saussure na investigação sobre os anagramas, pontuando a continuidade das pesquisas, e também o retorno a uma determinada língua anteriormente examinada. Na atualidade, o acesso a essas cartas se realiza a partir de três fontes bibliográficas principais, que são: i) a primeira fonte, datada de 1964, trata-se das cartas de Saussure a Meillet, editadas por Émile Benveniste, e publicadas nos Cahiers Ferdinand de Saussure n. 21; ii) a segunda fonte, de 1990, versa sobre quatro cartas sobre os versos saturninos, editadas por Prosdócimi e Marinetti, e publicadas nos Cahiers Ferdinand de Saussure n. 44; iii) a terceira fonte, datada de 1994, são as correspondências entre Saussure e Bally, editadas por René Amacker, e publicadas nos Cahiers Ferdinand de Saussure n. 48; iv) Há outras fontes que serão utilizadas, tais como Jakobson

De uma forma geral, a produção saussuriana sobre os anagramas soma um total de quase 120 cadernos, abrangendo as literaturas grega, latina, védica e germânica. Dessas quatro literaturas, a grega, especificamente os textos homéricos e a literatura latina são as duas mais investigadas por Saussure. Normalmente, os estudiosos sobre essa produção (PROSDOCIMI e MARINETTI, 1990; TESTENOIRE, 2013) dividem-na em etapa pré-anagramática, como sendo as pesquisas sobre os versos saturninos, empreendida de janeiro a julho de 1906, a etapa homérica, de julho de 1906 a setembro de 1907, e a etapa latina, que vai do final da homérica até abril de 1909.

Considerando que essas etapas não são estanques, que a proposta desta tese incide sobre a noção de percurso e de movimentos teóricos, e que Saussure transita de forma concomitante, em alguns momentos, de uma literatura à outra, propomos dividir este capítulo em quatro momentos, os quais espelham os seguintes objetivos específicos: i) análise da produção sobre os versos saturninos, ocasião essa que entendemos ser o passo que antecede e possibilita a elaboração da hipótese anagramática; ii) exame do movimento teórico nos anagramas homéricos, uma vez que é nesse momento que Saussure passa às primeiras especulações teóricas sobre a hipótese anagramática; iii) investigação do retorno de Saussure aos versos saturninos, considerando-os como um campo mais seguro para a hipótese anagramática e iv) aprofundamento reflexivo no campo da literatura latina, e o retorno à essa literatura a partir da versificação saturnina.

A análise específica desse percurso anagramático, a nosso ver, fornecerá subsídios para a compreensão do que é essa produção do genebrino sobre os anagramas, colocando em evidência as reflexões ali ponderadas, as dúvidas e certezas pontuadas por Saussure e o modo como ele busca comprovar a veracidade da hipótese anagramática. Não obstante, o exame desse percurso permitirá um melhor entendimento quando, no terceiro capítulo, passarmos à pesquisa da natureza dos anagramas, ou do anagrama saussuriano, enquanto objeto teórico.

(1971), Starobinski (1974) e Testenoire (2013), os quais publicam uma ou outra carta, ou fragmentos, paralelo às respectivas análises sobre os anagramas.

2.2 - O enigma saturnino: a um passo dos anagramas

"A ideia da existência de anagramas nos poemas antigos
não saiu pronta da cabeça de Saussure.
Ela se insere em um trajeto intelectual." ¹²²
(TESTENOIRE, 2013b, p. 23).

Testenoire (2013b), em sua obra *Ferdinand de Saussure: A la recherche des anagrammes homériques*, enfatiza, conforme vemos na epígrafe, que a produção sobre os anagramas não foi uma ideia que nasceu pronta no pensamento saussuriano, como um passe de mágica. Embora de caráter inédito, uma vez que nenhum outro pesquisador havia proposto uma hipótese como a dos anagramas, essa produção está ligada, inevitavelmente, ao percurso de Saussure que nomeamos como estudos linguísticos do século XIX de base histórica.

Assim, observamos até aqui que esse percurso tem particularidades próprias, sustentado por um ponto de vista no qual o pesquisador situa a língua *na* história, ao contrário do ponto de vista da história *da* língua, que prima essencialmente pelo funcionamento das línguas em si. Como já exposto, esse ponto de vista da língua na história levou Saussure a desenvolver análises sobre os fatos de língua e de linguagem com temas diversos, que requeriam dele um saber sobre a língua, com base em diferentes domínios, como a literatura, filologia, história etc. Em 1894, Saussure denomina esse percurso de seu *prazer histórico*.

Numa continuidade investigativa desse percurso, apresentamos neste tópico uma produção que está cronológica e teoricamente a um passo da produção saussuriana sobre os anagramas. É preciso sinalizar, no entanto, que os estudos dos versos saturninos não são uma produção que simplesmente antecipa a hipótese anagramática: ao inserir-se no percurso dos anagramas, ela se torna o passo que possibilita seu advento. Sobre os versos saturninos, é consenso classificá-los como os primeiros textos da escrita latina, podendo ser encontrados nas antigas ruínas latinas de Roma, em tumbas e em outros monumentos arcaicos, além de fragmentos de textos, de autoria de Lívio Andrônico e Nêvio, ambos analisados por Saussure¹²³ nesse percurso.

¹²² **Tradução nossa de:** "L'idée de l'existence d'anagrammes dans les poèmes anciens n'est pas sortie tout armée du cerveau de Saussure. Elle s'insère dans un parcours intellectuel."

¹²³ De acordo com Havet (apud GANDON, 2002, p. 29), o saturnino é uma "Versificação primitiva e nacional dos romanos; é nesse ritmo que estão escritas várias inscrições, entre outras as dos Scipios, os fragmentos da Sentenciae de Appius Claudius [...]". **Tradução nossa de:** "Versification primitive et nationale des Romains; c'est dans ce rythme que sont écrites un certain nombre d'inscriptions, entre autres celle des Scipions, les fragments des Sentenciae d' Appius Claudius [...]". Os versos saturninos antecedem o período da poesia clássica, e datam em torno do terceiro século a.C. Enquanto que alguns trechos são encontrados em inscrições, outros, são encontrados em forma de textos, como os de Lívio Andrônico e Nêvio, precursores da poesia épica latina.

Em termos de datação, a pesquisa sobre a versificação saturnina tem início em janeiro de 1906. Nesse mês, em viagem de férias à Itália, Saussure visita o Fórum Romano. Ali, observa os monumentos antigos, ruínas da antiga glória romana. Sua atenção, entretanto, não se detém somente ao aspecto arquitetônico dessas antigas formas de construções. Nota-se, e em algumas delas, como nas tumbas dos famosos generais romanos, da família dos Cipiões, a presença de inscrições em língua latina. Trata-se dos versos saturninos. Como um exímio indo-europeísta, o mestre genebrino passa a lê-las.

Esse encontro com os versos saturninos é relatado na carta de 23 de janeiro de 1906, quando Saussure escreve a Meillet, tecendo algumas considerações sobre sua visita a esses antigos locais na cidade romana. Nessa carta, ele destaca que "A inscrição arcaica do Forum é um entretenimento bastante indicado quando preciso quebrar a cabeça. Nada a aprender disso, é claro, mas é interessante contemplar o conjunto de elementos enigmáticos e certificar-se das leituras."¹²⁴ (SAUSSURE apud BENVENISTE, 1964, p. 106).

Embora conhecedor da língua latina, os versos saturninos despertam em Saussure não apenas uma curiosidade, por se tratar de uma antiga versificação latina. Há algo ali que parece ser enigmático. Interessante notar que Silveira (2007) nos traz um apontamento esclarecedor em relação àquilo que pode ser da ordem do enigma. Segundo a autora, há uma distinção entre dificuldade e enigma: enquanto o primeiro é resultado de uma falta que pode ser suprida, ou seja, "Falta informação ao leitor para ler esse texto ou falta clareza ao autor para que o leitor compreenda o texto", o enigma "[...] refere-se à posição do sujeito. Em geral, a resposta está no próprio texto e à vista." (SILVEIRA, 2007, p. 36).

Para nós, esta posição do sujeito, aqui entendido como suporte de um movimento (SILVEIRA, 2007), remete-nos à conexão entre saber e língua. Nesse caso, essa posição do sujeito Saussure se inscreve no que Normand (2009) pontua como um saber sobre a língua. Ou seja, é o saber do erudito, do pesquisador que busca conhecer a relação das línguas no decurso da história humana. E é esse saber sobre a língua que é preciso ser suprido, com base em uma investigação do funcionamento específico do verso saturnino, o qual, como toda poesia, possui suas próprias leis.

Mas se Saussure afirma que nada pode resultar dessa contemplação, suas próprias palavras o desmentem, quando na continuidade dessa carta, ressalta o enigma:

¹²⁴ **Tradução nossa de:** "L'inscription archaïque du Forum est un amusement tout indiqué lorsque j'éprouve le besoin de me casser la tête. Rien à en tirer, bien entendu, mais il est intéressant de contempler le bloc énigmatique et de s'assurer de visu des lectures."

[...] Estas [coisas] ainda não me parecem terem sido estabelecidas por toda parte com o grau de certeza que poderíamos lhes ter dado, e, por outro lado, outras coisas são dadas como certas, mas não o são, como um I que pode ser lido + (x). (Este x é, na melhor das hipóteses, um x a mais e já há muitos nessa questão [...]).¹²⁵ (SAUSSURE apud BENVENISTE, 1964, p. 106)

A breve constatação de Saussure é que tais registros parecem indicar um funcionamento da língua latina ainda incompreensível, cujo grau de certeza não estava estabelecido, como se verifica na relação de valor entre a letra *I* e a incógnita (*x*). Num olhar *a posteriori*, compreende-se que a incógnita que Saussure entrevê nesses fragmentos poéticos se desdobrará numa extensa pesquisa sobre os versos saturninos, e resultará na hipótese dos anagramas.¹²⁶

Após essa primeira carta a Meillet sobre os versos saturninos, o recenseamento das cartas de Saussure não indica a existência de outras durante o primeiro semestre de 1906. O percurso teórico de Saussure nesse lado pitoresco das línguas, no entanto, não está suspenso. Ele continua as pesquisas nesse caminho do prazer histórico, e vê-lo remetendo um cartão postal a Bally em 09 de junho do mesmo ano, no qual expressa:

Aproveitando sua amável oferta, gostaria de saber se a Biblioteca pública possui a coleção do American Journal of Philology? Isso é pouco provável, mas queria evitar fazer um pedido inútil à biblioteca se a revista em questão existe em Genebra. – O volume que me será útil é o 14, que contém dois artigos de Lindsay sobre Saturnino.¹²⁷ (SAUSSURE 1994, p. 101)

O artigo requisitado por Saussure nesse cartão postal é uma das referências na tradição investigativa da poesia saturnina. Nessa tradição, duas importantes referências de autores especialistas nessa versificação latina são o professor Louis Havet (1849-1925) e Wallace M. Lindsay (1858-1937), aos quais Saussure faz menção quando abordou os versos saturninos. No referido artigo, Lindsay (1893, p. 139) afirma:

O aparecimento neste ano (1892) de dois tratados sobre a métrica Saturnina - um de Reichardt, no *Jahrbücher für klassische Philologie* (Suppl.), XIX, declarando-a ser quantitativa; o outro por Westphal, em sua *Allgemeine Metrik*, dando por certo a sua natureza acentuada -

¹²⁵ **Tradução nossa de:** [...] ne me semblent pas encore établies partout avec le degré de certitude qu'on aurait pu leur donner, et réciproquement il y a telle donnée comme certaine qui ne l'est pas, notamment un I qui peut se lire + (x). (Cet x n'est au meilleur cas qu'un x de plus, et il y en a trop déjà dans l'affaire [...]).

¹²⁶ A produção saussuriana no domínio dos versos saturninos totalizam quase 20 cadernos manuscritos, catalogados por Godel (1960) no registro Ms. Fr. 3962.

¹²⁷ **Tradução nossa de:** Profitant de votre offre obligeante, pourrais-je vous demander de savoir si la Bibliothèque publique possède la collection de l'American Journal of Philology? C'est peu probable, mais je désirerais éviter de faire une commande de librairie inutile si la revue en question existe à Genève. - Le volume qui me serait utile est le XIV, contenant deux articles de Lindsay sur le Saturnien.

parece indicar que essas questões tão debatidas estão tão longe de uma resolução como sempre.¹²⁸ (LINDSAY, 1893, p. 139)

Enquanto latinista, Lindsay (1893) atesta a existência de uma divisão entre linguistas sobre o princípio rítmico dos versos saturninos. Enquanto uns defendiam a existência de um acentual, a partir da sílaba tônica, outros defendiam a primazia do aspecto quantitativo, isto é, baseado na duração das sílabas, se eram longas ou breves. Assim, vale ressaltar que Saussure busca no repertório acadêmico o que os pesquisadores da época haviam dito sobre a versificação saturnina. De fato, para compreender o enigma entrevisto nas inscrições romanas, o retorno ao saber sobre as línguas se faz pela passagem de obras específicas da linguística românica.

Nesse percurso, o linguista envia outro cartão postal, agora datado de 12 de junho, mostrando ter se inteirado do debate sobre a versificação saturnina, ao tentar compreender o funcionamento dessa antiga forma poética. Em suas palavras, assegura que não sabe se obterá algum resultado com o verso saturnino, e que existe "[...] Alguns clarões na nuvem, mas de maneira geral nada claro: as coisas parecem ter ficado turvas pela sucessiva aplicação de dois princípios, - o que poderia conciliar os quantificadores e os acentuadores."¹²⁹ (SAUSSURE, 1994, p. 101).

O que busca Saussure parece ser uma via que concilie os dois princípios¹³⁰, o quantitativo e o acentual¹³¹. Todavia, o mestre genebrino ainda não faz ideia de que princípios seriam esses. Na carta de 14 de julho, ele indica uma possível luz para o enigma dos versos saturninos:

Passei dois meses a interrogar o monstro e a operar apenas às cegas contra ele, mas há três dias que só ando a tiros de artilharia. Tudo o que eu escrevia sobre o metro datílico (ou melhor, espondaico) subsiste, mas agora é pela Aliteração que cheguei a obter a chave do Saturnino, mais complicada do que parecia. (apud STAROBINSKI, 1974, p. 17).

¹²⁸ **Tradução nossa de:** "The appearance in this year (1892) of two treatises on the Saturnian Metre - one by Reichardt, in the *Jahrbücher für klassische Philologie* (Suppl.), XIX, declaring it to be quantitative; the other by Westphal, in his *Allgemeine Metrik*, taking for granted its accentual nature - seems to indicate that this much debated questions is as far from settlement as ever."

¹²⁹ **Tradução nossa de:** "[...] quelques éclairs dans le nuage, mais d'une manière générale rien de limpide: les choses semblent avoir été troublées par l'application successive de deux principes, - ce qui pourrait concilier les quantitateurs et les accentistes."

¹³⁰ Faz-se necessário por em relevo o fato de Saussure (apud LOUCA, 1974-1975, p. 35) se interessar não só pelo sistema rítmico da poesia grega e latina como também de outras línguas, conforme atesta a carta a Max Van Berchem, remetida no dia 25 de junho de 1906 (concomitante à carta a Bally sobre os versos saturninos), na qual Saussure indaga se a poesia árabe seria silábica, acentual, quantitativa, ou se haveria outra forma de ritmo nessa língua; além disso, observa-se o interesse do genebrino pelo ritmo da língua védica, conforme atesta a carta de 17 de julho (PROSDOCIMI e MARINETTI, 1990, p. 50).

¹³¹ O princípio quantitativo rege que os versos devem ser cadenciados obedecendo ao ritmo das sílabas, no aspecto de serem breves ou longas; já o aspecto acentual se relaciona à tonalidade das sílabas, isto é, num ritmo que intercala sílabas átonas e tônicas.

A metáfora da luta de Saussure contra o monstro saturnino nos remete à fala de Adolph Pictet, quando o orientou a não pegar “o touro pelos chifres”, nos idos de 1870. Porém, nesse momento, com uma experiência já significativa no domínio do indo-europeu, Saussure procura o melhor meio para dominar esse monstro poético. A chave para obter o valor de x não é, à primeira vista, tão simples. Como veremos, a primeira via de acesso a essa incógnita é pela análise da aliteração, tarefa que resultará numa quantidade de quase 20 cadernos manuscritos dedicados aos versos saturninos.

As análises desses versos chegam ao seu ápice no mês de julho de 1906. Após algumas dúvidas sobre a metrficação saturnina, expostas em outras cartas¹³², na missiva de 05 de julho a Bally, Saussure faz a seguinte observação teórica sobre o saturnino:

Para mim, o Saturnino não é mais do que o puro e simples hexâmetro épico grego, adaptado de tal forma que é permitido substituir o espondeu pelo anapesto, o “tríbraco”, e também o anfíbraco pelo dátilo. Ainda há outras licenças, mas são apenas essas licenças que fazem a diferença com o hexâmetro, de tal modo que o poeta saturnisante que por acaso não terá usado, em um verso, nenhuma licença, não pode fazer senão cair diretamente no hexâmetro datílico, a hifenização no máximo permanece uma marca de diversidade.¹³³ (SAUSSURE apud PROSDOCIMI e MARINETI, 1990, p. 43)

Ao deduzir que a versificação saturnina se assemelha ao hexâmetro grego, Saussure faz muito mais do que simplesmente simplificar a problemática saturnina em vigor no século XIX, descrita por Lindsay (1893). Essa aproximação entre ambas as formas literárias, grega e latina, remete-nos à noção de base histórica, entrevista em 1891, a qual se sustenta, nos anagramas, na execução de uma dupla tarefa para o genebrino: i) exercer um ponto de vista que não visa identificar a origem da versificação, mas sim as condições pelas quais ela foi possível e ii) permitir, pela via de comparação, analisar também o fator aliterante na língua grega. E são esses dois papéis que lhe permitirão concluir pela presença de nomes fragmentados na poesia homérica, e, em seguida, na poesia latina.

Como identificamos, a origem de um princípio poético nos versos saturninos é abordada pela relação estabelecida entre a poética latina e a grega, enquanto culturas que se influenciaram mutuamente. Tal perspectiva, conforme discutida no tópico 1.3,

¹³² Na carta de 25 de junho de 1906, Saussure (1994, p. 104) ainda não tinha certeza sobre a forma métrica da versificação saturnina, se acentual ou quantitativa, informando a Bally que seria necessário analisar outros poetas para melhor certificar-se da forma utilizada.

¹³³ **Tradução nossa de:** "Pour moi, le Saturnien n'est plus autre chose que le pur et simple hexamètre épique grec, adapté de telle manière qu'il est permis de remplacer le spondée par l'anapeste, <le tribraque,> et l'amphibraque aussi bien que par le dactyle. Il y a d'autres licences encore, mais ce ne sont que ces licences qui font la différence avec l'hexamètre, de telle sorte que le poète saturnisant qui par hasard n'aura usé, dans un vers, d'aucune licence, ne peut pas faire autrement que de tomber directement dans l'hexamètre dactylique, lacésure tout au plus restant une marque de diversité."

alinha-se com aspectos do positivismo de Auguste Comte, e não com os aspectos do romântico entervisto nos estudos linguísticos, dentre os quais, a busca pela origem das línguas . Nesse aspecto, a investigação de Saussure seguia a tradição dos estudos clássicos, os quais compreendiam essa afinidade histórica e cultural entre o universo grego e o universo latino.

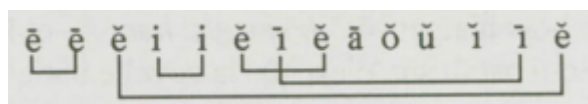
Sobre essa temática, Faria (1970, p. 36) faz uma interessante ressalva:

A conquista da Grécia, do ponto de vista linguístico, não representa uma vitória de Roma, pois não só o latim não conseguiu implantar-se no mundo grego, mas, ao contrário, veio concorrer para uma influência quicá mais íntima do helenismo que, como vimos, desde os etruscos, e, por seu intermédio já se fazia sentir em Roma: *Graecia capta ferum uictorem cepit et artes intulit agresti Latio* (Hor. Ep. 2, 1, 156-157) "A Grécia conquistada conquistou o seu fero vencedor e introduziu as artes no Lácio Agreste". (FARIA, 1970, p. 36)

A cultura latina é amplamente influenciada pela força da cultura helênica. *Eneida* de Virgílio, por exemplo, entre outras obras desse autor, é espelhada na *Iliada* e na *Odisseia* de Homero. Além disso, é por meio desses dois autores que a produção sobre os anagramas será constituída. No caso dos versos saturninos, cuja hipótese anagramática não se encontra definida, a relação com a poética grega ocorre pela constatação de que ambas as estruturas de versificação baseiam-se no hexâmetro datílico¹³⁴, salvo a presença de algumas licenças.

Nesse movimento para decifrar o enigma do saturnino, vimos que Saussure, no resumo de uma carta, datada de 14 de julho, havia identificado uma nova via para a compreensão dessa antiga versificação latina. Essa via, num primeiro momento, é nomeada como lei do par (ou paridade fônica), na qual uma vogal ou uma consoante comparecia nos versos saturninos em pares. Essas formulações são expostas numa carta oficial a Bally, de 17 de julho de 1906, da qual extraímos dois exemplos:

1) Análise do verso de Névio: *Seseque ii perire mavolunt ibidem*



Saussure (1906 [1990], p. 48)

¹³⁴ Sob esse tipo de metrificação, Oliva Neto (2014, p. 36) explica: "O metro original" das epopeias gregas e latinas é o chamado "hexâmetro datílico", que é uma sequência de seis dátilos, isto é, seis células compostas por uma sílaba longa e duas breves. A rigor, a última célula tem uma sílaba a menos. Como se vê, a antiga métrica grega e latina, diferente da portuguesa, articulava-se na duração das vogais de cada sílaba: uma sílaba longa durava o dobro do tempo de uma sílaba breve. Simbolizando a sílaba longa por um traço – ; a sílaba breve por uma cunha U; a separação das células por uma barra; e a cesura (que é uma pequena pausa no interior do verso) por duas barras oblíquas //, pode-se fazer esquema inicial da sequência de sílabas longas e breves do hexâmetro datílico:

–UU | –UU | –// –UU | –UU | –UU | –X
1 2 3 4 5 6

Conforme catalogação dos manuscritos sobre os anagramas, empreendida por Robert Godel na década de 1960, Saussure manuscreeve ao menos 20 cadernos dedicados a esse tipo de análise. Longas e exaustivas tabelas são efetuadas nesse momento do percurso na versificação saturnina. Saussure constata que há a lei da paridade fônica, enquanto ato poético de inteira consciência do poeta. Todavia, parece não ser isso pelo qual o mestre genebrino procura. A resposta pela incógnita parece não ser tão evidente assim.

Saussure insiste e passa a interrogar o fato de haver unidades vocálicas e consonantais que não figuram em pares, como no caso das vogais breves *ă ǫ ŭ ĭ*. Ao continuar as pesquisas, o seu ponto de vista gira em torno desses *resíduos*, para aquilo que resta na contabilidade fônica, e não mais daquilo que faz par.

2) No exemplo aplicado às consoantes, Saussure (1906 [1990], p. 48) afirma que após ter feito a análise dos versos da inscrição sobre *Cornelius Lucius Scipio Barbatus*, ele chega aos seguintes elementos residuais: M, R, L, D, C, S. No entanto, ao se convencer de que a lei da paridade é utilizada pelos vates, ele reorganiza essas consoantes desta forma: D. M. L. C. S - R, de modo que se pode entrever essas consoantes como sendo as iniciais de cada palavra do seguinte trecho: *Dis Manibus Luci Corneli Scipionis*, enquanto a consoante R recebe explicação a partir da palavra *sacrum*, que é a sexta palavra desse título.

Vale reforçar o fato de Saussure dar destaque às consoantes da palavra *sacrum*, S C R M, todas elas presentes no verso *Dis Manibus Luci Corneli Scipionis*. O que vem a ser esses resíduos? Sobre isso, em sua carta de 1906 a Bally, o genebrino explica:

Mas tive uma ideia bem simples: considerar o “resíduo” como real e desejado, mas não tendo nada de secreto e simplesmente correspondendo às letras traçadas na pedra “ou pelo menos no papel do versificador” na parte superior ou inferior da inscrição, fora do texto ao redor; da minha observação resultava simplesmente que, se não efetivamente no monumento, ao menos na redação completa projetada, devia haver D.M.L.C.S. *sacrum*, e que essas palavras (ou letras de abreviação iniciais) podiam ser atribuídas ao poeta.¹³⁵ (SAUSSURE, 1906 [1990], p. 49)

Há, nessa passagem, uma tomada de posição diante dos elementos residuais: Saussure está convicto da intencionalidade poética desses resíduos. Além disso, ele

¹³⁵ **Tradução nossa de:** Mais une idée bien simple me vint: de considérer le <résidu> comme bien existant, et bien voulu, mais n'ayant rien de secret, et correspondant tout simplement aux lettres tracées sur la pierre <ou au moins sur la charta du versificateur> en tête ou en queue de l'inscription, hors du texte envers; il résultait simplement alors de mon observation que, sinon effectivement sur le monument, du moins dans la rédaction complète projetée, il devait y avoir D.M.L.C.S. *sacrum*, et que ces mots (ou lettres abrégatives initiales) comptaient pour le compte du poète.

defende que os resíduos sejam um artifício poético regido por um acordo secreto entre os vates, mas um princípio de composição equiparável a outros, tais como o silábico, o quantitativo e o acentual. O enigma proposto pelos saturninos começa a ser decifrado: o resíduo pode ser um ato proposital do poeta. Mas qual seria o motivo de tal feito poético?

Para Saussure, é somente seguindo a tradição poética das línguas clássicas que se alcança uma ideia mais clara sobre esses resíduos fônicos na versificação saturnina. Neste sentido, o mestre suíço faz um movimento, na história, para compreender a incógnita *x* entrevista no Fórum Romano, quando busca uma das principais influências da poesia latina: a cultura grega. Em suas palavras,

Tudo isso me levou a pensar que se o Saturnino, com afinidades métricas suficientemente próximas de outros versos antigos do indo-europeu, não revelaria um outro sistema extraordinário de combinações de sílabas, de consoantes, e de vogais, ajustadas por uma lei não aparente; talvez houvesse algo similar nos versos da Índia, e da própria Grécia?¹³⁶ (SAUSSURE, 1906 [1990], p. 49)

A interdependência entre as línguas indo-europeias é um fato nos estudos linguísticos da Gramática Comparada do século XIX. Uma análise da poesia clássica também não escapa a uma abordagem comparatista, e é essa relação de proximidade entre o latim e o grego que o impulsiona a pesquisar a repetição fônica na poesia grega. Esse movimento teórico para a literatura clássica se constitui em um dos passos em direção à hipótese anagramática. De fato, em uma carta de 23 de setembro de 1907, quando a pesquisa sobre os anagramas estava adiantada, ele escreve a Meillet:

Foi do Saturnino que eu parti para pesquisar, ou para pensar em pesquisar se a epopéia grega conhecia algo tão bizarro à primeira vista que a imitação fônica, por meio do verso, de nomes que têm uma importância para cada passagem.¹³⁷ (SAUSSURE, 1907 [1964], p. 109)

É preciso lembrar que essa carta faz eco à outra, também endereçada a Meillet, datada de 12 de novembro de 1906, na qual Saussure faz semelhante relação entre a pesquisa saturnina e os anagramas homéricos, confirmando a passagem das pesquisas saturninas para os anagramas gregos. Conforme argumentamos, isso corrobora o fator

¹³⁶ **Tradução nossa de:** "Tout ceci m'a conduit à penser que si le Saturnien, avec des affinités métriques assez grandes à d'autres vers anciens de l'indo-européen, décelait en outre un système extraordinaire de combinaisons de syllabes, de consonnes, et de voyelles, réglées par une loi inapparente, il y avait peut-être quelque chose de semblable dans les vers de l'Inde, et de la Grèce elle-même?"

¹³⁷ **Tradução nossa de:** "C'est du Saturnien que j'étais parti pour rechercher, ou pour songer à rechercher si l'épopée grecque connaissait quelque chose d'aussi bizarre à première vue que l'imitation phonique, au moyen du vers, des noms qui ont une importance pour chaque passage."

de interdependência cultural entre as línguas grega e latina, além de ressaltar o aspecto metodológico exigido pela gramática comparada, ao abordar mais de uma língua concomitantemente, fatores esses que continuarão a comparecer ao longo da produção sobre os anagramas.

Constatamos, assim, que a elaboração das pesquisas sobre os versos saturninos é, sem dúvida, o passo que antecede e que possibilita a formação da hipótese sobre os anagramas. Inferimos, ainda, que a visita ao fórum romano atuou como uma espécie de despertador, naquilo que Saussure, de certa forma, já tinha interesse: o gosto pelas análises das inscrições. Embora possamos ver aí um encontro casual, uma vez que Saussure estava em período de férias, é válido dizer que o empenho pelas inscrições latinas remete-nos ao interesse pelo lado pitoresco das línguas.

Nesse aspecto, a observação das inscrições saturninas não ficou apenas como passatempo de férias: ali mesmo ele começa a perceber a presença de um funcionamento que, para um indo-europeísta, era como um enigma. Diante desse enigma, foi necessário que o mestre genebrino buscasse um saber que suprisse a falta que a incógnita *x* propiciava. Saussure retorna, assim, para os estudos da linguística românica da época, para preencher essa falta de saber, ao mesmo tempo em que identifica, nos estudos da época, uma tensão entre os linguistas que defendiam a poesia latina como quantitativa, e outros como uma poesia acentual; haveria uma terceira via para isso?

É no percurso da investigação dessa terceira via que Saussure verifica uma espécie de repetição intencional e calculada, de consoantes e de vogais, encontradas em números pares nos versos saturninos. A contabilidade fônica, no entanto, não é suficiente para definir a solução para o enigma: os elementos residuais dessa contagem parecem lhe incomodar mais ainda.

Como uma espécie de ato comprobatório em relação a essa repetição fônica, Saussure principia um movimento teórico em direção à poesia grega, dada a afinidade cultural entre os povos latinos e gregos. Embora possamos ver nesse movimento algo semelhante na gramática comparada, é preciso salientar que o que está em jogo não é a comparação de formas linguísticas entre línguas diferentes. Trata-se, como vimos, de um movimento teórico que visa o lado pitoresco das línguas.

Saussure busca, pela via da comparação, um saber que está do lado do poeta, que lhe vem como uma ideia simples: e se o resíduo for intencional? Qual a sua função? Quanto à primeira questão, convém sustentar que a intencionalidade está do lado das

pesquisas de base histórica, ao contrário das pesquisas de linguística geral¹³⁸. Quanto à função dos resíduos, podemos afirmar que esta será delineada nos cadernos dedicados aos textos homéricos.

2.3 - Textos homéricos: um vasto e contínuo anagrama

*"[...] e estou, a partir de agora, em posse de outro princípio,
infinitamente mais [v] simples e mais "humano""*¹³⁹
(SAUSSURE, 1906 [1994], p. 107)

Pontuamos, no tópico anterior, que o encontro de Saussure com os versos saturninos, no início de 1906, resultou em uma produção de quase uma vintena de cadernos, dedicados à contabilidade fônica desses versos, com base na hipótese de que as vogais e as consoantes ali figuravam em pares. Mas não foi somente essa hipótese que foi analisada. Ao final, a contagem deixava alguns resíduos fônicos, levando o mestre suíço a tomá-los como um possível ato de intenção poética. Se assim o fosse, que papel esses resíduos desempenhariam nos versos poéticos?

Buscando uma resposta para essa problemática, Saussure empreende uma viagem ao universo grego, especificamente no universo da literatura homérica. Como dito anteriormente, Saussure era um amante dos textos homéricos e, portanto, da cultura grega. Aprendeu grego aos 11 anos, escreveu um artigo não acadêmico por volta dos 15 anos, o *Essai*, no qual abordava a língua grega; descobriu, ainda, de forma pouco detalhada, uma mudança fonética a partir de um texto do historiador grego Hérodoto; teve contato com a *Iliada* e a *Odisseia*, ainda no período ginásial e, além disso, formou-se como um linguista indo-europeu tendo sempre em vista a língua e a cultura gregas.

Assim, o movimento de Saussure, dos versos saturninos para os textos gregos, numa continuidade de seu prazer histórico, não lhe apresentava grande dificuldade. No entanto, o desafio estava proposto, que era compreender a problemática dos resíduos fônicos nos textos gregos. Salientemos, em tempo, que os textos do domínio cultural grego eram somente as obras de Homero, a *Iliada* e a *Odisseia* e que, por essa razão, quando a hipótese sobre os anagramas foi elaborada, o próprio Saussure denominou-os de anagramas homéricos, e não anagramas gregos (SAUSSURE, 1906 [2013]).

Enquanto aspecto cronológico, a produção saussuriana sobre os anagramas homéricos tem início, segundo alguns autores, a partir de julho de 1906, terminando por

¹³⁸ Ressaltamos que essa distinção é pontuada por Saussure nas Três Conferências de 1891, e que, por fugir ao objetivo proposto, deixaremos tal ponto em aberto para futuras pesquisas.

¹³⁹ Tradução nossa de: "[...] et je suis, dès à présent, en possession d'un autre principe, infiniment plus [v] simple et plus «humain»."

volta de setembro de 1907. Durante esse período, o genebrino manuscreeu 24 cadernos e endereçou um total de quase dez cartas sobre essa investigação, aos colegas linguistas Charles Bally e Antoine Meillet. Dessas cartas, abordaremos seis correspondências: quatro a Bally e duas a Meillet. (TESTENOIRE, 2013)¹⁴⁰.

A primeira carta, que menciona os anagramas homéricos, é a correspondência de 17 de julho de 1906, endereçada a Bally¹⁴¹. Saussure divide essa carta em três partes, cada uma dedicada à uma língua específica: o latim, o védico e o grego. Em relação à língua latina, retoma os versos saturninos, expondo as repetições vocálicas e consonantais, em números pares, nomeando essa regularidade de lei da paridade fônica. Nas análises do védico, o objetivo é similar ao dos versos saturninos. Os exemplos de análises são poucos, e Saussure justifica não ter investido seu ponto de vista sobre a paridade fônica na língua védica.

A última parte da carta, dedicada à língua grega, é menor em comparação às outras partes, porém é nela que a hipótese anagramática é mencionada. Não há, no entanto, qualquer análise teórica sobre os anagramas, a não ser o relato sobre a descoberta de anagramas em Homero. De certo modo, pode-se considerar que essa carta indica um movimento de passagem das análises dos versos saturninos para a investigação da prosa homérica. Neste sentido, o conteúdo da carta expõe o resultado de um processo de elaboração executado em meses antecedentes, quase de forma concomitante.

Além de a carta retratar esse movimento, Saussure quer expor ao interlocutor que existe outro tipo de sistema métrico nessas línguas, para além do acentual e do quantitativo¹⁴². A argumentação da carta de 17 de julho, sustentada inicialmente pela análise da repetição fônica nos versos saturninos e nos hinos védicos, busca, acima de tudo, expor a existência de uma lei nos poemas homéricos, que remete a um tipo de imitação fônica e não mais simples repetição, como na poesia saturnina. Sobre isso, ele esclarece: "Mas considero tudo o que acabei de te escrever como muito pouco ao lado

¹⁴⁰ As cartas que abordaremos são: para Bally, as datadas de 17 e 22 de julho, 07 e 31 de agosto de 1906; para Meillet, as datadas de 12 de novembro de 1906 e a de 23 de setembro de 1907 (TESTENOIRE, 2013)

¹⁴¹ Vale ressaltar que durante essa produção outras atividades acadêmicas estão em curso. O genebrino investiga o funcionamento dos nomes próprios nas lendas germânicas (1903-1910) e, ao longo de 1906, ministra, na Universidade de Genebra, aulas de sânscrito, gramática histórica alemã e linguística geral (FEHR, 1997). Em 08 de dezembro de 1906, após J. Wertheimer ter se aposentado, Saussure é então nomeado "[...] professeur ordinaire de linguistique générale et d'histoire et comparaison des langues indo-européennes" (FEHR, 1999, p. 246). Ressalta-se, por fim, a concomitância parcial entre a produção sobre os anagramas homéricos e o primeiro curso de linguística geral, ministrado entre 16 de janeiro a 31 de julho de 1907.

¹⁴² Mencionamos essa passagem no tópico anterior. Além disso, podemos acrescentar que o mestre genebrino, em algumas de suas pesquisas no lado pitoresco das línguas, e mesmo no lado da linguística geral, sempre se interessou pelo aspecto entonacional das línguas, aqui entendido sob a ótica dos três principais princípios: o quantitativo, o acentual e o silábico, conforme se pode notar na carta a Max Van Berchem, de 1906 (SAUSSURE apud LOUCA, 1974-1975).

da surpresa que me aguardava do lado grego."¹⁴³ (SAUSSURE apud PROSDOCIMI e MARINETTI, 1906 [1990], p. 52)

O novo passo, que versa sobre a hipótese anagramática, é dado em direção da literatura grega. Após pesquisar os poemas homéricos, Saussure não hesita em afirmar, nessa carta, que

De todas as coisas que acabei de te expor, a absolutamente certa para mim agora é que o texto inteiro dos poemas homéricos (...) repousa sobre uma lei secreta, “onde” a repetição das vogais e das consoantes em número absolutamente fixo, de acordo com uma “Palavra-chave”, uma PALAVRA-TEMA, é observada de verso em verso, com uma admirável e total precisão.¹⁴⁴ (SAUSSURE apud PROSDOCIMI; MARINETTI, 1906 [1990], p. 52)

Saussure é direto nessa passagem. Ele acredita que, ao contrário da lei da paridade fônica nos versos saturninos, os textos homéricos foram elaborados com base em um princípio anagramático, uma “lei secreta”, a partir da qual o poeta irá camuflar palavras-chaves. A repetição das vogais e das consoantes submetem-se a essa lei, que se sintetiza, nesse momento preliminar de reflexão, a partir de uma palavra-tema, a qual ele denomina com um termo alemão, *Stichwort* (palavra-chave), e com um termo francês, *mot-thème* (palavra-tema). Esses termos, assim lançados sem maiores esclarecimentos conceituais, instigam a curiosidade do leitor, tal como um enigma.

Nesse momento inicial de elaboração da hipótese anagramática, o ponto de vista saussuriano sobre o texto homérico é de que este “[...] é um vasto e contínuo anagrama, corrente na (ou nas) Palavra-chave que se renova a cada 2 versos ou a cada 2 1/2 versos ou a cada 3 versos [...]”¹⁴⁵ (SAUSSURE, 1906 [1990], p. 53). O gosto pelo prazer histórico parece deixá-lo um tanto ousado: as poucas análises efetuadas nos textos homéricos o levam a estar seguro de sua hipótese. Ele já tem uma ideia geral do fato anagramático, ou seja, uma palavra-tema que figura em um espaço *x* de versos.

Após quase uma semana de novas pesquisas, Saussure escreve outra carta, em 22 de julho. Nela, um dos objetivos é o de desenvolver a ideia que ele denomina de *Stichwort*, que é o primeiro passo para compreender a incógnita *x* dos versos saturninos, ou seja, os resíduos fônicos. De acordo com a epígrafe deste tópico, o mestre genebrino

¹⁴³ Tradução nossa de: "Mais je considère tout ce que je viens de vous écrire comme très peu de chose à côté de la surprise qui m'attendait du côté du grec."

¹⁴⁴ Tradução nossa de: "De toutes les choses que je viens de vous exposer, la plus absolument certaine pour moi maintenant est que le texte entier des poèmes homériques (...) repose sur une loi secrète, <où> la répétition des voyelles et des consonnes en nombre absolument fixe, d'après un «Stichwort», un MOT-THÈME, est observée de vers en vers, avec une admirable et totale précision."

¹⁴⁵ Tradução nossa de: "[...] n'est qu'un vaste et continuel anagramme, courant sur le (ou les) Stichwort qui se renouvellent tous les 2 vers ou tous les 2 1/2 vers ou tous les 3 vers [...]."

considera a hipótese da palavra-tema um princípio poético "[...] infinitamente mais simples e mais “humano”, ao mesmo tempo supremamente interessante por seu significado estético, e os meios empregados para a harmonia na primeira poesia grega."¹⁴⁶ (SAUSSURE, 1906 [1994], p. 107).

O princípio anagramático se torna, assim, uma possibilidade plausível diante da complexidade aritmética presente nas análises saturninas, do trabalho sobre-humano que o poeta empreendia na composição literária. Todavia, a verificação da hipótese anagramática nos textos homéricos não será tão simples como parece apresentar nesse momento, ainda que se privilegie a harmonia estética presente nesses textos¹⁴⁷. Em busca de uma comprovação da hipótese mais segura, Saussure passa a elaborar o *modus operandi* desse princípio poético. Nessa direção, os primeiros passos terminológicos também são entrevistados nessa correspondência: além dos termos *mot-theme* e *stichwort*, aparecem expressões como *texte imitateur*, *rime syllabique* etc., que, de um modo geral, configuram alguns dos principais conceitos que serão elaborados ao longo dessa produção.

Ainda nessa carta de 22 de julho, Saussure não consegue dissimular sua admiração pela literatura homérica. Esta se evidencia quando diz comparar a poesia homérica à arquitetura grega, como segue:

Quanto mais avanço, mais compreendo a relação da poesia homérica com esses pequenos detalhes, de uma delicadeza incrível, que destacam os arquitetos na construção do Partenon ou em outras obras-primas tectônicas.¹⁴⁸ (SAUSSURE, 1906 [1994], p. 113).

O texto homérico é, para Saussure, uma espécie de obra de arte, tal como uma arquitetura. A comparação entre o perfeccionismo do texto homérico e os ricos detalhes do Partenon reflete, além do sentimento de Saussure para com a literatura homérica, a plausibilidade da hipótese anagramática, enquanto princípio e efeito poético.

Realmente, essa admiração parece reforçar a posição de Saussure sobre sua hipótese. Na carta de 07 de agosto, ele expressa que "[...] as provas de que todo o texto homérico é um criptograma contínuo são tais, que nada mais me desviará dessa convicção."¹⁴⁹ (SAUSSURE, 1994, p. 115). Acreditamos que considerar o texto

¹⁴⁶ **Tradução nossa de:** "[...] infiniment plus simple et plus "humain", en même temps que suprêmement intéressant pour sa signification esthétique, et les moyens employés pour l'harmonie dans la première poésie grecque."

¹⁴⁷ Trataremos da relação dos anagramas a uma noção de significação estética no terceiro capítulo.

¹⁴⁸ **Tradução nossa de:** "Plus j'avance, plus je comprends le rapport de la poésie homérique avec ces moindres détails, d'une finesse incroyable, que signalent les architectes dans la construction du Parthénon ou d'autres chefs-d'oeuvres tectoniques."

¹⁴⁹ **Tradução nossa de:** "[...] les preuves que tout le texte homérique n'est qu'un continuel cryptogramme sont telles, que rien ne me détournera plus de cette conviction."

homérico nesse começo de produção indica ou um estágio adiantado de investigação ou um jogo argumentativo, para convencer o interlocutor sobre a veracidade do anagrama. Entretanto, a convicção sobre a hipótese anagramática parece receber uma primeira objeção, provavelmente após a resposta de Bally a do dia 07, pois Saussure expressa, na carta de 31 de agosto, que

É sempre muito bom ver de algum modo que a ideia que podemos ter não persuade a pessoa a quem comunicamos, e isso ajuda infinitamente a uma boa disciplina do espírito na busca e na escolha das evidências.¹⁵⁰ (SAUSSURE, 1994, p. 117).

Não se sabe em que Saussure não consegue persuadir seu interlocutor, pois não se tem, até o momento, a resposta de Bally. A objeção interessa à Saussure no sentido de que é preciso que a teoria se sustente, e a dúvida é um elemento crucial nessa investigação. Nessa carta de 31 de agosto, o genebrino não esconde a importância da incerteza, quando avalia:

Eu mesmo passei, ainda recentemente, por momentos de dúvida absoluta sobre a existência dos anagramas em questão: foi preciso retomar, por assim dizer, de forma contraditória, as diferentes provas e levá-las contra minha impressão passageira para chegar à superação.¹⁵¹ (SAUSSURE, 1906 [1994], p. 117)

De fato, a dúvida é um fator que direciona Saussure no sentido da contraprova da existência do fato anagramático. Além disso, a admiração que ele possui pelo *velho bardo*, como ele denomina Homero nessa carta, faz com que a hipótese anagramática ganhe uma sustentabilidade histórica. A propósito desse suporte, o mestre suíço expressa, num trecho dessa última carta de agosto:

De toda maneira, seria injusto, em primeiro lugar, ignorar a base histórica. Se um processo poético que os testemunhos externos, fosse apenas a aliteração germânica, se tornam provável para a poesia indo-eur(opeia), fosse transmitida por herança aos primeiros Gregos – acompanhado por um certo respeito hierático da parte das escolas de rapsodos –, não se pode cometer um crime ao gênio grego de não ter podido se livrar em tempo desse antigo “encanto”, no caso de merecer esse nome [...] ¹⁵² (SAUSSURE, 1906 [1994], p. 117).

¹⁵⁰ **Tradução nossa de:** "Il est toujours excellent d'ailleurs de voir que l'idée qu'on peut avoir ne persuade pas celui à qui on la communique, et cela aide infiniment à une bonne discipline de l'esprit dans la recherche et dans le choix des preuves."

¹⁵¹ **Tradução nossa de:** "Moi-même j'ai passé, encore récemment, par des moments de doute absolu sur l'existence des anagrammes en question: il me fallait reprendre, pour ainsi dire contradictoirement, les différentes preuves et les dresser contre mon impression passagère pour arriver à la vaincre."

¹⁵² **Tradução nossa de:** "Il serait dans tous les cas injuste, en premier lieu, de ne tenir aucun compte de la base historique. Si un procédé poétique que les témoignages externes, ne fût-ce que l'allitération germanique, rendent probable pour la poésie indo-eur(opéenne), s'était transmis par héritage aux premiers Grecs - accompagné d'un certain respect hiératique de la part des écoles de rhapsodes -, on ne peut vraiment faire un crime au génie grec de n'avoir pu se débarrasser sur l'heure de cette antique «breloque», au cas où elle mériterait ce nom [...]."

A expressão *base histórica*, rara no vocabulário saussuriano, mas explícita nesse momento, reflete a noção de língua na história, delineada por ele em 1891. No trecho acima, a noção de base histórica se alinha diretamente com produções literárias e não com aspectos específicos da história, conforme exposto na Primeira Conferência, quando ele relaciona a problemática da língua céltica com a ocupação românica, ou mesmo a não relação entre o nome *Átila* e sua comunidade bárbara. De um modo geral, o ponto de vista da língua na história é o que permite ao linguista ir além de um saber sobre o funcionamento de uma língua, levando-o à compreensão da presença de fatores pitorescos que a circundam.

Nesse aspecto, sustentar a presença de anagramas nos textos homéricos a partir de uma perspectiva de base histórica implica a análise de duas vias: i) do contexto histórico de produção dos textos homéricos e ii) do método histórico, utilizado pela linguística do século XIX. Sobre o primeiro aspecto, é preciso enfatizar a influência dos textos homéricos, de um modo geral, sobre a cultura da época, assim como para as futuras gerações de poetas.

Reconhecidos como *os mais antigos monumentos helênicos* (BUNSE, 1974), as narrativas da *Íliada* e da *Odisseia* foram elaboradas numa época em que a oralidade era o principal meio de propagação literária, ao contrário do papel que hoje cabe à escrita. Assim, é plausível que a significação estética expressa por Saussure esteja ligada à declamação poética, à oralidade, e não à escrita. Segundo Martin (2014, p. 25) "A textura da *Odisseia* e da *Íliada*, a construção de cenas, discursos e versos, pode ser mais bem apreciada à luz de técnicas encontradas em epopeias tradicionais orais [...]". Nesses textos, a narrativa heroica se liga ao canto, tendo em vista que "No grego homérico, o poeta é um cantor (*aoídos*), e seu trabalho é a canção (*aoide*) - palavra que acaba entrando para o inglês [e para o português] como "ode". (MARTIN, 2014, p. 26).

Saussure, portanto, não ignora tais características dos textos homéricos. Com razão, os conceitos elaborados nos anagramas homéricos refletem sua especificidade oral, desde a noção de palavra-tema, entre outros conceitos, até a função mnemônica atribuída a esses anagramas. O que importa é essa base histórica, de caráter rapsódico, que permeia a produção homérica, pois como evidenciou Martin (2014, p. 30) sobre Homero, como sendo capaz de "[...] criar efeitos significativos evocando, no momento exato, um mundo de associações embutido em um único sintagma [...]"¹⁵³.

¹⁵³ Os trabalhos de Saussure no domínio dos anagramas homéricos foram abordados por Testenoire (2013) em sua tese de doutorado. Sendo assim, faremos algumas considerações de caráter panorâmico, uma vez que o objetivo desta tese é a produção sobre os anagramas latinos.

A segunda via, que se estende sobre essa base histórica, refere-se ao método histórico definido por Saussure. No primeiro curso de linguística geral, esse método é utilizado para se verificar as mudanças fonéticas, suas causas e seus efeitos, e implica a observação dos fatos evolutivos em mais de uma língua indo-europeia. Sobre esse método, Saussure (1996, p. 30) relata:

[...] De fato, recorrer aos documentos escritos para constatar as mudanças fonéticas e é aqui que o método histórico é necessário. O método seria bem diferente se se tratasse apenas de estabelecer as correspondências de uma língua para outra [...].¹⁵⁴ SAUSSURE, 1996, p. 30)

Se o viés metodológico na análise das línguas implica uma comparação entre duas ou mais línguas visando identificar correspondências linguísticas - tais como as regularidades fonéticas - na produção sobre os anagramas, esse método visa encontrar a regularidade da hipótese anagramática, enquanto possível regra de versificação. Dessa maneira, se é possível identificar um princípio anagramático em um determinado autor, é indispensável que se confirme esse procedimento, não só em outros autores, como também em textos de línguas diferentes, conforme exposto na carta de 17 de julho de 1906.

Após as cartas de agosto de 1906, estende-se um período de quase dois meses sem registros de correspondências. Não se sabe se Saussure escreveu cartas ou não, mas as correspondências existentes e a quantidade de cadernos sobre os anagramas indica que as análises eram constantes. Todavia, a partir de agosto, os documentos encontrados indicam que foram poucas correspondências (somente duas), e destinadas apenas a Antoine Meillet. A carta de 12 de novembro de 1906 é conhecida como a primeira carta de Saussure a Meillet, sobre os anagramas, e foi publicada e analisada por Roman Jakobson em 1971.

Nessa carta Saussure mostra seu interesse em expor, além dos princípios de linguística geral, o estudo em andamento sobre as lendas germânicas, os *Nibelungen*. Logo após, relembra:

Creio que minha última carta era de Roma. Não sei se por inspiração dos túmulos dos Cipíões¹⁵⁵ ou por outro motivo, passei, em seguida,

¹⁵⁴ **Tradução nossa de:** "[...] en effet recourir aux documents écrits pour constater les changements phonétiques et c'est là que la méthode historique s'impose. <La méthode serait tout autre s'il ne s'agissait que d'établir les correspondances d'une langue à une autre [...]."

¹⁵⁵ Cipião, o africano (em lat. Publius Cornelius Scipio Africanus)?, 235 – Liternum 183 a. C., general romano, Procônsul em 211, pôs fim à dominação de Cartagen (Espanha). Cônsul em 205, desembarcou na África e, derrotando Aníbal em Zama (202), encerrou a segunda guerra púnica. (Larousse 2007:1268).

meu tempo a [tratar] escavar o verso saturnino, sobre o qual chego a conclusões diferentes das de Louis Havet¹⁵⁶.

Mas vou imediatamente acrescentar a isso um pedido que tencionava fazer-lhe, e a propósito do qual o senhor terá recebido uma carta se não tivesse me prevenido [,] a respeito de outra coisa:

Poderia o senhor, por amizade, fazer-me o favor de ler as notas sobre o *Anagrammes dans les poèmes homériques* que reuni entre outros estudos, no decorrer das pesquisas sobre o verso saturnino, e a respeito dos quais eu o consulto [-aria, se o senhor] confidencialmente, porque é quase impossível àquele [que ele] que teve a ideia saber se é vítima de uma ilusão, ou se alguma coisa de verdadeiro está na base de sua ideia, ou se a verdade existe apenas parcialmente. Procurando por toda a parte alguém que pudesse ser o controlador de minha hipótese, há muito que vejo apenas o senhor; [mas] e como eu lhe pediria ao mesmo tempo para manter toda discrição com relação a essa hipótese, talvez ilusória, é ainda ao senhor que eu recorreria por ter toda confiança nesse aspecto. Não escondo que, se aceitar, a próxima correspondência lhe levará doze ou quinze cadernos de notas. Entretanto, tais notas foram redigidas tendo em vista um leitor, lei que me impus, a fim de ter, por assim dizer, um primeiro controle [...]. (apud JAKOBSON, [1971] 1990, p. 4, grifos do autor).

Essa carta que abre a interlocução com Meillet em torno dos anagramas traz algumas questões importantes sobre essas pesquisas. Primeiro, atesta que a visita às inscrições romanas possivelmente dirigiram Saussure a um interesse maior sobre a poesia saturnina. Segundo, o fato de que a análise dos textos homéricos foi, de certa forma, concomitante com a investigação dessa antiga versificação latina, assim como o fato de que no mês de novembro a pesquisa estava em estágio avançado, se considerarmos que Saussure já havia manuscrito 15 cadernos, de um total de 24.

O aspecto instigante nessa carta é a necessidade que Saussure parece ter em relação a um observador externo, que verificasse e exercesse certo controle nas análises anagramáticas. Esse controle externo, efetuado a partir de trocas de correspondências, foi um fator preponderante durante essas análises, podendo ser caracterizado como uma espécie de interlocução necessária para a verificação da hipótese anagramática. Tal interlocução indica também um direcionamento para o saber sobre a língua, o saber erudito, o qual poderia ser compartilhado entre os linguistas do século XIX.

Examinamos, neste tópico, que de julho de 1906 ao final de 1907, Saussure parte da hipótese dos resíduos fônicos para constituir a hipótese anagramática nos textos homéricos. Numa pesquisa considerada de base histórica, esse movimento da poesia saturnina para a literatura grega poderia até ser compreendido a partir do método comparativo, o qual permite a verificação e a comprovação da hipótese anagramática

¹⁵⁶ “Célebre autor do tratado *De Saturnio, Latinorum versu inest reliquiarum quotquot supersunt sylloge* (Paris, 1880).” (Jakobson 1971, p. 8).

em duas ou mais literaturas de línguas diferentes. Todavia, o que está em jogo na análise da hipótese anagramática é, além da identificação das palavras-temas, o fato de que essa hipótese se insere no modo de produção literária de ambos os povos, gregos e latinos.

No momento em que Saussure adentra o universo homérico, tendo em vista a hipótese anagramática, ele se atenta à forma cultural como a poesia de Homero foi produzida: numa tradição em que a oralidade tinha proeminência sobre a escrita, e na qual o anagrama seria um elemento chave para o efeito estético desse fazer poesia. A literatura homérica, e em específico o princípio anagramático, assume uma relevante função estética na arte grega, assim como os detalhes tectônicos realçam a arquitetura do Partenon grego.

As cartas refletem, sobretudo, a necessidade que o genebrino tem em não somente compartilhar sua hipótese, mas também receber, de seus interlocutores, algum parecer sobre esse suposto princípio poético. Se seu interlocutor está ou não convencido, isso parece, nesse momento, não ser levado a sério. O próprio Saussure parece oscilar, em algumas vezes, sobre a veracidade do fato anagramático. Entretanto, vemos que ele se firma no modo de análise dessa base histórica que é, conforme já dissemos, interrogar o saber sobre a língua, voltando-se para a história da literatura greco-latina. Ali, a tradição rapsódica, a literatura oral, os hinos homéricos, a imitação fônica são características literárias, ou condições, que viabilizam a hipótese anagramática em vias de elaboração.

Saussure, no entanto, não se contentará em descobrir anagramas nos textos homéricos. Seu gosto pelo lado pitoresco das línguas o impulsiona a um retorno para a poesia saturnina. Teria ele deixado escapar algo sobre a incógnita *x*, vista nos monumentos do fórum romano? Haveria ali formações anagramáticas tais como as encontradas nos textos homéricos?

2.4 - Literatura latina: um campo mais seguro para a hipótese anagramática?

*"[...] Homero: este oferece evidentemente um campo mais amplo, mas o Saturnino latim teria me oferecido, acredito, um campo mais seguro, se eu o tivesse imediatamente pesquisado completamente sem sair desse círculo."¹⁵⁷
(SAUSSURE, 1907 [1964], p. 109)*

A epígrafe acima faz parte de uma carta datada de 23 de setembro de 1907, escrita ao seu colega parisiense Antoine Meillet. Em pleno desenvolvimento da

¹⁵⁷ Tradução nossa de: "[...] Homère: celui-ci offre évidemment un champ plus ample mais le Saturnien latin m'eût offert, je crois, un champ plus sûr, si je l'avais tout de suite fouillé à fond sans sortir de ce cercle."

produção sobre os anagramas nos textos homéricos, Saussure apresenta nessa correspondência um novo movimento teórico nessa produção: um retorno aos versos saturninos. Embora os textos homéricos sejam um campo mais amplo, Saussure detém-se nos versos saturninos, os quais ele acredita ser um campo mais seguro.

Abrimos, portanto, este tópico sobre o retorno aos versos saturninos com a epígrafe na qual figura a assertiva saussuriana de que a literatura latina é mais segura do que os textos homéricos. Em que medida esse retorno, ou essa literatura é mais segura do que a produção homérica, em se tratando da hipótese anagramática? Como ponto de partida para compreender tal problemática¹⁵⁸, selecionamos como *corpus* central a própria correspondência, por anunciar esse retorno à literatura latina após sua suspensão, conforme vimos no tópico 2.3.

Em relação ao período cronológico de produção, nota-se que a duração entre a produção sobre os anagramas homéricos e a produção sobre os anagramas latinos é pouco relevante, uma vez que ambas duraram quase um ano e meio. A primeira produção tem como marco a carta de 17 de julho de 1906, terminando com essa carta de 23 de setembro de 1907, a qual introduz os anagramas latinos, que finda em abril de 1909.

No entanto, há uma diferença que pode lançar uma luz preliminar à problemática da segurança dos anagramas latinos que é a quantidade de cadernos/autores entre ambas as produções. Enquanto nos anagramas homéricos Saussure se detém apenas em um único autor, Homero, e em suas duas obras, a *Iliada* e a *Odisseia*, o percurso nos anagramas latinos é marcado por uma diversidade de autores e de obras, de períodos literários distintos, desde a antiguidade, passando pelo período clássico, renascimento, até chegar ao período moderno.

Voltemos à carta de 23 de setembro de 1907. Nela, deparamo-nos com um estilo semelhante tal como na carta a Bally, de 17 de julho de 1906, quando anunciou a hipótese dos anagramas nos textos homéricos. A carta é dividida em três partes: na primeira, ele apresenta a lei da paridade fônica nos versos saturninos; na segunda, expõe a breve análise dos textos védicos e, na última parte, anuncia a hipótese sobre a presença de anagramas nos textos homéricos.

¹⁵⁸ Adiantamos que abordaremos essa problemática procurando efetuar direcionamentos para sua compreensão, iniciando nesse capítulo e continuando no terceiro capítulo, uma vez que, até onde sabemos, o mestre genebrino sequer deixou explícita a razão de ter considerado a literatura latina como mais segura ante a hipótese anagramática. Diante disso, buscaremos analisar o percurso de Saussure nos anagramas neste capítulo e, no terceiro, o anagrama enquanto objeto teórico, tendo em vista não só a hipótese da tese, sobre o lado pitoresco das línguas, como também a problemática enunciada nesse tópico.

No entanto, na carta a Meillet, as partes encontram-se invertidas. Num primeiro momento, Saussure anuncia que deixa provisoriamente os anagramas homéricos para então dedicar-se à poesia saturnina; em seguida expõe as análises anagramáticas na poesia saturnina e, por último, na literatura védica. Além dessas particularidades que, segundo entendemos, apontam alguns aspectos metodológicos da gramática comparada¹⁵⁹, retomamos a epígrafe em seu contexto, para avaliarmos outros aspectos:

Foi do Saturnino que eu parti para pesquisar, ou para pensar em pesquisar se a epopéia grega conhecia algo tão bizarro à primeira vista que a imitação fônica, por meio do verso, de nomes que têm uma importância para cada passagem. Deixo a questão aberta provisoriamente para os chamados poemas homéricos e volto ao que dizia ser meu ponto de partida – que eu poderia ter feito melhor para explorar já no ano passado em vez de partir pela tangente em Homero: este oferece evidentemente um campo mais amplo, mas o Saturnino latim teria me oferecido, acredito, um campo mais seguro, se eu o tivesse imediatamente pesquisado completamente sem sair desse círculo.¹⁶⁰ (SAUSSURE, 1907 [1964], p. 109)

Saussure confirma, nesse trecho, que o ponto de partida da hipótese anagramática ocorre após análises dos versos saturninos, lembrando que tal hipótese fundamentou-se na problemática dos resíduos fônicos dessa antiga versificação latina. Mas foi em seu percurso nos textos homéricos que Saussure pode dar consistência teórica à hipótese dos anagramas, centrada na imitação fônica, a partir de nomes "[...] quem tem uma importância para cada passagem."¹⁶¹ (SAUSSURE, 1907 [1964], p. 109).

Dessa forma, é possível esquematizar o seguinte percurso saussuriano:

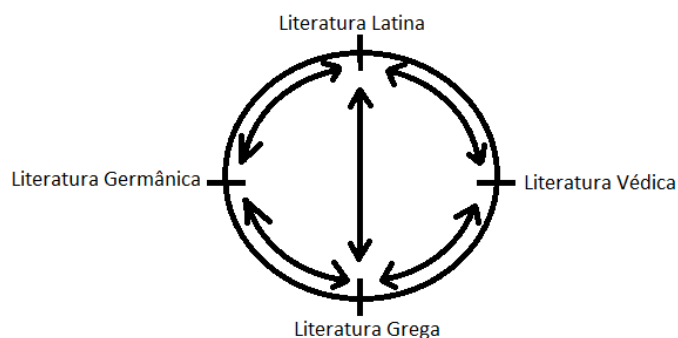
(1906) versos saturninos -> (1906) textos homéricos -> (1907) versos saturninos

o qual evidencia, para usar as palavras de Saussure, o círculo literário das línguas indo-europeias nas quais ele busca comprovar a hipótese anagramática. Podemos entender esse círculo literário na ilustração a seguir:

¹⁵⁹V. tópico 1.3, as particularidades referem-se a aspectos metodológicos da Gramática Comparada, principalmente no quesito de se abordar, de modo concomitante, mais de uma língua, para efeito de comparação.

¹⁶⁰ **Tradução nossa de:** "C'est du Saturnien que j'étais parti pour rechercher, ou pour songer à rechercher si l'épopée grecque connaissait quelque chose d'aussi bizarre à première vue que l'imitation phonique, au moyen du vers, des noms qui ont une importance pour chaque passage. Je laisse la question ouverte provisoirement pour les dits poèmes homériques, et je reviens à ce que je disais être mon point de départ - que j'aurais peut-être mieux fait d'explorer à fond dès l'année dernière au lieu de partir par la tangente sur Homère: celui-ci offre évidemment un champ plus ample, mais le Saturnien latin m'eût offert, je crois, un champ plus sûr, si je l'avais tout de suite fouillé à fond sans sortir de ce cercle."

¹⁶¹ **Tradução nossa de:** "[...] qui ont une importance pour chaque passage."



O diagrama acima nos mostra o círculo literário no qual Saussure se movimenta, conforme vemos nas cartas de 17 de julho de 1906, complementado agora com a carta de 23 de setembro de 1907. Notemos que há um movimento circular entre as quatro línguas literárias e um movimento mais direto entre a literatura grega e a literatura latina.

De acordo com o que já discutimos, a estreita relação entre os versos saturninos e os textos homéricos dá-se a partir da identificação dos resíduos fônicos como algo intencional e calculado, e que o direciona à hipótese dos anagramas no universo da literatura grega. Agora, nesse momento, ocorre um movimento inverso: após ter confirmado a presença de anagramas nos textos de Homero, ele retorna à poesia latina dos versos saturninos para testar a hipótese anagramática. Nesse movimento, Homero, ainda que seja uma paixão do genebrino, é deixado em suspenso.

De fato, ainda que durante as pesquisas latinas haja referências aos textos homéricos, elas são breves, e nada há que indique um retorno à *Iliada* e à *Odisseia*. Deixar a epopeia grega à parte poderia até denotar que a teoria do anagrama homérico fora construída de forma não convincente. Mesmo se assim fosse não é possível considerá-la inconsistente. Isso significa dizer que, além de servir como o campo inicial de elaboração teórica para o anagrama latino, o anagrama homérico se justifica pelo ponto de vista da língua na história, uma vez que ambas as línguas são cultural e historicamente inter-relacionadas.

Retomemos a questão: De que modo é possível considerar o anagrama latino como mais seguro? Pelo fator quantitativo, a própria poesia saturnina, enquanto gênero poético primitivo do latim, implica um problema no *corpus*, uma vez que é uma produção pouco documentada, encontrada em raras inscrições ou textos literários esparsos¹⁶². Nesse aspecto, é razoável supor que Saussure, ciente desse impasse nessa

¹⁶² Indicamos o texto de Françoise Rastier, *À propos du Saturnien* (1970), que trata, com maior verticalidade, a relação entre a teoria anagramática e os textos saturninos, tendo em vista a quantidade de versos como pré-requisito para a identificação das unidades anagramáticas ante a forma como essa poesia é encontrada, nas inscrições romanas ou em textos fragmentados.

forma poética, efetuasse um novo movimento em direção a outros textos da literatura latina, conforme veremos posteriormente.

Se o problema da escassez dos versos saturninos é um problema para Saussure, em que medida a certeza nesses versos seria fundamentada? Nessa carta, Saussure não explica os motivos pelos quais acredita que o domínio saturnino é um campo mais seguro para certificar a hipótese anagramática. Mas é possível supor que, caso fossem encontrados indícios de anagramas nos versos saturninos nos moldes encontrados nos textos homéricos, isso poderia ser um fator de comprovação da existência desse princípio poético. Em outras palavras, identificando-se os mesmos princípios poéticos em duas ou mais línguas, a regularidade seria uma espécie de comprovação.

Nessa direção, Saussure (1907 [1964], p. 109) pondera que, nos versos saturninos, "A aliteração, ou seja, a correlação de fonemas colocados à frente das palavras, é uma parte inteiramente insignificante de um fenômeno, de outra forma, vasto e importante."¹⁶³ (SAUSSURE, 1907 [1964], p. 109). Ao contrário, portanto, quando viu os saturninos pela primeira vez, quando visitou o Fórum Romano, em fins de 1905, e escreveu a Meillet sobre a incógnita *x* dessa versificação, nesse momento a dúvida dá lugar a uma certeza, assim como vemos na carta de 17 de julho de 1906, quando o genebrino anunciou a Bally a hipótese anagramática nos textos homéricos.

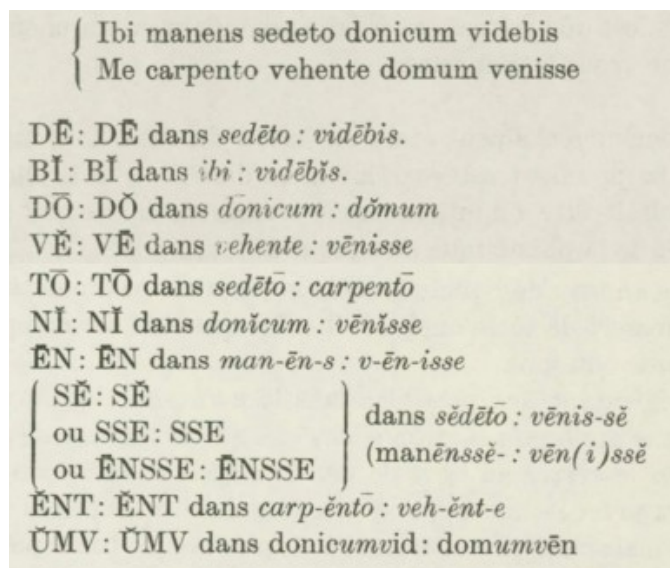
Neste sentido, as expressões *vaste* e *important* nos remetem às expressões utilizadas por Saussure quando da hipótese dos anagramas homéricos, quando concluiu que o texto homérico "[...] é um vasto e contínuo anagrama [...]"¹⁶⁴ (SAUSSURE, 1906 [1990], p. 53). De certa forma, pela via da comparação entre diferentes *corpora* literários, ele estabelece uma correlação com a descoberta de anagramas na poesia grega e na poesia latina, como relatou na carta de 17 de julho de 1906, considerando a regra da paridade fônica como algo menor em comparação à hipótese anagramática no universo literário grego (SAUSSURE, 1906 [1990], p. 52).

Para nós, Saussure quer, além de mostrar a presença de anagramas nos versos saturninos, deixar o leitor convencido da veracidade de sua hipótese, provocando-o a tomar uma posição crítica diante de sua conjectura sobre esse novo princípio poético.

A fim de examinar a presença de anagramas nos versos saturninos, afasta-se então do exame dos pares consonantais e vocálicos sem uma motivação qualquer, como visto na lei da paridade fônica, para identificar grupos de fonemas que fazem referência a um nome, conforme a ilustração a seguir:

¹⁶³ Tradução nossa de: "L'allitération, c'est-à-dire la corrélation de phonèmes placés à la tête des mots, est une partie tout à fait insignifiante d'un phénomène autrement vaste et important."

¹⁶⁴ Tradução nossa de: "[...] n'est qu'un vaste et continuel anagramme [...]."



(SAUSSURE, 1907 [1964], p. 110)

A análise acima é, no domínio da literatura latina, bastante preliminar. O objetivo é mostrar ao seu interlocutor a presença intrigante da repetição, não de vogais ou de consoantes, mas de grupos fônicos, de dífonos ou polífonos, nomeados de fragmentos anagramáticos. Nesse exame dos versos saturninos, dois desafios ainda são postos por Saussure:

- i) a quantidade de versos em que esses fragmentos devem ser identificados;
- ii) a possibilidade de se encontrar esses fragmentos, de um modo fácil, em uma quantidade aceitável de versos.

Diante desses desafios, ele assegura nessa carta de setembro de 1907:

Sem dúvida, acredito ter calculado bem os graus e os limites de algumas probabilidades, ter identificado muitas coisas características em torno do alinhamento dos dífonos intencionais, mas enfim, confesso que a opinião de um colega desinformado, e julgando friamente, seria muito precioso para mim. Espero de você este serviço amigo; se eu não excluí da apresentação nenhum detalhe ou nenhuma conjectura, é precisamente para que você não julgue a impressão favorável que dá um único anagrama obtido do texto, mas sobre a impressão menos encorajadora que dá a sua multiplicidade.¹⁶⁵
(SAUSSURE, 1907 [1964], p. 112)

O cálculo quantitativo de versos nos quais o poeta “espalharia” os fragmentos dos nomes escolhidos é um ponto observado por Saussure desde as primeiras análises

¹⁶⁵ **Tradução nossa de:** Sans doute, je crois avoir bien calculé les degrés et les limites de certaines chances, avoir relevé bien des choses caractéristiques en dehors de l'alignement des diphtongues voulus, mais enfin j'avoue que l'opinion d'un confrère non prévenu, et jugeant froidement, me serait très précieuse. J'attends de vous ce service d'ami; si je n'ai supprimé dans l'exposé aucun détail ou aucune conjecture, c'est précisément pour que vous ne jugiez pas sur l'impression favorable que donne un seul anagramme tiré du texte, mais sur l'impression moins encourageante que donne leur multiplicité même.

nos versos homéricos, quando descreveu, na carta de 17 de julho de 1906, que os fragmentos da palavra-tema repetiam-se no percurso de 2, 2_{1/2} ou até em 3 versos (tópico 2.3). Nesse caso, o fator quantitativo dos versos retorna também às análises dessa antiga poesia latina e, como havia feito já em outros momentos desse percurso, Saussure novamente não se exime de pedir auxílio a um leitor externo, não prevenido, que possa olhar “friamente” para as análises.

Isso em razão da multiplicidade de anagramas que, paradoxalmente, se transforma em um verdadeiro impasse, e que parece direcionar Saussure ao recurso metodológico da comparação. Tal recurso comparativo ocorre, em um primeiro instante, no exame da aliteração da poesia germânica: "Partindo do fato latino (considerado provisoriamente seguro), a primeira ideia que poderia vir é que a aliteração germânica por sua vez poderia ser apenas o restante de uma poesia fônica enquanto tal [...]"¹⁶⁶ (SAUSSURE, 1907 [1964], p. 112).

Esse fenômeno é observado por Saussure a partir da pesquisa de textos do antigo alto-alemão, mais especificamente da lenda de *Hildebrandslied*¹⁶⁷, ou canção de Hildebrando. Pode-se constatar que o estudo saussuriano sobre essa aliteração se sustenta a partir de duas vias de investigação que se imbricam na produção sobre os anagramas: análise do sistema gráfico (escrita) e análise do sistema poético.

No sistema gráfico tem-se em pauta a origem da escrita, mencionado por Saussure em no mínimo três manuscritos: nas cartas de 17 de julho de 1906 e de 23 de setembro de 1907, e no caderno sobre os anagramas homéricos, intitulado de *I^{er} Cahier a lire préliminairement*¹⁶⁸. Para ele, os antigos germânicos fundamentavam uma unidade fônica a partir de uma barra (*stab*), que podia ter um "[...] triplo sentido de a) vareta b.) fonema aliterante da poesia."¹⁶⁹ (SAUSSURE, 2013, p. 393).

Assim, os primeiros vates germânicos trabalhavam o aspecto fônico da fala utilizando essas barras para representar não apenas os fonemas da fala, como também para marcar a repetibilidade e a regularidade dessas unidades¹⁷⁰. Sobre isso, o genebrino expressa:

¹⁶⁶ ¹⁶⁶ Tradução nossa de: "En partant du fait latin (considéré provisoirement comme assuré), la première idée qui pouvait venir est que l'allitération germanique à son tour pouvait n'être que le reste d'une poésie phonisante dans son ensemble [...]."

¹⁶⁷ Tópico 1.2, o texto de *Hildebrandslied* foi analisado por Saussure em 1884, numa perspectiva filológica, de caráter interpretativo.

¹⁶⁸ Catalogado por Godel (1960) como o caderno 3963/5, parte desse caderno foi publicado por Starobinski (1974) e integralmente por Testenoire, em 2013.

¹⁶⁹ Tradução nossa de: "[...] triple sens de a) baguette b.) phonème alitérant da la poésie c.) lettre."

¹⁷⁰ Testenoire (2012), em seu artigo intitulado *L'origine de l'écriture, un enjeu de la linguistique saussurienne?*, aprofunda essa discussão, levando em consideração o lugar da escrita na gramática comparada e no pensamento saussuriano, com base em temas como a origem do alfabeto e a semiologia da noção de *stab*.

Desde que apenas suspeitemos de que os elementos fônicos do verso poderiam ser contados, uma objeção se apresenta, a da dificuldade de contá-los, visto que é preciso muita cautela, mesmo para nós que dispomos da escrita, para estarmos seguros de contá-los bem. Por isso, se concebe logo ou antes se prevê, se o trabalho do *vātēs* era o de reunir sons em número determinado, que a coisa não era por assim dizer possível senão por meio de um signo exterior como pedregulhos de diferentes cores ou como *varetas* de diferentes formas, os quais representavam a soma dos *d* ou dos *k* etc. (SAUSSURE *apud* STAROBINSKI, 1974, p. 30)¹⁷¹

Tem-se, na poesia da antiguidade germânica, uma relação intrínseca entre a contagem fonêmica e a composição poética que, segundo Saussure, era baseada numa relação primitiva entre os sons e algum elemento material que servisse de suporte para essa contagem. No entanto, nessa carta de setembro de 1907, Saussure ressalta que a antiga literatura alemã não se baseava apenas no princípio da aliteração. Trata-se, agora, de entrever o princípio anagramático nessa literatura, fato esse ainda não abordado com Bally em 1906, nem no caderno dedicado aos anagramas homéricos. Mas, na missiva a Meillet, ele dá exemplos de algumas palavras cujos fragmentos apontam para a formação anagramática do nome do personagem Hadubrand.

A passagem do princípio da aliteração para o princípio anagramático na poesia alemã espelha tanto a abordagem saussuriana na poesia saturnina, na qual ele elaborou em primeiro lugar a lei da paridade fônica, e depois identificou o princípio dos anagramas, como reflete também na poesia védica, exposta nessa carta de setembro de 1907. Neste sentido, a investigação do princípio anagramático na literatura védica direciona Saussure (1907 [1964], p. 114) a considerar que em um primeiro momento "Todo poeta era, acima de tudo, especialista em fonemas."¹⁷² para que assim fosse capaz de dominar diferentes "jogos fônicos" nas composições literárias.

Uma vez adquirida essa habilidade fonética, eles estariam aptos para compor as preces e invocações com base no princípio anagramático, passando a dominar também os meandros da métrica, que envolvia a contabilidade, a regularidade e as correspondências fônicas. Tal técnica levaria o poeta a compor os hinos de modo que pudesse relacionar o adorador e a entidade divina: "[...] Deus estaria contido, por assim

¹⁷¹ Essa passagem faz parte do caderno catalogado como 3963/5 e remete também a outro caderno, 3962/16 que, segundo a nova catalogação feita por Testenoire (2013b, p. 33), são dois cadernos que se "[...] distinguem os precedentes pela sua dimensão teórica e pela abertura a outros textos poéticos: versos saturnianos, hinos védicos, poesia germânica, poesia lírica grega. Pensado por Saussure como dois cadernos propedêuticos para a leitura dos anagramas homéricos, eles elaboram, efetivamente, o balanço e asseguram a transição com a continuação da pesquisa anagramática no campo latino." **Tradução nossa de:** "[...] distinguent des précédents par leur dimension théorique et par l'ouverture à d'autres textes poétiques: vers saturniens, hymnes védiques, poésie germanique, poésie lyrique grecque. Pensés par Saussure comme deux propédeutiques à la lecture des anagrammes homériques, ils en dressent, de fait, le bilan et assurent la transition avec la poursuite de la recherche anagrammatique dans le domaine latin".

¹⁷² **Tradução nossa de:** "Tout vâtes était avant tout un spécialiste en fait de phonèmes."

dizer, no texto, ou bem se introduzisse de imediato o nome do devoto e o nome de deus, criando-se um vínculo entre eles, no qual a divindade não pudesse, por assim dizer, mais rejeitá-los."¹⁷³ (SAUSSURE, 1907 [1964], p. 114).

Com efeito, ainda que os aspectos metodológicos, como quantidade de versos, limites de chances para identificar anagramas, busca por marcas de intencionalidade, interlocução necessária etc. continuem a fazer parte desse percurso nos anagramas, Saussure preza pelo ponto de vista de base histórica, uma vez que essa perspectiva possibilita pensar as condições históricas que viabilizam a presença do fato anagramático. E é a partir desse ponto de vista que objetivamos continuar a análise do percurso de Saussure nos anagramas latinos, no tópico a seguir.

2.5 - Anagramas latinos: um percurso sem retorno

*"Tanto quanto eu já vejo por um olhar fugaz à época imperial,
o anagrama só recuperou novas forças [...]"¹⁷⁴
(SAUSSURE, 1908 [1964], p. 118)*

Mesmo com tantas incertezas, movimentos e desafios, as reflexões de Saussure tem continuidade, agora deixando de lado o círculo das línguas indo-europeias para dedicar-se especificamente à tradição poética latina. Como testemunho disso, Testenoire (2013, p. 86) publica a carta de Lucien Gautier ao filho Leopold Gautier, aluno de Saussure, escrita em 07 de dezembro de 1907, na qual o pai Gautier revela que Saussure estava analisando as obras de Virgílio e de Ovídio. Nessa carta, Lucien afirma que o genebrino ou era vítima de uma ilusão ou caminhava em direção a uma elaboração complexa e genial, embora fosse necessário um controle e uma verificação das análises em andamento (TESTENOIRE, 2013).

A partir desse momento, se estabelece um novo movimento teórico no percurso de elaboração sobre os anagramas, sobre o qual Saussure escreve a Meillet, em 08 de janeiro de 1908¹⁷⁵:

¹⁷³ **Tradução nossa de:** "[...] on rivait pour ainsi dire le Dieu au texte, ou bien si on introduisait à la fois le nom du dévot et le nom du dieu, on créait un lien entre eux que la divinité n'était pour ainsi dire plus libre de repousser."

¹⁷⁴ **Tradução nossa de:** "Autant que je vois déjà par un regard fugitif sur l'époque impériale, l'anagramme n'a fait que reprendre de nouvelles forces [...]."

¹⁷⁵ Conforme a publicação dos Cahiers Ferdinand de Saussure, n. 21, de 1964, esta carta de 08 de janeiro é a última carta de Saussure a Meillet sobre os anagramas. Na sequência, os Cahiers publicam uma carta de 1911, dois anos após o término da produção saussuriana sobre os anagramas, que foi em 1909. Após esta última carta a Antoine Meillet, as correspondências de Saussure até o momento catalogadas apontam para a existência de quatro cartas endereçadas a Charles Bally, no ano de 1908, então publicadas nos Cahiers Ferdinand de Saussure, n. 48, de 1994: i) uma do início, sem data; ii) a segunda de 13 de abril, iii) 07 de setembro e iv) 16 de setembro. Embora não sejam longas, essas cartas trazem, de um modo geral, informações sobre os autores e obras que Saussure estava investigando, detalhes de algumas análises anagramáticas e alguns aspectos teóricos e metodológicos sobre os anagramas.

Eu admitia que esse furor do jogo fônico, saído da poesia saturniana, estava decrescendo, e que Ovide provavelmente poderia ser o último representante. Erro profundo. Tanto quanto eu já vejo por um olhar fugaz à época imperial, o anagrama só recuperou novas forças [...].¹⁷⁶ (SAUSSURE, 1908 [1964], p. 118)

Dessa forma, após analisar os versos saturninos, Saussure sinaliza a continuidade de sua produção sobre os anagramas na poesia latina, embora acreditasse que em um determinado momento da história literária do latim o "furor" dos anagramas não seria mais um princípio poético utilizado pelos vates. Pensar assim, ressalta o mestre, é equivocar-se. O que ocorre é justamente o contrário: Saussure identifica anagramas em diversos autores latinos, começando com os poetas clássicos, tais como Virgílio, a partir da *Eneida* e *Odisseia*, Lucrécio, com *De rerum natura*, seguindo para os poetas como Catulo, Tibulo, Ovídio, passando para a época imperial com Cícero, Plauto, Claudiano, do Renascimento, como Ângelo Policiano, até chegar à poesia contemporânea, a partir das produções de Giovanni Pascoli.

Nessa carta de janeiro de 1908, Saussure (1908 [1964], p. 119) expõe como exemplo de análise anagramática o seguinte verso latino, detalhando a palavra-tema *Lesbonicus*:

sonitu benevolens amicus
 ||| | ||| |||
oni b le s icus

Esse exemplo é apenas uma amostra das análises que observamos, por exemplo, no caderno Ms. fr. 3966/2 ff.35;44, o qual é dedicado aos textos de Plauto. A amostra visa tanto expor o funcionamento dos anagramas como busca, já dissemos, um parecer crítico, às vezes “frio” e racional por parte do observador externo. Além disso, como mostramos no primeiro capítulo, essa interlocução também se dirige ao saber erudito, entrevisto na especialidade literária de outros estudiosos do século XIX. Todavia, mesmo que esse observador não estivesse convencido da veracidade dos anagramas, o genebrino afirma, ao final da carta, que “[...] não teria tido a ideia de prosseguir uma pesquisa que se encontra solucionada completamente em torno do saturniano e de meu objeto primitivo.”¹⁷⁷ (SAUSSURE, 1908 [1964], p. 119).

Em 13 de abril de 1908, restando apenas um ano para o final da produção sobre os anagramas, Saussure retoma a interlocução com Bally, escrevendo-lhe uma carta na

¹⁷⁶ Tradução nossa de: "J'admettais que cette fureur du jeu phonique, sortie de la poésie saturnienne, était allée decrescendo, et qu'Ovide pouvait en être probablement le dernier représentant. Profonde erreur. Autant que je vois déjà par un regard fugitif sur l'époque impériale, l'anagramme n'a fait que reprendre de nouvelles forces [...]."

¹⁷⁷ Tradução nossa de: "[...] n'aurais pas eu l'idée de poursuivre une recherche qui se trouve solutionnée complètement en dehors du Saturnien et de mon objet primitif."

qual aborda diversos aspectos de sua produção sobre os anagramas. Dentre esses aspectos, há informações encontradas em dois cadernos saussurianos: a palavra-tema *Clytaemnestra* é identificada no caderno dedicado aos anagramas de Virgílio (Ms. fr. 3964/4, f.3) e no caderno voltado para os textos de Martial (Ms. fr. 3964/24).

O foco dessa carta é, no entanto, metodológico, tendo como ponto de partida a problemática das “chances” possíveis de identificação de anagramas. Sobre isso, Saussure relata: "Eu me ocupei, ou melhor, já estava ocupado antes da nossa última entrevista, da questão das “probabilidades”".¹⁷⁸ (SAUSSURE, 1908 [1994], p. 122). Justamente, a problemática das chances, que relaciona com quantidade limite de versos aceitáveis para que uma palavra-tema figure, foi mencionada por Saussure na carta a Meillet, de 23 de setembro de 1907. Porém, ao que tudo indica, não havia uma solução definitiva. Nessa carta de 1908, ele discute:

A questão não é saber se, a cada instante, não se poderia ler, em torno de uma palavra, uma palavra completamente diferente, mesmo com mais sucesso do que a que está em questão: porque é evidente que assim que me dão somente doze sílabas, [vai] eu posso desenhar um número infinito de palavras, ou pelo menos muito considerável.¹⁷⁹ (SAUSSURE, 1908 [1994], p. 122)

Saussure é consciente de que o anagrama, enquanto princípio poético, deve obedecer a regras e não pode ser identificado a partir de uma quantidade de material fônico ilimitada. Trata-se de um desafio incontornável para ele. Em outro trecho dessa carta, o aspecto quase infinito de combinações fônicas o leva a problematizar:

[...] Há todo um conjunto de circunstâncias abrangentes que escapam a toda fórmula estatística, mas fazem a verdadeira maquiagem para a convicção. Agora me preocupo em dispor as provas de uma maneira totalmente diferente da que tinha projetado antes, para melhor apreciar esse tipo de evidência. Em vez de enumerar os hipogramas por autores, proponho agrupá-los por palavras, como por exemplo: os hipogramas em *Laocoon*, em *Arquimedes* etc., de modo que se possa ver melhor quanto uma palavra a hipografar muitas vezes chama [...] os mesmos meios, como um *hoc em Lahocohon*, um dextra em *Clytaemnestra* etc.¹⁸⁰ (SAUSSURE, 1908 [1994], p. 122, grifos do autor).

¹⁷⁸ Tradução nossa de: "Je me suis occupé, ou plutôt je m'étais déjà occupé avant notre dernière entrevue, de la question des "chances"."

¹⁷⁹ Tradução nossa de: "La question n'est pas de savoir si, à chaque instant, on ne pourrait pas lire, autour d'un mot, un mot tout à fait différent, même avec plus de succès que celui qui est en cause: car il est évident que dès qu'on me donne seulement douze syllabes, [va] j'en puis tirer un nombre de mots infini, ou au moins très considérable."

¹⁸⁰ Tradução nossa de: "[...] il y a tout un ensemble de circonstances entourantes et qui échappent à toute formule statistique, mais font l'appoint véritable pour la conviction. - Je me préoccupe dès maintenant de disposer les preuves d'une tout autre façon que je ne l'avais projeté d'abord, afin de permettre mieux d'apprécier ce genre de preuves. - Au lieu d'énumérer des hypogrammes par auteurs, je me propose de les grouper par mots, comme par exemple: les hypogrammes sur *Laocoon*, sur *Archimedes*, etc., de manière à ce qu'on puisse mieux voir combien un mot à

Na passagem acima, ele admite que a abordagem dos anagramas escape à metodologia estatística, ao contrário, por exemplo, do trabalho sobre a versificação homérica, de 1889 (tópico 1.4). Testenoire (2013) ressalta que o objetivo de Saussure em utilizar esse método seria um modo de proteger-se de uma tendência subjetiva nas análises. Entretanto, a aplicação desse método na produção sobre os anagramas é, de alguma forma, interdita. Nessa produção, não se trata de apenas quantificar a presença de princípios rítmicos, como as cesuras ou mesmo a paridade fônica: a fluidez do anagrama, baseado na relação motivadora entre a palavra-tema e a poesia parece escapar a qualquer rigidez metodológica.

Notemos que as provas visadas por Saussure estariam, nesse momento, embasadas na própria existência das palavras, isto é, dos anagramas. Confirmamos esse fato quando ele relata estar preocupado com o modo como ele as enumera e diz que mudaria esse método de classificação que, segundo ele, seria feito por autores, daí passando a enumerar as provas por grupos de palavras.

Essa metodologia, no entanto, refere-se mais a um aspecto organizacional da produção do que um método em si. Observa-se, por exemplo, uma variação desse esquema de organização entre os cadernos sobre os anagramas. Em alguns, Saussure relaciona, no início, as palavras-temas identificadas na obra em análise. Em outros cadernos, ele escreve o nome do autor e da obra na capa. Entretanto, o ponto comum é o fato de Saussure escrever, nas páginas que constam as análises anagramáticas, a palavra-tema que está sendo analisada nos versos¹⁸¹.

Sobretudo, é fato que a problemática das comprovações, como já vimos, é um tema recorrente nos anagramas. Mas é no segundo semestre de 1908 que ela passa a receber maior atenção, quando Saussure examina os textos renascentistas do poeta Ângelo Policiano. Nesse período, destacamos algumas correspondências entre Saussure e seu aluno Gautier, seu colega Bally e o poeta italiano Giovanni Pascoli. Em um trecho da carta a Leopold Gautier, de 28 de agosto de 1908, o mestre suíço resume:

[...] com efeito, se o hipograma não existe em Ângelo Policiano, quero dizer como algo que é preciso reconhecer desejado pelo autor, declaro então abandonar o hipograma por toda a parte, sem remissão alguma e

hypographier appelle souvent (...) les mêmes moyens, comme un hoc dans Lahocohon, un dextra dans Clytaemnestra, etc."

¹⁸¹ Os aspectos metodológicos da produção sobre os anagramas são abordados ao longo desta tese numa perspectiva panorâmica, e não exaustiva, uma vez que fazem parte do percurso saussuriano aqui investigado. Considerando que nosso objetivo é investigar o percurso da produção sobre os anagramas e o anagrama enquanto objeto teórico, não aprofundaremos a problemática do método anagramático, deixando essa investigação para futuros trabalhos, embora alguns autores a tenham abordado (v. TESTENOIRE, 2013).

para todas as épocas da latinidade (SAUSSURE apud STAROBINSKI, 1974, p. 94).¹⁸²

Vale lembrar que Saussure, desde 1906, esteve empenhado em analisar as línguas literárias de origem indo-europeias com base na hipótese anagramática. Nesse percurso do lado pitoresco das línguas, as cartas expostas até esse momento retrataram algumas preocupações saussurianas, especificamente sobre o limite ideal de versos nos quais um anagrama pode ser encontrado, e à necessidade imperiosa de identificar provas que sustentem a hipótese anagramática.

Agora, em 1908, a problemática da intencionalidade parece revelar um incômodo incessante nesse percurso. Apesar de sua promessa em abandonar as pesquisas sobre o princípio anagramático, caso não encontre marcas de uma intenção poética em relação a esse princípio, duas cartas revelam uma continuidade nesse *corpus* renascentista. Assim, em 07 de setembro de 1908, Saussure demanda a Bally:

Se você encontrar um nome entre os autores conhecidos dessa época, e a obra estiver na Biblioteca pública, me deixaria feliz se a enviasse a mim: digo isso porque sou simplesmente tão ignorante dessa latinidade do Renascimento que talvez possa esquecer um astro de primeira grandeza ao lado de Poliziano [...].¹⁸³ (SAUSSURE, 1994, p. 126)

Notemos que essa passagem remete a um aspecto interessante do percurso de Saussure no lado pitoresco das línguas, entrevisto no tópico 1.7, quando Saussure admitiu ter sempre estudado o funcionamento da língua védica e não ter sequer se dedicado ao estudo da literatura dos povos hindus. Do mesmo modo, o vemos aqui ressaltando sua falta de saber sobre o aspecto literário da cultura latina no Renascimento, embora fosse conhecedor do funcionamento da língua latina¹⁸⁴.

Já no mês seguinte, em 29 de outubro de 1908, ele escreve uma breve mensagem ao seu aluno Leopold Gautier, como segue:

Caro Senhor,

Creio que devo lhe escrever para dizer que o trabalho de controle que se compromete tão obrigatoriamente torna-se inútil, e pedir-lhe para não perder mais tempo com esse trabalho ingrato. Descobri uma nova

¹⁸² A noção de hipograma será analisado no terceiro capítulo.

¹⁸³ **Tradução nossa de:** "Si vous voyez un nom parmi les auteurs connus de cette époque, et que le volume se trouve à la Bibliothèque publique, vous me feriez plaisir en me l'envoyant: j'indique la chose simplement parce que je suis, quant à moi, tellement ignorant de cette latinité de la Renaissance que j'oublie peut-être un astre de première grandeur à côté de Politien [...]."

¹⁸⁴ Esse aspecto foi entrevisto quando Saussure afirmou, em suas análises sobre o texto Vêda, que era pouco versado na literatura sânscrita (v. tópico 1.7).

base que, boa ou ruim, permitirá em qualquer caso fazer um “contra-prova” em um tempo mínimo, e com resultados muito mais claros. Não se trata apenas do método de controle, mas também da própria teoria do hipograma, embora ainda não possa precisar o detalhe da nova concepção que me foi oferecido e que compartilharia com você.

Seu mui devotado,

Fd de Saussure.¹⁸⁵ (SAUSSURE apud TESTENOIRE, 2013b, p. 106)

Nesse momento, Saussure parece não estar mais convencido de que o trabalho de controle, exercido por Léopold Gautier e por outros linguistas, seja de fato uma contraprova para o fato anagramático. Testenoire (2013b, p. 106), ao analisar essa carta, enfatiza o fato de que ela é a última enviada aos controladores da hipótese anagramática, pois as outras duas serão remetidas apenas ao poeta Giovanni Pascoli.

Ao suspender esse controle externo, Saussure sinaliza uma nova forma de contraprova, com resultados mais evidentes. Ele reitera, assim, que a contraprova não pode se basear no método de controle, mas sobre a própria teoria dos anagramas. Antes de examinarmos essa tensão entre o controle externo e a teoria anagramática em si, é relevante avaliarmos as duas últimas cartas desse percurso saussuriano, remetidas ao poeta e professor italiano Giovanni Pascoli, em 19 de março e em 06 de abril de 1909. Reproduzimos, a seguir, um trecho da primeira carta:

Tendo tido que lidar com a poesia latina moderna a propósito da versificação latina em geral, estive mais de uma vez diante do seguinte problema ao qual eu não poderia dar uma resposta definitiva: - Alguns detalhes técnicos que parecem ser observados na versificação de alguns modernos são puramente fortuitos, ou são intencionais e aplicados de forma consciente?¹⁸⁶ (SAUSSURE, 1909 [1968], p. 79)

De um modo geral, o objetivo de Saussure nessa primeira carta é informar ao poeta Giovanni Pascoli sobre sua pesquisa na poesia latina, baseada na hipótese dos anagramas. O ponto central, no entanto, é perguntar ao poeta latino se os anagramas seriam fortuitos ou intencionais. Mesmo que não tenhamos informações sobre a

¹⁸⁵ Tradução nossa de: "Cher Monsieur,

Je crois devoir vous écrire pour vous dire que le travail de contrôle que vous avez entrepris si obligeamment devient inutile, et pour vous prier de ne pas perdre plus de temps à ce labeur ingrat. J'ai trouvé une base toute nouvelle qui, bonne ou mauvaise, permettra en tous cas de faire une contre-épreuve dans un temps minime, et avec des résultats beaucoup plus clairs.

La chose ne porte pas uniquement sur la méthode de contrôle, mais aussi sur la théorie même de l'hypogramme, quoique je ne puisse encore préciser le détail dans la nouvelle conception qui s'est offerte pour moi, et dont je vous ferais part.

Votre bien dévoué,

Fd de Saussure."

¹⁸⁶ Tradução nossa de: "Ayant eu à m'occuper de la poésie latine moderne à propos de la versification latine en général, je me suis trouvé plus d'une fois devant le problème suivant auquel je ne pouvais donner de réponse certaine: - Certains détails techniques qui semblent observés dans la versification de quelques modernes sont-ils chez eux purement fortuits, ou sont-ils voulus, et appliqués de manière consciente?"

resposta do poeta, é plausível considerar que ela tenha dado abertura a Saussure para que expusesse, de forma mais clara e aprofundada, outros aspectos das pesquisas sobre os anagramas.

Nessa direção, Saussure envia a segunda e última carta sobre os anagramas, ao poeta Giovani Pascoli, em 06 de abril, como segue:

1. É por acaso ou por intenção que em uma passagem como Catullocalvos p. 16 o nome de Falerni se encontra cercado de palavras que reproduzem as sílabas desse nome
... / *facundi calices hausere - alterni* /
FA AL ER / AL-ERNI.

2. Ibidem p. 18, é ainda por acaso que as sílabas de Ulixes parecem encontradas em uma sequência de palavras como
/ *Urbitum simul* / *Undique pepulit lux umbras.. resides*
U----- UL U----- ULI- X-----S-----S--ES
(...)

Como disse, esses exemplos são suficientes, embora simplesmente escolhidos na massa. Há algo decepcionante no problema que eles colocam, porque o número de exemplos não pode ser usado para verificar a intenção que pode ter presidido o assunto. Ao contrário; quanto mais o número de exemplos se torna considerável, mais é necessário pensar que é o jogo natural de chances nas 24 letras do alfabeto que deve produzir essas coincidências quase regularmente. Como o cálculo de probabilidades a este respeito exigiria o talento de um matemático experiente, achei mais justo e mais seguro dirigir-me à pessoa por excelência que pode me informar sobre o valor a ser atribuído a esses encontros de sons.¹⁸⁷ (SAUSSURE, 1909 [1968], pp. 80-81).

É consenso entre os estudiosos da produção saussuriana sobre os anagramas que a carta acima marca o fim dessa produção. Como relatamos no primeiro capítulo, é possível que Saussure tenha tido seu primeiro contato com o poeta Giovani Pascoli em 1894, quando participou do Encontro de Orientalistas em Genebra, no qual o colega italiano havia sido o presidente da seção na qual tinha participado. A escolha desse último interlocutor parece ser estratégica. Para Testenoire (2013b, p. 109), por exemplo,

¹⁸⁷ **Tradução nossa de:** 1. Est-ce par hasard ou avec intention que dans un passage comme Catullocalvos p. 16, le nom de Falerni se trouve entouré de mots qui reproduisent les syllabes de ce nom

... / *facundi calices hausere - alterni* /

FA AL ER / AL-ERNI.

2. Ibidem p. 18, est-ce encore par hasard que les syllabes d'Ulixes semblent cherchées dans une suite de mots comme

/ *Urbitum simul* / *Undique pepulit lux umbras.. resides*

U----- UL U----- ULI- X-----S-----S--ES

(...)

Comme je le disais, ces exemples suffisent, quoique simplement choisis dans la masse. Il y a quelque chose de décevant dans le problème qu'ils posent, parce que le nombre des exemples ne peut pas servir à vérifier l'intention qui a pu présider à la chose. Au contraire; plus le nombre des exemples devient considérable, plus il y a lieu de penser que c'est le jeu naturel des chances sur les 24 lettres de l'alphabet qui doit produire ces coïncidences quasi régulièrement. Comme le calcul de probabilités à cet égard exigerait le talent d'un mathématicien exercé, j'ai trouvé plus court, et plus sûr, de m'adresser à la personne par excellence qui pourra me renseigner sur la valeur à attacher à ces rencontres de sons.

esse movimento de se dirigir um poeta contemporâneo e especialista da literatura latina pode ser tomado como a última medida de Saussure para comprovar a intencionalidade dos anagramas.

Concordamos com essa análise de Testenoire (2013) ao compararmos a carta para Gautier com a endereçada ao poeta Giovanni Pascoli. Na carta ao aluno, vimos o genebrino afirmar que encontrou um meio de comprovar o anagrama em um tempo mínimo e com resultados mais claros; na carta a Giovanni Pascoli, Saussure (1909 [1968], p. 81) expressa estar convicto que, ao direcionar a problemática da intencionalidade a um poeta, este poderia responder-lhe com mais segurança e com mais rapidez sobre a hipótese dos anagramas.

Podemos constatar, nesse ingrato percurso de controle externo, conforme expressa Saussure, que algo destoa nessas duas últimas cartas, em relação às anteriores: a ausência de uma explicação teórica sobre o conceito de anagrama, em comparação à presença central da problemática da intencionalidade. Aqui, Saussure não quer mais o controle da teoria anagramática, e sim o saber do poeta sobre a veracidade do anagrama. Neste sentido, ele parece chegar ao limite de sua reflexão nesse percurso dos anagramas, ciente de que o cálculo estatístico é inútil, e que uma análise matemática mais precisa, como o cálculo probabilístico, seria um caminho extenuante.

É paradoxal, no entanto, considerar que o longo percurso de Saussure no universo literário das línguas indo-europeias fosse interrompido pela ausência de um saber que não pudesse ser preenchido, nem pela tradição histórica, nem pela resposta de um erudito, que pudesse atuar como um oráculo ante determinado enigma. Essa via paradoxal, que reflete na insatisfação saussuriana ante a inviabilidade de qualquer método anagramático, pode ser abordada pelo movimento entre o percurso teórico e o objeto que resulta desse percurso.

Entendemos que esse movimento teórico, ausente nas cartas ao poeta Giovanni Pascoli, é o que permite dizer que há anagramas, independentemente de um saber explícito sobre a intencionalidade do fato anagramático. O percurso no lado pitoresco das línguas, trilhado por Saussure desde seus primeiros contatos com o universo indo-europeu, estreitando-se em produções singulares, como a dos anagramas, requer do linguista do século XXI a compreensão de que a linguística do século XIX possuía rotas diferentes para compreender os fatos de língua e de linguagem, e caminhos até mesmo desconhecidos.

Esses caminhos levavam, inevitavelmente, à constituição de objetos pitorescos, singulares, como é o caso dos anagramas. Abordá-los sobre o prisma de uma ilusão é

desconsiderar os movimentos teóricos empreendidos por Saussure. No entanto, o próprio genebrino, nessas cartas, deixa-se levar pela miragem da intencionalidade, aspecto esse inerente à própria constituição do objeto poético. Nesse aspecto, ele oblitera o objeto e o percurso em detrimento de um saber que não pode ser preenchido.

Todavia, se essas últimas cartas nos mostram a posição de um linguista diante do não saber, isso não descarta o fato de que há sim, um objeto, e esse objeto é criado por um ponto de vista, como diz o próprio Saussure no *CLG*. É possível, nesse momento, até mesmo relacionar as noções teóricas de percurso e de ponto de vista: ambos direcionam para a elaboração de um objeto.

Se, porém, até o momento o foco desta tese pautou-se na análise do percurso de Saussure no lado pitoresco das línguas e, especificamente, em sua produção sobre os anagramas, o objetivo do próximo capítulo é examinar a natureza do objeto decorrente desse percurso. Passamos à análise do objeto em si, de suas características, de seu modo de funcionamento, evidenciando, na medida do possível, aquilo que do percurso incidiu sobre esse objeto. Mudamos, assim, o olhar do percurso para o objeto, o qual defendemos ter características que fazem jus ao prazer histórico de Saussure e ao seu percurso no lado pitoresco das línguas. Tratemos, portanto, de observar o objeto que se apresenta nesse percurso: o anagrama saussuriano.

CAPÍTULO 3

Anagramas de Saussure: um Objeto Poético

*[...] se a epopéia grega conhecia algo tão bizarro à primeira vista como a imitação fônica, por meio do verso, de nomes que têm uma importância para cada passagem.*¹⁸⁸
(SAUSSURE, 1907 [1964], p. 109)

3.1 - Introdução

Nos capítulos precedentes, dedicamos nossa análise sobre o percurso denominado de lado pitoresco das línguas, cujas produções de Saussure adentravam em domínios não linguísticos, como a epigrafia, a história e, principalmente, a literatura indo-europeia. Dentre todas as produções, o foco dessa tese foi a produção saussuriana conhecida como os anagramas, empreendida a partir das análises nos versos saturninos, passando pela prosa homérica, e findando com a investigação de diversos autores latinos, desde o período clássico até a modernidade.

Entendemos que esse percurso trilhado por Saussure, tendo em vista a hipótese anagramática, culminou com a elaboração de um objeto específico, de certo modo bizarro, singular, mesmo original, como ressaltado na epígrafe acima. Sabemos que a relação de Saussure com o conceito de objeto é particularmente importante. A carta à Meillet, de 04 de janeiro de 1894 menciona essa relação, quando o genebrino expressa a necessidade de "[...] mostrar para que espécie de objeto é a língua em geral [...]"¹⁸⁹ (SAUSSURE, 1894 [1964], p. 95), enquanto que, no CLG, dentre outras passagens, há que se ressaltar a relação entre ponto de vista e objeto.

Mas aqui, a proposta é analisar outro objeto, o qual podemos nomear simplesmente de anagrama, no singular, qualificado especificamente como anagrama saussuriano. Considerando, portanto, que o percurso de Saussure no lado pitoresco das línguas, cujas produções denominamos de estudos de base histórica, qual é, pois, a natureza desse objeto? Como Saussure aborda esse objeto, e como ele é constituído?

Para examinar estas questões, analisaremos, neste capítulo final, alguns conceitos elaborados por Saussure, os quais já foram citados no segundo capítulo: palavra-tema, manequim, dífono, anagrama e hipograma. O exame desses conceitos,

¹⁸⁸ Tradução nossa de: "[...] si l'épopée grecque connaissait quelque chose d'aussi bizarre à première vue que l'imitation phonique, au moyen du vers, des noms qui ont une importance pour chaque passage."

¹⁸⁹ Tradução nossa de: "[...] montrer pour cela quelle espèce d'objet est la langue en général [...]"

nesse momento, será necessário para identificar se o anagrama é de fato um objeto fônico ou se está inserido na tradição escrita; se esse objeto tem relação com as tradições literárias das línguas indo-europeias ou não, e caso positivo, em que medida essa relação é posta.

Como *modus operandi*, é reconhecido que Saussure, ao elaborar um determinado conceito, ele o faz a partir de um ponto de vista relacional, de modo que nada é concebido *a priori*, nada é dado como evidente. Nesse aspecto, vale adiantar ao leitor que, mesmo nesse percurso de elaboração do objeto anagrama, a terminologia varia com certa frequência, refletindo tanto uma preocupação terminológica, o rigor conceitual, como também a dificuldade expressa por Saussure em escrever dez linhas em matéria dos fatos sobre a linguagem.

Não se trata, portanto, de simplesmente definir o anagrama. Veremos que, enquanto um objeto poético, é necessário que Saussure olhe para a tradição, não a tradição da pesquisa científica do século XIX, mas a tradição, o ponto de vista dos próprios autores poéticos, cujos textos literários se tornam o ponto de partida para a elaboração desse objeto anagramático. Como veremos, é entre o funcionamento de cada obra literária e a hipótese anagramática que esse objeto será construído. Não sem impasses, dúvidas ou obstáculos. No entanto, a cada incerteza Saussure ajustará seu ponto de vista, visando assim perseguir sua hipótese sobre esse princípio poético.

Passemos, portanto, à análise desse objeto, o anagrama saussuriano, bizarro, mas relacionado ao seu prazer histórico.

3.2 - O conceito de *mot-thème*: o primeiro passo na construção de um objeto pitoresco

*Este ~~texto~~ <tema>, escolhido por ele próprio ~~ou representado pela família, que~~
ou fornecido por quem ~~ordenava~~ fazia as taxas de inscrição -,
é composto de apenas ~~duas ou três~~ <algumas> palavras.¹⁹⁰
(SAUSSURE, 2013, p. 69)*

O percurso de Saussure em sua produção sobre os anagramas é atravessado por uma série de movimentos teóricos, os quais irão definir as características do objeto em análise. De acordo com o exposto no segundo capítulo, a contemplação da inscrição do fórum romano, em fins de 1905, levou o mestre genebrino a investigar a antiga versificação latina, denominada de versos saturninos. Como apontamos, essa

¹⁹⁰ Tradução nossa de: "Ce ~~texte~~ <thème>, choisi par lui-même ~~ou fourni par la famille celui~~ ou fourni par celui qui ~~commandait~~ faisait les frais de l'inscription -, n'est composé que de ~~deux ou trois~~ <quelques> mots."

investigação, pautada na contabilidade fônica desses versos, resultou em uma encruzilhada: de um lado, as vogais e consoantes eram calculadamente reproduzidas em pares; de outro lado, havia sempre um resíduo fônico, sinal também de uma intencionalidade poética.

Dissemos que esse percurso foi o passo que permitiu a Saussure propor a hipótese sobre os anagramas. No entanto, ao anunciá-la, ele o fez com base na análise dos textos homéricos, efetuada concomitantemente e não a partir de suas considerações enunciadas nos cadernos sobre os saturninos. Em todo o caso, a presença dos resíduos fônicos saturninos pode ser tomada como uma espécie de embrião da hipótese anagramática, anunciada na carta a Bally, em 17 de julho de 1906. Deveras, nessa carta, o mestre suíço afirma que os resíduos consonantais M, L, D, C, S identificados na tumba do general romano Cipião remetia, admiravelmente, ao seguinte trecho ali inscrito: *Dis Manibus Luci Corneli Scipionis*. (cf. tópico)

O tiro de partida da produção sobre os anagramas estava dado. E uma das primeiras elaborações teóricas fundamentou-se em uma escolha terminológica bastante singular: um substantivo composto, ausente de qualquer sentido linguístico até então proposto por Saussure: *mot-thème*, palavra-tema. Diante disso, a proposta deste tópico é analisar esse termo enquanto um conceito que engendra o anagrama saussuriano, examinando seu funcionamento e seu lugar na produção dos anagramas.

Retomemos a já investigada carta de 17 de julho de 1906. Nela, Saussure expressa a Bally que o texto homérico repousa sobre uma lei secreta, "[...] [...] “onde” a repetição de vogais e de consoantes em número absolutamente fixos, de acordo com uma “Palavra-Chave”, uma PALAVRA-TEMA, é observado de verso em verso, com uma precisão admirável e total.”¹⁹¹ (SAUSSURE, 1906 [1990], p. 52). Esse trecho, no qual introduz o leitor à hipótese anagramática, é incrustado de detalhes.

Em primeiro lugar, Saussure não abre mão de uma linguagem própria da matemática, que espelhe a exatidão de sua teoria: repetição, número fixo e total precisão; em segundo lugar, observam-se resíduos da paridade fônica saturnina, na repetição de vogais e de consoantes e, em último lugar, a presença de dois novos termos em seu arcabouço teórico: *Stichwort* e *mot-thème*. Aparentemente distintos, uma breve análise etimológica nos diz que pertencem a diferentes línguas indo-europeias: *Stichwort*, de origem germânica, e *mot-thème*, de origem greco-latina. Todavia, esses termos apresentam semelhanças.

¹⁹¹ **Tradução nossa de:** “[...] <où> la répétition des voyelles et des consonnes en nombre absolument fixe, d’après un «Stichwort», un MOT-THÈME, est observée de vers en vers, avec une admirable et totale précision.”

Sobre o termo *Stichwort*, Gandon (2002, p. 393) observa que essa escolha terminológica "[...] [...] não é necessariamente claro: Stich significa: "picada", "mordida" – portanto em "figura", "alusão" [...]"¹⁹². Em um primeiro momento, podemos concordar com Gandon (2002), em relação à pouca exatidão dos prováveis sentidos dados pelo termo *Stichwort*. Digamos que apenas o significado *allusion* teria uma relação mais clara com a ideia de palavra-tema, no sentido de que os fragmentos de vogais e de consoantes calculadas e repetidas intencionalmente remetem à palavra escolhida pelo poeta¹⁹³

Quanto ao segundo termo, *mot-thème*, mostramos a seguir uma das primeiras considerações teóricas sobre o conceito de palavra-tema:

1. Em primeiro lugar, se impregnar de sílabas e combinações fônicas ~~oferecidas em~~ de todo tipo, que buscavam constituir seu TEXTO (TEMA). Este ~~texto~~ <tema>, escolhido por ele próprio ~~ou representado pela família, o que~~ ou fornecido por quem ~~o mandava~~ fazia as taxas de inscrição - composto apenas de ~~duas ou três~~ <poucas> palavras, e somente de nomes próprios, de uma ou duas palavras juntas ~~o nome próprio~~ a parte inevitável dos substantivos próprios.¹⁹⁴ (SAUSSURE, 2013, p. 69)

A passagem acima traz informações capitais para a compreensão do anagrama saussuriano. Dentre elas, o nosso foco direciona-se, nesse momento, para a tensão entre *texte* e *thème*¹⁹⁵. É importante lembrar que, ao contrário do trecho analisado no início deste tópico, retirado de uma carta, a citação é encontrada em um dos cadernos dedicados aos versos saturninos¹⁹⁶, ou seja, em um manuscrito no qual é possível observar o processo de construção do objeto anagramático, com base nas análises das rasuras.

Nesse processo de elaboração, as rasuras indicam as tensões existentes entre o ponto de vista e o objeto. De acordo com Silveira (2007), por sinalizarem o processo de elaboração teórica, as rasuras permitem ao pesquisador compreender o percurso do linguista nas suas elaborações e, por isso, não devem ser tomadas como irrelevantes em um manuscrito. Notamos, no trecho destacado, que o vocábulo *texte* aparece duas vezes

¹⁹² Tradução nossa de: "[...] n'est pas forcément nette: Stich signifie: "piqûre", "morsure"- d'où au "figure", "allusion" [...]."

¹⁹³ Apesar de não estar clara a escolha terminológica de *Stichwort*, os demais sentidos desse termo serão analisados no tópico 3.5, quando tratarmos do conceito de hipograma.

¹⁹⁴ Tradução nossa de: "1. Avant tout, se pénétrer des syllabes, et combinaisons phoniques ~~offertes dans~~ de toute espèce, qui se ~~ren-~~trouvaient constituer son TEXTE (THÈME). Ce ~~texte~~ <thème>, choisi par lui-même ~~ou imposé par la famille celui~~ ou fourni par celui qui ~~commandait~~ faisait les frais de l'inscription -, n'est composé que de ~~deux ou trois~~ <quelques> mots, et soit uniquement de noms propres, soit d'un ou deux mots joints ~~à nom propre~~ la partie inévitable des noms propres."

¹⁹⁵ A relação estabelecida por Saussure entre combinações fônicas e tema será abordada no próximo tópico 3.3.

¹⁹⁶ Caderno catalogado como 3962/8, conforme Testenoire (2013, p. 69).

numa mesma linha, mas rasurado por Saussure, sendo substituído pelo vocábulo *thème*. A insistência do termo *texte* não deve ser tomada como algo trivial. A rasura nesse momento pode nos dirigir a diversas vias de reflexão, uma vez que o que está em jogo é a investigação da natureza de um objeto teórico¹⁹⁷.

Conforme ressaltamos na nota anterior, uma noção teórica sobre o conceito de texto não foi desenvolvida por Saussure e, por isso, o fato de ele insistir nesse termo é inquietante. De acordo com Starobinski (1974), a rasura sobre o vocábulo texto indica que Saussure "[...] pensou num texto sob o texto, num pré-texto, no sentido lato do termo". A interpretação de pré-texto é admissível, já que as análises mostram a presença de algumas palavras-temas, em determinados espaços de versos que, por sua vez, fazem referência a aspectos relacionados à temática da composição.

Todavia, vale destacar que Saussure sempre relaciona, com raras exceções, o tema, ou palavra-tema, a um nome próprio¹⁹⁸. Mesmo Starobinski (1974), como um dos primeiros estudiosos da produção sobre os anagramas, concorda que o anagrama saussuriano orbita em torno de um nome próprio, de uma palavra-tema. Neste sentido, ele afirma que "[...] o poeta atualiza na composição do verso o material fônico fornecido por uma palavra-tema. A produção do texto passa necessariamente por um vocábulo isolado - vocábulo que se relaciona com o destinatário ou com o assunto da passagem" (STAROBINSKI, 1974, p. 18).

Ao reduzir o campo lexical do anagrama ao nome próprio, Saussure elimina toda possibilidade de elaboração textual a partir dessas palavras anagramatizadas. Assim, a

¹⁹⁷ Em se tratando da história da linguística, as reflexões sobre o texto vieram somente a partir dos anos de 1960, momento em que as interpretações estruturalistas eram questionadas por outras vertentes teóricas, como o gerativismo chomskyano. É a partir desse momento que os estudiosos começam a propor uma análise do texto enquanto um objeto específico de estudo, passando a propor um conceito científico para esse objeto. De acordo com Bentes (2006, p. 245), o texto passa a ser uma 'unidade de análise' com o advento da linguística textual, a qual buscará analisar esse objeto para "[...] além dos limites da frase, que procura reintroduzir, em seu escopo teórico, o sujeito e a situação da comunicação, excluídos das pesquisas sobre a linguagem postulados dessa mesma Linguística Estrutural". Bentes (2006) expõe que o desenvolvimento da linguística textual foi heterogêneo, ou seja, surgiu a partir de discussões de teóricos de países diferentes, e por um percurso reflexivo a partir de, essencialmente, três momentos: um momento de análises transfrásticas, visando ir além das explicações frasais, um segundo momento gerativista, enfatizando principalmente a competência do falante e num terceiro momento observando o texto a partir de um ponto de vista processual, inacabado, tendo que levar em conta, na análise, fatores externos, como contexto de produção, operações comunicativas etc.

Em se tratando da produção sobre os anagramas, a noção de texto foi abordada somente a partir das primeiras publicações da produção saussuriana sobre os anagramas, na década de 1970; alguns autores, principalmente do campo da literatura, como Kristeva (1969), Aron (1972), Rifaterre (1974) produziram reflexões relacionando os anagramas ao campo da textualidade poética. Em 1969, Kristeva propõe uma semiologia dos paragramas, sustentada na leitura gerativista da língua enquanto sistema 'dinâmico', em oposição à leitura 'estática' do Estruturalismo; Aron (1970, p. 59) expressa que o que deve ser levado em conta nessa produção é a possibilidade de se observar o funcionamento do texto e da linguagem no texto sob uma nova perspectiva; em outro momento, Rifaterre (1974), buscando expor como um texto literário se torna suporte de sentidos, mostra um Saussure diante do impasse teórico que o anagrama produz, em seus aspectos fônico e lexical.

¹⁹⁸ Uma dessas exceções encontra-se no caderno Ms. fr. 3962/18, citado por Starobinski (1974, p. 55) e por Testenoire (2013, p. 84), no qual o genebrino entrevê um pequeno fragmento de texto, a partir da análise da poesia saturnina, em que "[...] o anagrama torna-se um discurso sob o discurso" (STAROBINSKI, 1974, p. 55), e não um nome próprio sob o discurso.

proeminência do nome próprio na produção saussuriana sobre os anagramas se torna um obstáculo à ideia de um texto sob outro texto, já que esses termos, por si só, não seriam unidades condicionantes para a composição de um texto, ou mesmo de um pré-texto¹⁹⁹.

Mas a insistência do vocábulo *texte*, sob rasura, pode ser vista a partir da tradição da escrita, presente nos estudos comparatistas, como acesso ao conhecimento das línguas antigas e pela própria concepção do anagrama tradicional. E em ambos os casos, Saussure é cauteloso. Para refletirmos sobre essa cautela, propomos um exame etimológico do vocábulo *texto*, em que encontramos dois significados: i) "[...] as próprias palavras de um autor, livro ou escrito [...]" (CUNHA, 2007, p. 768) e ii) "Do latim. *textum* -i 'entrelaçamento, tecido', 'contextura' [...]" (*idem, ibidem*).

A primeira acepção etimológica estabelecida por Cunha (2007) sobre a palavra texto aponta para a relação que os linguistas do século XIX, principalmente, tinham com os textos escritos. A compreensão de texto, enquanto *corpus* escrito, foi fundamental para a Gramática Comparada. Constatamos isso na própria ascensão dessa nova etapa nos estudos linguísticos, possibilitada após a descoberta de textos em sânscrito e consequente comparação com outros documentos, então escritos nas línguas grega e latina.²⁰⁰

O segundo sentido da palavra texto talvez seja o que melhor espelha a ideia que o genebrino teria ao elaborar sua teoria sobre os anagramas. A metáfora do texto caracterizada como um entrelaçamento pode ser aplicada aos anagramas no sentido de que as combinações fônicas do tema funcionarão como pontos que 'amarram' o tecido poético, como recursos que possibilitam o entrelaçamento da textura dos versos²⁰¹.

Saussure, entretanto, era um linguista criterioso. A sua preocupação, em 1884, com a inépcia da terminologia corrente, faz com que mesmo os detalhes etimológicos não sejam desmerecidos. Nota-se, por exemplo que, ao passo que a palavra texto é de origem latina, a palavra tema vem do grego *théma*. Dentre outros detalhes, consideramos também que a escolha de *thème* estaria condicionada à relação de

¹⁹⁹ O nome próprio é uma unidade importante no pensamento saussuriano, atestada por diversas produções, além dos anagramas, tais como os manuscritos sobre os textos védicos, nos quais o genebrino aborda as diversas divindades sânscritas, assim como os manuscritos sobre as lendas, nos quais ele investiga a relação entre os personagens lendários.

²⁰⁰ Durante quase um século, o texto escrito foi um material inquestionável para o trabalho do comparatista, assim como de outras disciplinas, como a filologia, a paleografia, a epigrafia etc. Embora esse aspecto seja interessante, deixaremos esse tópico em aberto para futuras pesquisas, tendo em vista que focaremos na segunda acepção da ideia de escrito, para melhor compreensão do conceito de anagrama.

²⁰¹ A metáfora dos fios é geralmente utilizada por Saussure. No manuscrito Notes 'Item', o genebrino expressa "La réalité de l'existence des fils qui reliant entre eux les éléments d'une langue, - bien que fait psychologique immense, - n'a pour ainsi dire pas besoin d'être démontré. C'est cela même qui fait la langue" (SAUSSURE apud ENGLER, 1974 [1990], p. 36).

Saussure com a língua grega, uma vez que os textos ora analisados eram os textos homéricos²⁰².

Assim, em sua estreita relação com a língua grega, ele opta por utilizar o vocábulo tema sem uma justificativa explícita para esta escolha. A ideia de tema não resulta em elaborações teóricas nos estudos linguísticos, tal como o conceito de texto veio a ser abordado por uma teoria linguística específica no século XX. De acordo com Cunha (2007, p. 761), o vocábulo tema pode ser entendido como uma "[...] 'proposição que vai ser tratada ou demonstrada' 'assunto' [...]", assim como pode significar o "[...] radical de uma palavra, ao qual se acrescenta uma desinência ou sufixo [...]"

Embora o vocábulo tema possua uma acepção comum, enquanto tópico de um assunto a ser discutido, essa mesma acepção se aproxima da função do anagrama saussuriano, ou seja, de fazer referência a um assunto em discussão. As palavras-temas eram escolhidas tendo em vista as diversas homenagens realizadas na antiga Grécia, tais como adorações às divindades, exaltações a personagens reais (imperadores, generais etc.) ou lendários (como nos textos homéricos), entre outros tipos de eventos do período clássico. Nesse aspecto, a escolha do vocábulo tema se reinsere na antiga tradição oral da Grécia, na qual a escrita não era de acesso a todos, em que mesmo aqueles que eram letrados deveriam decorar os textos literários, dentre outros, os de Homero (KIRK, 1976).

Conquanto o anagrama homérico tenha sido elaborado a partir dos textos *Odisseia* e *Iliada*, a noção de tema está presente também nos hinos homéricos. Tais hinos tinham por finalidade a exaltação de divindades, nos festivais pós-guerra, como também eram entoados em concursos de poesias, declamadas ou cantadas (RIBEIRO JR., 2010). Um exemplo dessa cultura nos é dado por Ribeiro Jr. (2010, p. 42), quando observa que, numa passagem da *Iliada*, durante uma cerimônia de sacrifício, "[...] além de invocar diretamente o deus Apolo, entoou-se uma peã, hino dedicado especialmente a este deus. (...) O declamador ou cantor, ao lembrar o deus e seus feitos diante da comunidade, venerava e cultuava a divindade em questão [...]".

Com efeito, Saussure prioriza a ideia de tema, no anagrama homérico, uma vez que essa noção se relaciona à própria tradição grega, no que concerne às realizações festivas da antiga Grécia. Para prestigiar as divindades, era preciso que os compositores focassem nos nomes dos principais deuses gregos, como Afrodite, Apolo, Zeus etc. A relação entre o texto e as divindades era estreita e, segundo Ribeiro Jr. (2010), a

²⁰² Embora isso não seja possível de comprovação, é importante salientar, todavia, que a terminologia saussuriana, principalmente sobre o signo linguístico, tinha uma estreita relação com a língua grega (cf. LO PÍPARO, 2007).

composição dos hinos envolvia técnicas que facilitavam as declamações, com discursos diretos, em longas narrativas, repetições de palavras, digressões, entre outros artifícios de linguagem.

No entanto, reiteramos que a hipótese anagramática teve os primeiros contornos na análise dos versos saturninos, em que o linguista constatou a presença de resíduos fônicos após elaborar a lei da paridade fônica. De acordo com Saussure, esses resíduos, deixados intencionalmente, pareciam remeter a determinadas palavras, encontradas nas antigas inscrições latinas. Em vez de continuar essas análises na literatura latina, Saussure embrenha-se na literatura grega, especificamente nos textos homéricos, o que resulta na elaboração da teoria dos anagramas, graças às noções de *stichwort* e de *mot-thème*.

As pesquisas sobre os anagramas homéricos são, no entanto, apenas uma parte do percurso de Saussure no universo literário das línguas indo-europeias. De acordo com nossa investigação, o genebrino retorna à poesia latina a fim de certificar-se de que a hipótese anagramática também estaria no curso da literatura latina. E o conceito de palavra-tema também figura nos cadernos sobre os anagramas latinos. Para efeito de exemplificação, tomemos duas passagens, situadas cronologicamente distantes uma da outra, em que o vemos utilizar esse mesmo conceito.

O primeiro exemplo encontra-se no primeiro caderno de Saussure sobre os anagramas latinos, com base na análise da obra *Eneida*, de Virgílio²⁰³. Nesse manuscrito, Saussure examina a presença da palavra-tema *Dido*, a qual, segundo a narrativa, era rainha de Cartago, enamorada de Eneas (OLIVA NETO, 2014). A passagem em análise ocorre nos últimos versos do III livro (713-717), nos quais o linguista identifica fragmentos dessa palavra-tema, afirmando:

A atenção se volta a Dido, por todas as razões possíveis, uma vez que é a ela que se dirigia o discurso final, e que nas palavras do próprio Eneas, *vestrisoris* (715) indica que ele se volta a ela^a rainha. Em outras palavras, esta conclusão do Livro III prepara o início, referente apenas à Dido, do Livro IV.

Esta nova direção do pensamento é marcada anagramaticamente por
// Dīra CelaenŌ // 713
= manequim Dīdō [...]²⁰⁴

²⁰³ De acordo com Oliva Neto (2014), Virgílio, cujo nome era Publius Virgilius Maro, nasceu perto de Mântua, em 15 de outubro de 70 a.C., falecendo, com 51 anos, em Brindisi (antiga Calábria), em 19 a.C. Em seu percurso acadêmico, estudou retórica e filosofia epicurista. Foi amigo de Horácio e de Otaviano, do qual conheceu seu futuro patrono de poesia, Mecenas. Em sua juventude, Virgílio escreveu três epigramas, que são composições poéticas breves, e mais tarde compôs obras maiores, que são as “[...] Bucólicas, que retoma os temas pastorais do poeta grego Teócrito (c. 310-250 a.C.); as Geórgicas, que celebra a agricultura e os trabalhos da terra, publicada em 29 a.C.; e a Eneida, “a gesta de Eneas” [...]” (OLIVA NETO, 2014, p. 889).

²⁰⁴ Tradução nossa de: “L’attention se reporte pour toutes les raisons possibles vers Didon, puisque c’est à elle que s’adressait le discours qui prend fin, et que dans les paroles d’Enée lui-même *vestrisoris* (715) indique qu’il se

Mesmo que essa passagem indique aspectos do método anagramático - sobre o qual não iremos abordar em nossa reflexão - não se pode negar que a palavra-tema engendra uma importante função na narrativa literária. Segundo o ponto de vista de Saussure, a presença dos fragmentos do nome Dido é uma estratégia do compositor em anunciar o próximo passo narrativo. Para Saussure, o poeta conclui o terceiro livro com os fragmentos da palavra-tema Dido, considerando que o próximo livro é dedicado exclusivamente à rainha.

Embora a *Eneida* não esteja associada diretamente à tradição rapsódica dos gregos, seu estilo literário é fortemente marcado pelo helenismo, especificamente pelos textos homéricos. A interdependência entre a cultura grega e a latina toma novos ares quando se trata de relacionar a obra homérica à obra virgílica. Em primeiro lugar, a *Eneida* tornar-se-á uma referência na literatura latina, tal como Homero foi para os gregos; em segundo lugar, está o fato de a própria narrativa de Virgílio ser a continuidade da obra de Homero (OLIVA NETO, 2014).

Outro exemplo de aplicabilidade e de funcionamento da palavra-tema pode ser visto nos cadernos dedicados à poesia de Ângelo Poliziano (1454-1494), poeta este que Saussure dedica ao menos 12 cadernos voltados para a análise da hipótese anagramática. No capítulo anterior, vimos que o próprio Saussure considera as palavras identificadas nos textos desse poeta renascentista como fortes evidências de sua hipótese anagramática. E um dos pontos de partida dessas evidências é a relação estabelecida entre a poesia renascentista italiana, a cultura helênica e as primeiras obras clássicas do latim.

O artigo de Rubinstein (1983), *Imitation and Style in Angelo Poliziano's Iliada Translation* expõe aspectos relevantes das produções de Poliziano, em específico sobre sua tradução, do grego para o latim, da *Iliada*, de Homero. Segundo Rubinstein (1983), Ângelo Poliziano começou a traduzir essa obra com a idade de 15 anos, isto é, a partir de 1470, não somente por se interessar pela literatura grega, mas "[...] para ganhar a atenção e talvez o patrocínio de Lorenzo de Medici."²⁰⁵ O objetivo de conquistar a

tourne vers elle la reine. En outre cette conclusion du livre III prepare le début, uniquement relatif à Didon, du livre IV.

Cette direction nouvelle de la pensée est marquée anagrammatiquement par

// Dīra CelaenŌ // 713

= manequim Dīdō [...]"

²⁰⁵ Tradução nossa de: "[...] to win the attention and perhaps the patronage of Lorenzo de Medici."

atenção dos Medices foi alcançado, e Poliziano, após quase duas décadas de trabalho, concluiu a tradução em 1489²⁰⁶.

O destaque nessa empreitada de Ângelo Poliziano foi a estreita e necessária relação entre a língua grega e a língua latina, tendo em vista a utilização de certos aspectos poéticos, dentre eles a imitação. O aspecto imitativo não estava restrito apenas a traduzir o texto homérico para a língua latina, seguindo à risca a métrica grega. Segundo Rubinstein (1983), algumas passagens traduzidas continham estilos de versos clássicos, alguns originados da *Eneida*, de Virgílio. Em outros momentos, Rubinstein (1983) destaca que Poliziano utilizava um novo arcabouço de palavras inexistentes em Virgílio, usando "[...] a dicção tradicional da antiga poesia latina sobre amor. A fonte mais importante para esta dicção é Ovídio, que se tornou o modelo principal para imitadores posteriores."²⁰⁷

No entanto, o trabalho de Poliziano não se restringiu apenas à tradução da *Iliada*. Como já relatamos, esse poeta humanista, desde tenra idade, tinha planos de aproximar-se da família Medice. Após conseguir essa oportunidade, tendo em vista o fato de ter traduzido parte da *Iliada*, ele começa, a partir dos 19 anos, a exercer o ofício de tutor dos filhos de Laurent de Medice, conhecido como o *Magnífico* (SÉRIS, 2001). De acordo com Sérís (2001), Poliziano

[...] nunca cessou, até sua morte, de manifestar sua fidelidade à pessoa e à ideologia política de Lorenzo o Magnífico, seja pela dedicação de suas obras (...), por cartas ou por poemas elogiosos. Ele dedicou um total de vinte epigramas, duas elegias e uma ode latina ao soberano de Florença.

Estes poemas latinos fazem parte de um vasto programa de apologia da família Medicis [...]. (SÉRIS, 2001, p. 709)²⁰⁸

Observemos que esse trecho testemunha o ato reverencial dos poetas por determinadas personalidades. Esse exemplo particular da vida de Poliziano constitui uma evidência daquilo que nos tempos homéricos foi uma especialidade dos poetas e rapsodos, isto é, a composição visando ao louvor de um deus ou de uma personalidade. Tal tradição é um dos aspectos que permitem a Saussure tecer a hipótese anagramática,

²⁰⁶ Para se ter uma ideia da importância dessa tradução, Rubinstein (1983, p. 49), ressalta que na Idade Média, os europeus "[...] had no first hand knowledge of Homeric poetry. The story of Troy was familiar to them either from such Latin authors as Vergil and Ovid or from such second rate works as the *Ilias Latina* and the prose romances of Dictys and Dares".

²⁰⁷ **Tradução nossa de:** "[...] the traditional diction of ancient Latin love poetry. The most important source for this diction is Ovid, who became the primary model for later imitators."

²⁰⁸ **Tradução nossa de:** "n'a cessé, jusqu'à sa mort, de manifester sa fidélité à la personne et à l'idéologie politique de Laurent le Magnifique, que ce soit par les dédicaces de ses œuvres (...), par des lettres ou par des poèmes élogieux. Il a consacré au total une vingtaine d'épigrammes, deux élégies et une ode latines au souverain de Florence. Ces poésies latines s'inscrivent dans un vaste programme d'apologie de la famille Médicis [...]."

uma vez tratar-se da possibilidade de o poeta utilizar-se do anagrama para fins de homenagem.

Um dos exemplos marcantes nos cadernos de Saussure dedicados a esse poeta humanista é o epitáfio escrito em homenagem ao famoso pintor renascentista, Fra Filippo Lippi (1406-1469), como segue:

*Canditus hic ego sum picturae fama Philippus:
Nulli ignota meae est gratia mira manus.
Artifices potui digitis animare colores,
Sperataque animos fallere voce diu.
Ipsa méis stupuit natura expressa figuris,
Meque suis fassa est artibus esse parem.
Marmores tumulo Medices Laurentius hic me
Condidit; ante humili pulvere tectus eram²⁰⁹.*

As análises desse epitáfio encontram-se no caderno catalogado como Ms. fr. 3967/2, no qual Saussure identificará diversas palavras-temas, tais como *Philippus*, *Pictor*, *Medices*, *Leonora* e o nome do próprio poeta, *Politianus*²¹⁰. Dentre esses nomes, é interessante notar a ênfase em *Leonora*, que, conforme uma nota inserida na página 03, havia sido amante de Philippus, sobre o qual Saussure faz a seguinte consideração: "Este pintor morreu em Spoleto assassinado pelos irmãos de Leonora Butti (ou Buti?), a quem ele havia seduzido."²¹¹ (BGE, Ms. fr. 3967/2, f. 040)

As palavras-temas identificadas nos versos escritos por Poliziano relacionam-se não somente à tradição de homenagear alguém, como também espelha, em certa medida, o significado de figura entrevisto no termo *Stichwort*. Essa relação, que discutiremos no tópico 3.5, faz eco ao comentário de Séris (2001, p. 709), a propósito da poética de Poliziano, quando acrescenta que a lírica desse poeta pode ser caracterizada como uma poética da memória, que busca "[...] difundir no espaço e no tempo imagens gloriosas do poder dos Medices."²¹²

A difusão de imagens vividas pelo homenageado é vislumbrada a partir dessa possibilidade que o anagrama saussuriano tem em provocar determinados efeitos no ouvinte ou no leitor do texto poético. Tal é, portanto, o objetivo inicial quando o

²⁰⁹ Tradução realizada pelo Prof. Dr. João Bortolanza (UFU-MG):

Sepultado estou aqui Filipe com a fama da pintura / a ninguém é desconhecida a admirável graça de minha mão
As cores pude animar com os dedos de artista / E os ânimos por muito tempo falhar a esperada voz
Pasma ficou a própria natureza expressa com minhas imagens / e confessou-se igual a mim nas suas artes
Lourenço Medici no mármoreo túmulo aqui me / escondeu; estava antes coberto por humildade.

²¹⁰ Essas análises foram publicadas por Jean Starobinski (1974), em seu livro *As palavras sob as palavras: os anagramas de Saussure*, e examinadas por Souza (2017).

²¹¹ Tradução nossa de: "Ce peintre a mourut à Spolète assassiné par les frères de Leonora Butti (ou Buti?), qu'il avait séduit."

²¹² Tradução nossa de: "[...] diffuser à travers l'espace et à travers le temps des images glorieuses du pouvoir des Medices."

genebrino propõe o *Stichwort*, que abrange significados como "figura" e "alusão", o qual será trabalhado por Saussure, ao longo de sua produção sobre os anagramas, tendo em vista o seu aspecto imitativo, e de figura, que comparecerá no conceito de hipograma (v. tópico 3.5)

Nesse momento primeiro, é a ideia de *mot-thème* que será articulada por Saussure, nos anagramas, dada uma tensão com o vocábulo *texte*, apresentada ao leitor por meio das rasuras no trecho analisado. Essa tensão nos permite constatar a influência que a tradição greco-latina terá nessa produção sobre os anagramas, quando vistos como um artifício poético, inseridos em um contexto de festividades, de atos de homenagens e, por essa razão, deveriam estar associados ao tema ou ao assunto desses acontecimentos históricos.

Neste sentido, o termo palavra-tema se associa diretamente à tradição, principalmente à tradição oral, conforme veremos no tópico seguinte. Mesmo que o vocábulo texto também tenha seu lugar, é plausível tomarmos o anagrama como uma textura de combinações fônicas, mas nunca de letras. Dessa forma, a escolha e a continuidade do vocábulo *mot-thème*, aparentemente trivial, reflete a importância que a tradição greco-latina, encerra para a produção saussuriana dos anagramas, enquanto objeto poético, situado na relação da língua na história.

3.3 - A textura fônica do anagrama saussuriano

O poeta deve, então, nesta primeira operação colocar diante de si, tendo em vista seus versos, o maior número possível de fragmentos fônicos que ele pode tirar do tema. (SAUSSURE apud STAROBINSKI, 1974, p. 19).

Saussure sempre foi um aficionado pelo aspecto sonoro das línguas, principalmente aqueles relativos às línguas indo-europeias. Ainda jovem, por exemplo, a leitura do antigo texto de Heródoto levou-o a identificar uma mudança fonética, na qual a consoante *n* modificou-se em *α*, em algumas palavras gregas. Para chegar a tal constatação, o genebrino relembra, após décadas, que saía do colégio fazendo ensaios fonológicos, na tentativa de encontrar uma resposta satisfatória para essa mudança (cf. tópico 1.2).

Esse gosto pelo aspecto sonoro das línguas arcaicas, iniciado nos estudos comparatistas em Leipzig, tomou novos contornos durante sua estada em Paris, na década de 1880, induzindo-o a se interessar por aspectos rítmicos das línguas, em especial os da língua grega. A investigação literária se torna um caminho incontornável.

No trabalho sobre o ritmo da língua grega, de 1884, a análise do aspecto fônico, com base na distinção entre sílabas breves e longas, o dirigia a compreender não somente o funcionamento dessa língua, mas também as respectivas regras de composições poéticas.

As pesquisas linguísticas de base histórica, conforme denominamos anteriormente, possibilitaram a Saussure uma nova abordagem da textura fônica das línguas. Como vimos, o exame do percurso saussuriano na produção sobre os anagramas, revelou novas formas de abordar o aspecto sonoro das línguas, a partir de uma perspectiva literária, tais como: a lei da paridade fônica nos versos saturninos, a hipótese dos resíduos fônicos e o princípio anagramático. A fim de examinar a textura fônica do anagrama saussuriano, propomos seguir o caminho permeando dois objetivos: i) da análise das condições de produção, as quais permitem dizer que há anagramas e ii) da investigação da própria teoria anagramática.

Sobre o primeiro objetivo, que versa sobre as condições de produção histórica pelas quais Saussure constitui a hipótese anagramática, podemos principiar reafirmando que os costumes poéticos na época da *Ilíada* e *Odisseia* eram estabelecidos a partir da tradição oral, enquanto cultura não-letrada²¹³. De acordo com Ribeiro Jr. (2010), historiador brasileiro especialista nos hinos homéricos, as composições poéticas na antiga Grécia eram executadas a partir de três tipos de poemas orais, o *rapsódico*, como os textos de Homero, o *citaródico* e o *lírico*, estes dois últimos visando mais ao canto, com acompanhamento de instrumentos musicais.

Vimos, a propósito do percurso de Saussure nos anagramas homéricos (cf. tópico 2.3), que o poeta era mesmo um cantor, um *aoidos*, termo do qual originou o vocábulo *ode*. Nessa função, Homero era um poeta cujo *métier* envolvia criar textos poéticos permeados de efeitos sonoros, que levavam os ouvintes a uma interação mais profunda com o aspecto fônico das recitações. Nessa direção, todos os poemas "[...] eram compostos com a finalidade de serem ouvidos por uma audiência, durante uma apresentação, nunca para serem simplesmente lidos" (RIBEIRO JR., 2010, p. 45).

Em se tratando da cultura latina, e principalmente em seus primórdios, é quase impossível não tratá-la com base na influência da cultura grega, ou helênica. Efetivamente, a helenização literária da cultura latina teve como marco a tradução da *Odisseia* homérica, por Lívio Andrônico, por volta do século II a.C. Seguem-se a isso

²¹³ A ideia de cultura não letrada, de acordo com Havelock (1996) não significa dizer a ausência de uma cultura, ou uma cultura primitiva, com baixo nível de educação escolar, conforme podemos entender no século XXI. Para Havelock (1996), a cultura clássica dos gregos já existia antes mesmo da escrita. Neste sentido, uma determinada civilização, nessa época antiga, poderia ser não letrada mas "[...] possuir suas próprias formas de arranjo institucional, de arte e de linguagem criativamente elaborada" (HAVELOCK, 1996, p. 188).

os textos de Nêvio, como *A guerra púnica*, considerado a primeira obra de origem latina, escrita em versos saturninos, e os trabalhos de Ênio, "[...] usando pela primeira vez o hexâmetro grego - verso apropriado para a poesia épica - e ampliando o vocabulário poético com a criação de neologismos construídos à moda helênica" (CARDOSO, 2003, p. 9)

Quanto a Virgílio, em particular à famosa *Eneida*, apesar de toda sua excelência e modelo para as demais obras da latinidade, a proximidade a Homero não é surpresa para os estudiosos da literatura clássica, resultando ainda mais em seu engrandecimento. Segundo Oliva Neto (2014, p. 12), falar sobre Virgílio e "[...] em particular sobre a *Eneida*, é oportuno antes de mais nada lembrar que o poeta e este poema são "clássicos" na acepção daquilo que é, em primeiro lugar, escolhido para leitura e audição e, depois, como *modelo* a imitar".

Uma sutil diferença entre Homero e Virgílio, assim como todos os autores latinos que viriam a ser abordados por Saussure, pode ser assinalada. O acesso a essas obras dava-se não somente a partir da oralidade, nos atos festivos, mas também na educação formal, a partir da escrita e do ato de ler. Sobre a *Eneida*, Cardoso (2003,) pondera que "[...] durante o longo período em que se processou a composição, partes isoladas foram sendo divulgadas, lidas, provavelmente, em sessões literárias particulares". Neste sentido estaríamos, como já pontuamos na hipótese acima, ante o fato de que a escrita, enquanto língua literária, pudesse desempenhar um papel menos sutil na teoria dos anagramas, ainda que mantivesse sua base fônica.

Uma vez comprovada a relação entre a literatura grega e a latina, refletida também no movimento de Saussure da épica homérica para a virgiliana, considerar o aspecto fônico do anagrama não é uma escolha aleatória. A hipótese anagramática, que se delineia nos textos homéricos, se liga ao que Havelock (1996, p. 189), a propósito da poesia, diz: "[...] o que chamamos de "poesia" é, portanto, uma invenção de antiguidade imemorial, destinada ao propósito funcional de prover um registro contínuo em culturas orais".

Entendemos que é a partir desse lugar poético, ou seja, de que a poesia na antiguidade está ligada a culturas orais, que Saussure aborda os textos homéricos, a poesia latina e outras línguas literárias, tendo em vista a hipótese anagramática. A nosso ver, a relevância do aspecto oral nas culturas grega e latina, nos tempos de Homero, de Virgílio e dos autores latinos subsequentes, pode ser tomada como abertura à análise da textura fônica anagramática. Posto isso, voltemos nosso olhar para os momentos teóricos propostos por Saussure que caracterizam a textura anagramática.

Como vimos, o poeta escolhia a palavra-tema, com base na finalidade do texto, isto é, se fosse uma homenagem, um elogio etc., e então trabalharia a composição poética pelas combinações fônicas²¹⁴. Em uma passagem de outro manuscrito, especificamente no caderno Ms. fr. 3962/8²¹⁵, o genebrino descreve o seguinte *modus operandi*, efetuado pelo vate:

O poeta deve, então, nesta primeira operação colocar diante de si, tendo em vista seus versos, o maior número possível de *fragmentos fônicos* que ele pode tirar do tema: por exemplo, se o tema, ou uma das palavras do tema é *Hercolei*, ele dispõe dos fragmentos – *lei* –, ou – *cõ* –, ou com um outro corte das palavras, dos fragmentos – *õl* –, ou *ẽr*; por outro lado, de *rc* ou de *icl* etc.

2. Deve então compor seu trecho introduzindo em seus versos o maior número possível desses fragmentos, por exemplo, *afleicta* para lembrar *Herco-lei*, e assim por diante (SAUSSURE apud STAROBINSKI, 1974, p. 19).

Nesse trecho, a descrição de Saussure enfoca a noção de *fragmentos fônicos*, resultado do esfacelamento da palavra-tema. A textura fônica do anagrama saussuriano começa a ser delineada. Nesse momento, esses fragmentos são delimitados a partir de dois ou mais fones, os quais receberão, no decurso dessas pesquisas (nos cadernos sobre os anagramas latinos), a denominação de dífonos e trífonos. Nos cadernos dedicados aos anagramas homéricos, essas unidades são denominadas de grupos, partes (*morceau*), rimas silábicas²¹⁶ e mesmo de sílabas (SAUSSURE, 1994; 2013).

Com base nessa ideia plural de elementos, a presença de fonemas isolados na textura fônica do anagrama será vista com ressalvas²¹⁷. Em um momento de refinamento conceitual, Saussure tece as seguintes considerações sobre essas unidades fônicas do anagrama:

[...] o dífono é a unidade mínima e *simplíssima* entre todas, há regras que começam com o *trífono* somente, porque este representa

²¹⁴ Abrimos aqui um parêntese: na fala habitual, o falante jamais executa um processo de fragmentação dos signos linguísticos, ao contrário da língua literária, conforme se observa, por exemplo, nos trabalhos de James Joyce e nas composições poéticas de Haroldo de Campos.

²¹⁵ Referência dada por Testenoire (2013, p. 69).

²¹⁶ Testenoire (2013) destaca a relação entre a noção de anagrama e os estudos empreendidos por Saussure, a partir de 1900, sobre a versificação francesa. Segundo esse autor, "Saussure descobre, assim, pelos anagramas o fenômeno que ele evidenciava na poesia francesa sob o nome de "rimerie". De fato, em um dos cadernos dedicados aos anagramas homéricos, Saussure (2013, p. 277) diz "Mas não teria havido anagrama sem ele; pelo menos não aquele que seduziu o rapsodo, da mesma forma que uma rima seduz e, inspira, literalmente, o poeta francês a todo instante". **Tradução nossa de:** "Saussure découvre ainsi pour les anagrammes les phénomènes qu'il dénonçait pour la poésie française sous le nom de "rimerie". De fato, em um dos cadernos dedicados aos anagramas homéricos, Saussure (2013, p. 277) diz "Mais il n'y aurait pas eu d'anagramme sans cela; du moins pas celui qui avait séduit le rhapsode, de la même façon qu'une rime séduit, et inspire littéralement, le poète français à tout instant".

²¹⁷ Indicamos o trabalho de Silva (2009) e Souza (2012), os quais abordam a problemática dos monofónos nos anagramas a partir da noção de valor em Ferdinand de Saussure.

$$\begin{array}{c} \text{Dífono} + x \\ (\text{unidade geral} + x) \end{array}$$

O trífono é a primeira unidade complexa, pois o dífono é a unidade irreduzível. E todas as regras especiais do trífono se enxertam na base anterior do dífono. Estas regras podem tomar, parece-me, o nome de regras de “agrupamento”, porque se trata com efeito, sempre disto: em volta de um núcleo *DIFÓNICO* agrupam-se um ou vários elementos *monofônicos* (*ipso facto*, privados da faculdade de existir por eles mesmos, recebendo-a unicamente do fato de estarem na órbita do *DÍFONO*)²¹⁸. (apud STAROBINSKI, 1974, p. 35)²¹⁹.

A noção de dífono é o primeiro passo para compreender a textura fônica do anagrama saussuriano. Saussure a define como a unidade mínima, geral e *simplissima* da textura anagramática. Composta por dois fones extraídos da palavra-tema, o anagrama é inexistente sem essa unidade. Como unidade irreduzível, sua divisão implica a não relação com a palavra-tema. Conforme notamos no exemplo do tema *Hercolei*, um dífono como *rc* se torna uma unidade significativa pela relação de identidade que se estabelece com a palavra-tema, tendo em vista a presença parcial da linearidade dessa palavra. Qualquer outro fone dessa palavra, estando isolado, pode pertencer a qualquer outro sintagma, e não somente ao tema.

Além dessa unidade principal, a exposição de Saussure sobre os fragmentos fônicos expõe outras duas unidades anagramáticas que podem figurar na composição poética e formarem a textura fônica do anagrama: o monófono e o trífono. Segundo o mestre suíço, o monófono, representado por *x* é um simples fone, um elemento isolado, que por si não possui valor para o anagrama. É necessária a presença do dífono para que este elemento seja considerado parte do anagrama. Já o trífono é dado como unidade complexa, podendo comparecer nos versos sob a forma de uma única unidade, ou a partir da junção de um dífono e de um fone isolado (monófono)²²⁰.

²¹⁸ De acordo com Starobinski (1974), esse trecho está catalogado na caixa Ms. fr. 3966, numa série de folhas destacadas, não fazendo parte de um caderno completo. Ressaltamos ainda, nesta nota, que vemos aqui claramente aspectos da teoria do valor associada ao funcionamento dos anagramas; essa relação será analisada no subtópico “Sincronia e teoria do valor: o anagrama como um sistema?”

²¹⁹ Esse trecho encontra-se no caderno catalogado como Ms. fr. 3966.

²²⁰ Estas noções de unidade fazem eco à reflexão teórica de Saussure sobre a noção de unidade. No *Lexique de la terminologie saussurienne*, temos a seguinte definição de unidade: “[...] elemento complexo, irreduzível ou composto do mecanismo da linguagem [...]”. **Tradução nossa de:** “[...] élément complexe, irréductible ou composite du mécanisme de la langue [...]” (ENGLER, 1968, p. 51). Essa definição agrega três aspectos para a compreensão do conceito de unidade: i) complexidade; ii) irreduzibilidade e iii) inserção em um determinado sistema (no caso da linguística, o mecanismo da língua). Uma unidade complexa é uma unidade que pode ser subdividida em outras unidades, significativas ou não significativas. Um signo linguístico, além de significativo, é uma unidade complexa por ser composta por um conjunto de fonemas e por estruturar-se em uma relação de duas partes, significante e significado, representado pela fórmula $\frac{\text{Significado}}{\text{Significante}}$. Além disso, os signos devem ser observados a partir da língua enquanto sistema, de modo tal que seu valor “[...] resulta apenas do valor dos termos coexistentes.” (SAUSSURE, 1989 [1968], p. 259). **Tradução nossa de:** “[...] ne résulte que de la valeur des termes coexistants.” Mas o fonema também é uma unidade complexa, embora não significativa. De acordo com o genebrino, o fonema é composto por duas partes, a impressão acústica e o ato articulatório. Para Saussure (1970), essa unidade fonológica é sintetizado

Um exemplo interessante da presença de dífonos pode ser observado nos cadernos dedicados aos anagramas latinos, sobre a *Eneida* de Virgílio, reproduzidos no fragmento de manuscrito a seguir:

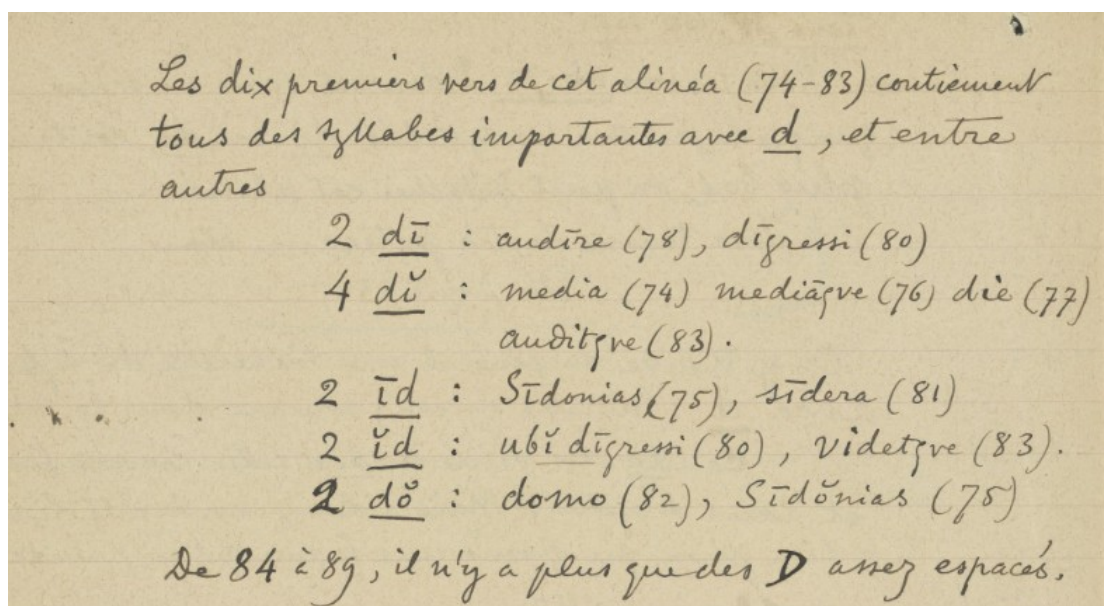


Figura 1 – (Ms. fr. 3964-2/f.03)

Nesse fragmento, Saussure analisa a presença de fragmentos fônicos da palavra-tema *Dido*, personagem do livro de *Eneida*, a qual é a rainha de Cartago e namorada de Eneias (OLIVA NETO, 2014). O procedimento aqui é contabilizar a quantidade de dífonos que aludem à palavra-tema, partindo da seleção de palavras permeadas por esses fragmentos. Verifica-se que os fones dos dífonos não seguem fielmente a ordem silábica da palavra-tema, como seria de supor em *di* + *do*, mas cortes aleatórios, como *īd*, ou *īd*, levando em conta a quantidade da vogal breve em outras palavras. De um modo geral, o que importa é a preservação da presença de dois fones.

Além dessas unidades anagramáticas, a textura fônica dos anagramas é composta pelo que Saussure nomeia de *manequim*. Tal noção, como o próprio termo indica, remete a uma espécie de molde no qual o poeta circunscreve as unidades anagramáticas. Buscando uma melhor definição para esse novo conceito, Saussure (apud STAROBINSKI, 1974, p. 37) afirma:

pela fórmula $\frac{F}{f}$ (Sendo F as impressões acústicas e f os atos articulatórios), a qual fundamenta os aspectos positivo e negativo dos fonemas. Embora sendo uma unidade complexa, o fonema não remete a uma determinada ideia, mesmo estando em relação com outros fonemas. No nível fonológico, seu valor é distintivo, permitindo que um significante não seja confundido com outro, por exemplo, a distinção entre os fonemas /p/ e /b/, nos signos /pato/ e /bato/. Se por um lado uma unidade complexa pode ser compreendida em razão de ser composta por unidades menores, e por ser passível de ser colocada em uma fórmula, a ideia de unidade irredutível não é clara no CLG, uma vez que os próprios fonemas, em determinados momentos, podem assim ser qualificados. No entanto, é possível compreender a distinção entre unidade complexa e unidade irredutível na definição mesma da unidade anagramática, conhecida como dífono.

Toda **peça** bem composta deve apresentar, para cada um dos nomes importantes **que alimentam o hipograma**, um *locus princeps*: uma série de palavras, *estreita e delimitável*, que se pode designar como o lugar especialmente destinado a este nome. Isto sem prejuízo de qualquer **hipograma mais extenso**, e consequentemente mais disperso, que pode correr e que corre em geral, através do conjunto da peça, paralelamente ao **hipograma condensado**.

O *locus princeps* comporta diferentes formas que tentaremos classificar. Mas é, antes de tudo, **o melhor e talvez o único meio decisivo para a prova geral**, todo o resto cai sob o cálculo das possibilidades; isso, ao menos, é tão particular e tão claramente marcado pelos **sinais de uma intenção**, que não vejo, quanto a mim, nenhuma possibilidade de colocá-la em dúvida, enquanto que o fato se repete numa infinidade de exemplos concordantes, submetidos a uma lei idêntica, e a uma lei, desta vez não muito fácil de preencher nas prescrições que indicava.

A forma mais perfeita do que se pode revestir o *locus princeps* é a do manequim unido ao silabograma, isto é, do manequim fechando *em seus próprios limites*, claramente dados pela inicial e pela final, o silabograma perfeito. [...] (**grifos nossos**) (SAUSSURE apud STAROBINSKI, 1974, p. 37).

O longo trecho fornece uma gama de informações, tanto sobre o conceito de manequim, o qual buscamos compreender nesse momento, como também de outro conceito, o *hipograma*, ao qual dedicaremos o tópico 3.5 para seu exame. Em sua explicação sobre a ideia de manequim, a expressão *locus princeps* parece se destacar: trata-se de um lugar, uma espécie de molde, constituído por palavras, geralmente duas, que garantem a marca da intenção poética, por não deixarem margem para o acaso. Como? O genebrino responde, por se tratar da utilização do fone inicial e do fone final da palavra-tema de forma estratégica no verso poético, ou seja, *fechando os limites* do próprio anagrama.

Para efeito de exemplificação, retomemos a passagem do caderno dedicado aos versos de *Eneida*, visto no tópico anterior, no qual Saussure analisa como a palavra-tema figura no texto:

A atenção se volta a Dido, por todas as razões possíveis, uma vez que é a ela que se dirigia o discurso final, e que nas palavras do próprio Eneas, *vestrisoris* (715) indica que ele se volta a ~~ela~~^{a rainha}. Em outras palavras, esta conclusão do Livro III prepara o início, referente apenas à Dido, do Livro IV.

Esta nova direção do pensamento é marcada anagramaticamente por
// Dīra CelaenŌ // 713
= manequim Dīdō [...] ²²¹

²²¹ Tradução nossa de: "L'attention se reporte pour toutes les raisons possibles vers Didon, puisque c'est à elle que s'adressait le discours qui prend fin, et que dans les paroles d'Enée lui-même *vestrisoris* (715) indique qu'il se tourne vers elle la reine. En outre cette conclusion du livre III prepare le début, uniquement relatif à Didon, du livre IV.

Cette direction nouvelle de la pensée est marquée anagrammatiquement par

No tópico anterior, examinamos esse trecho partindo da relação entre a palavra-tema *Dido* e a direção narrativa conduzida por Virgílio. Nesse momento, a parte que nos interessa é precisamente o destaque que Saussure dá, no verso 713, // *Dīra CelaenŌ* //, para os fones iniciais e finais desse mesmo verso, fones esses que remetem aos fones iniciais e finais da palavra-tema *Dido*. Para Saussure, esses dois fones da palavra-tema, localizados da mesma forma nos versos, isto é, em extremidades, espelha a forma da palavra-tema, como se fosse um figurino²²².

Nesse ponto, o exame da textura fônica do anagrama, com base nos conceitos de dífono, trífono e manequim, mostra uma nova forma de conceber a ideia de anagrama, sustentada a partir da relação entre a palavra-tema e a composição poética. Nesse aspecto, a textura fônica não é simplesmente um conjunto de fragmentos que remetem a um nome camuflado, como num jogo de caça-palavras. Há regras que requerem a presença de unidades específicas, como o dífono, e de delimitadores para a presença desses dífonos, como o manequim. Assim, a composição do texto poético não obedece à aleatoriedade de fones isolados, mas submete-se à lei do dífono e do manequim.

Ao caracterizar o anagrama enquanto um objeto, Saussure faz mais do que opor-se ao aspecto escrito do anagrama tradicional: ele o insere na história, reescrevendo-o por meio de uma característica da poesia indo-europeia, a oralidade. Dessa forma, podemos inferir que se a poesia é uma invenção das culturas orais, o anagrama é o seu arranjo, um dos *modos operandi* dessa invenção. A concepção desse artifício poético, todavia, não é feita sem os devidos impasses, sem as tensões que o observador do século XIX enfrenta, ao defrontar com a longínqua e quase inacessível oralidade da literatura indo-europeia.

Os percalços, conforme veremos no próximo tópico, refletem-se na constante mutabilidade da terminologia do próprio anagrama. Ainda que fônico, pode o termo anagrama fazer jus ao seu papel poético, como uma das bases composicionais da literatura indo-europeia? Não haveria outro termo que pudesse refletir seu funcionamento e, ao mesmo tempo, sua relação com a tradição das culturas orais, sem refletir o uso da escrita?

// *Dīra CelaenŌ* // 713

= manequim *Dīdō* [...]"

²²² A ideia de figurino refere-se ao conceito etimológico do termo manequim, conforme vemos em Cunha (2007, p. 494): manequim sm. 'boneco que representa homem ou mulher e serve para estudos artísticos, científicos ou artesanais (costureira, alfaiate etc.) [...] | Do fr. mannequin 'figurino', deriv. do. m. neerl. mannekĳn, dimin. de man 'homem'."

3.4 - O conceito de anagrama em Saussure: uma constante metamorfose

*O termo anagrama é substituído, a partir deste caderno, por outro, mais exato, o paragrama. Nem anagrama nem paragrama dizem que a poesia é dirigida por essas figuras a partir dos sinais escritos [...].²²³
(Saussure, BGE - Ms. fr. 3964/28, f.05)*

Nos tópicos precedentes abordamos o anagrama saussuriano a partir de dois pontos de vista. Primeiro, analisando o conceito da palavra-tema que, enquanto nome próprio, desempenha um importante papel na teoria anagramática (cf. tópico 3.2). Notamos que é com base na escolha desse nome que o poeta elaborava a composição poética. Estando a ideia de anagrama vinculada à tradição oral, essa palavra podia ser o nome de alguma entidade superior, como um deus, o qual seria louvado por seus adoradores na recitação, como também podia pertencer à esfera humana: um general, um político eminente, ou mesmo, a própria amada.

Dessa forma, observamos que a palavra-tema era uma espécie de norte na composição. Como assinalou Starobinski (1974), os fragmentos da palavra-tema funcionavam como fios condutores para o poeta. Nessa direção, o segundo ponto de vista abordado (tópico 3.3) versou sobre a textura fônica do anagrama saussuriano, em que a palavra-tema deveria ser fragmentada em unidades menores, principalmente em dois fones, nomeados de dífono, e essas unidades figurariam nas palavras escolhidas pelo poeta, que comporiam os versos.

Outra característica da textura fônica do anagrama saussuriano é dada com base no conceito de manequim. Para o linguista, as unidades anagramáticas precisavam ser localizadas, e essa localização deveria ocorrer a partir de dois pontos fônicos: do fone inicial e do fone final da palavra-tema, os quais figurariam, de modo estratégico, nos versos poéticos. Assim, a palavra-tema poderia ser identificada no ato declamatório, ou mesmo, posteriormente, no registro escrito desses poemas.

Esses dois tópicos, portanto, abrangeram, de modo geral, aspectos principais do funcionamento do anagrama saussuriano e mencionaram informações presentes na tradição oral da poesia greco-latina. No entanto, o percurso de Saussure em sua produção, conforme já enunciamos, é permeado por movimentos teóricos. Quando nos referimos a esses movimentos, nossa intenção é enfatizar que eles não se restringem ao

²²³ Tradução nossa de: "Le terme d'anagramme est remplacé, à partir de ce cahier, par celui, plus juste, de paragramme. Ni anagramme ni paragramme ne veulent dire que la poésie se dirige pour ces figures d'après les signes écrits [...]."

processo de construção da teoria, mas podem atingir termos específicos, como desabafou Saussure, na carta de 1894, a propósito da terminologia corrente.

Considerando que a elaboração do conceito de anagrama não ocorrerá no momento em que Saussure propõe a hipótese de nomes fragmentados nos textos poéticos, ou quando alude pela primeira vez a Bally sobre a presença de anagramas nos textos homéricos, o objetivo deste tópico é analisar o percurso do próprio termo anagrama, designado como um conceito em contínuo desenvolvimento. Por não se constituir pronto, *a priori*, esse conceito passará por um constante aperfeiçoamento, na medida em que as análises dos textos gregos e latinos são concebidas. Ainda que o termo anagrama prevaleça, outros serão utilizados para melhor expor seu significado e sua função, enquanto princípio da poesia clássica.

Em um exame preliminar, constatamos na seção *Index des notions*, da edição dos cadernos homéricos de 2013, editados e publicados por Pierre-Yves Testenoire, a presença de mais de três centenas do termo anagrama. Analisar essa gama de citações é, senão impossível, assaz extenuante, ainda que a maior parte dessas passagens não seja caracterizada por concepções sobre o termo anagrama. Contudo, elas ilustram a tentativa saussuriana de diferenciar essa nova categoria de anagrama por meio dos adjetivos: alusivo, central, completo, geral, incidente, incompleto, mnemônico, premonitório, principal.

Em alguns momentos, essas qualificações se encontram em modo comparativo: quando Saussure expressa que um determinado anagrama é mais alusivo que mnemônico, ou quando distingue um anagrama completo (cujos versos apresentam todos os fragmentos fônicos), de um anagrama incompleto. Mas existem outras qualificações, principalmente nos anagramas latinos. Em um dos cadernos sobre Virgílio, por exemplo, aparecem expressões qualificativas para o termo anagrama como "Muito melhor" ²²⁴ (BGE Msfr 3964-1, f.14), ao lado de caracterizações como 'mais anagramáticas'. Quando pesquisa a palavra-tema Dido, nos versos de Eneida, ele diz: "É natural que esta parte seja a mais pobre ou a mais discreta em anagramas sobre Dido [...]".²²⁵ (BGE Ms. fr. 3964-2, f.3).

Embora Saussure faça distinções entre determinados tipos de anagramas e qualifique determinadas passagens como mais propensas a conterem os fragmentos anagramáticos, há, em algumas passagens dos cadernos sobre os anagramas, uma elaboração mais consistente sobre a ideia de anagrama. Desses cadernos, selecionamos

²²⁴ Tradução nossa de: "beaucoup meilleur".

²²⁵ Tradução nossa de: "Il est naturel que cette partie soit la plus pauvre ou la plus discrète en anagrammes sur Dido [...]".

cinco para a presente investigação: o caderno Ms. fr.3963/5, editado por Testenoire, em 2013; os cadernos Ms. fr.3964/28, Ms. fr.3966/02 e Ms. fr.3966/03, sendo fotocópias do original e o caderno Ms. fr.3966/05, da publicação de Jean Starobinski (1974).

Antes de avaliarmos tais passagens, verifiquemos algumas definições tradicionais do conceito de anagrama, com base em alguns dicionários, no intuito de conseguirmos uma compreensão geral da ideia do anagrama tradicional, a fim de tecermos uma melhor comparação com o anagrama saussuriano, como segue:

<p>ANAGRAMA - Grego <i>anáγραμμα</i>, transposição de letras.</p> <p>Diz-se dos vocábulos, sobretudo nomes próprios (antropônimos), formados pela transposição de letras. Emprega-se, no geral, para cunhar pseudônimos ou encobrir a identidade de personagens reais: Natércia é anagrama de Caterina (de Ataíde), Elmano (Sadino), de Manuel (Maria Barbosa du Bocage), Bimnarder, de Bernardim (Ribeiro). Há quem considere o anagrama uma variedade do palíndromo. (MOISES, 1978, p. 25)</p>	<p>Anagrama: o reorganização da letra de uma palavra ou frase para produzir uma nova forma ou um quebra-cabeça. Muitas vezes, um análogo engenhoso para a palavra original pode ser encontrado [...]”²²⁶ (CRYSTAL, 1994, p. 62)</p>	<p>Anagrama (Gk 'escrevendo ao contrário ou de novo') As letras de uma palavra ou frase são transpostas para formar uma nova palavra. Por exemplo, a palavra "Stanhope" pode ser transformada na palavra 'phaetons'. Uma característica comum de palavras cruzadas. Samuel Butlers'title <i>Erewhon</i> é um anagrama de "nowhere".²²⁷ (CUDDON, 1999, p. 35)</p>	<p>"ἀναγραμματισμός transposição de <i>lettres formant un sens, anagramme</i> (p. ex. <i>λόχος et χόλος</i> [...])" (BALLY, 2000, p. 119)</p>	<p>anagrama 1571, R. Belleau, que substitui o anagramatismo da ed. de 1560; gr. anagrama, de ana, indicando a inversão, e grama, letra, anagramar 1752. anagramatizador 1550, Ronsard. anagramático 1823.²²⁸ (LAROUSSE, 2011)</p>
--	--	---	---	--

Tabela 1 - Conceituação de anagrama

Notemos que a definição do anagrama tradicional quase não varia de um dicionário para outro. Destacamos três aspectos comuns e de maior relevância nessas definições: i) trata-se de letras (palavra ou sentença); ii) o processo poético resulta no arranjo/transposição das letras e iii) as palavras transpostas geralmente são nomes próprios. Dessas características, o aspecto gráfico, baseado em letras e não em fones, é o ponto central no anagrama tradicional, o qual é organizado tendo em vista a leitura, relacionando-se com a espacialidade do texto, requisitando do leitor a habilidade visual na identificação desse tipo de anagrama.

²²⁶ **Tradução nossa de:** "Anagram: The re-arrangement of the letter of a word or sentence to produce a new form or a puzzle. Often an ingenious analogue to the original word can be found [...]."

²²⁷ **Tradução nossa de:** "Anagram (Gk 'writing back or anew') The letters of a word or phrase are transposed to form a new word. For instance, the word 'Stanhope' can be turned into the word 'phaetons'. A common feature of crosswords. Samuel Butlers'title *Erewhon* is an anagram of 'nowhere'."

²²⁸ **Tradução nossa de:** "anagramme 1571, R. Belleau, qui remplace anagrammatisme de l'éd. de 1560; gr. anagramma, de ana, indiquant le renversement, et gramma, lettre. anagrammer 1752. anagrammatiser 1550, Ronsard. anagrammatique 1823."

Para Saussure, a concepção de anagrama, no entanto, se opõe, em grande parte, aos aspectos realçados nesse anagrama tradicional. Conforme a definição de Larousse (2011), a etimologia do termo anagrama indica a transposição de letras, e não de elementos fônicos, como proporá o genebrino. De fato, a sua posição em relação ao caráter escrito do anagrama é a seguinte: "Ao usar a palavra anagrama, não penso fazer intervir a escrita nem a propósito da poesia homérica, nem a propósito de qualquer outra poesia indo-europeia antiga."²²⁹ (SAUSSURE, 2013, p. 384).

Neste sentido, o primeiro passo de Saussure é atestar que o anagrama identificado na poesia indo-europeia não se fundamenta na escrita. Iniciar a teoria dos anagramas partindo dos textos homéricos é levar em consideração a tradição oral da poesia indo-europeia, uma vez que, nessa época, a escrita estava em desenvolvimento, e mesmo após a constituição do alfabeto grego, foi utilizada como um apoio secundário (HAVELOCK, 1996). Após deixar claro que não se trata de transposição de letras e sim de fones, Saussure buscará um termo que reflita essa distribuição de fones nos versos poéticos, por meio da relação entre a palavra-tema e os versos. Dessa forma, ele assegura:

[...] anafonia seria mais precisa, na minha própria ideia: mas este último termo, se for criado, parece mais propício a prestar outro serviço, a saber o de designar o anagrama incompleto, que se limita a imitar certas sílabas de uma palavra dada sem se ater a reproduzi-la inteiramente.²³⁰ (SAUSSURE, 2013, p. 384)

Ao propor o conceito de anafonia, o objetivo é reforçar a ideia de transposição de fones nos anagramas homéricos, distanciando-se de qualquer relação com a escrita. Observe-se que, em termos etimológicos, apenas o prefixo *ana-* (transposição) é mantido, alterando-se o sufixo *-gramme* (letra) para *-phonie* (fone). No entanto, além da transposição de fones, o conceito de anagrama de Saussure irá requerer a presença de duas ideias específicas, ou seja, de completude e de imitação. Sendo assim, a junção dessas duas noções o impede de considerar o termo anafonia como apropriado à ideia de anagrama. Em suas palavras,

Anafonia é, para mim, a simples assonância a uma palavra dada, mais ou menos desenvolvida e mais ou menos repetida, mas não formando anagrama na totalidade das sílabas.

²²⁹ **Tradução nossa de:** "En me servant du mot d'anagramme, je ne songe point à faire intervenir l'écriture ni à propos de la poésie homérique, ni à propos de toute autre vieille poésie indo-européenne."

²³⁰ **Tradução nossa de:** "[...] anaphonie serait plus juste, dans ma propre idée: mais ce dernier terme, si on le crée, semble propre à rendre plutôt un autre service, savoir celui de désigner l'anagramme incomplet, qui se borne à imiter certaines syllabes d'un mot donné sans s'astreindre à le reproduire entièrement."

Acrescentamos que a "assonância" não substitui a anafonia, porque uma assonância, por exemplo, no sentido da antiga poesia francesa, não implica que exista uma palavra imitada.

Nos dados em que há uma palavra para imitar, reconheço portanto:

o anagrama, forma perfeita;

a anafonia, forma imperfeita;

Por outro lado, conforme o dado, também a ser considerado, onde ~~as~~ sí as sílabas se correspondem sem, no entanto, referir-se a uma palavra, podemos falar de harmonias fônicas que incluem tudo como aliteração, rima, assonância etc. [...].²³¹ (SAUSSURE, 2013, p. 384)

Nesse trecho, a flutuação terminológica do termo anagrama aparenta ser contraditória. Quando Saussure parece aceitar o termo anafonia, como mais apropriado para compor sua ideia de anagrama, ele a reduz a uma simples assonância. Desse modo, ele insiste em um termo que reflita a ideia de imitação e, etimologicamente, esse não é o papel da assonância. Nesse momento, há o confronto entre os dois termos, anafonia e anagrama, concluindo, a partir do aspecto imitativo, que o anagrama é a forma perfeita, e anafonia, a forma imperfeita.

Nos cadernos sobre os anagramas latinos, a distinção entre perfeito e imperfeito comparece em algumas análises. Um exemplo pode ser visto no caderno 3966/02, manuscrito por Saussure por volta de janeiro de 1908, cujos versos são de autoria de Quintus Ennius²³², poeta do período da Roma Imperial. Após analisar as palavras-temas *Caupōnāntes* e *Agamnō* e identificar os respectivos dífonos e monófonos nos versos, Saussure realça, em cor azul, a palavra *Parfait*, considerando, portanto, como perfeito às formas anagramáticas:

²³¹ **Tradução nossa de:** "L'anaphonie est donc pour moi la simple assonance à un mot donné, plus ou moins développée et plus ou moins répétée, mais ne formant pas anagramme à la totalité des syllabes.

Ajoutons qu' "assonance" ne remplace pas anaphonie, parce qu'une assonance, par exemple au sens de l'ancienne poésie française, n'implique pas qu'il y ait un mot qu'on imite.

Dans la donnée où il existe un mot à imiter je distingue donc:

l'anagramme, forme parfait;

l'anaphonie, forme imparfait;

D'autre part, dans la donnée, également à considérer, où ~~les~~ les syllabes se correspondent sans cependant se rapporter à un mot, nous pouvons parler d'harmonies phoniques ce qui comprend toute chose comme allitération, rime, assonance, etc. [...]."

²³² Conforme indicações nesse caderno, Saussure vale-se dos trabalhos de Johannes Vahlen (1830-1911), professor de filologia clássica nas Universidades de Friburgo e Berlim.

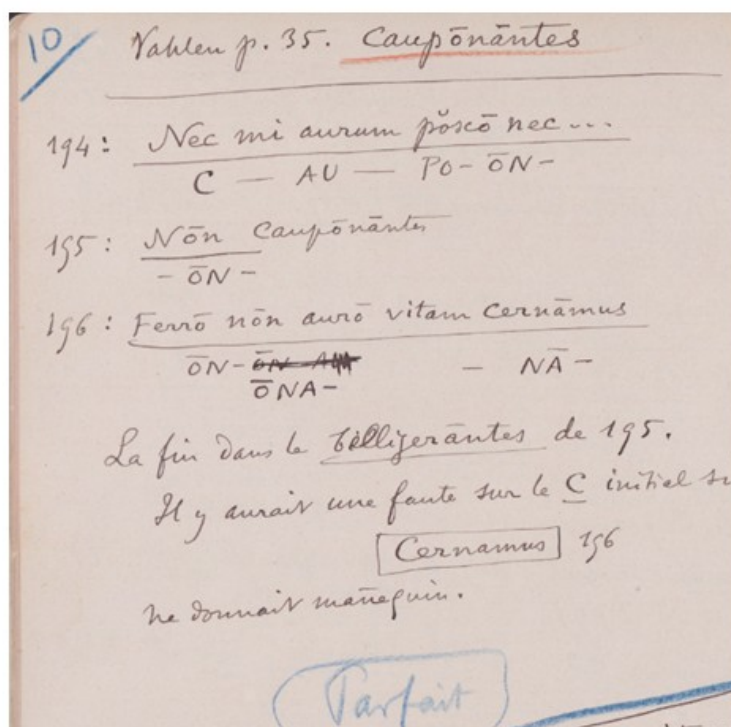


Figura 2 - (Ms. fr. 3966/02, f007)

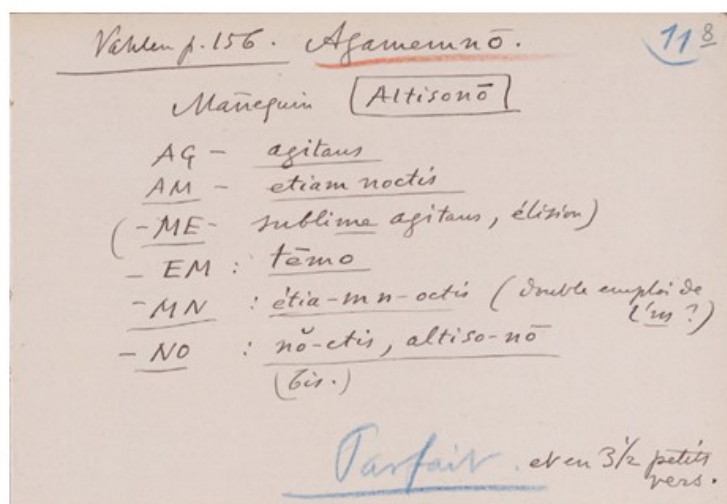


Figura 3 - (Ms. fr. 3966/02, f.08)

Em outra parte desse caderno, Saussure executa uma análise poética na qual os termos anagrama e anafonia são mencionados como adjetivos, mostrando ao leitor que a palavra-tema *Transnavit* não é imitada perfeitamente como deveria ser, ou seja, mais anagramática e menos anafônica:

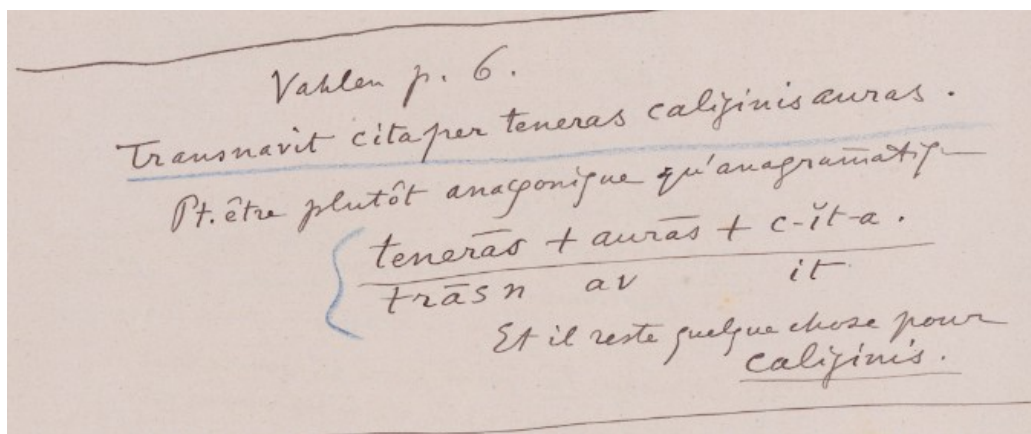


Figura 4 - (Ms. fr. 3966/02, f10)

O manuscrito acima indica que não basta haver todos os fragmentos da palavra-tema nos versos. Para Saussure, o anagrama perfeito revela uma distribuição consciente dos dífonos, além de ter o manequim fechando os limites desse anagrama. De certa forma, aquele que busca anagramas nas literaturas indo-europeias deve ter cuidado em não se iludir com a presença de fones que poderiam imitar uma palavra-tema, sem que determinados parâmetros fossem seguidos, como os dífonos e o manequim.

A flutuação terminológica e conceitual não finda na distinção entre anafonia e anagrama. Em outro manuscrito, dedicado aos textos de Lucrécio, ele novamente procede com uma renovação terminológica, quando exprime:

O termo anagrama
é substituído, a partir deste caderno,
por outro, mais exato, o paragrama.
Nem o anagrama nem o paragrama
querem dizer que a poesia se dirige
por essas figuras a partir dos sinais escritos;
mas substituir -grama por -phone
em uma ou em outra dessas palavras resul-
taria exatamente em fazer crer que se trata
de uma espécie de coisas prodigiosas.²³³
(Ms. fr. 3964/28, f.05)

Assim como na análise dos anagramas homéricos, a ideia de um termo "mais justo" é também presente nas análises latinas, agora substituindo anagrama por paragrama. Embora Saussure sinalize a substituição do termo anagrama, ele não a concretiza. Mais uma vez, ele procura enfatizar o distanciamento da concepção de anagrama com os signos escritos, ainda que o sufixo -grama nos termos propostos façam referência à letra. Os termos anagramas e paragramas, consagrados pela tradição escrita, parecem sobrepor a uma necessidade terminológica que dê destaque ao aspecto oral do anagrama saussuriano.

Na continuidade do manuscrito 3964/28, ele irá especificar o motivo de distinguir anagrama de paragrama, afirmando:

Anagrama, por oposição ao Paragrama, será reservado aos casos em que o autor se propõe a pontuar, em um pequeno espaço, como o de uma palavra ou duas, todos os elementos da palavra-tema, muito parecido com o "anagrama," conforme a definição; - figura que tem apenas uma importância muito restrita em meio aos fenômenos oferecidos para estudo, e representa, geralmente, apenas uma parte ou um acidente do Paragrama.²³⁴ (Ms. fr. 3964/28, capa interna)

²³³ **Tradução nossa de:** Le terme d'anagramme est remplacé, à partir de ce cahier, par celui, plus juste, de paragramme.

Ni anagramme ni paragramme ne veulent dire que la poésie se dirige pour ces figures d'après les signes écrits; mais remplacer -gramme par -phone dans l'un ou l'autre de ces mots aboutirait justement à faire croire qu'il s'agit d'une espèce de choses inouïes.

²³⁴ **Tradução nossa de:** "Anagramme, par opposition à Paragramme, sera réservé aux cas où l'auteur se plaît à masser en un petit espace, comme celui d'un mot ou deux, tous les éléments du mot-thème, à peu près comme dans l'"anagramme" selon la définition; - figure qui n'a qu'une importance absolument restreinte au milieu des phénomènes offerts à l'étude, et ne représente en général qu'une partie ou un accident du Paragramme."

Saussure entende que a distinção entre anagrama e paragrama relaciona-se com a problemática da espacialidade textual entrevista na produção sobre os anagramas. A espacialidade aqui se refere ao modo como os elementos fônicos se encontram nos versos poéticos, o que implica refletir sobre a textura fônica, partindo da relação da palavra-tema com os versos poéticos. Essa relação é, portanto, a chave para a compreensão do funcionamento do anagrama saussuriano e o conduz a buscar, sem descanso, termos que melhor espelhem a complexidade desse princípio poético.²³⁵

Nessa tentativa, é possível entrever dois últimos termos elaborados por Saussure, *logograma* e *antigrama*, presentes no caderno intitulado *Carmina Epigráfica*, catalogado como Ms.Fr. 3966/03. Vale destacar que o trecho em que esses termos figuram parece remeter a outro momento de elaboração, embora não tenhamos identificado outros cadernos nos quais esses vocábulos pudessem ser encontrados. Em certa medida, a ideia que esses termos encerram relaciona-se à problemática metodológica, sobre a qual se discute o lugar que os fragmentos podem ser encontrados nos versos, e qual o número (máximo ou mínimo, talvez) de palavras que o poeta utiliza para espraiar os fragmentos da palavra-tema.

De acordo com Saussure, *logograma* é um termo que reproduz uma presença máxima de fragmentos fônicos em um número mínimo de palavras, ao contrário do *antigrama*, que indica a presença de um número maior de palavras para agregarem os fragmentos da palavra-tema. Esses dois últimos termos elucidam, em certa medida, a necessidade pelo estabelecimento de parâmetros, de regras, como, por exemplo, a propósito do manequim. Esse, entretanto, não revela oposição a outro conceito: o manequim é um delimitador, dado pela final e pela inicial da palavra-tema e em si mesmo é suficiente enquanto parâmetro.

Ao contrário do manequim, analisado no tópico anterior, os conceitos aqui abordados são desenvolvidos por Saussure a partir de dualidades: anagrama/anafonia, anagrama/paragrama e logograma/antigrama. Essas dualidades, longe de se constituírem oposições, demonstram os movimentos teórico-terminológicos de Saussure relativos ao objeto anagrama, seus impasses enfrentados durante esses movimentos e uma necessidade imperiosa de definir sua natureza.

²³⁵ De acordo com Gandon (2002, p. 96), a problemática da espacialidade relaciona-se a certa relação tridimensional do espaço textual, presente em pelos três modos na teoria saussuriana sobre os anagramas: pela recorrência, pelo difono e por uma noção do anagrama voltado a uma noção tipológica. Para defender essa abordagem espacial do anagrama saussuriano, Gandon (2002) partirá do conceito de estereoscopia, que é uma técnica para observar objetos de forma tridimensional. Nesta tese, o objetivo não é analisar a noção de espacialidade textual em si, embora ela apareça, de certa forma, no próprio conceito de hipograma, o qual analisaremos no próximo tópico.

Toda caracterização dual é levada em conta. Embora alguns termos possam prevalecer sobre outros, a presença de um permite ao genebrino considerar aquele que melhor expressa a natureza e o funcionamento do anagrama. Comparar os termos é, sobretudo, uma ação teórica de suma importância. Por exemplo, a dualidade completo/incompleto indica a noção de completude presente no anagrama tradicional, também necessária no anagrama saussuriano.

Da mesma forma, a ideia de transposição do anagrama tradicional se faz presente no anagrama. No entanto, não se trata mais de letras, e sim de fones, alinhando-se com a cultura oral das poesias indo-europeias. Neste sentido, o aspecto fônico dos anagramas parece exercer uma pressão terminológica, fazendo com que Saussure confronte outra dualidade, anagrama e anafonia. No entanto, a anafonia, também retirada da tradição greco-latina, peca pela falta do aspecto imitativo que o anagrama saussuriano sustenta, quando se trata de imitar um nome próprio; Saussure conclui que a anafonia é uma simples assonância, não exercendo a função imitativa. Tais diferenças entre anagrama e anafonia levam-no a caracterizar ambos os termos a partir de um parâmetro estético: anagrama, forma perfeita, anafonia, forma imperfeita.

Ainda que outros termos compareçam nessa produção sobre os anagramas, como paragrama, logograma e antigrama, espelhando aspectos metodológicos para a identificação dos fragmentos anagramáticos nos versos, é válido concluir este tópico pensando que a imitação e o fator estético indicam ser o fator que caracteriza, definitivamente, o anagrama saussuriano. O anagrama saussuriano deve imitar, e se assim o faz, deve buscar a imitação perfeita. Como o conceito de anagrama pode sintetizar ambas as ideias? Para nós, o conceito que Saussure utilizará para atingir é o conceito de hipograma, o qual será abordado no próximo tópico.

3.5 - O hipograma saussuriano: a imitação enquanto significação estética

*"Nos dados onde há uma palavra para imitar eu distingo pois: o anagrama, forma perfeita; a anafonia, forma imperfeita [...]"²³⁶
(SAUSSURE, 2013, p. 384)*

Iniciamos este capítulo analisando o conceito de palavra-tema, o qual, geralmente um nome próprio, passava por um processo de fracionamento, cujos fragmentos fônicos eram recombinaados no texto poético, visando criar efeitos sonoros perceptíveis aos ouvintes. Também vimos que Saussure utilizou o termo *Stichwort*

²³⁶ Tradução nossa de: "Dans la donnée où il existe un mot à imiter je distingue donc: l'anagramme, forme parfait; l'anaphonie, forme imparfait."

associado à palavra-tema, o qual denotava, entre outros conceitos, a ideia de alusão e de figura. Nessa direção, o sentido de aludir permitia entrever uma relação entre a ideia de anagrama e a palavra-tema, enquanto a noção de figura, naquele momento de elaboração, parecia não fazer laço com a hipótese anagramática.

No entanto, pode-se dizer que a ideia de figura, ainda que de forma indireta, tem ligação com a noção de aludir, ambas presentes no termo *Stichwort*. Podemos, por exemplo, inferir que uma determinada figura faz alusão ao objeto que esta figura representa. Desse modo, é possível vislumbrar que o sentido de figura, na produção saussuriana sobre os anagramas, parecia requerer um espaço conceitual. E esse lugar começará a ser configurado e conquistado seguindo a ideia de imitação, que passa a comparecer nas elaborações teóricas sobre o anagrama.

Pontuada de forma esparsa nos tópicos anteriores, a ideia de imitação nos anagramas saussurianos foi vista a partir de três pontos de vista, os quais serão retomados neste tópico. O primeiro, mais abrangente, remeteu-nos ao lugar que a imitação ocupou na literatura indo-europeia, em particular na literatura greco-latina. Por exemplo, a *Eneida*, de Virgílio, chegou a ser um *modelo a imitar* (OLIVA NETO, 2014). Essa obra clássica, todavia, não foi apenas uma continuidade das peripécias de Eneias relatadas na *Odisseia* e na *Iliada*. Foi, antes de tudo, um ato imitativo, pois Homero era o grande modelo da épica, espelho da glória literária do mundo helênico.

A tradição de imitar é assaz importante quando se analisam as obras renascentistas. Sobre isso, a observação dos anagramas em Ângelo Poliziano permitiu visualizar um retorno aos clássicos greco-latinos, não somente pela tradução dos textos homéricos, efetuada por esse poeta renascentista, como também pela imitação do estilo dos poetas latinos, como Virgílio, Horácio, Estácio e Ovídio (RUBINSTEIN, 1993). Nesse retorno à literatura clássica, a ação de imitar, segundo Sérís (2001), poderia ser vista como uma espécie de culto aos poetas renomados do período imperial de Roma.

O segundo ponto de vista, pelo qual alguns aspectos da ideia de imitação foram expostos, refere-se diretamente ao conceito de anagrama saussuriano. Por exemplo, notamos que as palavras que comportam os fragmentos de uma *mot-thème* foram denominadas pelo genebrino de *mot-sosie*, além de outras qualificações existentes, tais como *mot allusif*, *mot représentatif* etc. Nesse universo terminológico dos anagramas, adjetivos como sósia, alusivo e representativo convergem todos pela via da imitação a uma relação entre poesia e palavra-tema (SAUSSURE, 2013).

Outro conceito inserido nessa via imitativa é o de *manequim*. A ideia de que algumas palavras-sósias comportam os fones iniciais e finais da palavra-tema é não

somente um sinalizador da presença de anagramas, mas uma forma de imitar a estrutura fônica do nome escolhido pelo poeta. Sem dúvida, a escolha do termo manequim não é casual. Segundo Cunha (2007, p. 494), esse vocábulo denota um "[...] 'boneco que representa homem ou mulher e serve para estudos artísticos, científicos ou artesanais (costureira, alfaiate etc.) [...]" e tem uma relação com a ideia de figurino. Neste sentido, é possível considerar que Saussure pensou, ao escolher o termo manequim, em uma espécie de anagrama que refletisse um molde, uma relação figurativa entre palavras poéticas, entre o tema e o sócia.

O terceiro ponto de vista, pontilhado por Saussure de forma esparsa em sua produção anagramática, remete a certa ligação entre a ideia de anagrama e a de estética. Essa relação, bastante tênue, encontra-se em três cartas de Saussure sobre os anagramas, citadas no segundo capítulo e em uma breve passagem de um caderno dedicado ao poeta Ovídio, catalogado como Ms.fr. 3964/20²³⁷. Sobre essa tímida relação, observamos, nos primeiros tópicos deste terceiro capítulo, que o genebrino buscava qualificar os diversos tipos de combinações anagramáticas a partir de algumas dualidades, como completo/incompleto, perfeito/imperfeito etc.

Retomemos, a título de exemplo, à carta de Saussure a Bally, de 17 de julho de 1906, na qual ele ressalta que as palavras-temas identificadas nos anagramas homéricos são executadas de forma admirável e com uma total precisão. Tal ideia nos remete à passagem da longa carta de 22 de julho de 1906, em que Saussure delineia uma provável significação estética ao anagrama, com base na harmonia da poesia homérica, além de comparar essa poesia com a fineza e a perfeição dos monumentos helênicos.

A relação entre anagrama e significação estética é também constatada por meio do conceito de manequim, quando Saussure pondera que esse conceito denota uma forma perfeita, de modo a espelhar a própria palavra-tema (SAUSSURE apud STAROBINSKI, 1974, p. 37). Em outro momento, essa relação se faz presente quando analisa a diferença entre anagrama e anafonia. Nesse exame, Saussure qualifica o anagrama como uma forma perfeita, uma vez que esse termo indica a imitação de um nome, e a anafonia como anagrama imperfeito, incompleto, já que sua finalidade é reproduzir os sons, sem que haja uma relação com uma palavra-tema.

Apesar de haver a oposição entre anagrama e anafonia, o problema terminológico e conceitual resultante dessa tensão ainda persiste. É necessário um termo

²³⁷ A relação entre o anagrama e o conceito de estética abre uma possibilidade mais ampla de investigação, a qual requereria uma elaboração mais ampla sobre o tema, principalmente sobre o conceito de estética. Dessa forma não abordaremos todos os aspectos, como por exemplo, o manuscrito 3964/20, deixando essa problemática em aberto para futuras reflexões. Limitar-nos-emos, portanto, à uma análise não exaustiva, na medida em que permite apenas compreendermos a importância dessa relação na produção saussuriana sobre os anagramas.

que espelhe o funcionamento do anagrama defendido por Saussure, o qual agregue a ideia de imitação, de completude e que, ao mesmo tempo, se distancie do anagrama tradicional, pautado na escrita. Dentre os vários termos propostos por Saussure, acreditamos que essa função será mais bem entendida no conceito de *hipograma*. Enfatizamos, assim, que hipograma não substitui a ideia de anagrama, nem a exclui. Nesse caso, o hipograma é um conceito que, conforme pontuamos, reflete uma determinada função do anagrama, que é a imitação.

O conceito de hipograma é um dos poucos termos anagramáticos desenvolvidos conceitualmente por Saussure, e se encontra no caderno dedicado aos anagramas latinos, catalogado como Ms. fr. 3965/1 f. 51-52, com o título *Cícéron Pline le jeune, fin.*”A passagem sobre esse conceito foi publicada pela primeira vez por Jean Starobinski, na década de 1960, em artigos que resultaram no livro *Les mots sous les mots*, de 1971. Na ocasião, a edição semi diplomática desse manuscrito resultou na supressão de termos rasurados. Por esse motivo, escolhemos analisar o trecho de uma edição fac-símile, uma vez que nos permite observar detalhes particulares, como rasuras e incisos, relevantes para a reflexão proposta²³⁸.

Para efeito de melhor visualização, apresentamos a edição de Starobinski (1971) em parêntese, conforme visualização a seguir:

²³⁸ Reproduzimos aqui tanto o fragmento do manuscrito quanto a publicação de Jean Starobinski (1971), tendo em vista que essa publicação possibilita uma maior visibilidade e legibilidade do texto.

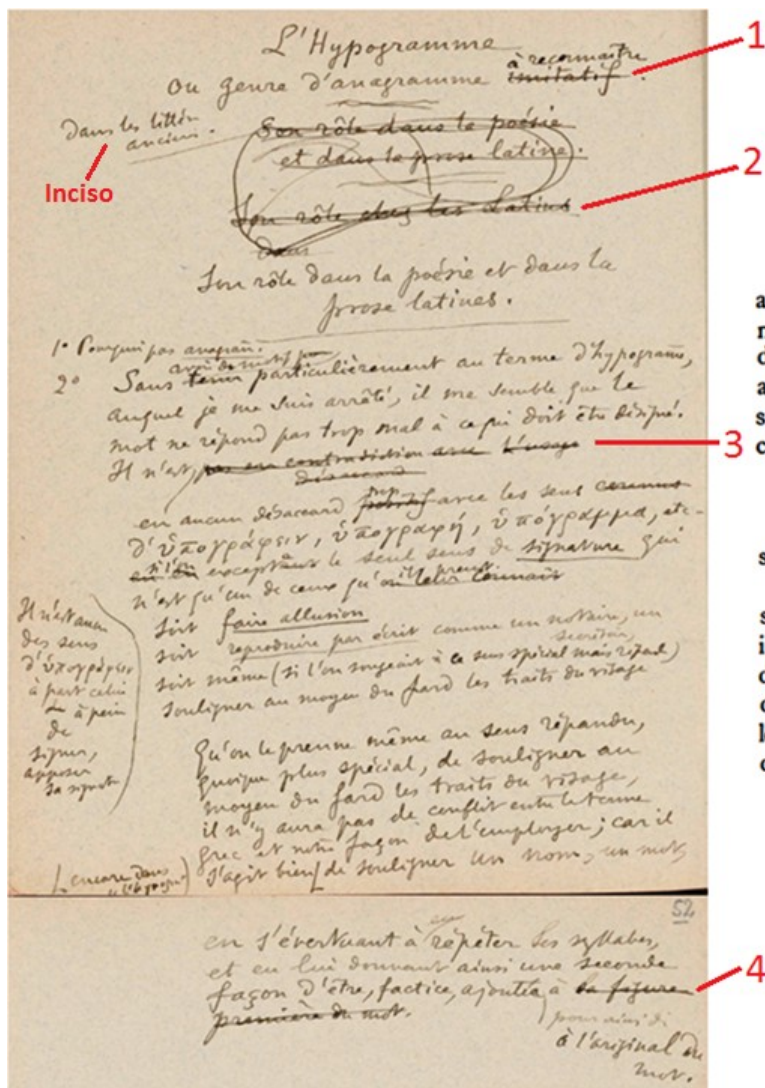


Figura 5 - (Ms. fr. 3965/1 f. 51-52)

L'HYPOGRAMME
ou genre d'anagramme à reconnaître dans les littératures anciennes.
Son rôle dans la poésie et la prose latines.

1. Pourquoi pas anagramme.
2. Sans avoir de motif [pour tenir] ³ particulièrement au terme d'hypogramme, auquel je me suis arrêté, il me semble que le mot ne répond pas trop mal à ce qui doit être désigné. Il n'est en aucun désaccord trop grave avec les sens d'ὑπογράφειν, ὑπογραφή, ὑπόγραμμα. etc., si l'on excepte le seul sens de signature qui n'est qu'un de ceux qu'il prend.

3. soit faire allusion ; soit reproduire par écrit comme un notaire, un secrétaire, soit même (si l'on songeait à ce sens spécial mais répandu) souligner au moyen du fard les traits du visage ¹.

Qu'on le prenne même au sens répandu, quoique plus spécial, de souligner au moyen du fard les traits du visage, il n'y aura pas de conflit entre le terme grec et notre façon de l'employer ; car il s'agit bien encore dans « l'hypogramme » de souligner un nom, un mot, en s'évertuant à en répéter les syllabes, et en lui donnant ainsi une seconde façon d'être, factice, ajoutée pour ainsi dire à l'original du mot ².

Figura 6 - Saussure (apud STAROBINSKI, 1971, p. 23)

Neste fragmento, destacamos quatro rasuras, identificadas por números, e um inciso, que incidem na elaboração do conceito de hipograma. Sobre as rasuras, notemos que a primeira e a quarta caracterizam aspectos do hipograma, a partir das ideias de imitação e de figura; já a segunda e a terceira rasuras indicam uma relação com os aspectos históricos dos anagramas saussurianos, em sua relação com a cultura latina e com o uso.

A primeira rasura figura abaixo do título dado por Saussure, como segue:

O Hipograma

gênero de anagrama ~~imitativo~~ ^{a reconhecer}

Nas literaturas antigas.

(Ms. fr. 3965/1 f. 51-52)

Como já assinalamos, a palavra *imitativo* sob rasura foi desconsiderada nas edições francesa (1971) e brasileira (1974). No entanto, o termo rasurado é

indiscutivelmente importante para a compreensão do anagrama saussuriano, pois é a partir desse termo que é possível associá-lo ao gênero imitativo. Complementa essa ideia o inciso ao lado, o qual mostra o pertencimento dessa espécie de anagrama como fazendo parte das literaturas antigas e não apenas de uma literatura específica.

As segunda e terceira rasuras possuem um aspecto mais abrangente, indicando a relação do conceito de hipograma com a tradição histórica da literatura greco-latina. Pode-se inferir que a segunda rasura lembra uma possível relação do hipograma no âmbito da cultura latina, ao considerar o papel desse conceito a partir da expressão *chez les Latins*. Na reescrita do trecho, Saussure é mais específico ao esclarecer que se trata do hipograma na poesia e na prosa latina.

A terceira rasura ressalta que a escolha do termo hipograma não está em contradição com o uso de outros termos gregos, cuja origem etimológica relaciona-se aos vocábulos gregos *ὑπογράφειν* e *ὑπογραφή*, os quais permitem a Saussure utilizar o verbo *hipografar* e *hipogramatista*, em alguns momentos de sua produção sobre os anagramas. Uma vez estabelecidas as bases etimológicas do hipograma, o passo seguinte de Saussure (Ms. fr. 3965/1 f. 51-52) é defini-lo no encalço de duas ideias: i) referir-se ou fazer alusão *faire allusion* e ii) seja reproduzir por escrito (*soit reproduire par écrit*), ou, mais precisamente, sublinhar, realçar por meio de maquiagem, os contornos do rosto.²³⁹

Aludir, reproduzir, sublinhar e realçar são, portanto, ações a serem exercidas pelo poeta hipografista, tendo como aspecto central a ideia de imitação. Com base nas duas ideias acima, o conceito de hipograma irá abranger a ação do poeta em sua composição, tendo em vista o anagrama enquanto um princípio a ser observado. Em outras palavras, o hipograma sintetizará o funcionamento do anagrama, no qual o poeta reconstitui a palavra-tema, nos versos poéticos, dando-lhe um novo contorno, ação esta que se assemelha à do artista que sublinha, que realça, os contornos faciais com pintura.

Ao qualificar o hipograma como gênero imitativo das literaturas indo-europeias, Saussure faz mais do que utilizar uma nova terminologia que resuma o funcionamento do anagrama. O que o genebrino faz é relacionar esse conceito na tradição teórica da imitação, presente em toda a literatura indo-europeia. De acordo com o renomado professor português Raul Fernandes, a imitação não é um conceito moderno. Abordado por Platão e por Aristóteles, nas obras *República* e *Poética*, respectivamente, esse conceito possui uma carga semântica que "[...] passa despercebida ao leitor moderno,

²³⁹ Tradução nossa de: "faire allusion" e "souligner au moyen du fard les traits du visage.", respectivamente.

uma vez que desde há muito tempo o acto de imitar passou a ser conotado com a reprodução ou cópia servil de um modelo" (FERNANDES, 1986, p. 11).

Segundo Fernandes (1986), Platão concebe a imitação como uma ação desenvolvida em três atos. No primeiro, observa-se um ser divino que tem o poder de criar a ideia de um objeto inexistente no mundo real, por exemplo, uma cadeira. No ato seguinte, tem-se o artífice que, com base em sua técnica, pode transformar uma matéria-prima, como a madeira, em um objeto real, imitando/reproduzindo a ideia criada pelo ser superior. No último ato, vemos a ação do último imitador, o artista, o qual teria a capacidade de representar, a partir de traços, a figura desse mobiliário.

Segundo o autor português, a concepção platônica de imitação, constituída nesses três atos, segue uma via hierárquica. Nela, o filósofo valoriza a criação divina, a ideia original, nomeada de arquétipo, o qual reflete a essência do objeto. Segue-se, nesse raciocínio, a imitação secundária pelo artífice e, por fim, o ato do pintor seria apenas uma imagem dessa imitação secundária. É interessante notar que a crítica de Platão incide sobre a *poiesis*, principalmente as obras homéricas. Uma obra literária é nada mais que uma imitação terceira do arquétipo²⁴⁰.

A perspectiva de Aristóteles sobre a ideia de imitação é contrária à de Platão. Nas palavras de Fernandes (1986, p. 15), Aristóteles defende a existência de uma relação "[...] autêntica entre o poeta e a realidade, e que o resultado dessa relação manifestada por um processo imitativo reflecte não uma pálida imagem de uma ideia longínqua, mas uma *uolutas* imediata, que vai ser sentida pelo destinatário". Dessa forma, Aristóteles concebe a ação poética como uma imitação genuína, primária, e não uma reprodução secundária, nos moldes platônicos.

Neste sentido, Aristóteles classifica o poeta como um autêntico imitador, assim como o pintor ou o artista plástico, os quais adotam "[...] sempre uma das três maneiras de imitar: ou representa as coisas tais como foram e são; ou tais como as dizem e parecem ser; ou então como deveriam ser" (apud FERNANDES, 1986, p. 15). Esse perfil do poeta ressoa na noção saussuriana de hipograma, ao considerá-lo como uma ação poética que reproduz a palavra-tema nos versos poéticos, como mostra o trecho a seguir:

Mesmo que o tomamos no sentido generalizado,
ainda mais especial, de sublinhar
por meio de maquiagem os contornos do rosto,

²⁴⁰ Segundo Fernandes (1986), a explicação sobre o ato de imitar, em Platão, é observada em sua obra *A República de Platão*, a qual gira em torno do diálogo entre Sócrates e Glauco, no qual o primeiro, a partir de uma argumentação sofista, busca explicar ao segundo o que seria uma República ideal.

não haverá conflito entre o termo
 grego e nossa maneira de empregá-lo; porque ele
 <ainda no trata-se disso (ênfatar um nome, uma palavra,
 o hipograma) esforçando-se para repetir as sílabas,
 e dando-lhe uma segunda
 forma de ser, factícia, somada, à ~~figura~~
~~primeira da palavra,~~
 por assim dizer
 a origem da
 palavra²⁴¹
 (Ms. fr. 3965/1 f. 51-52)

A metáfora saussuriana do artista que contorna os traços de uma fisionomia revela um lado importante da ideia de anagrama saussuriano: o poeta, ao imitar os traços fônicos da palavra-tema, acaba por dar a essa palavra uma nova forma, ou seja, *uma segunda maneira de ser*, espelhada na figura (termo rasurado) da palavra-tema. Ao forjar o conceito de hipograma a partir do ponto de vista da imitação aristotélica, Saussure cria um objeto poético que engendra uma relação entre figuras, passíveis de serem contornadas e reproduzidas nos textos poéticos.

Percorrendo esse momento de elaboração do conceito de hipograma, a noção de figura ganha um novo aspecto nessa produção saussuriana, ao lado da ideia de imitação. Ressaltamos, por exemplo, que um dos primeiros termos utilizados pelo genebrino, *Stichwort*, tinha como significado o termo figura. Sobre esse conceito, Auerbach (1997), em seu interessante livro intitulado *Figura*, analisa a ideia de figura numa perspectiva etimológica, com base em diversos autores latinos.

Num primeiro momento, esse autor destaca que as primeiras menções do termo "figura" eram voltadas para a ideia de "forma plástica" e, em outros momentos, aproximava-se da ideia de "fabricar". Em Varrão, Auerbach (1997) identifica a presença de significados como "aparência externa" e "contorno". Em alguns textos de Lucrécio, outros sentidos são observados, como *figura de palavras* e outros significados, como a noção de semelhança. Em Cícero, a concepção de figura refere-se à forma, associada à

²⁴¹ Tradução nossa de: Qu'on le prenne même au sens répandu,
 quoique plus spécial, de souligner au
 moyen du fard les traits du visage,
 il n'y aura pas de conflit entre le terme
 grec et notre façon de l'employer; car il
 <encore dans s'agit bien <de souligner un nom, un mot,
 "l'hypogramme") en s'évertuant à ^{en} répéter les syllabes,
 et en lui donnant ainsi une seconde
 façon d'être, factice, ajoutée, à ~~la figure~~
~~premier du mot,~~

pour ainsi dire
 à l'original du
 mot.

ideia de aparência; em Ovídio, trata-se de pensar a noção de figura como cópia, e também como algo móvel, mutável e multiforme.

Mas é em Vitruvius, arquiteto e escritor latino, que o conceito de figura chama a nossa atenção. De acordo com Auerbach (1997, p. 22), nos escritos desse arquiteto latino, "[...] *figura* é a forma plástica e arquitetônica, ou de certo modo a reprodução de tal forma, o plano do arquiteto; aqui não há traço de ilusão ou de transformação; em sua linguagem, *figurata similitudine* (...) significa (...) criar uma semelhança [...]". As ideias de “plano do arquiteto” e “criar uma semelhança” são ambas fortemente presentes no conceito de hipograma, se o qualificarmos como um plano do poeta e a criação da semelhança com a palavra-tema.

Além disso, como já ressaltamos, as concepções de *aparência externa*, *contorno*, *semelhança*, *forma*, *algo mutável* também espelham o hipograma como um processo no qual o poeta traça os *contornos* da palavra-tema no poema, via fragmentos fônicos, buscando refletir a *semelhança* entre a *forma* original da palavra e a segunda forma de ser dessa palavra. O poeta tem, portanto, a partir do aspecto fônico que a palavra-tema lhe propicia, a matéria-prima para organizar determinados versos do poema, de modo que essa palavra escolhida se torna seu próprio plano poético.

Criar semelhanças, todavia, requer uma retomada, nessa parte final, sobre as dualidades presentes na elaboração terminológica e conceitual do anagrama saussuriano, tais como *anagrama* e *anafonia*. Embora possamos dizer que essas dualidades terminológicas são, de certa forma, resolvidas por meio da constituição do conceito de hipograma, o fato é que Saussure acaba engendrando outra espécie de dualidade, a *estética*, presente, por exemplo, nas tensões entre *forma perfeita* e *forma imperfeita*, *anagrama completo* e *anagrama incompleto*, entre outras.

Com base nisso, podemos admitir que o anagrama saussuriano, em nível de gênero de imitação entre figuras fônicas, possui um laço com a estética, grosso modo, compreendida como um conceito ligado à capacidade humana de sentir determinadas percepções físicas, tais como aquilo que é belo, agradável etc. (BARILLI, 1994). Mas, em que medida isso comparece na obra saussuriana sobre os anagramas?

No segundo capítulo desta tese, observamos o mestre genebrino pontuar a relação entre anagramas e estética em algumas correspondências. Na primeira, datada de 22 de julho de 1906, ele considera o próprio anagrama um princípio poético "[...] interessante por sua significação estética, e os meios empregados para a harmonia na

primeira poesia grega."²⁴² Nesse momento inicial da produção sobre os anagramas, é válido deduzir que a significação estética desse princípio se liga ao refinamento poético empregado especificamente por Homero, em suas obras *Iliada* e *Odisseia*, doravante reconhecidas como clássicos da antiga cultura grega, modelos que foram imitados por outras culturas, principalmente pelos poetas latinos.

Essas características dos textos homéricos são enfatizadas pelo próprio Saussure quando, nessa mesma carta, pondera:

Quanto mais avanço, mais compreendo a relação da poesia homérica com esses pequenos detalhes, de uma delicadeza incrível, que destacam os arquitetos na construção do Partenon ou em outras obras-primas tectônicas.²⁴³ (SAUSSURE, 1906 [1994], p. 113).

Aqui, Saussure não somente reconhece os detalhes poéticos da poesia homérica, como também os relaciona à fineza arquitetônica dos templos gregos, como o Partenon. Embora a significação estética fique mais evidente pela sua estreita relação com as artes plásticas, é possível transpô-la para o campo da *poiesis*, na medida em que esta pode ser avaliada como "[...] um fabricar por excelência, dado que precisamente não usa mármore e cores, mas apenas a substância "espiritual" ou parcamente gráfica da palavra" (BARILLI, 1994, p. 21).

Esse 'fabricar por excelência' leva Saussure a uma real inquietação, a qual resultou, como vimos, não apenas em procurar um termo que sintetizasse sua concepção de anagrama, mas que pudesse refletir os finos detalhes observados nesse princípio poético. Neste sentido, não só as ideias de imitação e de figura eram imprescindíveis para a elaboração do conceito de hipograma. Para completar a real natureza do anagrama, a significação estética coroaria esse gênero de imitação, refletindo a busca pela perfeição, pela completude, tão cara nas artes, como também na literatura.

De fato, o percurso de Saussure em sua produção sobre os anagramas é envolto em movimentos teóricos. Começando com o termo *Stichwort*, nos primeiros passos desse percurso, a noção de imitação, a partir da ideia de aludir, e de figura, estavam presentes, embora fosse necessário um conceito sintetizasse ambas as ideias. A noção de hipograma, portanto, foi um avanço conceitual: enquanto gênero imitativo, e como uma segunda forma de ser da palavra-tema, esse conceito foi importante por relacionar a

²⁴² Tradução nossa de: "[...] intéressant pour sa signification esthétique, et les moyens employés pour l'harmonie dans la première poésie grecque."

²⁴³ Tradução nossa de: "Plus j'avance, plus je comprends le rapport de la poésie homérique avec ces moindres détails, d'une finesse incroyable, que signalent les architectes dans la construction du Parthénon ou d'autres chefs-d'oeuvres tectoniques."

produção sobre os anagramas à tradição imitativa e estética presente na cultura greco-latina.

Distanciando-se, portanto, da visão platônica de imitação, Saussure insere o anagrama, enquanto objeto poético, numa perspectiva aristotélica, no qual o hipograma reflete um modo de composição literária, uma técnica, adquirindo uma significação estética tal qual os finos e detalhados ornamentos dos templos gregos, não menos sublimes ou belos que a engenhosidade dos anagramas encontrados pelo genebrino.

Considerações finais de um percurso teórico

"O que resta de um movimento implica um outro trabalho"
Silveira (2007, p. 145)

Debruçar-se sobre uma produção saussuriana é, como disse Normand (2011), fazer determinadas escolhas, ou realizar leituras pessoais. Partir dessas noções, no entanto, está longe de simplesmente tomar um ponto de vista aleatório e tecer considerações a respeito de uma produção - especificamente de uma produção de Saussure - ignorando os laços e as tensões existentes com outras produções.

Entendemos que a escolha ou a leitura pessoal é, por exemplo, guiar-se por um olhar passível de ser sustentado pela própria reflexão saussuriana, o qual permite ao pesquisador reconstituir alguns percalços e identificar movimentos teóricos da produção em análise, às vezes implícitos, ou borrados pelas próprias tensões existentes. Por conseguinte, a escolha de um ponto de vista passa da aleatoriedade para o campo do desafio, da incerteza para o enfrentamento de obstáculos, e que, evidentemente, mostra-se pertinente à concretização.

Nesta tese, a investigação deteve-se na produção saussuriana sobre os anagramas, empreendida de 1906 a 1909, contemporânea aos cursos ministrados por Saussure na Universidade de Genebra, entre 1907 e 1911, os quais, como se sabe, após edição e publicação dessas aulas, resultou no reconhecido CLG, que elevou o nome do genebrino ao patamar de fundador da linguística moderna.

É comum e mesmo frequente, considerando essas informações, trabalhar os anagramas a partir de uma relação com o CLG. Entretanto, tal cotejamento não ocorreu nesta tese, embora tenha figurado, em alguns momentos neste trabalho, ecos da relação entre ambas as produções. Todavia, conforme pontuamos na Nota Introdutória, buscamos justificar esse não cotejamento tendo em vista que tal abordagem foi empreendida em outro momento de nosso percurso acadêmico (SOUZA, 2012 [2017]), embora cientes de que há ainda muito trabalho a ser realizado neste sentido.

A justificativa principal para o não cotejamento se dá por outra via. Neste momento, a opção teórica e metodológica em não confrontar as produções citadas ocorreu em razão de pautar-nos em outro ponto de vista, sustentado pela hipótese de que os anagramas estariam alinhados a um percurso singular, caracterizado, pelo próprio Saussure, como o *lado pitoresco das línguas*, conforme carta de Saussure a Meillet, em 1894.

Com base nessa hipótese, a noção de percurso requereu um passo atrás, levando-nos a deslocar o olhar em direção a momentos que antecederam a produção sobre os anagramas. Nesse movimento, foi possível identificar alguns aspectos do pensamento saussuriano que acabaram por refletir na produção sobre os anagramas, como por exemplo, as análises de textos literários empreendidas pelo genebrino desde seus primeiros anos escolares, evidenciando tanto fatos de línguas como fatos poéticos.

Além disso, a ênfase em um percurso singular para a produção saussuriana sobre os anagramas permitiu-nos entrever dois aspectos relevantes nesta tese. O primeiro, que se fundamentou no fato de que o conceito de anagrama saussuriano constitui-se como um objeto de múltiplas características, relacionadas ao seu caráter poético que, portanto, considerado como um objeto que pode figurar nesse lado pitoresco das línguas.

O segundo aspecto caracterizou-se pela presença de algumas tensões a partir da análise aqui proposta. Destas tensões, podemos citar: i) dever x prazer do linguista; ii) língua na história x história da língua; iii) escrita x oralidade; iv) linguística interna x linguística externa. É possível conceber que as três primeiras foram trabalhadas parcialmente, defendendo que os anagramas fariam parte desse prazer histórico do genebrino, por exemplo, e que uma de suas características era a forte presença da oralidade. Sendo assim, há trabalhos a serem feitos, tendo em vista a abordagem unilateral sobre estas tensões.

Quanto à tensão entre linguística interna e linguística externa, restringimo-nos apenas a pontuá-la, neste trabalho. Seria possível pensar no prazer histórico como fazendo parte da linguística externa? A produção saussuriana sobre os anagramas poderia ser caracterizada como um objeto da linguística externa? De fato, as tensões aqui delineadas permitem considerar que esta tese explora a especificidade da produção de Saussure sobre os anagramas e nisso logra êxito, mas longe de abordar o percurso do genebrino de forma exaustiva, deixa restos que podem ainda ser investigados.

Como destacamos na epígrafe destas considerações, os restos de um movimento não devem ser ignorados; há sempre uma possibilidade de resultar em novos trabalhos, em novos pontos de vista. Assim foi o que Saussure fez com os resíduos dos versos saturninos. Assim é com esta tese.

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. **Poética**. Trad. Eudoro de Souza. Ars Poetica: São Paulo, 1993, 2ª Ed.

ARON, Thomas. Une seconde révolution saussurienne?. In: **Langue française. La description linguistique des texts littéraires**, v. 7 n. 1. 1970, pp. 56-62.

ARRIVÉ, Michel. Saussure aux prises avec la notion de littérature. **Saussure Aujourd'hui – Actes**. In: Actes du Colloque de Cerisy la Salle (12-19 Août 1992). CRL – Université Paris X, Paris, France, 1995, pp. 155-172.

_____. La rime dans l'enseignement de Ferdinand de Saussure. **Cahiers Ferdinand de Saussure 62**. Genève: Librairie E. Droz, 2009, pp. 103-115.

_____. Da letra à literatura: um projeto saussuriano. 2013.

AUERBACH, Erich. **Figura**. Trad. Duda Machado. Editora Ática: São Paulo, 1997.

AUROUX, Sylvain. L'histoire de la linguistique. In: **Langue française**, nº48, 1980. Histoire de la linguistique française. pp. 7-15;

_____. Émergence et domination de la grammaire comparée. In: **Histoire des idées linguistiques - L'hégémonie du comparatisme**. Tome 3. Belgique: Mardaga, 1999.

_____. Introduction : le paradigme Naturaliste. In: **Histoire Épistémologie Langage**, tome 29, fascicule 2, 2007. Le naturalisme linguistique et ses désordres. pp. 5-15;

AUROUX, Sylvain, *et all.* Le développement du comparatisme indo-européen. In: **Histoire des idées linguistiques - L'hégémonie du comparatisme**. Tome 3. Belgique: Mardaga, 1999.

BALLY, Charles; GAUTIER, Léopold. Preface. In: **Recueil des Publications Scientifiques de Ferdinand de Saussure**. Editado por Charles Bally e Léopold Gautier. Genève: Librairie Payot & Cie, , 1921, pp.9-10.

BARILLI, Renato. **Curso de Estética**. Trad. Isabel Teresa Santos. Lisboa: Editorial Estampa, 1994.

BENTES, Ana Cristina. Linguística Textual. In: **Introdução à linguística : domínios e fronteiras**. 6 ed. São Paulo: Cortez, 2006.

BENVENISTE, Émile. Lettres de Ferdinand de Saussure à Antoine Meillet. In: **Cahiers Ferdinand de Saussure, 21**. Genève: Librairie E. Droz, 1964, pp. 91-125.

BOUQUET, Simon; ENGLER, Rudolf. **Escritos de Linguística Geral**. Trad. Carlos Augusto Leuba Salum e Ana Lucia Franco. São Paulo: Cultrix, 2002.

BRAVO, Frédéric. **Anagrammes. Sur une hypothèse de Ferdinand de Saussure**. France: Éditions Lambert-Lucas, 2011.

BUNSE, Heinrich A. W. **As Biografias De Homero**. Porto Alegre: Editora: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1974.

CALVET, Louis-Jean. **Saussure: Pró e Contra**. Trad. Maria E. Leuba Salum. São Paulo: Ed. Cultrix, 1975.

CAMPOS, Haroldo de (Org.). **Ideograma, Anagrama, Diagrama; uma leitura de Fenellosa**. In: *Ideograma – lógica poesia linguagem*. São Paulo: Cultrix, 1986, pp. 9-113.

CARDOSO, Zélia de Almeida. **A literatura latina**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

CANDAUX, Jean-Daniel. Ferdinand de Saussure linguiste à quatorze ans et demi. In: **Cahiers Ferdinand de Saussure**, 29. Genève: Librairie E. Droz, 1974-1975, pp. 7-12

CARPEAUX, Otto Maria. **A literatura alemã**. 2ª Ed. São Paulo: Nova Alexandria, 1994.

COELHO, Micaela; HENRIQUES, Stefania. A fala em Ferdinand de Saussure: um conceito relacional, opositivo e negativo. In: **Domínios de Linguagem**. v. 8, n. 1, Uberlândia – MG: Edufu, 2014, pp. 645-663.

COMTE, Auguste. **Discurso sobre o Espírito Positivo**. Trad. Antonio Geral da Silva. São Paulo: Editora Escala, 1990.

CUNHA, Antonio Geraldo da. **Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro, Ed. Lexikon, 2007.

DAVIS, Boyd. F. Introdução: Essai pour réduire les mots du grec, du latin et de l'allemand à un petit nombre de racines. In: **Cahiers Ferdinand de Saussure**, 32. Genève: Librairie E. Droz, 1978, pp. 73-102.

DÉCIMO, Marc. Saussure à Paris. In: **Cahiers Ferdinand de Saussure** 42. Genève: Librairie Droz, 1994, pp. 75-90.

DE LEMOS, Claudia Thereza Guimarães. “Da Morte de Saussure o que se comemora?”. **Revista Psicanálise e Universidade**, n.3, P.E.P.G. PUC/São Paulo, 1995, pp. 41-51.

_____. Questioning the notion of development: the case of language acquisition. In: **Culture & Psychology**. 2000.

DE MAURO, Tulio. **Ferdinand de Saussure - Cours de Linguistique Générale: Édition critique**. Paris, France: Payot, 1974.

ENGLER, Rudolf. **Ferdinand de Saussure - Cours de Linguistique Générale: Édition critique** (Tome 1). Otto Harrassowitz: Wiébsaden, 1989 [1968], 515 p.

ENGLER, Rudolf. Théorie et critique d'un principe saussurien: l'arbitraire du signe. In: **Cahiers Ferdinand de Saussure**, n.19. Genève: Librairie Droz S.A., 1962, p.5-66.

_____. **Lexique de la terminologie saussurienne**. Utrech et Anvers: Spectrum, 1968.

FARIA, Ernesto. **Fonética Histórica do Latim**. 2ª Ed. Livraria Acadêmica: Rio de Janeiro, 1970.

FEHR, Johannes. **Saussure entre linguistique et sémiologie**. Traduit de l'allemand par Pierre Caussat. Paris, France: Presses Universitaires de France, 1997, 286 p.

FERNANDES, Raul Miguel Rosado. Introdução. In: **Dionísio de Helicarnasso - Tratado de Imitação**. Instituto Nacional de Investigação Científica - Centro de Estudos Clássicos das Universidades de Lisboa: Lisboa, 1986.

GADET, Françoise. **Saussure: une science de la langue**. Paris, France: Presses Universitaires de France, 1987, 127 p.

GANDON, Francis. **De dangereux édifices. Saussure lecteur de Lucrèce. Les Cahiers d'anagrammes consacrés au De Rerum natura**. Louvain et Paris: Peeters - Bibliothèque l'information grammaticale, 2002.

GODEL, Robert. Inventaire de Manuscrits de F. de Saussure remis à la Bibliothèque Publique et Universitaire de Genève. In: **Cahiers Ferdinand de Saussure**, 17. Genève: Librairie E. Droz, 1960, pp. 5-11.

_____. **Les sources manuscrites du Cours de Linguistique Générale: de F. de Saussure**. 2. ed. Genève: Librairie Droz, 1957.

REDARD, Georges. Louis HAVET et le Mémoire. In: **Cahiers Ferdinand de Saussure**, 32. Genève: Librairie E. Droz, 1978, pp. 103-124.

HAVELOCK, Eric A. **A revolução da escrita na Grécia e suas consequências culturais**. Trad. Ordep José Serra - Editora da Universidade Estadual Paulista: São Paulo, 1996.

HENRIQUES, Stefania Montes. **O nome próprio nas elaborações de Ferdinand de Saussure**. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos), Instituto de Letras e Linguística, Universidade Federal de Uberlândia, 2014.

_____. Clemilton Lopes Pinheiro; Maria Hozanete Alves de Lima. (Org.). AS LENDAS GERMÂNICAS E O CURSO DE LINGÜÍSTICA GERAL: RELAÇÕES POSSÍVEIS. In: **Diálogos: Saussure e os estudos linguísticos contemporâneos**. 1ed. Natal: EDUFRN, 2015, v. 2, p. 513-527.

HÜLTENSCHMIDT, E. La professionalisation de la recherche allemande. In: **Histoire des idées linguistiques - L'hégémonie du comparatisme**. Tome 3. Belgique: Mardaga, 1999.

JÄGER, Lwldwig, *et alli*. Lettres de Leipzig, 1876-1880. In: **L'Herne Saussure**. Paris, France: Éditions l'Herne, 2003.

JAKOBSON, Roman. **La première Lettre de Ferdinand de Saussure sur les anagrammes**. In: L'Homme, 1971, pp. 15-24.

_____. A primeira Carta de Ferdinand de Saussure a A. Meillet sobre os anagramas. In: **Poética em Ação**. Trad. Sandra Nitrini, São Paulo, Editora Perspectiva, Estudos 92, p. 3-13, 1992.

KIM, Sungdo. La mythologie saussurienne, une ouverture sémiologique. In: **Saussure Aujourd'hui - Actes du Colloque de Cerisy la Salle**. Nanterre, France : Paris X, 1995, pp. 293-300.

KIRK, Geoffrey Stephen. **Homer and the Oral Tradition**. Cambridge University Press, London, 1976.

KOERNER, Konrad. Jacob Grimm's Place in the Foundation of Linguistics as a Science, In: **Word**, vol. 39, n. 1, 1988.

KRISTEVA, Julia. **Recherche pour une sémanalyse**. Paris, France: Éditions du Seuil, 1969 [1978].

LAROUSSE. **Dicionário enciclopédico ilustrado**. São Paulo: Larousse do Brasil, 2007, 1855 p.

LEHMANN, Winfred Philip. Introduction to Hermann Osthoff and Karl Brugmann, Preface to morphologica investigations in the sphere of the indo-european languages I. In: **A reader in nineteenth-century historical Indo-European linguistics**. Bloomington: Indiana University Press, 1967.

LINDSAY, William M. **The Saturnian Metre**. Second Paper. The American Journal of Philology, v. 14, n. 3, 1893, pp. 305-334. <https://doi.org/10.2307/288073>

LO PIPARO, Franco. Saussure et les Grecs. In: **Cahiers Ferdinand de Saussure**, 60. Genève: Librairie Droz S.A, 2007, pp. 139-1962.

LOUCA, Anouar. Lettres de Ferdinand de Saussure a Max Van Berchem. In: **Cahiers Ferdinand de Saussure**, 17. Librairie E. Droz, Genève, 1960, pp. 5-11.

MAHONEY, Anne. Poetic Play: Pascoli's *Catulocalvos* and Catulus 50. In: **International Journal of the Classical Tradition**, v. 12, n. 3, Winter, 2006, pp. 346-363. <https://doi.org/10.1007/s12138-006-0002-2>

MARCHESE, Maria Pia; MURANO, Francesca. Ferdinand de Saussure et l'épigraphie. In: **Cahiers Ferdinand de Saussure**, 68. Genève: Librairie Droz S.A, 2015, pp. 95-112.

MARINETTI, Anna; PROSDOCIMI, Aldo L. Saussure e il Saturnio - Tra scienza, biografia storiografia. In: **Cahiers Ferdinand de Saussure**, 44. Librairie E. Droz, Genève, 1990, pp. 37-71.

MARTIN, Richard P. Apresentação. In: **Odisseia: Homero**. Trad. Christian Werner. 1ª Ed. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

MCMAHON, M. K. C. Les chercheurs britanniques. In: **Histoire des idées linguistiques - L'hégémonie du comparatisme**. Tome 3. Belgique: Mardaga, 1999.

MORPURGO DAVIES, Anna. Saussure and Indo-European linguistics. In: **The Cambridge Companion to Saussure**. Edited by Carol Sanders, Cambridge University Press, 2004, pp. 09-29.

NAVA, Giuseppe. Lettres de Ferdinand de Saussure à Giovanni Pascoli. In: **Cahier Ferdinand de Saussure**, n. 24. 1968.

NORMAND, Claudine. **Saussure**. Trad. Ana de Alencar e Marcelo Diniz. São Paulo : Estação Liberdade, 2009.

_____. Saussure: uma epistemologia da linguística. In: **Bordas da Linguagem**. Org.: Eliane Silveira. Uberlândia: Edufu, 2011, pp. 11-30.

OESTERREICHER, W. Le étude des langues romanes. In: **Histoire des idées linguistiques - L'hégémonie du comparatisme**. Tome 3. Belgique: Mardaga, 1999.

OLIVA NETO, João Angelo (org.). **Virgílio, Eneida**. Trad. de Carlos Alberto Nunes. São Paulo: Editora 34, 2014.

PARRET, Herman. Les manuscrits saussuriens de Harvard. In : **Cahiers Ferdinand de Saussure** 47. Librairie E. Droz, Genève. 1993, pp. 179-234.

PEETERS, Christian. La méthode comparative et la conception saussurienne du phonème. In: **Cahiers Ferdinand de Saussure**, 32. Librairie E. Droz, Genève, 1978, pp. 155-160.

POE, Edgar Allan. **Filosofia da composição**. Prefácio de Pedro Sussekind. Tradução de Léa Viveiros de Castro. Rio de Janeiro : 7Letras 2008.

PROSDOCIMI, Aldo L. Sul Saussure dele legende germaniche. In: **Cahiers Ferdinand de Saussure**, n. 37. Genève: Librairie Droz S.A, 1995, pp. 35-106.

QUIJANO, Claudia Mejía. **Le Cours d'une vie – portrait diachronique de Ferdinand de Saussure**. Nantes : Éditions Cécile Defaut, 2008, 391 p.

RASTIER, Françoise. À propos du Saturnien . In; **Notes sur "Le texte dans le texte, extraits inédits des cahiers d'anagrammes de Ferdinand de Saussure"**, par Jean Starobinski. tome XXIX, Latomus: Bruxelles, 1970, pp. 3-24.

REDARD, Georges. Louis HAVET et le Mémoire. In: **Cahiers Ferdinand de Saussure**, 32. Genève: Librairie E. Droz, 1978, pp. 103-124.

RIBEIRO JR., Wilson Alves (Orgs.) Introdução. In: **Hinos Homéricos, Tradução, notas e estudo**. São Paulo: Editora Unesp, 2010.

ROBINS, Robert Henry. **Pequena História da Linguística**. Trad. Luiz Martins Monteiro. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1983.

RUBINSTEIN, Alice Levine. Imitation and Style in Angelo Poliziano's Iliada Translation. In: **Renaissance Quarterly**. Chicago: The University of Chicago Press, v. 36, n. 1 (Spring), 1983, pp. 48-70.

SANDERS, Carol. The Paris Years. In: **The Cambridge Companion to Saussure**. Edited by Carol Sanders, Cambridge University Press, 2004, pp. 30-44.
<https://doi.org/10.1017/CCOL052180051X.003>

SAUSSURE, Ferdinand de . Souvenirs de F. de Saussure concernant sa jeunesse et ses études. In: **Cahiers Ferdinand de Saussure 17**. Genève: Librairie Droz, 1960, pp. 12-28.

_____. Mémoire sur le système primitif des voyelles dans les langues indo-européennes. Leipsick : B. G. Teubner, 1879. In: **Recueil des Publications Scientifiques de Ferdinand de Saussure**. Editado por Charles Bally e Léopold Gautier. Genève: Librairie Payot & Cie, 1921.

_____. Une loi rythmique de la Langue Grecque, 1884. In: **Recueil des Publications Scientifiques de Ferdinand de Saussure**. Editado por Charles Bally e Léopold Gautier. Genève: Librairie Payot & Cie, 1921.

_____. Lettres de Ferdinand de Saussure à Antoine Meillet, publiées par E. BENVENISTE. In: **Cahiers Ferdinand de Saussure 21**. Genève: Librairie Droz, 1964, pp. 89-130.

_____. Essai pour réduire les mots du grec, du latin et de l'allemand à un petit nombre de racines. In: **Cahiers Ferdinand de Saussure, 32**. Genève : Librairie E. Droz, 1978, pp. 73-102.

_____. Correspondance Saussure - Bally, publiées par Rene Amacker. In: **Cahiers Ferdinand de Saussure 42**. Genève : Librairie Droz, 1994, pp. 91-134.

_____. **Curso de Linguística Geral**. [1916] Editado por Charles Bally & Albert Sechehaye com a colaboração de Albert Riedlinger. Trad. A.Chelini, J.P.Paes e I.Blikstein. 5ª.Ed. São Paulo: Cultrix,1970.

_____. **Ferdinand de Saussure - Cours de Linguistique Générale: Édition critique**. Paris, France: Payot, 1974.

_____. **Cours de linguistique générale**. Édition Critique par Rudolf Engler. Tomo 1. Otto Harrassowitz, Wiébsaden, v. 1, [1916] 1989.

_____. **Cours de linguistique générale**. Édition Critique par Rudolf Engler. Otto Harrassowitz, Tome 2: Appendice de Notes de F. de Saussure sur la linguistique générale. Wiébsaden, v. 1, 1990.

_____. **Première Cours de Linguistique Générale**. (1907) : d'après les cahiers d'Albert Riedlinger/ Saussure's first course of lectures on general linguistics (1907) : from the notebooks of Albert Riedlinger. French text edited by George Wolf e English text edited by Roy Harris. Pergamon Press, 1996.

_____. **Anagrammes homériques**. Présentes et editées par Pierre-Yves Testenoire. France: Éditions Lambert-Lucas, 2013.

SCHMITTER, P. Le savoir romantique. In: **Histoire des idées linguistiques - L'hégémonie du comparatisme**. Tome 3. Belgique: Mardaga, 1999.

SÉRIS, Émilie. Les images de Laurent de Médicis dans la lyrique latine d'Ange Politien: dans une poétique de la mémoire. In: **Latomus**, Tomo 60, Fasc. 3, (jul-set), 2001, pp. 709-725.

SILVA, Amós Coêlho da; MONTAGNER, Airto Ceolin. **Dicionário Latino – Português**. Petrópolis: Vozes, 2009.

SILVA, Karen Alves. Breve estudo sobre os anagramas e sua relação com a teoria do valor em Saussure. In: **Revista Letras & Letras**. Edufu: Uberlândia, v. 25 n. 1 jan./jun. 2009, pp. 145-160.

SILVEIRA, Eliane. **As marcas do movimento de Saussure na fundação da linguística**. Ed.Mercado de Letras; FAPESP; Campinas-SP. 2007.

_____. A Fala um conceito incompleto em Saussure. In: **Atas da ALFAL**. Montevideu, Uruguai, 2008.

_____. O estatuto da rasura nos manuscritos saussurianos. In: **As bordas da linguagem**. Uberlândia – MG: Edufu, 2011, pp. 47-56.

_____. O lugar do conceito de fala na Produção de Saussure. In: **Saussure a invenção da Linguística**. Ed. Contexto: São Paulo, 2013, pp. 45-57.

_____. O intervalo teórico de Saussure em fins do século XX. In: **Matraga**. v. 1, n. 34. Programa de Pós-graduação da UERJ: Rio de Janeiro, 2014, pp. 25-36.

SOUZA, Marcen de Oliveira. **Os Anagramas de Saussure: Entre a Poesia e a Teoria**. Edufu: Editora da Universidade Federal de Uberlândia, 2018.

_____. Anagramas de Saussure: formas ou substâncias? In: **Anais do SILEL - Simpósio Nacional e Internacional de Letras e Linguística**. Uberlândia: EDUFU, 2011. v. 2.

_____. Os anagramas de Saussure: seu modo de presença nos estudos da linguagem. In: **Revista Investigações** (Online), v. 26, 2013.

SPINA, Segismundo. **Manual de Versificação Românica Medieval**. Cotia – SP: Ateliê Editorial, 2003.

STAROBINSKI, Jean. **Les mots sous les mots: les anagrammes de Ferdinand Saussure**. São Paulo : Editora Perspectiva, 1974.

_____. **As palavras sob as palavras :os anagramas de Ferdinand de Saussure**. Trad. Carlos Vogt. São Paulo : Editora Perspectiva, 1974, 117 p.

TESTENOIRE, Pierre-Yves. Sur une philologie anagrammatique: rencontre d'un linguiste (Saussure) et d'un poete (Tzara). 2008

_____. Deux pièges de la réception dès anagrammes chronologie et éditions de cahiers. In: **Cahier Ferdinand de Saussure, n. 63**. 2010, pp. 95-112.

_____. Littérature orale et sémiologie saussurienne. In: **Linguiste e Littérature**. Presses de l'Université et de Pays de l'Adour, 2012, pp. 61-78.

_____. L'origine de l'écriture, un enjeu de la linguistique saussurienne ? In: **3^e Congrès Mondial de Linguistique Française**. Lyon, France: EDP Sciences, 2012, pp.803-816.

_____. **Ferdinand de Saussure: à la recherche des anagrammes**. Limoges, France: Lambert-Lucas, 2013.

_____. Saussure e a poética comparada. In: **Eutomia Revista online de Literatura e Linguística**. v. 1, n. 16. Recife, 2015, pp. 275-303.

TURPIN, Beatrice. Légendes – Mythes – Histoire : La circulation des signes. In : **Cahiers de L'Herne: Saussure**, 2003, pp. 307-429.

WATKINS, Calvert . Remarques sur la méthode de Ferdinand de Saussure comparatiste. In: **Cahiers Ferdinand de Saussure**, **32**. Librairie E. Droz, Genève, 1978, pp. 59-72.

WIKIPEDIA. A enciclopédia livre. Disponível em <http://es.wikipedia.org/wiki/Tumba_de_los_Escipiones>. Acesso em 17 janeiro 2011.

WUNDERLI, Peter. Saussure's anagrams and the analysis of literary texts. In: **The Cambridge Companion to Saussure**. Edited by Carol Sanders, Cambridge University Press, 2004, pp. 174-185. <https://doi.org/10.1017/CCOL052180051X>